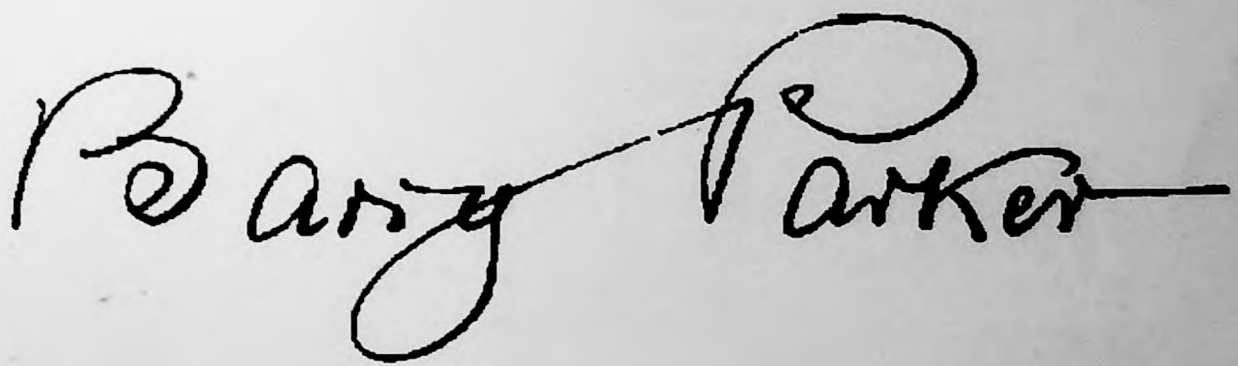


CARLOS ROBERTO MONTEIRO DE ANDRADE

DEDALUS - Acervo - FAU-PGR

20300000688

BARRY PARKER

UM ARQUITETO INGLÊS NA CIDADE DE SÃO PAULO

data defesa
02/11/98

Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de Doutor

Orientador Prof. Dr. Murillo de Azevedo Marx

São Paulo
Junho de 1998

BIBLIOTECA - FAUUSP
Pós-Graduação

Dedico este trabalho a meu pai,
Hans de Andrade, in memoriam

Agradecimentos

Em especial a Murillo Marx, pela fraterna acolhida como orientador, por sua paciência e pelo estímulo constantes;

Aos colegas com os quais compartilho as trilhas de uma mesma história: Carlos Martins, Nabil Bonduki, Cristina Leme, José Geraldo Simões Jr., Renato Anelli, Sarah Feldman, pela troca de idéias;

À Sra. Nancy Assad, da Companhia "City", pela gentileza em viabilizar a consulta ao arquivo de sua empresa;

Às professoras Regina Meyer e Cristina Leme, pelas sugestões e comentários que fizeram por ocasião do exame de qualificação;

A todos amigos que de algum modo contribuiram para este trabalho, especialmente a Joel Outtes, que providenciou cópias de artigos de Parker só disponíveis na Inglaterra, mas também a Gelson de Almeida Pinto, Hugo Segawa, Admir Basso, Fernando Vasquez, Cibele Rizek, Mário Henrique D'Agostino, Fernanda Fernandes, Joubert Lancha, Marisa Ferrari, Luis Antônio Jorge, Ana Fernandes, Marco Aurélio Gomes, Maria de Fátima Campelo, Carlos Eduardo Comas, Maria Luiza Carrozza, pelas múltiplas contribuições;

Aos funcionários do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, e da Secretaria de Pós-graduação da FAU-USP, pela colaboração sempre gentil;

Às bibliotecárias e funcionários das bibliotecas e arquivos que consultei, em especial as da Biblioteca Central da EESC e as da FAU - Pós-graduação, pela atenção;

À CAPES, pela concessão de uma bolsa PICD, ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP e à Vice-Reitoria de Pesquisa da USP, pelos apoios fornecidos;

Aos alunos e ex-alunos dos grupos de pesquisa em história da arquitetura e urbanismo, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, que em algum momento deram uma força; em especial a Cláudia Araújo e Alexandre Seixas, e de modo muito especial a Gustavo Partezani, pelo projeto gráfico e edição dessa tese, além do apoio na reta final.

À Margaret, musa e interlocutora de todas as horas, pelas mil conversas sobre a floresta, o jardim e a cidade.

Resumo

O objeto principal desta tese são os planos e projetos elaborados pelo Arq. Richard Barry Parker (1867-1947) para a Cidade de São Paulo, quando aí esteve, entre fevereiro de 1917 e janeiro de 1919, trabalhando para a companhia de melhoramentos e imobiliária *City*. A atuação desse arquiteto inglês filiado ao movimento pela cidade-jardim, durante seu curto período de estadia na Cidade, as influências que exerceu no urbanismo paulistano da época, e sua contribuição para a difusão de um determinado tipo de assentamento residencial, são os pontos centrais deste trabalho.

Procuramos situar na cultura arquitetônica e urbanística moderna os projetos e concepções de Barry Parker antes de vir para o Brasil, bem como traçar um panorama da cidade de São Paulo e das transformações urbanísticas e paisagísticas na época em que esteve na Cidade.

Apresentamos os planos de loteamentos residenciais de Parker para a Cia. *City*, seus nove projetos de casas para o *Jardim América*, seu paisagismo para o *Parque Paulista* e também suas propostas urbanísticas para o conjunto da cidade. Investigamos certas ressonâncias da idéia de "cidade-jardim" no Brasil e indagamos sobre o modo como aqui o urbanismo moderno assimilou tal proposta e suas variantes. Por fim, procuramos apontar repercussões dos projetos paulistanos de Parker nos trabalhos que desenvolveu ao voltar do Brasil.

Abstract

The main objective of this thesis is the plans and designs elaborated by architect Barry Parker (1867-1947) for the city of São Paulo, during the period he lived there and worked for the "City", an improvement and land company (from february, 1917 to january, 1919). His influences on the town planning and his contribution to the diffusion of a determined kind of residential estate, during his short stay in São Paulo, are the core of this study.

We intend to situate Barry Parker's conceptions and designs in the modern architectural and urban planning culture before he came to Brazil, as well as to outline a panorama of the city of São Paulo and the urban and landscape transformations ocurred by the time he worked there.

Parker's plans of residential estates for the "City Company", his nine house designs for *Jardim América*, his lanscape design for *Parque Paulista* and his urban planning proposals for the whole city are included. Besides, certain ressonances of the *garden-city* idea in Brazil are investigated. The way modern urban planning in Brazil has assimilated such propositions and their variants is also presented.

Finally, the repercussions of Parker's designs for São Paulo upon his proposals after he went back to England are pointed out.

ÍNDICE

Introdução
Um arquiteto inglês em um país tropical 01

O movimento pela cidade-jardim e as propostas do Arq. Barry Parker (1896-1916) 15

1.1 - o jardim na cidade 17
1.2 - a cidade-jardim de Ebenezer Howard 35
1.3 - a "Internacional cidade-jardim" 63
1.4 - a arquitetura residencial de Parker e Unwin 89
1.5 - Projeto de Parker para o Centro Cívico da Cidade do Porto 121

A gestação de uma metrópole: reformas na Cidade de São Paulo (1899-1924) 141

2.1 - São Paulo ou a afirmação do urbanismo 143
2.2 - Grandes negócios urbanísticos 179
2.3 - a paisagem e os parques paulistanos 199

3 Projetos urbanísticos e paisagísticos de Barry Parker em São Paulo 225

3.1 - o traçado do Pacaembú 227
3.2 - o traçado do Jardim América 245
3.3 - o traçado do Anhangabaú 263
3.4 - o traçado do Alto da Lapa e Bela Aliança 275
3.5 - o paisagismo do Parque Paulista e a proposta de um anel de parques para a Cidade 285

4 A arquitetura residencial de Barry Parker para os bairros da "City" 299

4.1 - residências no "Jardim América" 303
Casa von Puttkammer 310
Casa Gurd I 314
Casa Castro 318
Casa Manuel 320
Casa Miller 322
Casa na Rua México 326
Casa na Rua Colômbia, esquina com a Avenida Brasil 328
Casa na Rua Colômbia, esquina com a Rua Uruguai 330
Casa Gurd II 334
4.2 - "cottages" no Alto da Lapa 337

5 Ressonâncias de Parker em São Paulo e da cidade-jardim no Brasil 355

5.1 - influências das concepções e propostas de Parker no urbanismo paulistano 357
5.2 - a idéia de cidade-jardim no urbanismo moderno no Brasil 381
5.3 - De São Paulo a Wythenshawe 413

Conclusão
Arquitetura "arts and crafts" e
urbanismo pinturesco em São Paulo 423

Bibliografia 429

Anexos

I - Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker
sobre São Paulo III
II - Nota sobre a historiografia do urbanismo moderno
e a idéia de cidade-jardim XXVII

INTRODUÇÃO

Um arquiteto inglês em um país tropical

Iniciamos nossa pesquisa para esta tese de doutorado investigando as influências e ressonâncias da idéia de cidade-jardim no urbanismo contemporâneo no Brasil. Ao longo de nosso estudo, que buscava identificar propostas e realizações brasileiras com a marca daquela concepção, para diversas cidades, verificando seu processo de assimilação pela cultura urbanística emergente no Brasil, destacaram-se os projetos de bairros-jardins elaborados pelo Arq. Barry Parker (1867-1947) para a Cia. *City*, nos anos de 1917 e 1918.

Chamava nossa atenção o fato dessa companhia de melhoramentos urbanos, também loteadora e imobiliária, de capital inglês, criada em Londres em 1911, ter comprado vastas glebas de terrenos em áreas ainda desocupadas do Município, totalizando quase um terço da superfície então urbanizada da Capital. Mas também nos intrigava seu pioneirismo em aplicar na metrópole que se anunciava um modelo de loteamento residencial que mal começava a ser realizado em cidades européias e dos EUA. Entretanto, suas atividades iniciais adquiriam um interesse ainda maior sobretudo pelo fato de ter sido contratado o escritório de Parker & Unwin para elaboração do projeto urbanístico do seu segundo empreendimento imobiliário[1].

Conforme avançamos com nossa investigação, nos demos conta da decisiva atuação de Parker, como da Cia. *City*, tanto na configuração da paisagem residencial paulistana, com a difusão do tipo bairro-jardim, quanto na estruturação funcional da metrópole nascente. Através dos projetos de Parker, a *City* definiu um padrão arquitetônico,

urbanístico e paisagístico para seus empreendimentos imobiliários que foi assimilado nos traçados de outros bairros, como veremos.

A vinda do Arq. Richard Barry Parker para a Cidade de São Paulo, contratado pela *City*, e sua atuação desenvolvendo planos de loteamentos residenciais, projetos de casas, o paisagismo do *Parque Paulista* - antigo *Parque Villon* e atual *Parque Trianon* - bem como o projeto de seus principais elementos arquitetônicos, e ainda a original proposta de um "park ring" para a Cidade, nos levaram a examinar, de modo mais aprofundado, a obra paulistana desse arquiteto filiado à tradição do movimento *Arts and Crafts* na Inglaterra, e profissional de destaque internacional no seio do Movimento pela Cidade-Jardim.

Assim, enquanto a Europa mergulhava na guerra, promovendo a primeira grande operação de destruição em massa dos tempos modernos, o Arq. Richard Barry Parker, membro do Instituto Real de Arquitetura da Grã-Bretanha (F.R.I.B.A., como apunha a seu nome[2]), projetava, construía e escrevia relatórios explicando e justificando suas soluções e propostas para os novos bairros que a Cia. *City* implantava em São Paulo. Como arquiteto-chefe da *City*, Parker montou o escritório de projetos da empresa, constituindo uma equipe de trabalho que dará continuidade a seus projetos e incorporará não apenas um certo padrão de qualidade projetual, mas principalmente seus princípios de traçado urbanístico e elementos de sua arquitetura. Parker atuou também, aproveitando o prestígio profissional que portava a nível internacional, e que tinha junto aos técnicos locais, como "lobbista" junto à Prefeitura Municipal de São Paulo, quando estabelece uma suspeita correspondência com o então Diretor de Obras do Município, Eng. Victor da Silva Freire, futuro membro da diretoria da *City*.

Conforme nos debruçávamos sobre a atuação de Parker na Cidade de São Paulo, confirmava-se a hipótese de que suas propostas constituíam um caso privilegiado para darmos conta do intercâmbio transatlântico de concepções e projetos para modernização das cidades nas primeiras décadas do século XX, em especial as idéias de cidade e subúrbio-jardim. Nesse sentido, a estadia de Parker em São Paulo, nos anos de 1917, 1918 e princípio de 1919, articula-se a outras viagens e presenças de engenheiros e arquitetos estrangeiros nas cidades brasileiras desde o fim do século XIX, que contribuíram para suas reformas urbanísticas. Se a influência francesa foi a tônica no que se refere às propostas que a República apresentava para as cidades do País - como nas reformas de Passos para o Rio de Janeiro, ou com a contratação de Bouvard, Cochet, e mais tarde Agache -, no caso dos projetos de Parker importávamos o modelo inglês, que já se anunciara com as cidades fabris de *Port Sunlight* e *Bournville*, ou então com *Letchworth* e *Hampstead*, aqui se implantando através de um dos seus mais importantes arquitetos.

Como personagem-chave do que denominamos a "Internacional Cidade-Jardim", Parker trouxe para a Cidade de São Paulo dos anos 1917-1919 o conhecimento mais genuíno desse ideário, mas também suas ambiguidades. Se na Inglaterra as propostas

de Parker com seu sócio Raymond Unwin estavam impregnadas de ideais coletivistas, em São Paulo os projetos de Parker atenderão as exigências de uma empresa privada voltada à produção lucrativa de novas áreas residenciais. Daí indagarmos sobre como soluções urbanísticas e arquitetônicas aplicadas na Inglaterra em condições muito particulares, se transferiram para uma cidade nos trópicos e ali foram assimiladas à sua paisagem.

Vale observar que as realizações em São Paulo, ainda que bastante significativas e importantes, como pretendemos mostrar, são, no entanto, praticamente desconhecidas da historiografia. Nos textos e livros sobre a cidade-jardim na Inglaterra[3], as referências a Parker, sempre em menor número que as feitas a seu sócio Unwin, deixam um vazio no período em que o arquiteto esteve trabalhando no Brasil. Mas também nos trabalhos de história da arquitetura e do urbanismo paulistanos do período, as escassas referências, salvo poucas exceções, desprezam a contribuição de Parker. De fato, não encontramos nenhum livro, ensaio ou monografia, sobre as propostas de Parker para São Paulo, o que se tornava cada vez mais gritante conforme percebíamos sua importância para a cultura arquitetônica e urbanística paulistana. Um único livro, sobre o *Jardim América*, do historiador Roney Bacelli, faz inúmeras referências ao Arq. Barry Parker, mas não chega a aprofundar os aspectos arquitetônicos e urbanísticos propriamente ditos de sua atuação. De qualquer modo, a pioneira e excelente pesquisa que realizou junto ao arquivo da *City*, nos forneceu as principais pistas para nossa investigação.

A localização no arquivo da Companhia "*City*" de vários textos escritos por Parker quando de sua estadia em São Paulo[4], contendo informações sobre sua atuação nessa cidade, seus pontos de vista em relação a soluções de arquitetura e urbanismo para loteamentos da *City*, suas sugestões para modificação da legislação urbanística paulistana, bem como a identificação dos projetos de arquitetura e planos urbanísticos que elaborou, fizeram com que decidíssemos concentrar nossa atenção nas atividades que o arquiteto inglês desenvolveu no Brasil.

Sendo assim, nosso tema principal nessa tese é a obra paulistana do Arq. Richard Barry Parker. Estudamos os planos dos bairros-jardins "Pacaembú", "Jardim América", "Anhangabaú", "Alto da Lapa" e "Bela Aliança", bem como seus nove projetos residenciais para o "Jardim América". Em suas casas para o "Jardim América" analisamos como Parker procurou reunir elementos da casa colonial brasileira e portuguesa, com a "country home" inglesa estilo "*Arts and Crafts*". Também vimos seu projeto paisagístico para o Parque Paulista, em que um "jardin anglais" de mata atlântica se abre para a avenida por meio de templos octogonais e pérgolas clássicas.

Tal objetivo, além de historiográfico, ao apresentar uma certa produção arquitetônica, urbanística e paisagística ainda pouco conhecida, possibilitou também identificarmos, a partir dos textos deixados por Parker a respeito de sua atuação profissional em São Paulo, como via a Cidade, o que pensava a respeito da legislação urbanística existente

e como interferiu junto ao poder público para modificá-la, viabilizando desse modo a construção de projetos da *City* que não tinham sido aprovados, bem como a adoção de soluções urbanísticas que ele preconizava, como o traçado conforme a topografia do terreno, o desenho de ruas curvas, etc. A leitura e análise desse material nos mostrou a importante atuação daquele arquiteto inglês no ambiente profissional paulistano, na segunda metade dos anos 1910, bem como sua repercussão posterior. Com Parker, o tipo *garden-city* adentra o urbanismo que se fazia em São Paulo e nele fecundará, difundindo-se através de inúmeras propostas e concepções até os anos 50, assim como contribuirá para a consolidação de um tipo residencial popular, o *cottage*.

Richard Barry Parker nasceu em 1867 em Chesterfield, na Inglaterra. Tratava-se de "uma cidade industrial, nos limites do belo Derbyshire Peak District" (Hawkes, 1986:5). De família com posses, o jovem Richard inicia seus estudos artísticos em 1886, na South Kensington Art School, em Londres. Entre 1887 e 1889, Parker ingressa no estúdio de T.C. Simmonds, em Derby, onde estuda projetos de interior[5]. Em seguida vai para G. Faulkner Armitage, em Manchester, onde permanece até 1893. Entre 1893 e 1894 atua como fiscal de obras dos condados de Hertfordshire e Monmouthshire, e no ano seguinte inicia seu exercício profissional como arquiteto, em Buxton, projetando o subúrbio-parque de Moorland, em propriedade de sua família.

Sua formação e primeiros anos de atividade profissional vão estar mergulhados na cultura arquitetônica britânica de final do século XIX, marcada pelo Movimento *Arts and Crafts*, mas também pelos estilos da época, como o *Queen Anne*, de Norman Shaw, ou o *cottage style*, que caracterizará um dos inúmeros tipos de habitação para trabalhadores projetados no período. A sociedade profissional e a comunhão ideológica de Parker com seu primo e cunhado Raymond Unwin é decisiva para compreendermos a fecunda carreira de seu escritório. Além de, entre 1896 e 1914, Parker e Unwin desenvolverem projetos e construções em conjunto, também escreverão um livro[6] e alguns artigos. Mas, sem dúvida, foram seus projetos para a cidade-jardim *New Earswick*, em 1901-02, antecipando o de *Letchworth*, em 1903, e quatro anos depois, para o subúrbio-jardim de *Hampstead*, que notabilizaram esses dois arquitetos ingleses a nível internacional.

Apesar de sua produção conjunta, tanto teórica como projetual, e de uma sociedade selada por relações de parentesco, amizade e grande proximidade de ideais, cada um dos sócios tinha um perfil profissional próprio. Por outro lado, embora compartilhando inúmeros vínculos e filiações ideológicas - eram socialistas fabianos, ainda que Unwin sempre tenha tido uma atuação política mais destacada, assim como eram vegetarianos - parece ter havido, entre Parker e Unwin, uma divisão de trabalho. Claro que sempre comungando princípios comuns, nos projetos ou planos que assinavam juntos, Parker teria sido o responsável pela arquitetura residencial e Unwin pelo traçado da cidade, do

subúrbio, ou apenas do loteamento. Não obstante, suas duas principais obras realizadas na primeira década do século - *Letchworth* e *Hampstead* - revelam uma profunda integração entre a arquitetura das casas e o traçado das ruas, páteos abertos e jardins. E, como veremos, em São Paulo Parker atuará como arquiteto, urbanista e paisagista, desenvolvendo propostas que foram do projeto de uma janela padronizada para suas casas, até o conjunto da cidade.

Por outro lado, quando escrevem isoladamente, reaparece a divisão de trabalho apontada acima. Unwin, em 1909, publica o célebre *Town Planning in Practice*, no qual sistematiza os princípios de planejamento de bairros e cidades. Parker, entre os anos 1910 e 1912, escreve 29 pequenos ensaios sobre arquitetura e construção na Revista *The Craftsman*, editada nos EUA por Gustav Stickley, o principal divulgador do Movimento *Arts and Crafts* na América. Pretendendo reunir seus artigos em um livro[7] - o que nunca acabou realizando - Parker deixa claro que pretende formular a teoria arquitetônica correspondente à teoria urbanística que Unwin apresentara em seu *Town Planning in Practice*, sua teoria da arquitetura residencial.

É possível que a guerra tenha contribuído tanto para a dissolução da sociedade profissional entre Parker e Unwin, quanto para a saída de Parker da Inglaterra. De qualquer modo, quando a Cia. *City* de São Paulo contrata, em fins de 1915, o escritório de Parker & Unwin para projetar o loteamento do *Jardim América*, é apenas Unwin que assinará o projeto. No entanto, Parker que virá a São Paulo prestar assessoria à empresa nos seus planos de novas áreas residenciais na Cidade, aí chegando em fevereiro de 1917.

Na passagem do arquiteto inglês Richard Barry Parker pela Cidade de São Paulo, durante parte da Primeira Grande Guerra, nas suas propostas para a cidade, em sua atuação profissional e nas ressonâncias - tanto em São Paulo, como em outras cidades brasileiras e também na Inglaterra - dos projetos que realizou, foi possível revelarmos a existência de um processo de transferência recíproca de concepções urbanísticas entre Europa, EUA e Brasil. Tal processo remete às inúmeras maneiras pelas quais as idéias arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas se difundem. Desenhos de projetos, perspectivas, fotografias de obras construídas, em livros ou revistas, através de exposições itinerantes ou arquivados em bibliotecas e museus, assim como textos escritos, estabelecem uma circulação internacional de concepções teóricas e realizações práticas relativas à produção da paisagem urbana.

Destacam-se entre as formas pelas quais circulam as idéias sobre a cidade, sua arquitetura e paisagem, as viagens realizadas por profissionais vinculados a tais meios profissionais. Daí adotarmos como fio condutor de nossa exposição as viagens de diversos arquitetos, urbanistas e paisagistas, cujas concepções teóricas e desenhos foram veículo de difusão das idéias de cidade-jardim, de subúrbio-jardim e de bairro-jardim.

Em torno dessa questão, Fredric Jameson chama a atenção para o trabalho de

Clifford sobre a etnologia da viagem e do turismo, no qual são valorizados os relatos de viagem no lugar dos de estada, contrariando as práticas normativas da antropologia deste século[8]. Em uma certa medida adotamos aqui tal procedimento, ao alinhavarmos nosso percurso sobre a idéia de cidade-jardim com as deambulações pinturescas de paisagistas ingleses do século XVIII, passando pelas viagens de F.L. Olmsted à China e à Europa, em especial à Inglaterra, a viagem de Ebenezer Howard aos EUA, a viagem de Hermann Muthesius à Inglaterra, a viagem de Geddes, Adshead e Unwin à Alemanha, a viagem de Bouvard a Buenos Aires e a São Paulo, até a viagem e estadia de Barry Parker em São Paulo. Nesse mesmo texto, por outro lado, Jameson observa que *"quando a teoria estrangeira atravessa o Atlântico, tende a perder muito de suas implicações políticas e de classe"(op.cit., p.24)*, indicando uma possível chave de interpretação para o intercâmbio de idéias de arquitetura e urbanismo.

No modo como apresentamos nossa iconografia propomos também uma deambulação em relação ao tipo cidade-jardim, em um percurso que, embora recorde alguns elementos de sua genealogia, se debruça sobre o período que vai de fins do século XIX até os anos 1920, na Europa, EUA e Brasil. Como a criação cultural no âmbito da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo é também produção material de determinadas formas plásticas e imagéticas, concretizando no território as concepções teóricas sobre a arquitetura, a cidade, a paisagem, e suas relações mútuas, o material iconográfico foi elemento decisivo em nossa investigação, daí a amplitude que procuramos conferir aos desenhos, mapas e demais peças gráficas. Assim, além dos aportes crítico e historiográfico que nosso estudo pretende oferecer, resgatando na história do urbanismo moderno no Brasil uma solução ainda pouco estudada, apresentamos também uma iconografia da difusão do tipo cidade-jardim no Brasil.

No modo de expormos os resultados de nossa pesquisa a leitura das peças iconográficas é, portanto, indispensável, uma vez que as imagens não apenas ilustram, mas também expressam significados. Ao propormos determinadas leituras de um projeto de arquitetura, de urbanismo ou paisagismo, realizamos um ativo processo de decodificação de signos imagéticos, plásticos e formais, que inclui formulações hipotéticas, comparações, deduções, interpretação de conteúdos e sentidos. Optamos em trabalhar, no caso de planos e projetos, com reproduções dos desenhos originais, deixando que a documentação iconográfica falasse por si mesma.

A passagem de profissionais europeus pela América Latina tem sido objeto de estudo de historiadores da arquitetura e do urbanismo voltados sobretudo para a temática das transferências e do debate transatlântico de idéias no âmbito dessas disciplinas. Se as propostas de Le Corbusier e Agache têm sido melhor estudadas, as de outros profissionais que por esse continente também passaram, apenas recentemente começam a ser analisadas, como é o caso dos trabalhos sobre Bouvard, Forestier, Hegemann, Lebret e Brunner. Já sobre outros arquitetos, sequer alguma pesquisa foi feita até então, como

em relação a Jaussely ou Parker. Daí, entre outros motivos, nosso interesse em abordar a atuação deste último na construção dos primeiros bairros-jardins do Brasil e também da América do Sul, bem como analisar sua influência no urbanismo e planejamento urbano que será proposto para a Cidade de São Paulo pelos engenheiros e urbanistas Prestes Maia e Anhaia Mello, nos anos 1930 a 1950.

O procedimento metodológico adotado por Le Goff em seu estudo sobre as muralhas[9], pretendendo introduzir na história urbana *"um ponto de vista dinâmico, global e comparativo"*, parte da constatação de *"um problema fundamental para a cidade de hoje... os transportes"*, daí a importância que ele atribuirá ao surgimento dos transportes coletivos. Sem pretendermos diminuir tal estatuto da questão da circulação urbana nos estudos de história da cidade e do urbanismo, parece-nos que a ela deve se acrescentar, também devido ser um problema crucial para a cidade contemporânea, a questão das áreas residenciais. Até porque, de uma certa maneira, é através das demarcações dessas áreas no tecido urbano, conforme traçados diversos, que vemos serem erguidas as muralhas contemporâneas, caracterizadas por novas formas e visibilidades.

Regressivo, ao tomar como ponto de partida da investigação o presente, e genealógico, ao buscar as origens de um determinado fenômeno - seja a muralha, o bonde elétrico ou o bairro-jardim - ao mesmo tempo que visa a eliminação da idéia de evolução urbana, Le Goff propõe a elaboração de uma cronologia, o estabelecimento de uma periodização e a identificação de uma tipologia. Mas também visa as causas do fenômeno urbano e seus múltiplos aspectos, para dar conta da sua imagem, no plano da representação, e de sua estrutura, no campo das formas materiais. No caso do urbanismo, enquanto conjunto de proposições - teóricas e práticas - relativas à construção ou reforma das cidades, sua especificidade está em re-estruturar a cidade ao mesmo tempo que re-produz suas imagens. A título de conclusão de seu ensaio, Le Goff propõe uma reflexão sobre três temas correlatos ao estudo das muralhas, que também são - assim nos parecem - correlatos ao estudo de áreas residenciais, quais sejam: os limites da cidade, o fim da oposição cidade-campo, as novas muralhas simbólicas. Em torno dessas temáticas também procuramos refletir sobre o fenômeno dos bairros-jardins paulistanos e das cidades-jardins brasileiras. Assim, se o "agricultural belt" é a muralha verde da cidade-jardim de Howard, o muro de *Hampstead* delimita, como as "cláusulas das servidões para o uso dos terrenos", no *Jardim América*, as novas fronteiras intra-urbanas.

Assim, a forma urbana é ontologicamente forma de sociabilidade, cuja imagem inscreve-se em mosaicos do século V da Jerusalém Celestial, no arco triunfal de Santa Maria a Maior, em Roma, ou na cartografia psico-geográfica dos situacionistas pela ruas de um *quartier* parisiense, passando pelas diversas peças gráficas, cartográficas e fotográficas que registram as transformações da cidade moderna. Não se trata, pois, de desvendarmos modos de comportamento que se manifestam em *loci* determinados,

mas sim de revelarmos as múltiplas sociabilidades de certas formas urbanas, como as do tipo *garden-city*. Para a história do urbanismo, a imagem da cidade contida na iconografia de projetos e planos urbanísticos pode revelar tanto uma certa representação da cidade, portanto, desenho de uma cidade ideal, quanto os modos de construção da cidade, isto é, traçado da cidade real. Esta, é claro, não se reduz às intervenções sob o signo da disciplina urbanística, mas dela cada vez mais se tornou dependente, sobretudo na virada do século XX e em suas primeiras décadas.

No capítulo 1 procuramos traçar um quadro histórico e teórico da idéia de cidade-jardim, remetendo - ainda que brevemente - às origens de tal concepção, mas concentrando nossa atenção nas formulações surgidas na segunda metade do século XIX, em especial as propostas de Howard e Soria y Mata, bem como apontando as realizações pioneiras inspiradoras de tais concepções. Tomamos como ponto de partida a própria noção de jardim como se manifestou entre os romanos e inaugurou uma tradição que foi enriquecida a partir da Baixa Idade Média e do Renascimento pela arte dos jardins desenvolvida no Islã e no Oriente. Em seguida, passamos pela oposição entre campo e cidade, em suas transformações desde o século XI, das quais os painéis de Lorenzetti, no século XIV, são um testemunho, e as "villas" renascentistas espelham tal contradição, até a reação ideológica mais vigorosa do campo em relação à cidade, por parte do pensamento econômico fisiocrático do século XVI.

Buscamos rastrear também, neste capítulo inicial, algumas trajetórias do movimento pela cidade-jardim na Europa, até meados dos anos 1910, além de registrar sua presença em outros continentes, sugerindo a perspectiva de criação de uma Internacional Cidade-Jardim. Algumas temáticas gerais, presentes nos debates no interior desse movimento serão destacadas, como o das relações cidade-campo, a questão da habitacão social, as alternativas cidades satélites ou subúrbios-jardins, e suas respectivas formas urbanas, o cooperativismo e a vida comunitária.

Ainda neste primeiro capítulo abordaremos especificamente as realizações de Parker & Unwin até a vinda daquele para o Brasil, em especial suas concepções teóricas e projetos de arquitetura. Mas também apresentamos o projeto que Parker elaborou para uma área central da Cidade do Porto, um ano antes de vir para o Brasil, quando então teve seu primeiro contato com a arquitetura e o urbanismo português, que influenciou seus projetos de arquitetura residencial em São Paulo.

No capítulo 2 abordamos o período da história urbana paulistana em que a cidade se transforma radicalmente, incorporando inúmeros melhoramentos e definindo - ainda que não de um único golpe - um plano geral para sua estrutura e seu crescimento. Para que essa mudança da fisionomia urbana paulistana fosse melhor esclarecida recorremos à comparação das imagens que se fizeram da cidade, antes, durante e depois do período que abordamos, cruzando relatos de viajantes com descrições feitas por

geógrafos ou historiadores da cidade, assim como acompanhando, através da rica iconografia paulistana, elementos da paisagem urbana indicativos dos novos significados que a cidade adquiria ao se transformar em metrópole. Ainda neste capítulo situamos as principais referências do meio técnico e profissional relativo à construção das cidades no Brasil, e especialmente na cidade São Paulo, mas também em Santos, cujas transformações urbanísticas foram pioneiras. Procuramos esclarecer as filiações teóricas e realizações concretas que balizaram as propostas que então se fizeram para cidades brasileiras e de diversas outros países latino-americanos. Buscamos também mostrar como os parques da Cidade de São Paulo, ao longo dos anos 10 e 20, foram concebidos como um sistema de áreas verdes a nível metropolitano.

Ao longo do período de 1899 a 1924 analisamos a atuação, nas reformas da cidade e na sua nova configuração paisagística, de profissionais estrangeiros, como Bouvard e Parker, de técnicos municipais, como Victor da Silva Freire, Antônio Etzel e outros, dos Prefeitos Antônio Prado, Raymundo Duprat e Washington Luis, de vereadores, como Silva Telles e Cincinato Braga, e de empresas particulares como a *City* e a *Light*.

No capítulo 3 apresentamos e analisamos os projetos urbanísticos e paisagísticos que Barry Parker fez para a Cidade de São Paulo. Veremos seus argumentos visando modificar a legislação urbana paulistana no que se refere à largura mínima das ruas, assim como sua proposta geral para a Cidade.

No capítulo 4 trataremos de sua produção arquitetônica residencial, detendo-nos no estudo das nove casas que projetou para o "Jardim América" no período em que trabalhou para a Cia. *City*, contrapondo-os a seus projetos anteriores e apresentando suas concepções teóricas a respeito de uma arquitetura com traços regionais, as quais ele deixou registradas, sem maiores aprofundamentos, nos artigos que escreveu sobre seus projetos paulistanos.

No último capítulo trataremos das ressonâncias da passagem de Parker por São Paulo em propostas urbanísticas que se fizeram posteriormente para essa e outras cidades brasileiras. Analisaremos alguns aspectos da obra do Eng. Jorge de Macedo Vieira, que pode ser considerado, pelas soluções de arquitetura e urbanismo que executou, um discípulo de Parker. Discutiremos, por fim, os modos de assimilação da idéia de cidade-jardim pelos urbanistas modernos no Brasil. Veremos também como a breve experiência paulistana de Parker marcou alguns aspectos de suas propostas para a legislação urbanística inglesa, feitas nos anos 1920, mas principalmente, repercutiu em seu plano para a Cidade de *Wythenshawe*, que desenvolveu de 1926 até 1945, quando se retirou da vida profissional. Considerado pelo próprio Parker como sua obra-prima, *Wythenshawe*, planejada como cidade-satélite de Manchester, apresenta um desenho que, de um certo modo, recupera algumas das soluções que aplicou em São Paulo nos projetos de loteamentos residenciais para a *City*.

Ao longo de nosso percurso esperamos ter contribuído para colocar à tona uma

relevante produção arquitetônica e urbanística, e também por sugerir como foi planejado o processo de metropolização da Capital paulista, e qual a colaboração de Parker nesse sentido. Ao mesmo tempo, pretendemos indicar possíveis leituras sobre o intercâmbio de idéias urbanísticas, tomando a passagem de Parker por São Paulo como um estudo de caso.

Notas da Introdução:

1 O primeiro empreendimento imobiliário da "*City*" foi o Pacaembú, mas por não ter sido aprovado pela Câmara, a companhia voltou-se para outra área, junto à várzea do Rio Pinheiros. Denominada em um primeiro momento de "Garden City" - como já constava, ainda que com linhas tracejadas, na *Planta Geral da Cidade de São Paulo*, de 1914 -, veio depois a ser chamada de "Jardim América". No capítulo 2 abordaremos tais fatos.

2 F.R.I.B.A. é a sigla abreviada do título de *Fellow of the Royal Institute of British Architects*.

3 Ver no Anexo II o comentário que fazemos sobre essa historiografia.

4 Ver Anexo I, onde tratamos das fontes documentais de nossa pesquisa.

5 No original, "interior design".

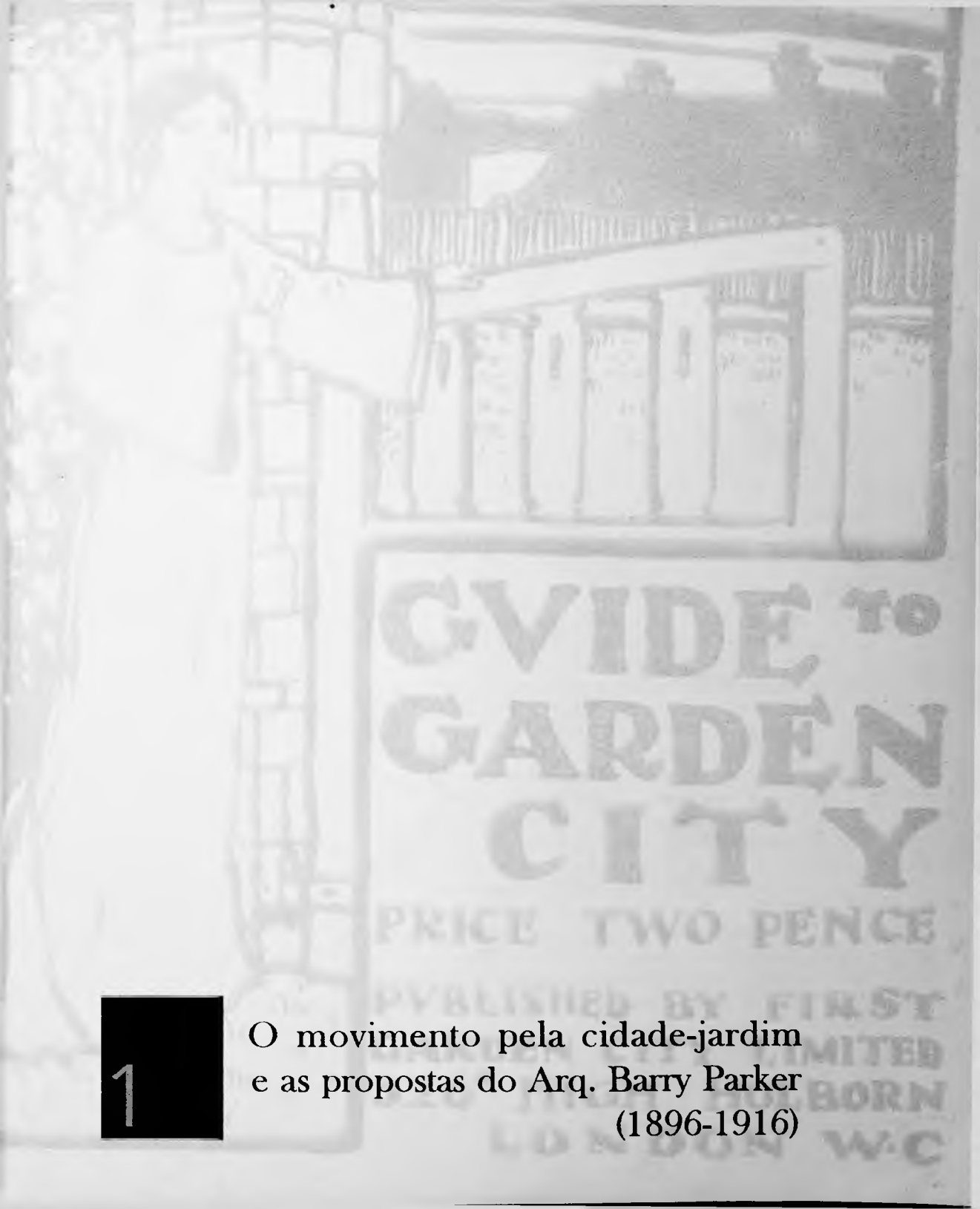
6 Trata-se do *The Art of Building a Home*, de 1901, o qual comentaremos no capítulo 1.

7 Dean Hawkes, um dos poucos estudiosos da obra de Parker, editou esses ensaios na forma de um livro - *Modern Country Homes in England. The Arts and Crafts Architecture of Barry Parker* (Cambridge, Cambridge University Press, 1986). Não obstante, embora contenha uma boa introdução do próprio Hawkes, é suprimido um grande número de ilustrações que haviam sido publicadas originalmente.

A existência, na Biblioteca Central da Escola Politécnica da USP, da coleção completa da *The Craftsman* , que pertencera ao Arq. Ramos de Azevedo, permitiu que consultássemos todos os desenhos e fotos de Parker, alguns dos quais serão reproduzidos no final do capítulo 1, quando analisaremos seus ensaios teóricos. De qualquer modo, é notável tal interesse e familiaridade de Ramos de Azevedo com a arquitetura "*Arts and Crafts*", sobretudo a que foi desenvolvida nos EUA, da qual a Revista *The Craftsman* foi o principal meio de divulgação.

8 Veja-se desse autor o ensaio "Sobre os 'Estudos de Cultura' ", In: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 39, julho 1994, pp.11-48.

9 Le Goff, Jacques; "Construcción y destrucción de la ciudad amurallada. Una aproximación a la reflexión y a la investigación", In: Le Goff e De Seta (ed.); *La Ciudad y las Murallas*, Madri, Catedra, 1991, pp.11-20.



1 O movimento pela cidade-jardim e as propostas do Arq. Barry Parker (1896-1916)

1.1 o jardim na cidade

Na introdução de seu magnífico livro sobre os jardins romanos, o historiador Pierre Grimal *(1969)* situa o lugar específico da arte dos jardins entre os diversos modos de expressão artística. Para ele, o que caracteriza a arte da jardinagem é ser determinada pela dimensão temporal. Nesse sentido, está mais próxima da música e do teatro do que da arquitetura, da pintura ou da escultura, artes, como sabemos, fora da duração.

O historiador da antigüidade clássica nos lembra ainda que o jardim, embora surja como *"expressão de uma civilização"*, é uma arte menor, *"onde a técnica prevalece sobre a criação" (op.cit., p.3.)*, o que torna mais fácil desvendar a intenção do artista, *"precisamente porque sua matéria e sua técnica o constrangem em limites estreitos" (id.ibid.)*. Dessa característica decorre ser uma arte popular. Desse modo, ainda quando materialmente inacessíveis, os jardins podem ser apreendidos espiritualmente, sem que se faça necessária alguma preparação ou refinamento prévio. Seja porque *"os jardins falam aos sentidos"*, mas também porque até espíritos incultos não permanecem indiferentes a estímulos de objetos naturais.

Se, como observa Grimal, os jardins são *"asilos de intimidade, ... nascem cada vez que se quer escapar à mediocridade e à promiscuidade de uma aglomeração muito densa; ... nos dão, de alguma maneira, a medida da parte que se consente à arte na existência, e ... medem também a parte que se aplica à Natureza" (op.cit., p.5)*, é

porque quanto mais nos afastamos desta, com mais força seu reencontro - ainda que breve e episódico - atuará sobre nossos sentidos.

Nesses habitats construídos à semelhança - ou não - dos ambientes naturais, empregando em pequena ou grande escala, e segundo ordens precisas, elementos da natureza como pedras, areia, argila, plantas, flores, árvores, grama e água, os homens urbanos vão se dedicar a atividades nem sempre produtivas para a cidade. Filosofar, tal qual Epicuro, meditar, como os monges de cartuxas e poetas árabes, explorar os sentidos, como os paisagistas do pinturesco e os pintores de cenas sublimes, ou ainda deambular para sentir *"o frescor do maravilhamento" (Corbin: 1989)*, como os freqüentadores de um parque moderno.

Tomando tais reflexões de Pierre Grimal como ponto de partida para uma genealogia dos jardins - ao menos os do ocidente -, uma última citação sua pode nos ajudar a esclarecer os sentidos da idéia de cidade-jardim que surgirá em fins do século XIX: *"Esses retornos periódicos, esses renascimentos periódicos do 'naturalismo' latente no fundo da alma humana, e que necessitam apenas um pouco de tranqüilidade para vir à superfície, são momentos necessários, em que se exprime um desejo mais ou menos consciente de retomar contato com as 'coisas essenciais' - desejo que não pode satisfazer as 'coisas fabricadas' e demasiado humanas das cidades. Parece que as civilizações devem, de tempos em tempos, retirar a energia desse contato: aprecia-se, pois, imaginar a natureza benfazeja e bela. E este mito da Natureza é talvez um dos mais fecundos e dos mais necessários dentre os mitos forjados pelo homem. Mas fecundo precisamente porque ele é um mito, uma história maravilhosa ... " (op.cit., p.6).*

De um outro ponto de vista, a cidade é, em si, negação radical da natureza. Constitui-se na história como objeto construído, artifício por excelência. Devido à sua carência de natureza, a cidade busca recuperá-la em seu próprio interior através desse expediente dos mais antigos e difundido por inúmeras culturas e sociedades, o jardim. Entretanto, embora ambos sejam construções artificiais, o termo "cidade-jardim" não escapa a ambigüidades, pois visa uma conciliação talvez impossível e quase sempre ilusória.

Ainda que brotando da cidade, o jardim é também sua negação. Se na cidade tudo deve funcionar, no jardim, mesmo aqueles com fins produtivos imediatos, como os pomares, hortos de ervas comestíveis ou medicinais, a dimensão lúdica e estética é valorizada. Assim, a cidade constrange e disciplina, enquanto o jardim é o *locus* da liberdade e do devaneio dos pensamentos, um ambiente propício aos jogos, sejam eles recreativos, de etiqueta ou sedução. É através do jardim que nos permitimos uma reaproximação com os elementos naturais dos quais a cidade havia nos separado, portanto, um reencontro mítico que as sensibilidades dos homens irão explorar conforme cada cultura ou momento histórico determinado.

Estreitamente relacionados com os significados dos jardins, os sentidos das relações entre cidade e campo também serão definidos socialmente, e diretamente tributários

dos significados atribuídos à natureza em um certo período histórico. A hipótese de que o jardim como fenômeno urbano busca apaziguar a oposição entre cidade e campo, talvez possa ajudar a esclarecer porque a proposta que Ebenezer Howard (1850-1929), em 1898, chamou de *"town-country"* (cidade-campo), encontrará uma difusão internacional sob a fórmula - que só aparece na segunda edição de seu livro, isto é, em 1902 - de *"garden-city"* (cidade-jardim). A popularidade desta talvez resida exatamente na reminiscência que provoca ao reaproximar a cidade da natureza, e que tem antecedentes nas propostas sob a fórmula *"rus in urbe"* que já estava presente nos parques reais londrinos do início do século XVIII *(Lasdun:1992, pp.119-134)*.

Se ao longo da história das cidades inscreve-se uma história dos jardins, esta não se distingue da história da divisão do trabalho nas sociedades, em especial a que promove a separação entre campo e cidade. Em relação à tal cissão, que atravessa o conjunto da sociedade e marcará de um modo particular a forma de seu território, Marx e Engels afirmam em *A Ideologia Alemã*: *"a divisão de trabalho no interior de uma nação conduz primeiro à separação entre trabalho industrial e comercial, por um lado, e trabalho agrícola, por outro; e com isto, a separação entre cidade e campo e a oposição de seus interesses" (1972, p.59)*. Destacando o fato da cidade só existir na relação de oposição que mantém com o campo, ao caracterizarem as distintas formas de propriedade, observam que a propriedade privada imobiliária se desenvolve onde já se encontra instalada essa oposição. Podemos considerar as muralhas como expressão física dessa oposição - ao mesmo tempo que registram no território o caráter militar da cidade. Da mesma maneira que, como nos mostrou Le Goff *(1991)*, as muralhas têm múltiplos significados, sendo um fenômeno ao mesmo tempo técnico, militar, econômico, sociológico, político, jurídico, simbólico e ideológico, talvez possamos estender tal consideração aos jardins, ou à oposição cidade-campo, e ainda à cidade-jardim. Assim, para nos aproximarmos dos significados da oposição campo-cidade na história do Ocidente, vejamos inicialmente suas relações em dois momentos. Na Roma de Nero, por volta de meados do século I, e no início do século XIV, a partir dos afrescos "Bom Governo" e "Mau Governo" de Ambrogio Lorenzetti, no qual a muralha, enquanto limite entre campo e cidade manifesta aquele conjunto de funções.

Em um percurso inverso daquele que Camillo Sitte *(1889)* fez ao descrever o fórum de Pompéia, em que se é atraído em direção à escadaria do templo de Júpiter, para dali se contemplar a bela cidade, Purcell *(1987)* afasta-se do fórum romano, caminha pela *Argiletum*, até alcançar o pórtico de *Lívia*, com seu reservatório e sua fonte decorada com a estátua de Orfeu. De lá toma a *Via Tiburtina* e se depara com um campo fecundo, próspero e populoso, atravessado por aquedutos onde a água corre em abundância. A descrição da campanha romana nos revela que havia entre a cidade e o campo uma larga zona de transição, ao contrário dos dias atuais, em que seus contrastes e limites são marcantes e bruscos. Assim, segundo o historiador, os romanos

do primeiro século d.C. também não podiam precisar o fim do que era edificado - o *continentia aedificia* - e o início do *rus*, cujo termo, em latim, talvez sequer tivesse uma conotação paisagística.

Não havendo uma clara oposição entre campo e cidade, a campanha romana talvez se aproximasse mais de um subúrbio do que de um campo, no sentido moderno que atribuímos a esses termos. Como nota Purcell *"a conseqüência é que não se pode olhar apenas para reconstruções cênicas do ambiente rural em nossa busca pelo rus in urbe (p.190)*, constatando que, para um romano, a imitação do mundo natural não terminava em um caramanchão ou uma gruta com fonte, pois *"a paisagem ao redor em grande escala era parte do projeto do edifício" (op.cit., p.194)*. Campo e cidade, na Roma antiga, sem constituirem paisagens distintas, eram *"parte da paisagem total na qual a casa do homem rico era implantada" (op.cit., p.195)*.

É da mesma época a *villa* galo-romana de Montmaurin, descrita por Fouet em 1969 *(apud Pailler:1987)*, e que pode ser considerada a primeira *villa urbana*, mas que fora, em seu início, um assentamento rural. Como podemos ver na fig.1.01, seu plano é axial, com dois páteos porticados, sendo o segundo um peristilo interno abrindo-se para um amplo jardim. O que nota Pailler *(1987)*, contrapondo-se à leitura de Fouet, é que se há uma clara influência italiana em Montmaurin, não há ainda nesta fase nenhum átrio vestibular, e tampouco jardins na área de ingresso na *villa*. Entretanto, cerca de três séculos depois, após uma inundação, a *villa* de Montmaurin é reconstruída, transformando alguns de seus espaços centrais, e mesmo periféricos, em jardins (fig.1.02).

Pailler chama a atenção para *"a extraordinariamente coerente organização desses jardins e a clara inter-relação entre eles e a arquitetura" (op.cit., p.219)*. Destaca, em primeiro lugar, *"o papel permanente dos jardins externos" (id.ibid.)*, que podem ser considerados *" 'jardins angulares', como se fala de uma 'pedra angular', não apenas no arquitetônico, mas no sentido funcional da palavra" (id.ibid.)*, tendo um papel tanto ornamental quanto hortícola. Em segundo lugar, *"a organização dos jardins e a arquitetura é em si significante, no sentido de que é de uma vez axial, transparente, e hierárquico" (op.cit., p.220)*. Por fim, Pailler aponta, em todas as direções do jardim, *"a presença do elemento religioso" (id.ibid.)*, que, ao lado das outras características, revela a importância que os jardins tinham na vida antiga. Conclui então que *"esta última alteração e definitiva vitória dos jardins confirma-nos a idéia de que podemos falar não apenas dos jardins da villa de Montmaurin, mas de Montmaurin como uma 'villa jardim' " (op.cit., p.221)*. A concepção de cidade-jardim não era, portanto, totalmente estranha ao mundo do fim do Império Romano, ainda que restrita ao ambiente de uma *villa*, e Montmaurin parece reiterar o ideal de reconciliação entre cidade e natureza que será perseguido ao longo da história.

Deixemos o mundo antigo dos primeiros séculos da era cristã, ainda com sua tênue oposição entre campo e cidade, mas já com a emergência do jardim, e saltemos para

a Sala da Paz do Palácio Público de Siena, com seus murais pintados nos anos 1338-40, para o governo da comuna, por Ambrogio Lorenzetti (m.1348). Neste documento figurativo o pintor elabora uma reconstrução histórica das relações entre uma grande comuna e o campo circundante, entre os cidadãos e os que habitam extra-muros. No mural do "Bom Governo", a cidade (fig.1.03) e o campo (fig.1.04) são cheios de vida, enquanto no "Mau Governo", onde na cidade reina o tirano cercado pelas figuras dos diversos vícios, o campo se apresenta inculto e desolado *(Feldges-Henning:1972, p.147)*. Nesta magnífica representação de Lorenzetti, entre a cidade e o campo as diferenças já são bruscas, e não apenas pela presença marcante das muralhas, mas sobretudo pelas atividades que neles se desenvolvem.

Sabemos que o pensamento medieval opunha as *"artes liberales"* às *"artes mechanicae"*, as quais no Renascimento serão hierarquizadas, privilegiando-se as primeiras - *"que implicam premissas filosóficas e conhecimento histórico, e têm função de direção" (Argan:1984, p.35)*, em detrimento das *"atividades manuais, que implicam uma experiência técnico-operativa" (id.ibid.)*. No mural de Lorenzetti são representadas as sete artes mecânicas, quais sejam: o *"Lanificium"*, que consistia na manufatura de roupas, calçados, velas para barcos, cordas e redes, a *"Armatura"*, que incluía o fabrico de armas e a arquitetura e construção, a *"Navigatio"* que compreendia o transporte de bens, a *"Venatio"*, ou a caça e pesca, mas também o preparo dos alimentos, a *"Medicina"*, que talvez englobasse o ensino, a *"Theatrica"*, da qual fazia parte a dança e a música, e por fim, a *"Agricultura" (Feldges-Henning:1972, p.152)*. Desta última faziam parte o arar, o semear e cultivar os campos com árvores frutíferas e parreiras, o pastoreio e a jardinagem, *"que é indicada pelos numerosos bem cuidados vasos de planta na cidade" (id.ibid.)*, mas que também é representada nas fazendas do condado.

Embora as artes mecânicas fossem indispensáveis para a cidade, uma parte delas só podia se realizar no campo, o que fazia deste também um elemento vital para a *civitas*. Ou seja, na enciclopédia pictórica de Lorenzetti, que também pode ser lida como uma *summa* política do fim da Idade Média, a cidade já subordina o campo, e essa subordinação é representada qualitativamente pela cidade como *"o centro da luz pictórica e o ponto de partida da estrutura espacial" (op.cit., p.159)*. Para o mundo medieval a *civitas* é entendida como uma cópia da Jerusalém Celeste, a qual, no mural de Lorenzetti, corresponde à cidade do "Bom Governo". Enquanto a cidade do "Mau Governo" - onde nenhuma atividade construtiva é realizada, e apenas se desenvolve a arte de pecar - equipara-se à Babilônia, que no simbolismo medieval está em oposição à Jerusalém Celeste. Também na concepção de Howard, na virada do século XIX para o XX, a cidade-jardim surgirá como uma Jerusalém Celeste, uma cidade ideal da qual os vícios deverão ficar fora, o que levaria à proibição do consumo de bebidas alcoólicas em *Letchworth*.

Não se trata aqui de traçarmos uma genealogia das relações campo-cidade, e também dos jardins, que ultrapassaria muito os objetivos desta tese. As referências que fizemos acima, entretanto, revelam como, desde a antiguidade clássica, a oposição cidade-campo e os jardins adquiriram significados inseparáveis, embora distintos em cada situação histórica. Na Itália do Renascimento encontraremos dois tipos de *villas*, no campo (figs.1.05) e nos arredores da cidade (fig.1.06), que redefinem aquela oposição, bem como o lugar do jardim. Leon Battista Alberti (1404-1472) preconizava que a *villa* deveria se localizar em uma suave encosta, visível assim que se deixasse a cidade, e seu escopo era *"permitir uma agradável e harmoniosa existência sem as formalidades da cidade" (Wölfflin:1966, p.144)*. Mas, como lembra Wölfflin, as diversas partes dos jardins - iluminados e abertos - das *villas* suburbanas do Renascimento não constituíam uma composição unificada, que só seria realizada no barroco. Por outro lado, as condições do sítio natural eram aceitas sem se pretender, como também se faria no barroco, se impor uma ordem sobre elas *(op.cit., p.152)*.

Após o Renascimento, as transformações das relações cidade-campo foram interpretadas pelo pensamento fisiocrático francês de um ponto de vista que foi decisivo para a cultura arquitetônica e urbanística do Iluminismo, ressoando até às formulações do século XIX. Tendo surgido como uma reação à doutrina mercantilista que privilegiava a indústria e o comércio, os quais prosperavam com a política de Colbert (1619-1683) durante o reinado de Luís XIV (1638-1715), os fisiocratas defendiam a agricultura e também os proprietários rurais. De um sistema que buscava demonstrar a superioridade da agricultura, os "economistas", como eram chamados os fisiocratas, criaram uma doutrina social *(Miano:1995, p.135)*.

A crítica dos fisiocratas à cidade, *locus* de concentração da produção manufatureira e do comércio, leva-os a negar a urbanização, sonhando com um país sem cidades. François Quesnay (1694-1774), valorizando a agricultura, critica a *"afluência para as cidades"* e seu inchaço, enquanto Victor Mirabeau (1715-1789) propõe uma nova estrutura regional, descentralizando a indústria e redefinindo o papel da Capital, Paris. A concepção do território em âmbito regional já havia sido formulada em 1513 por Leonardo da Vinci (1452-1519), que também concebera anteriormente o plano de uma cidade-jardim para Milão. Sendo incumbido por François I (1494-1547) de projetar e construir um castelo para o Monarca e sua corte, na cidade de Romorantin, no centro da França, onde morava a mãe do Rei, retoma a proposta que fizera anteriormente de uma cidade ideal adaptada para Milão. Desenhando o conjunto do território, a partir do aproveitamento dos seus recursos hídricos, da Vinci - como sugeriu Giedion *(1954: pp.72-75)* - inaugura o planejamento regional. Assim, localiza a residência do rei no centro de uma vasta rede estelar de canais, que une a nova capital ao resto do País *(Bramly:1991, p.402)*.

Para os fisiocratas a cidade é um lugar não natural, ao contrário do campo, daí proporem a entrada da natureza no meio urbano *(Miano, op.cit., p.137)*, visando racionalizá-lo e melhorá-lo. Tal ideal será perseguido pelos arquitetos do Iluminismo, como Louis Cordemoy (1651-1722), ou o abade Marc-Antoine Laugier (1713-1769), em seu *Essai sur l'Architecture*, de 1753. Nesta obra, em que estuda o embelezamento das cidades, o traçado das ruas e a criação de parques, pela primeira vez um tratado de arquitetura aborda o problema do ambiente *(id.ibid)*. Para Laugier, as praças reais que o Rei Sol havia implantado em Paris não seriam suficientes para melhorá-la. No entanto, remete ao jardineiro real André Le Nôtre (1613-1700) que, com seus parques e jardins para Vaux-Le-Vicomte (fig.1.07) e Versailles (fig.1.08), já efetuara um controle do espaço natural.

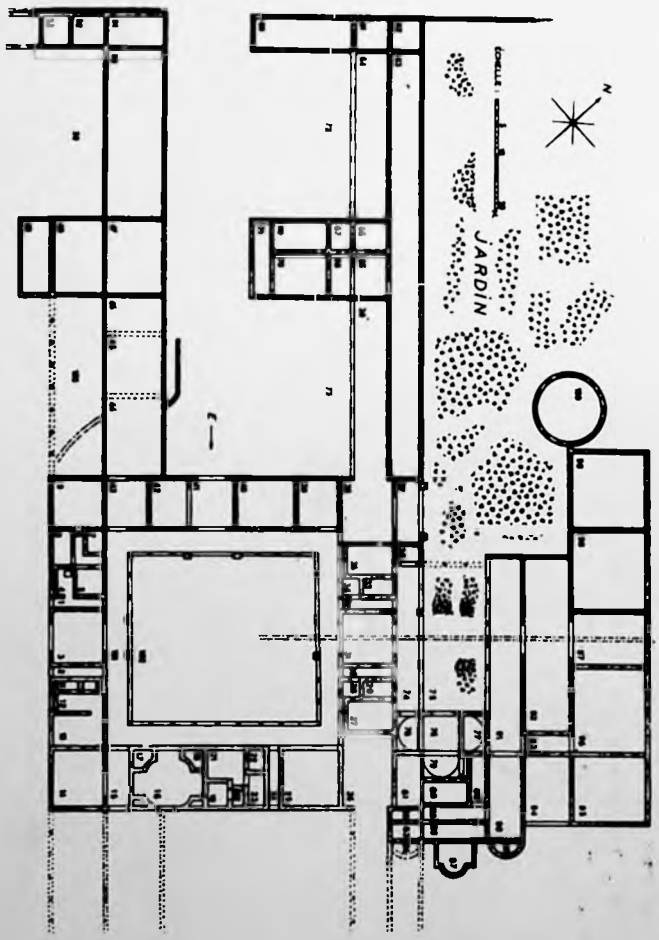
Como nos mostrou Benevolo *(1968)*, Le Nôtre buscava a representação física do infinito, organizando a paisagem conforme critérios de regularidade e simetria, operando com caminhos, terraços, lagos e fontes d'água. Reiterava a intenção de exercer um controle total do ambiente, que iria se concretizar na abertura do *Canal du Midi*, entre 1664 e 1681, ligando o Atlântico ao Mediterrâneo através do sudoeste da França. Com Le Nôtre o parque transforma-se em modelo disponível e racional, por conter uma natureza que, ainda que ordenada, é sempre natureza. A influência exercida por suas realizações levaram à proliferação de parques reais suburbanos por toda Europa *(Miano, op.cit., p.144)*. Com Laugier o modelo do parque é estendido para toda a cidade, a qual é considerada por ele como uma floresta, mas onde deveria haver, ao lado da simetria e ordem, a variedade e a bizarria. Sem dúvida, além das concepções de Le Nôtre, por trás das propostas de Laugier encontramos também a experiência paisagística inglesa de William Kent (1685-1748) e as idéias de Alexander Pope (1688-1744) e Joseph Addison (1672-1719), que defenderão para o desenho de parques uma natureza autêntica e pinturesca.

Com o termo *sharawaggi*, Temple, em seu *Upon the Gardens of Epicurus*, de 1692, designava a harmonia da aparente desordem dos jardins chineses e japoneses. Henry Wotton (1568-1639) - para quem *"o olho é um sentido imperioso, vagabundo e usurpador e não pode suportar nenhuma cautela estreita"* -, quase setenta anos antes de Temple, escrevia que *"assim como as Fábricas devem ser regulares, também os Jardins devem ser irregulares, ou ao menos configurados como uma selvagem Regularidade" (Hunt e Willis, eds.: 1979, p.48)*. Mas, como lembra Rykwert *(1982: "Excursus sobre jardins")*, a irregularidade de Wotton era muito mais moderada que o *sharawaggi* de Temple, chamando a atenção para uma oposição que percorrerá a história dos traçados de jardins, parques e também cidades.

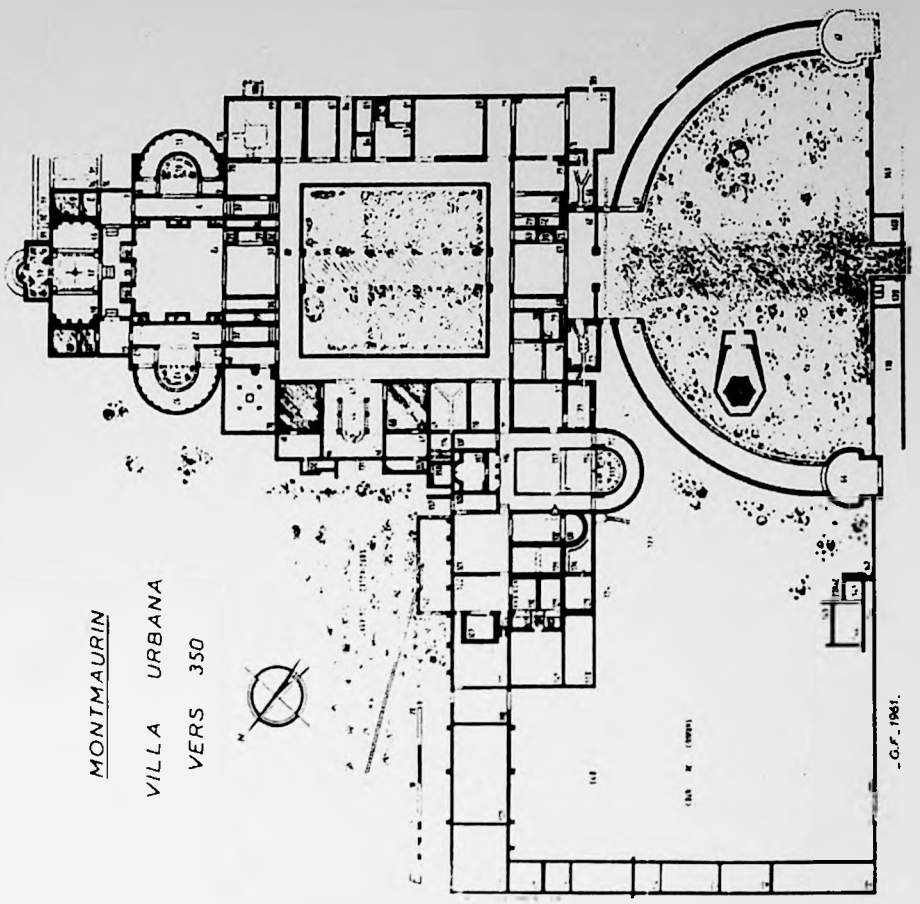
Martinet *(1980)* lembra que Horace Walpole (1717-1797) considerava a Arte dos Jardins como irmã da Poesia e da Pintura, por trabalhar com a associação de idéias, concorrendo para a liberdade da imaginação que caracterizou o pensamento romântico

do século XVIII. Afirma que neste século *"a arte se abre cada vez mais para a natureza, o espírito para o mundo exterior; os modos de simbolismo passam da emblemática da visão à teoria da associação de idéias" (op.cit., p.6).* E conclui: *"a diferença está entre dois modos evocadores para o observador - o simbolismo ou a sugestão natural" (op.cit., p.7).*

Em Kent, como observa a mesma autora, são retomados os jogos de perspectiva que Pope criava com as árvores, provocando a errância do olhar e um sentimento de diversidade que buscava fundir arte e natureza. Tal caráter "natural" e "livre" faz do jardim paisagista (fig.1.09) o *locus* de uma *"vagabundagem do espírito" (op.cit., p.12),* o território de uma imaginação nômade, que se realiza através de múltiplas vistas. No parque barroco, pelo contrário, não era possível o exercício da deambulação, pois seus caminhos deviam ser percorridos por imponentes procissões subordinadas a regras de etiqueta e marcadas por uma forte teatralidade. Já os jardins paisagísticos ingleses do séculos XVIII, atravessados por sendas sinuosas e fossos invisíveis - os "ha ha" - que provocavam surpresas ao longo de um percurso, evocarão o Paraíso, remetendo à dimensão utópica que se encerra em cada jardim, enquanto imagem de um mundo em que nos reconciliamos com a natureza.



| Fig. 1.01| Villa de Montmaurin



| Fig. 1.02| Villa de Montmaurin

| Fig. 1.03| Ambrogio Lorenzetti, o "Bom Governo" - a cidade

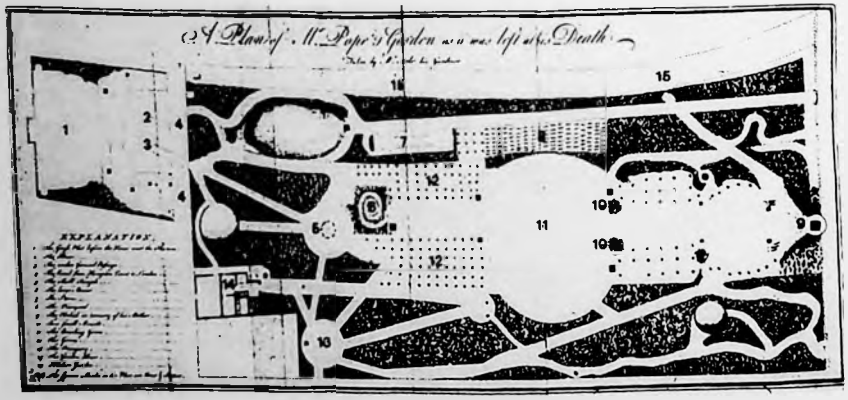
| Fig. 1.04| Ambrogio Lorenzetti, o "Bom Governo" - o campo

| Fig. 1.05| Giusto Utens, Villa Medici, 1599, Florença

| Fig. 1.06| Villa Suburbana

| Fig. 1.07| Le Nôtre, jardins e castelo de Vaux-Le-Vicomte

| Fig. 1.08| Le Nôtre, vista geral do palácio e jardins de Versailles



| Fig. 1.09| plano do jardim de Pope em Twickenham (Serle, 1745)

1.2 a cidade-jardim de Ebenezer Howard

Dentre as inúmeras idéias urbanísticas surgidas em fins do século XIX na Europa, a proposta de cidade-jardim, formulada por Ebenezer Howard, em 1898, foi provavelmente a que encontrou maior ressonância no urbanismo moderno do século XX, tendo se difundido por inúmeros países e continentes, chegando também ao Brasil. A razão de tal sucesso, que levou a adaptação do tipo cidade-jardim a situações sócio-econômicas e histórico-políticas as mais diversas, reside em grande parte no seu conteúdo utópico que busca a reaproximação entre campo e cidade. Mas também o caráter pragmático da proposta, ainda que ancorado na forma comunitária da propriedade e na busca da auto-suficiência econômica do empreendimento, foi responsável por sua enorme influência na configuração das paisagens urbanas modernas.

Na introdução de seu livro, Howard - que fora estenógrafo do parlamento inglês - constata nos primeiros parágrafos a febril agitação de idéias, propostas e pontos de vista sobre temas sociais, políticos e religiosos, e a ausência geral de concordância a respeito. Observa ali que apenas na crítica à contínua e crescente migração da população do campo para as cidades haveria unanimidade: *"É quase universalmente aceito por homens de todas as partes, não apenas na Inglaterra, mas por toda Europa, América e nossas colônias, que é profundamente deplorável que as pessoas continuem a se dirigir para cidades já superpovoadas, e continuem portanto a esvaziar os distritos rurais."*

(1970, p.131). Um de seus objetivos, portanto, será dar uma resposta à questão do inchaço populacional e crescimento desmedido das cidades.

A segunda metade do século XIX na Inglaterra foi pródiga em levantamentos e denúncias das condições de vida dos miseráveis que passaram a habitar suas principais cidades. Panfletos, ensaios e relatórios oficiais registravam tais condições, procurando na crueza da objetividade dos fatos descritos denunciar, ou ao menos constatar, uma nova situação das grandes cidades. Engels publica em 1845 *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, onde descreve com detalhes certos aspectos da cidade de Manchester. Em 1855, John Snow escreve seu *On the mode of communication of cholera*, no qual as condições de saneamento da cidade de Londres são reveladas e apontadas como as responsáveis pela recente epidemia que havia atingido a cidade. Em ambos os livros a higiene das ruas e moradias das áreas habitadas por trabalhadores pobres, isto é, o meio em que vivem é o objeto principal da descrição.

Howard, entretanto, apresenta uma chave-mestra (fig.1.10), vale dizer, uma solução ideal. Na borboleta da chave, na qual aplicamos a força de nossa mão para girar o conjunto, lemos: *"Reforma da Temperança, Reforma Fundiária, Reforma Municipal, Habitações Melhoradas. SAÚDE, RECREAÇÃO, EDUCAÇÃO. Reforma das Taxas Ferroviárias, Progresso da Agricultura, Reforma das Crianças, Uma incumbência para Mulheres, Pensões para Velhos."* Sobre tais expressões, a palavra *"alavanca"*. No eixo que une a borboleta da chave à plaqueta recortada que contém o segredo da abertura de todas as fechaduras, lemos as palavras *"Ciência: Religião"*, reiterando a necessidade do vínculo entre os dois termos. Na plaqueta que contem a solução para os males das cidades congestionadas como Londres, podemos ler *"Uma nova cidade em nova terra"*. Esta era a proposta de Howard, construir o novo mundo em velhas terras, refazendo o meio através da integração entre campo e cidade.

Preconizando a dissolução da metrópole como *locus* de concentração de forças produtivas, subjetividades e fluxos energéticos, a cidade-jardim de Howard tem como um de seus princípios gerais a descentralização, associada às baixas densidades habitacionais. Assim, embora não pretenda uma negação radical da cidade - como quer Tafuri *(1985)*, ao incluir a idéia de cidade-jardim entre as ideologias anti-urbanas -, até porque Howard mantém o termo em seu conceito, intenta realizar uma harmonia entre cidade e campo, visando resgatar o vínculo entre sociedade e natureza, buscando fundir oposições radicais da história. Como solução para o fenômeno de metropolização, Howard preconiza um limite para o crescimento das cidades, tanto em termos populacionais quanto físico-territoriais. É assim que sua cidade-jardim não deveria ultrapassar a população de 32 mil habitantes, bem como estaria contida por um cinturão agrícola. Em sua resposta ao pavor à grande cidade que cresce de modo desmedido e desorganizado, e que se manifesta em *"the awfulness of London"* (o horror a Londres), Howard vê também a resposta para inúmeros outros problemas que afligiam a sociedade

de sua época. Refere-se então à chave mestra[1] que, ao abrir a porta, permitiria se lançar *"... um facho de luz nos problemas de intemperança, de trabalho excessivo, de ansiedade inquieta, de pobreza esmagadora ..." (op.cit., p.133).* E acrescenta que tais problemas constituem não apenas os limites da ação governamental, mas também um obstáculo nas relações do homem com o *"Poder Supremo"*, reiterando a dimensão religiosa que impregna sua proposta de cidade-jardim, concebida como uma *"Nova Jerusalém"*.

A esse respeito, façamos aqui um breve parênteses, pois a religiosidade presente em inúmeros aspectos de sua vida e personalidade, ressaltada por Beevers *(1988)* em sua biografia sobre Howard, também comparece em nosso personagem principal, o Arq. Barry Parker, um quaker. O pacifismo dessa corrente religiosa - e esta é uma hipótese meramente especulativa que lançamos, sem podermos comprová-la - talvez tenha sido responsável pela sua saída da Europa por ocasião da Primeira Grande Guerra, e sua permanência no Brasil até o término do conflito, quando só então retorna à Inglaterra. Por outro lado, a austeridade da arquitetura das suas casas - que será discutida no final deste capítulo e também no capítulo 4 -, não se separa dos princípios de vida simples e parcimoniosa dos membros da *"Society of Friends"*, ou, como também foram chamados, *"Friends of Truth"* e *"Children of Light"*, antes de serem conhecidos por *"Quakers"*, expressão que queria indicar o tremor que suas palavras provocavam. Seus vínculos religiosos também esclarecem seu trabalho para a vila fabril de *Earswick*, que Parker elabora em 1901, e depois para *New Earswick*, nos anos 1920, procurando a forma urbana que expressasse o espírito da fraternidade humana e atendesse os apelos de justiça social, proclamados pelo bem sucedido fabricante de chocolates, o também quaker Joseph Rowntree (1836-1925).

Voltando à proposta de cidade-jardim de Howard, o que ele destacava era como levar as pessoas de volta ao campo. Descartando buscar as causas do fenômeno migratório campo-cidade, observava apenas que, sejam elas quais forem, podiam ser resumidas a atrativos, passando a considerar cada cidade como um imã e as pessoas como alfinetes. Daí sua solução constituir-se em oferecer uma outra atração, vale dizer, conforme sua metáfora, criar um imã que contivesse os aspectos positivos do campo associados aos da cidade, como indica no diagrama "Os três imãs" (fig.1.11). A identificação da cidade-jardim como um imã alternativo ao "imã-cidade" e ao "imã-campo", reunindo em si os atributos positivos de ambos, foi um dos aspectos fortes da teoria howardiana devido à sua importância ideológica e eficácia propagandística, ainda que outras propostas preconizassem o mesmo ideal, algumas das quais o influenciaram profundamente, como as de Piotr Kropotkin (1842-1921), cujo livro *Fields, Factories and Workshops (1974)*, publicado em Londres alguns meses antes do de Howard, fora por este mencionado.

O sub-título do livro de Kropotkin é *"indústria combinada com agricultura e trabalho intelectual com trabalho manual"* e nele a tese principal defendida pelo célebre anarquista é a da descentralização da indústria e da viabilidade econômico-social da pequena indústria, bem como da aldeia industrial, temas caros ao ideário do movimento pela cidade-jardim. Revelam-se aí as aproximações entre as concepções reformistas de Howard e de Kropotkin, em especial no que se refere à forma de propriedade cooperativa dos meios de produção, dentre os quais o solo urbano. A difusão da idéia de um habitat cooperativo no imaginário de parcelas significativas da classe trabalhadora semi-especializada emergente na Europa, em fins do século XIX, no bojo dos movimentos socialistas, anarquistas e cooperativistas do período, marcará também a proposta de Howard. Peter Hall, ao apontar a influência dos anarquistas na cultura urbanística da virada do século XIX para o XX, observa que *"a visão desses pioneiros anarquistas não era simplesmente uma forma construída alternativa, mas uma sociedade alternativa, nem capitalista tampouco burocrático-socialista: uma sociedade baseada na cooperação voluntária entre homens e mulheres, trabalhando e vivendo em pequenas comunidades auto suficientes" (1988, p.3).* Podemos perceber inúmeras aproximações entre as concepções reformistas de Kropotkin e Howard, tanto na forma de propriedade cooperativa do solo urbano, quanto na gestão comunitária de assentamentos habitacionais. Elas nos indicam a migração de idéias da teoria política para a teoria do urbanismo, no âmbito de um vigoroso movimento social de reforma do habitat e da vida cotidiana.

Mas, além do ideal utópico que a concepção de cidade-jardim de Howard encerrava, preconizando o equilíbrio entre campo e cidade e uma vida comunitária, a atenção dada por ele aos aspectos econômicos e administrativos para a implantação de sua proposta, sugerindo formas específicas de propriedade fundiária e de gestão do assentamento, foi provavelmente uma das causas responsáveis por suas inúmeras adequações em condições históricas distintas, conferindo um caráter marcadamente pragmático em sua teoria. Um argumento favorável nesse sentido nos é oferecido pelo próprio Howard em seu livro, o qual, menos que uma resposta à questão da forma urbana - até porque ele não se via como um *"town planner"* -, como a maior parte das propostas urbanísticas da virada do século, aponta os meios para a viabilização financeira da cidade-jardim, dedicando a maioria dos capítulos à apresentação das fontes de renda que garantiriam sua manutenção adequada.

No que se refere às características técnicas do tipo cidade-jardim, enquanto forma de assentamento habitacional que privilegia a baixa densidade de ocupação e a horizontalidade da trama urbana, reafirma-se a noção de cidade como maquinaria de conforto *(Beguin:1981)*, mas para o atendimento das necessidades coletivas, como no caso dos serviços de saneamento, prega-se uma auto-suficiência local que já anunciava a idéia de sustentabilidade da comunidade. Mesmo que, em muitos dos

empreendimentos inspirados no modelo *"garden city"*, a autonomia não tivesse sido alcançada a nível do conjunto da cidade, ou mesmo no âmbito da produção dos serviços urbanos básicos, procurou-se garantir a gestão comunitária dos bens e serviços comuns do assentamento, ou ao menos uma legislação edilícia própria.

De qualquer modo, parece-nos uma hipótese razoável a de que a realização e sucesso de inúmeras experiências segundo o tipo cidade-jardim, principalmente na Inglaterra, mas também em outros países europeus, deveu-se exatamente à busca de auto-suficiência econômica - ainda que esta jamais tenha sido obtida de modo pleno, como revelam as histórias de *Letchworth* ou *Welwyn Garden City*.

Sobre a forma da propriedade fundiária, Howard afirma no capítulo de seu livro onde trata da obtenção das rendas da cidade-jardim: *"Um dos principais traços característicos da Cidade-Jardim, em relação a outras municipalidades, é que seu método para aumentar suas rendas baseia-se inteiramente nos aluguéis, e um dos objetivos deste livro está em demonstrar que os aluguéis procedentes dos distintos usuários da propriedade serão, de longe, suficientes, se forem pagos aos cofres da Cidade-Jardim (op.cit., p.142)*. Um pouco mais adiante, Howard esclarece ainda melhor sua proposta, ao sugerir que a terra fique em nome de alguns fiadores que a administrariam em benefício da comunidade, *"de modo que o incremento de valor que gradualmente se cria passe à propriedade da municipalidade" (op.cit., p.143)*. O que se destaca nessas formulações de Howard, as quais ele detalhará nos capítulos seguintes, é a forma comunitária e cooperativa da propriedade fundiária, segundo uma fórmula que se aproxima da propriedade condominial vigente ainda hoje em inúmeros assentamentos residenciais. É possível, pois, perceber em sua proposta a presença do mecanismo conhecido por *"leasehold system"*, onde juntam-se, no mesmo empreendimento, proprietário e promotor imobiliário, e que foi utilizado nos loteamentos de áreas da Coroa desde o fim do século XVIII, revelando o impulso empreendedor e especulativo da nobreza inglesa.

Por outro lado, ainda que adotando a forma radioconcêntrica em seu esquema de cidade-jardim (figs.1.12 e 1.13), Howard não deixa de levar em conta a rede ferroviária como elemento determinante na estruturação do território, incorporando tal meio de transporte no modo como articula as diversas cidades-jardins em nível regional (fig.1.14). Soria y Mata (1844-1920), antecipando em alguns anos a formulação de Howard, propõe a cidade linear (figs.1.15 e 1.16) como solução para o crescimento das cidades apoiando-se também na ferrovia. Embora sua concepção preconize uma interação entre campo e cidade, não encontrará um destino tão bem sucedido quanto o de Howard. Em artigo para a Revista *"La Ciudad Lineal"*, em 20 de setembro de 1904, Soria y Mata critica a cidade-jardim inglesa, reclamando a originalidade e pioneirismo de sua concepção. Apesar da difusão posterior de sua proposta, como nos mostrou Collins *(1959)*, as críticas de Mata continham certo despeito frente às dificuldades que

enfrentava para realizar suas idéias em Madri.

De qualquer modo, se na Inglaterra ainda com os ares do período vitoriano encontraremos a manifestação mais fecunda da tradição urbanística da cidade-jardim, é preciso lembrar que na Barcelona de Ildefonso Cerdà (1815-1876), que desenvolve três planos para a expansão da cidade (fig.1.17), entre 1855 e 1863, assim como na proposta de *"Ciudad Lineal"* de Soria y Mata, também nos deparamos com distintas concepções de cidade-jardim.

Do ponto de vista teórico, o urbanismo moderno já vinha se constituindo como disciplina desde a publicação, em 1867, por Cerdà, de sua *"Teoria General de la Urbanización" (1968)*. Se o termo urbanismo ainda não havia sido cunhado - o que só acontecerá, com o francês *"urbanisme"*, em 1910 - Cerdà já demarcava seu campo de reflexão e intervenção, qual seja, a urbanização enquanto um processo que se desenvolve historicamente. Ao lado do caráter claramente evolutivo que Cerdà atribui a esse processo, destaca-se o que ele considera o fator responsável pelas transformações do urbano, vale dizer, os meios de transporte.

O fascínio de Cerdà pelo trem movido a vapor, além da sedução pela máquina, anunciava a paixão moderna pelas altas velocidades, o despertar de um novo sentido, de ordem cinestésica, mas também estética, diretamente vinculado ao deslocamento do corpo em velocidades acima dos limites humanos, provocando a sublime sensação de perceber a paisagem se deslocando velozmente, bem como a do perigo frente a um eventual acidente. O impacto e a absorção pela cidade dos novos meios de locomoção foi o principal objeto de estudo de Cerdà, daí seu interesse específico sobre o traçado das vias de circulação, como revela em um trecho de sua *"Memoria del anteproyecto de reforma interior de Madrid"*, publicada ainda em 1863, denominado *"A via" (1993)*. Pelo modo como concebe as relações entre espaço público e espaço privado, que também será um tema fundamental nas propostas de cidades-jardins, vejamos mais de perto suas formulações a respeito.

Cerdà pergunta: o que é a via ? Embora lembrando que esta é referida na linguagem comum como *"via pública"*, ressaltando seu caráter de espaço de uso público, afirma ser *"ao mesmo tempo, um verdadeiro e adequado pátio para as casas que lhe dão frente". (op.cit., p.25)*. Pois, para Cerdà, a rua, antes de se tornar pública, foi um espaço para fins privados, proporcionando *"serviços sem os quais teria sido absolutamente impossível que pudesse existir a casa, enquanto morada do homem" (id.ibid.)*. A dimensão de *locus* de publicidade dos cidadãos, espaço onde acontece a vida pública, ao mesmo tempo que espaço de uso coletivo, portanto, democrático, para Cerdà é resultado de uma apropriação privada. Historicizando a rua, Cerdà quer também resgatar uma dimensão encoberta desse espaço, suas funções privadas, mas sobretudo apontar o vínculo estreito entre casa e rua, *"e que dessas duas inicia-se a formação de uma entidade particular que não compromete de fato a circulação" (op.cit., p.26)*.

Considerando assim que as vias de uma cidade devem ser tomadas *"sob o duplo aspecto de pátio e anti-pátio da casa e de via pública"* (*id.ibid.*), Cerdà destaca as seguintes características comuns a qualquer via: direção, largura, comprimento, declividade, secção transversal, pavimentação e sub-solo, céu da rua, bifurcações e cruzamentos, elementos complementares da vialidade urbana, passando a discutir cada uma delas. Acompanhar seu raciocínio permite desvendarmos seus principais conceitos urbanísticos, bem como os sentidos de suas proposições, inclusive seus planos para Barcelona, anteriores a tais formulações teóricas.

Para Cerdà *"a circulação é a vida de uma cidade" (op.cit., p.29)*, e nessa medida atribui como característica principal das cidades antigas a preservação da direção das vias pré-existentes, sem recomendar intervenções como as de Haussmann que, na mesma época, modificava o traçado da Paris medieval. Seu plano para Barcelona já anunciava a ênfase na questão da circulação urbana, mas não apenas a dos veículos, pois o pedestre também era considerado em sua proposta de quarteirões abertos ocupados por áreas verdes, além de inserir um imenso parque na cidade que não viria a ser implantado.

Além de Cerdà e Mata, na tradição hispânica de construção das cidades, que teriam antecipado a formulação de cidade-jardim de Howard, encontraremos também nos EUA, com Frederick Law Olmsted (1822-1903), formulações teóricas a respeito da metrópole que se aproximam das de Howard. As idéias e realizações de Olmsted adquirem um interesse especial tendo em vista o fato de que Howard, ainda moço, empreenderá uma viagem aos EUA que o marcará profundamente. Estabelecendo-se em Chicago, que antes do incêndio que a destruiria parcialmente em fins do século; era conhecida por *"Garden City"*, Howard provavelmente conheceu o subúrbio-jardim de *Riverside*, localizado nos arredores da cidade, projetado por Olmsted e seu sócio, Calvert Vaux (1824-1895). É possível que a implantação no esquema de cidade-jardim de Howard de um *Central Park* também tenha a ver com o *Central Park* que Olmsted e Vaux haviam projetado e implantado em Nova York, ainda nos anos 1860. Por outro lado, a estadia de Howard nos EUA o levou a conhecer a obra de Edward Bellamy, *Looking Backward 2000-1887 (1951)*, publicada em 1887, que já continha vários aspectos da proposta de cidade-jardim na utopia que formulara para a Cidade de Boston, e que havia sido um *best-seller* na sua época.

A concepção de subúrbio-jardim de Olmsted é bastante influenciada pelas primeiras realizações do tipo na Inglaterra, em especial pelo projeto de Birkenhead (fig.1.18), de Sir Joseph Paxton (1803-1865), em Liverpool, que ele visitara em sua viagem à Inglaterra e que muito o impressionara. Olmsted preconiza a construção de uma paisagem saneada, revelando a influência do movimento de reforma sanitária. Sua noção de salubridade, entretanto, tem um caráter ético, pois se trata de uma manifestação de civilização da sociedade. Ao descrever os efeitos do ambiente Olmsted emprega termos como

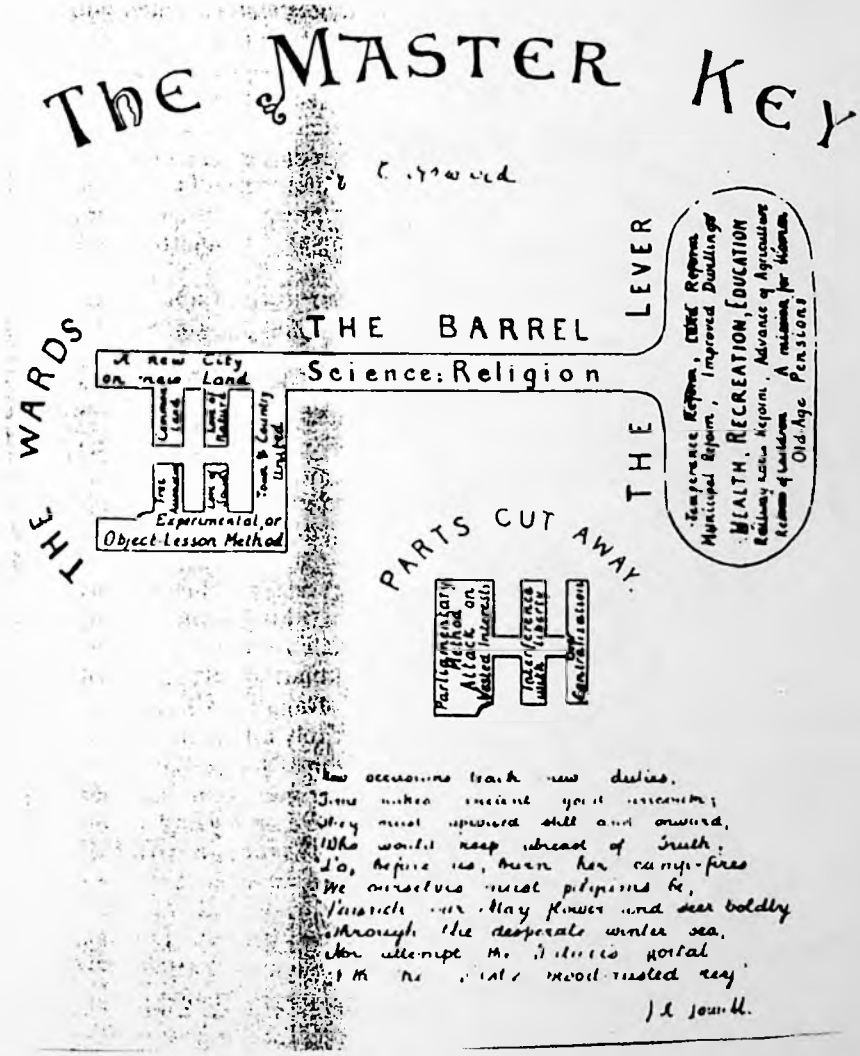
"sanative" (saudável) e *"restoring"* (restaurador) e fala de seus parques como *"instituições sanitárias" (Beveridge e Rocheleau:1995, p.34)*. Nota-se em suas idéias a perspectiva de construção de uma metrópole controlada, a qual, como a *"garden city"* de Howard, procurava conciliar os atributos positivos da cidade com aqueles do campo, em que o parque - como o *Central Park* que projeta para Nova York (fig.1.19) - ou o subúrbio - como o projeto de Riverside, em Chicago (fig.1.20), seriam os meios utilizados. Um outro aspecto das propostas de Olmsted que deve ser destacado é o da idéia de *"park-way"*, que ele aplica pioneiramente em Chicago, como meio de comunicação entre *Riverside* e o centro da cidade (fig.1.21), e que também será incorporada por Howard em seu esquema de cidade-jardim, bem como por Barry Parker em algumas de suas propostas, inclusive naquela que desenvolve para a Cidade de São Paulo, como veremos no capítulo 3.

No seu *"Preliminary Report Upon the Proposed Suburban Village at Riverside, near Chicago" (Schuyler e Turner, eds.:1992, pp.273-290)*, enviado por Olmsted em setembro de 1868 para a *"Riverside Improvement Company"* (Companhia de Melhoramentos *Riverside*), Olmsted tece as seguintes considerações. Em primeiro lugar, a de que diversos fatores, entre eles a rapidez com que a Cidade de Chicago estava crescendo, apontam para uma demanda futura exclusivamente para fins urbanos, e com nenhuma atenção para a satisfação de gostos rurais; desse modo, *"a cidade, até agora, não tem verdadeiros subúrbios ou bairros nos quais benefícios urbanos e rurais estejam agradavelmente combinados com alguma perspectiva de longa duração." (op.cit., p.273)*. Em segundo lugar, Olmsted destaca o interesse em colocar no mercado loteamentos com as vantagens dos subúrbios residenciais, afirmando que havia uma demanda para tal e que esta aumentaria com o progresso da população da cidade. Aponta, nesse sentido, para o fato de que a companhia já assegurara uma grande quantidade de terras, as quais, mais que quaisquer outras, apresentavam vantagens naturais para aquele propósito. E comenta que se esses benefícios pudessem ser desenvolvidos ao máximo, então um bom retorno seria esperado. As semelhanças aqui com os empreendimentos da Companhia *City*, em São Paulo, que atuaria numa mesma perspectiva são significativas.

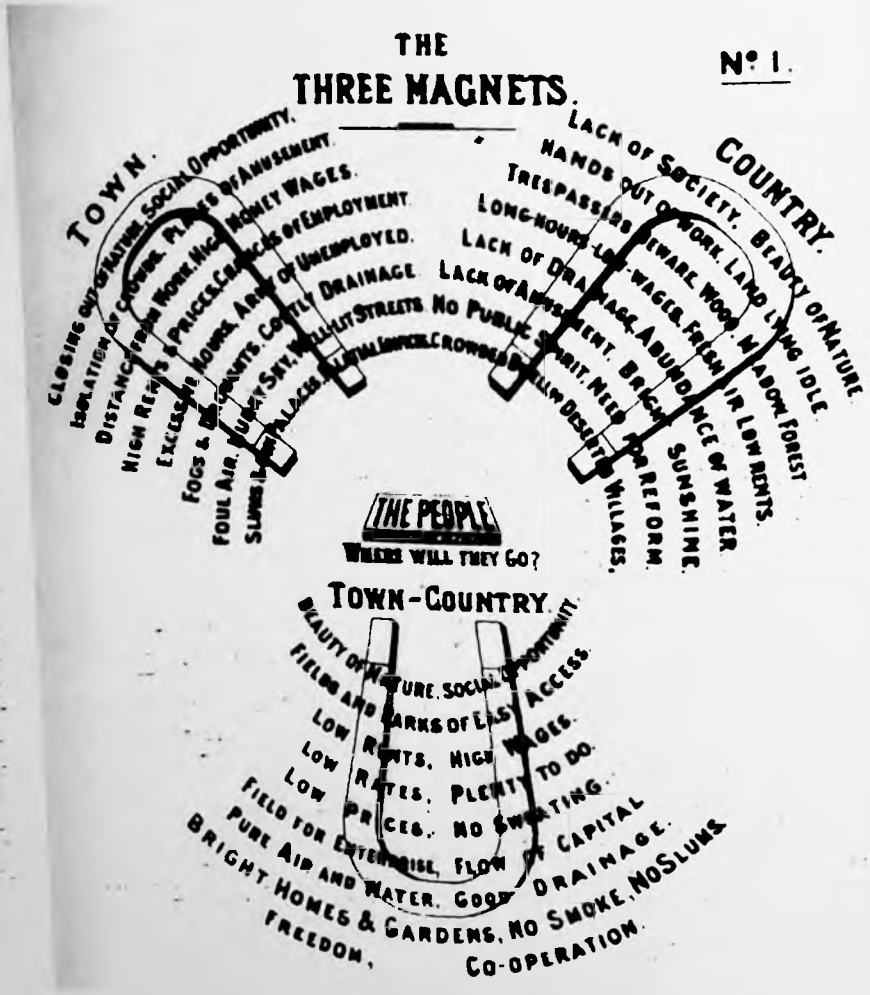
Em seguida, Olmsted busca *"entender as características da provável demanda por residências semi-rurais próximas de Chicago" (op.cit., p.274)*, afirmando que *"se deve considerar que a característica mais proeminente do presente período de civilização foi a forte tendência do povo em concentrar-se em grandes cidades. Esta tendência, inquestionavelmente, é concorrente, e provavelmente idêntica, a um igualmente sem precedentes movimento de invenção, energia e perícia, através da produção de certos tipos de comodidades e luxos, os quais, quase sempre, podem geralmente ser totalmente satisfeitos por grande número de pessoas apenas nas grandes cidades" (id.ibid)*. Prossegue, observando que um número cada vez maior de pessoas, inclusive famílias

dispondo de recursos moderados, estão tendo acesso a tais benefícios, que progridem rapidamente. No que se refere ao movimento de populações, chama a atenção para os sintomas de uma mudança que estaria ocorrendo, sobretudo entre as classes mais inteligentes e mais abastadas, de Paris, Londres, Viena, Berlim, Nova Iorque, Boston e Filadélfia. *"A mais substancial manifestação disso talvez se encontre na grande valorização de terrenos reservados para moradia próximos de parques públicos, e em todas localidades com muita beleza natural a algumas horas de distância de qualquer grande cidade" (id.ibid).* E por fim, aponta, como outra evidência da mesma tendência *"a constante modificação que tem ocorrido no modo de se traçar todas as extensões de cidades, e que é invariavelmente no sentido de separar ruas de negócios de ruas de moradias, estas através de uma espacialidade rural (rural spaciousness)" (id.ibid).*

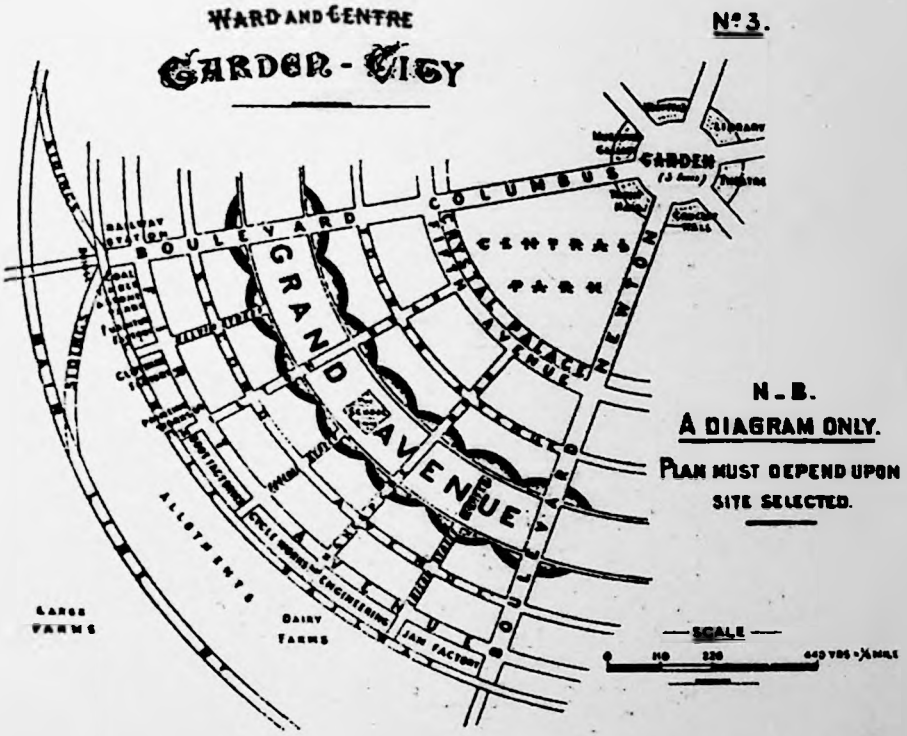
Além das concepções e propostas indicadas acima, a cidade-jardim de Howard também foi influenciada por outras realizações inglesas do século XIX, tais como as cidades-fabris de *Port Sunlight* (fig.1.22), de 1888, *Bournville* (fig.1.23), de 1897, passando pelos primeiros bairros-jardins ou loteamentos ("estates") residenciais, como o *Regent Park* (fig.1.24), de 1810-23, projetado por John Nash, e *Bedford Park* (fig.1.25), de 1875-81, projetado por Maurice B. Adams. Mas vejamos em seguida como a proposta de Howard se difundiu no bojo de um amplo e forte movimento que denominamos a "Internacional Cidade-Jardim", para o qual a contribuição de Parker, inclusive sua atuação no Brasil, foi decisiva.



| Fig. 1.10| Howard, a chave-mestra



| Fig. 1.11| Howard, os Três Imãs



| Fig. 1.12| Howard, Distrito e centro da Cidade-Jardim

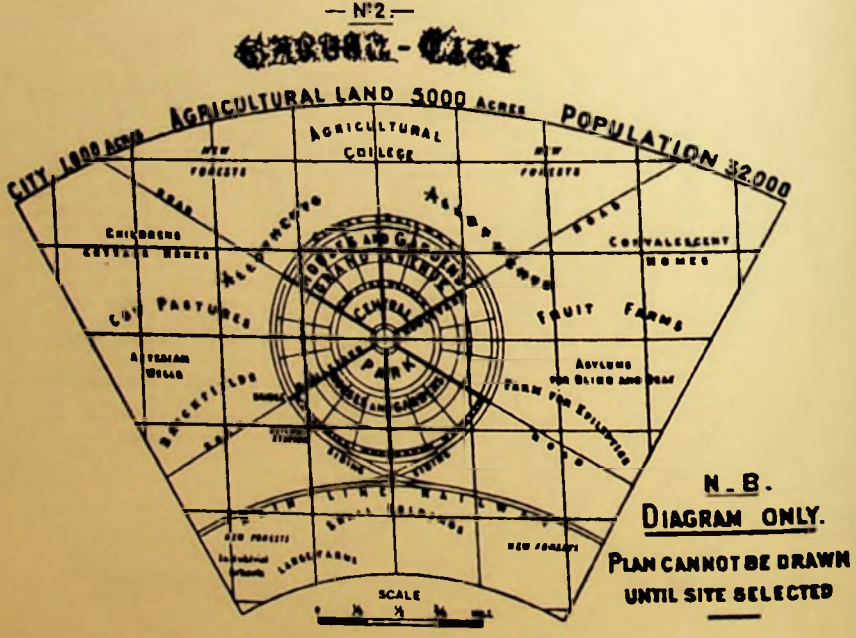
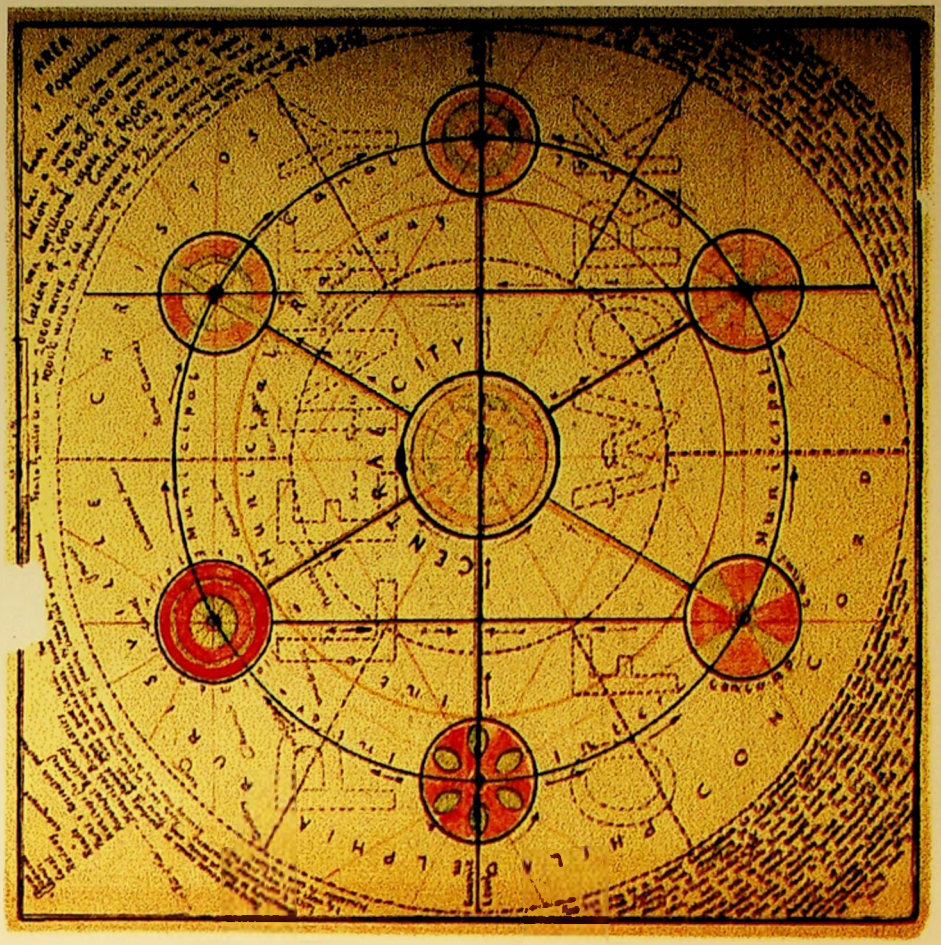


Fig. 1.13 Howard, a Cidade-Jardim e seu entorno rural

O movimento pela cidade-jardim e as propostas do Arq. Barry Parker (1896-1916)



|Fig. 1.14| esquema da cidade-jardim com suas cidades satélites.

| Fig. 1.15 | Soria y Mata, Cidade Linear

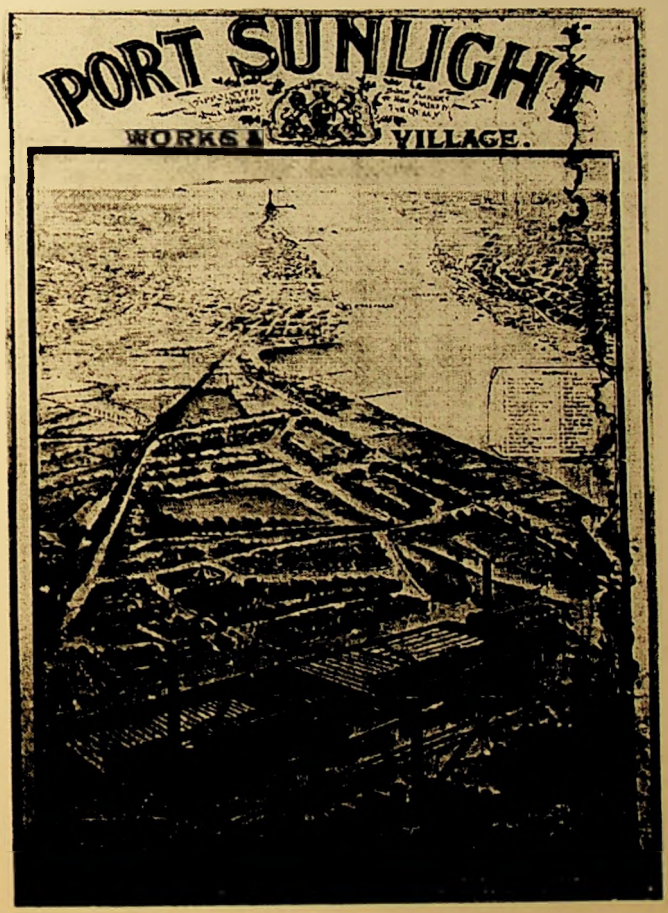
| Fig. 1.16| Soria y Mata, Cidade Linear

Central Park

| Fig. 1.19| Olmsted e Vox, Central Park

| Fig. 1.20 | Olmsted e Vox, subúrbio jardim de Riverside, Chicago

| Fig. 1.21| Parkway ligando Riverside a Chigago



| Fig. 1.22| Cidade fabril de Port-Sunlight

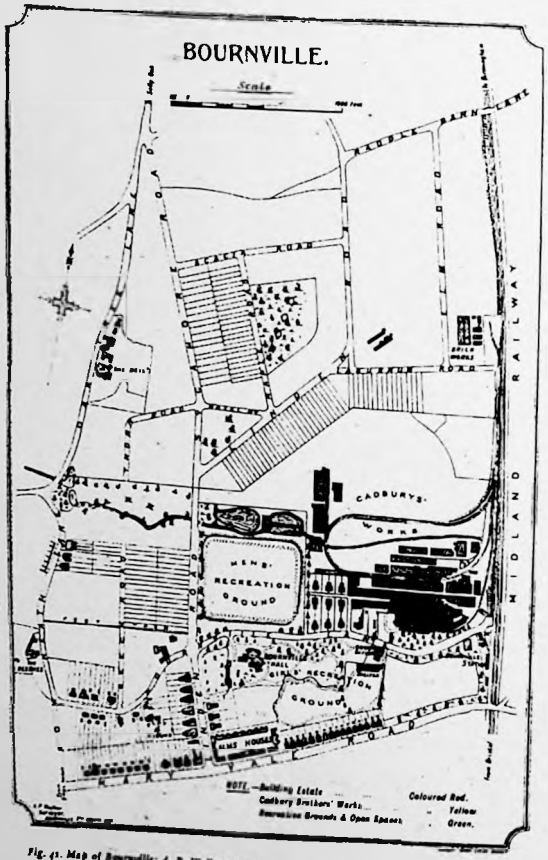


Fig. 41. Map of Bournville; A. P. Walker, 1897. The original twenty-four tunnel-back houses for overseers are at lower left, facing Linden Road.

Fig. 1.23| cidade-jardim de Bournville

| Fig. 1.24| John Nash, Regent Park e Regent street

O movimento pela cidade-jardim e as propostas do Arq. Barry Parker (1896-1916)

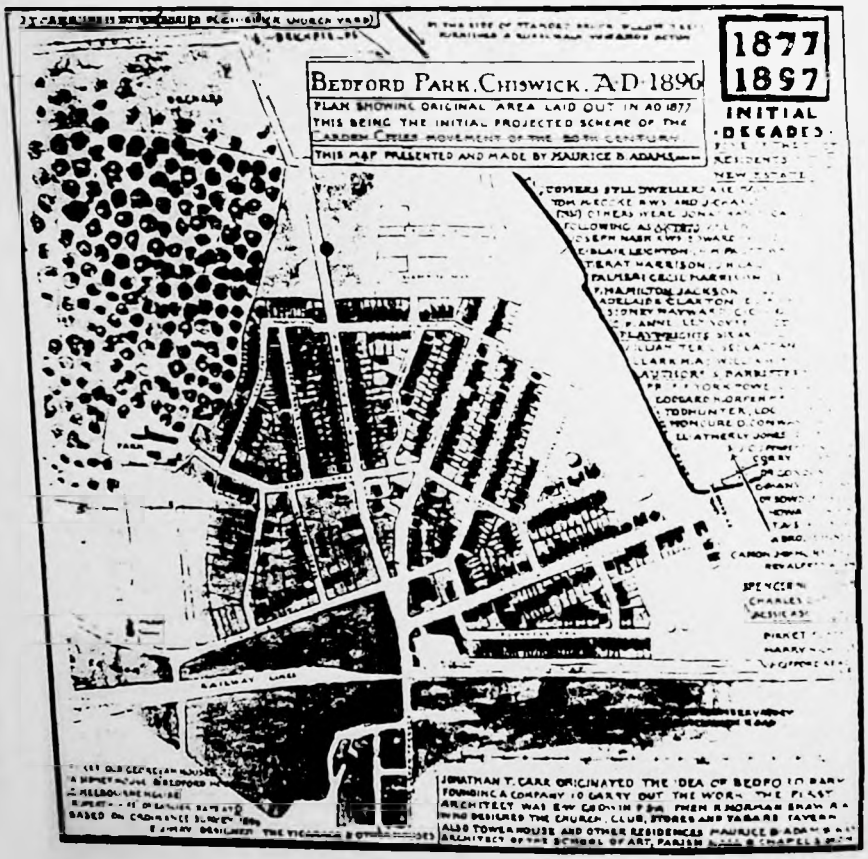


Fig. 33. Plan of Bedford Park, Chiswick; Maurice B. Adams, 1896.

| Fig. 1.25| Bedford Park, Chiswick

1.3 a "internacional cidade-jardim"

O título do livro de Howard, quando publicado em Londres em 1898, era *To-morrow: a peaceful path to real reform* (*Amanhã: um caminho pacífico para uma verdadeira reforma*). A palavra inglesa, hoje fora de uso, "morrow", significa "amanhã". Assim, *"to-morrow"*, como grafa Howard, poderia ser traduzido por *"para o amanhã"*, isto é, em direção ao futuro, reforçando o caráter prospectivo de seu livro. Howard insiste na grafia *"To-morrow"*, mantendo-a no novo título da segunda edição, *Garden-Cities of To-morrow* (*Cidades-jardim de amanhã*). Por outro lado, é curioso observar como o próprio termo *"garden city"* aparece pouco ao longo do texto de Howard, embora seja o termo forte do título definitivo e o que cunhou definitivamente sua proposta urbanística. Na introdução em que aproveita o fenômeno do magnetismo como metáfora explicativa das grandes cidades, a expressão não é mencionada sequer uma vez, sendo o imã que corresponderá à concepção de cidade-jardim denominado a partir da simples junção das palavras cidade e campo - *"town-country"*. Note-se também no primeiro título do livro o emprego da expressão *"um caminho pacífico para uma verdadeira reforma"* (*"real"*, aqui, enfatizando o caráter pragmático, isto é, não ideal, da proposta), onde Howard deixa claro, desde o início, seu método e fim reformista. A supressão da expressão, a partir da edição de 1902 - que foi a edição que difundiu a obra fora da Inglaterra - parece ter subordinado os vínculos ideológicos com uma tradição reformista

à forma arquetípica de um novo tipo de habitat, a *"garden city"*. Lembremos, entretanto, que algumas de suas manifestações concretas, ao longo do processo de construção da cidade moderna e por conta de sua polissemia, implicaram na perda de seu conteúdo reformista original.

De qualquer modo, a alteração do título da obra veio na esteira da ampla aceitação e rápida difusão de suas idéias. Apenas um ano após a primeira edição já era criada a *Garden City Association*, e em 1903 iniciava-se a construção de *Letchworth* (figs. 1.26 e 1.27), a primeira cidade-jardim nos arredores londrinos, desenhada pelos arquitetos Barry Parker e Raymond Unwin, tendo a atuação de Howard sido decisiva para a realização do empreendimento. Tal sucesso e subsequente internacionalização de uma entre inúmeras outras formulações sobre as cidades, suas formas e modos de vida associados, exigem que nos debrucemos sobre os fatores que os produziram, no âmbito da cultura urbanística *(Piccinato:1974)* de sua época.

De certo modo, com o livro de Howard parece ter ocorrido o mesmo que Camillo Sitte (1843-1904) observara modestamente em relação à excelente repercussão de sua obra entre "colegas profissionais de primeira ordem", no pequeno prefácio à terceira edição de *Der Städtebau*, escrito em agosto de 1900: *"... uma obra literária só pode surtir tal efeito se toda a questão, por assim dizer, já estiver no ar." (Sitte:1992, p.13)*. De fato, também com Howard, suas idéias estavam no ar londrino e de outras cidades que viviam as bruscas transformações promovidas pela revolução industrial. Entretanto, diferentemente dos princípios de Sitte que só podiam ser aplicados por um artista, isto é, o arquiteto responsável pela construção da cidade, as propostas de Howard serão acolhidas e implementadas por filantropos, cidadãos com idéias socialistas ou fabianos, e também profissionais especialistas.

Mas, sem dúvida, podemos afirmar que, além do livro de Howard, apenas o de Sitte, publicado nove anos antes de *To-morrow*..., exerceu uma influência tão grande nas realizações urbanísticas das três primeiras décadas do século XX. Se a obra de Howard fornecia a chave para a reforma das cidades, e por extensão também da sociedade, Sitte com sua teoria estética sobre a construção de cidades buscava, como o sub-título de seu livro indica, contribuir para a *"resolução das questões modernas da arquitetura e da plástica monumental..."*, embora Schorske aponte no arquiteto vienense *"a convicção profunda de que o 'artístico' e o 'moderno' eram, de certa forma, termos antitéticos" (1988, p.80)*, o que pode ser questionado se atentarmos para o sub-título mencionado.

A adoção dos princípios sitteanos muitas vezes implicava apenas em uma opção estética que resultava em traçados marcados pela sinuosidade das ruas, que foi uma das características formais predominantes nos planos de novas áreas de expansão urbana, ou de cidades novas, no início do século, na Europa e também nos EUA, e que adentraria a cultura urbanística no Brasil através dos bairros projetados por Barry Parker, como

veremos no capítulo 3. Em outros projetos de filiação sitteana - como os de Unwin - tratava-se de obter um agenciamento dos espaços públicos que recuperasse neles o caráter de *loci* de sociabilidade. Através da criação de espaços hípetros, coesos, interiorizados, em uma escala não monumental, afastados da circulação de veículos, e concebidos enquanto obra arquitetônica, buscava-se recuperar um espírito comunitário que o mundo industrial havia sufocado.

Em uma paisagem urbana pinturesca, a teoria estética sitteana de certo modo pressupunha uma cidade de proprietários, que se confundiam com a burguesia liberal vienense que havia promovido o *"Ringstrassenstil"*. Como observou Schorske, Sitte *"criaria praças, ilhas de comunidade humana em meio ao oceano gelado do espaço dominado pelo tráfego" (op.cit., p.:81). "Ilhas de comunidade humana"* junto à *Ringstrasse*, é claro, portanto, em pleno centro da cidade. Com a crise da habitação para as classes populares, tema sequer mencionado por Sitte, a questão dos espaços centrais dividirá a atenção dos poderes públicos. No entanto, as *"höfes"* construídas durante o período da Viena vermelha, entre 1919 e 1933, embora reafirmem, com o emprego do pátio (*"Hof"*, em alemão, que deu nome ao tipo de residência coletiva que mais se construiu então na cidade), o princípio sitteano de espaço hípetro, e no caso de algumas delas, permeável aos fluxos da cidade, vão responder de uma outra maneira ao espírito comunitário reclamado por Sitte, como mostrou Tafuri *(1980)*.

Procurando resgatar a forma clássica do fórum romano, Sitte pretendia também reagir ao esvaziamento dos espaços públicos modernos, recuperando a qualidade arquitetônica das praças das cidades pré-industriais, e não das ruas, ou avenidas, espaços urbanos sobre os quais ele quase não fala, pelo menos na versão original de seu livro. Suas lembranças, portanto, não eram apenas, e nem talvez em primeiro lugar, as da comuna medieval, como sugere a tradução francesa de Camille Martin, mas também as da ágora do mundo clássico, como pode se depreender de sua observação: *"Nas cidades antigas, as praças principais eram uma necessidade vital de primeira grandeza, na medida em que ali tinha lugar uma grande parte da vida pública, que hoje ocupa espaços fechados, em vez das praças abertas." (Sitte: op.cit., p.17)*.

Mas se havia claros pressupostos ideológicos nas concepções sitteanas, seus princípios não ofereciam uma resposta mais geral à questão do crescimento das cidades e, menos ainda, à questão do planejamento urbano em uma escala regional. Ainda que reconhecendo a importância dos avanços da tecnologia moderna para a melhoria de vida nas cidades, elogiando com destaque as obras de saneamento, e também se referindo às novas exigências da circulação, o livro de Sitte passa ao largo da incorporação desses novos meios tecnológicos no processo de construção das cidades. De certo modo, sua ênfase nos aspectos plásticos do urbanismo, sua valorização da cidade como arquitetura, levam-no a cair em um formalismo excessivo, que não dará conta dos processos de transformação mais radical da cidade, então em curso. Talvez

isso o torne responsável pelas inúmeras respostas românticas à busca de uma nova forma urbana, que muitas vezes, como nos casos dos empreendimentos da Companhia *City* em São Paulo que analisaremos, visavam menos o resgate de um espírito comunitário e mais seus lucros imobiliários. Claro que isto não invalida o pioneirismo de sua denúncia da morte da vida pública e de sua crítica radical à vacuidade e monumentalismo dos espaços modernistas. De qualquer modo, ao contrário de Howard, Sitte não apresentará uma proposta de reforma da sociedade, tampouco qualquer solução para se evitar o crescimento desmesurado das cidades.

Assim, o que se destaca no livro de Howard, em comparação com outros livros de urbanismo de sua época, é sua visão pragmática muito precisa, e que é, provavelmente, um dos principais fatores responsáveis pelo sucesso de suas idéias. Mais ainda, tal pragmatismo - mesmo quando não impregnado pelo ardor de sua retórica inflamada - permitiu a implementação de suas concepções em situações históricas muito diversas. Tal fato, por um lado, produzirá o que podemos chamar o primeiro movimento internacional no âmbito da urbanística moderna, antecipando em quase três décadas o movimento dos modernistas. Por outro lado, no processo de internacionalização da idéia de cidade-jardim esta adquirirá diferentes significados, conforme as condições históricas específicas de sua realização. Cidades novas, cidades satélites, subúrbios-jardins, ou simplesmente bairros-jardins, surgirão em países distintos, referindo-se à mesma concepção original de Howard, mas também descaracterizando-a em inúmeros aspectos.

Ao contrário da arquitetura e do urbanismo modernista que se internacionalizarão a partir dos anos 1920, marcados por soluções padronizadas onde a tônica foi o bloco isolado - isto é, o *"Hausblock"* contra o qual Sitte já se insurgira - a arquitetura e o desenho urbano tipo cidade-jardim, apesar da presença de inúmeras formas semelhantes, de composição urbanística tipicamente pinturescas, apresentarão uma diversidade de soluções bastante ampla, mas quase todas com uma implantação tipo enclave na trama urbana, ou peri-urbana. Tal variedade vai se manifestar nos inúmeros traçados de assentamentos residenciais em áreas de expansão de cidades européias no início do século, como *Hampstead* (figs.1.28 e 1.29), em 1907, também projetado por Parker & Unwin, *Hellerau* (figs.1.30, 1.31) e Milanino (figs.1.32 e 1.33), os primeiros subúrbios-jardins na Alemanha e na Itália, ambos de 1910, ou ainda *Falkenberg* (fig.1.34), em Berlim, projetado por Bruno Taut em 1913/14.

Nessa passagem da idéia de cidade-jardim para subúrbio-jardim, as formulações teóricas de Raymond Unwin em seu *Town Planning in Practice*, publicado em 1909, são fundamentais. Nelas encontraremos uma adequação dos princípios de Sitte, lidos a partir da versão francesa de Camille Martin *(1918)*, às novas exigências de expansão das cidades. Em sua tradução segundo uma leitura neo-medievalista das concepções sitteanas, Martin desloca a praça como espaço público privilegiado da cidade e a

substitui pela rua curva, que seria execrada pelos modernistas alinhados às idéias de Le Corbusier dos anos 1920[2]. Permite, dessa maneira, o deslocamento do interesse do urbanista, que passa das áreas centrais das cidades para suas áreas de expansão. Por outro lado, ao aplicar os princípios da cidade-jardim ao traçado de subúrbios-jardins (fig.1.35), Unwin possibilita uma incorporação ainda mais ampla do ideário de Howard. Entretanto, será por este criticado, que vê nessa passagem uma descaracterização de suas idéias, com a perda, sobretudo, do objetivo de auto-suficiência da cidade-jardim. Mas, se os urbanistas vinculados ao Movimento pela Cidade-Jardim incorporam as concepções estéticas de Sitte, reafirmando os princípios do pinturesco oriundos da tradição paisagística inglesa, Parker & Unwin adotam formas clássicas para o traçado de áreas centrais.

Na circulação das concepções do Movimento pela Cidade-Jardim entre Inglaterra e Alemanha o Arq. Hermann Muthesius desempenhou um papel fundamental. Após sua viagem à Inglaterra, na virada do século, enquanto representante do governo alemão, interessado nos avanços do *"design"* britânico, publica, entre 1903 e 1904, *A Casa Inglesa (1979)*, o primeiro amplo balanço da arquitetura *"Arts and Crafts"* que ali se produzia. Com seus inúmeros projetos de arquitetura para a alta burguesia berlinense, e também devido à sua atuação na criação da *Deutsche Werkbund*, Muthesius exerceu grande influência na cultura arquitetônica e urbanística na Alemanha das duas primeiras decadas do século XX. Vale lembrar, no entanto, que Parker e Unwin, já atuantes profissionalmente em fins do século, mas ainda sem terem adquirido um reconhecimento maior - que só acontecerá a partir da construção de *Letchworth* - não serão mencionados por Muthesius em seu livro.

A divulgação da idéia de cidade-jardim, bem como de concepções e propostas urbanisticas diversas, constituía em fins do século XIX um emergente campo cultural e profissional cujas principais manifestações preconizavam, desenhavam e promoviam profundas reformas da cidade, diretamente associadas a novas concepções de modos de vida, mas também novos modos de visibilidade. Nesse quadro merecem referência ainda dois outros urbanistas do início do século, também figuras de destaque na cultura urbanística moderna emergente, sobretudo do ponto de vista das suas contribuições teóricas para a internacionalização do Movimento pela Cidade- Jardim. Patrick Geddes, com sua perspectiva teórica inovadora, enfatizando uma visão regional do território, privilegia a história da cidade e introduz o *survey* como método urbanístico. Ao mesmo tempo que marca a urbanística das primeiras décadas com sua célebre exposição, em que ilustra o desenvolvimento histórico das cidades, e que ironicamente foi destruída durante a guerra, seu livro *Cidades em Evolução (1994)*, publicado em 1916, embora não possa ser considerado um manual, forneceria as bases teóricas que reforçariam os princípios do Movimento pela Cidade Jardim. Suas concepções urbanísticas são impregnadas de uma visão pedagógica que se realiza através da viagem e da construção

coletiva de um museu da cidade, que tem a forma arquitetônica de uma torre-observatório - como a *"Outlook Tower"* que constrói em Edimburgo -, onde a história desta é documentada e contada pelos e aos cidadãos.

Outro urbanista que destacamos é Werner Hegemann, economista alemão que dirige a Exposição Internacional de Urbanística realizada em Berlim em 1910 e em Düsseldorf em 1911-12, bem como organiza seu catálogo *(Calabi e Folin: 1975)*. Foi também, em conjunto com o arquiteto paisagista Elbert Peets, responsável por inúmeros planos para cidades dos EUA, entre os anos 1915-20. Ambos, com o livro que escrevem em conjunto, publicado em 1923, associando as tradições urbanísticas européias com as americanas, *The American Vitruvius (1989)*, terão uma importante contribuição na articulação teórica entre os princípios sitteanos de desenho urbano e as concepções de Howard e Unwin, aos quais incorporarão elementos da tradição paisagística norte-americana e, em particular, do Movimento *City Beautiful*.

Outro arquiteto importante para esclarecer a assimilação de elementos das propostas tipo "garden-city" pelos alemães foi Ernst May, que estagiou no escritório de Parker & Unwin e iniciou, sem chegar a concluir e publicar, a tradução do *Town Planning in Practice*. Sua *"siedlung"* em Frankfurt, *Römmerstadt* (fig.1.36), construída nos anos 1927-28, revela a clara influência dos princípios de traçado urbano preconizados por Unwin, mas com uma arquitetura residencial que incorpora o bloco de edifícios no lugar da casa isolada. Por um lado, May quer valorizar a paisagem local, garantindo a vista do vale do Rio Nida de todos os apartamentos, implantando seus blocos em níveis que acompanham a encosta, de outro, reafirma a concepção de um assentamento residencial fechado, um enclave na metrópole, isolando seus habitantes mas garantindo-lhes condições paisagísticas e ambientais satisfatórias. Ao longo do muro que cerca a *"siedlung"* May disporá pontos de observação, mas que também remetem a torres de defesa de um burgo medieval, cujo nome, entretanto, homenageia a cidade-mãe de uma tradição mais antiga, a Roma do mundo clássico. Em May de *Römmerstadt*, como em Parker&Unwin, elementos medievalistas e classicistas fundem-se em um mesmo desenho sem criar tensões, mas respondendo a demandas simbólicas diversas.

A ampla difusão da proposta de Howard também foi assinalada pelo surgimento de associações voltadas à construção de cidades-jardins em vários países, bem como pela fundação, nos anos vinte, da *International Garden City Association*, substituindo a *International Housing and Town Planning Federation*, reiterando a forte ressonância da idéia de cidade-jardim - sobretudo em sua versão anglo-saxônica - que caracterizou a história do urbanismo moderno até os dias atuais. É assim que encontraremos, ao longo das décadas de 1910 e 1920, cidades e subúrbios-jardins sendo desenvolvidas em quase todos os continentes. O próprio Howard, em 1918, construirá sua segunda cidade-jardim, *Welwyn Garden City* (fig.1.37), agora com projeto de Louis de Soissons. E até no Japão, em 1918, é construída a *den-en toshi* (cidade-jardim) de *Tamagawadai*

(fig.1.38), com os princípios de Unwin sendo incorporados por alguns de seus principais urbanistas, como Yoshikazu Uchida (fig.1.39) *(Ward, ed.:1992, pp.69-87)*. Além delas, encontraremos elementos do ideário howardiano em inúmeros outros empreendimentos, sobretudo na Europa (figs.1.40 e 1.41), mas também nos EUA, como *Radburn*, projetado por Clarence Stein em fins dos anos vinte (figs.1.42 e 1.43).

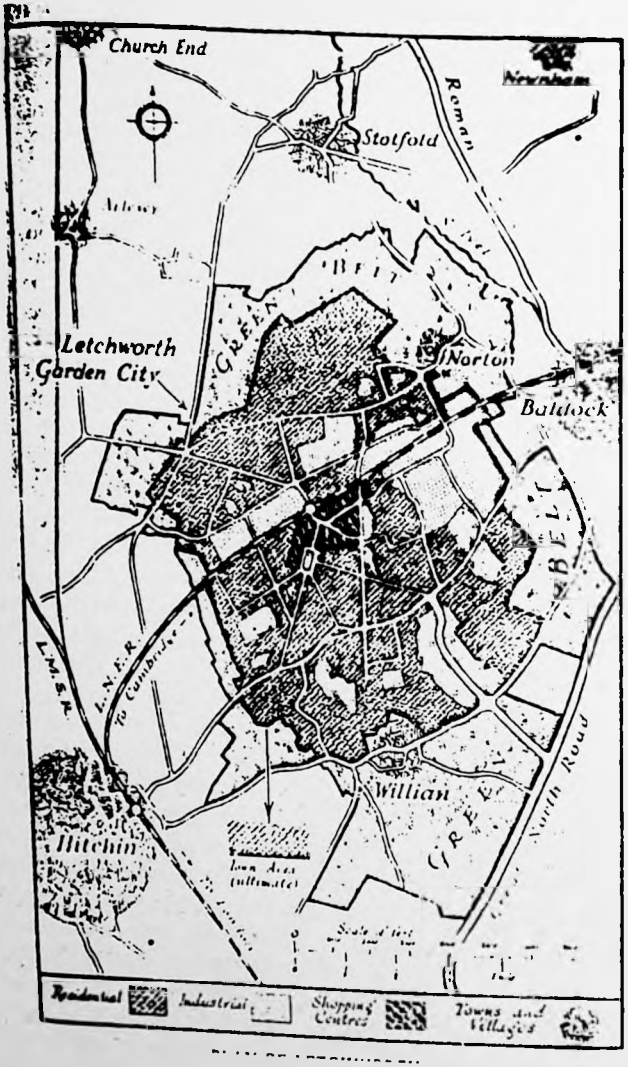


Fig. 1.26 Parker & Unwin, plano de Letchworth

| Fig. 1.27| A estação ferroviária de Letchworth em 1910

| Fig. 1.28| Parker & Unwin, plano de Hampstead

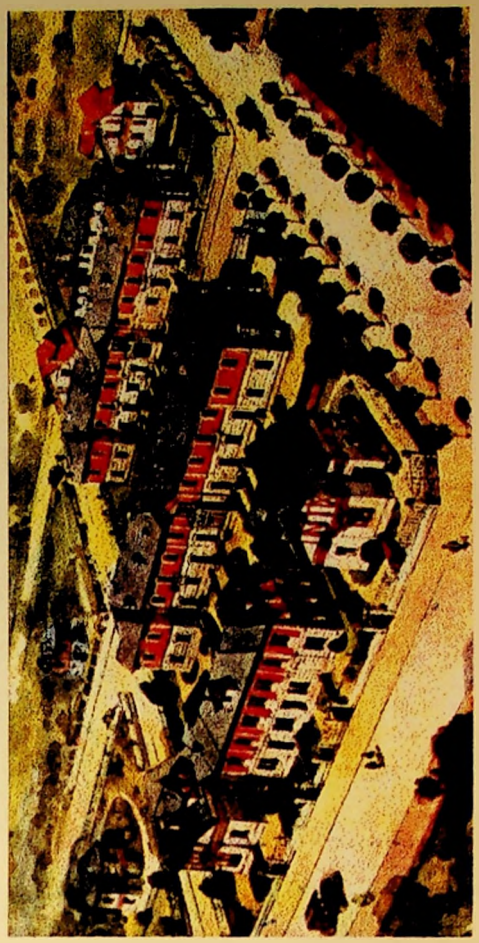
| Fig. 1.29| Vista atual de um "cul-de-sac" em Hampstead

Abb. 238. Lageplan der Gartenstadt Hellerau (Bebauungsplan). Architekt Riemerschmid

| Fig. 1.30| Plano da "siedlung" de Hellerau, Alemanha

| Fig. 1.31| Vista da "siedlung" de Hellerau, Alemanha

| Fig. 1.32| Plano do subúrbio-jardim de Milanino, Milão



| Fig. 1.33| Vista do subúrbio-jardim de Milanino, Milão

| Fig. 1.34| Bruno Taut, plano da cidade-jardim de Falkenberg, Alemanha

| Fig. 1.35| Raymond Unwin, "O princípio da Cidade-Jardim aplicado a subúrbios"

Fig. 1.36 Ernst May, desenhos do plano da "siedlung" de Römmerstadt em Frankfurt

| Fig. 1.37| Louis de Soissons, plano da cidade-jardim de Welwyn

Fig. 1.38 Plano da cidade-jardim de Tamagawadai, Japão

Fig. 1.39 Desenho de subúrbio-jardim no Japão

Fig. 1.40 Cartaz de propaganda de cidade-jardim na França

| Fig. 1.41| Plano de cidade ferroviária na França

| Fig. 1.42| Plano do subúrbio-jardim de Radburn, em New Jersey, EUA

| Fig. 1.43| Vista do subúrbio-jardim de Radburn, em New Jersey, EUA

1.4 arquitetura residencial de Parker e Unwin

Se a difusão em âmbito internacional da cidade-jardim de Howard se deu a partir das soluções de desenho urbano que Parker e Unwin adotaram para *Letchworth* e depois para *Hampstead*, a arquitetura residencial que eles produziram para tais empreendimentos também foi um fator decisivo nesse processo. De fato, Parker e Unwin constituiram sua sociedade para atender a crescente demanda da burguesia vitoriana por projetos residenciais. Por outro lado, suas convicções político-ideológicas os levaram a buscar respostas para a questão da habitação operária, que é por eles abordada já em 1901, quando realizam o plano para *New Earswick* (figs.1.44 e 1.45), uma cidade fabril próxima a York e que foi seu primeiro trabalho urbanístico conjunto. No mesmo ano publicam o livro *A Arte de Construir uma Casa*, reunindo palestras que haviam ministrado a respeito. A leitura de seus ensaios permite conhecermos as idéias que tinham sobre arquitetura residencial, nas quais é notória a influência da arquitetura *"Arts and Crafts"* que vinha sendo realizada por outros arquitetos contemporâneos, como Norman Shaw (1831-1912) e C.F.A. Voysey (1857-1941).

Na introdução a *The Art of Building a Home (1901)* Parker e Unwin criticam a decoração justaposta à construção, reclamando do fato das *"propriedades decorativas inerentes à construção" (op.cit., p.II)* não serem empregadas. Defendem também que o arquiteto deveria ser responsável não apenas pela construção do edifício, mas por todos seus aspectos, aí incluindo o mobiliário. Mas é no primeiro artigo escrito por

Parker, a partir de uma conferência que fizera em 1895, com o título *"A pequena casa da classe média"*, que seus princípios são explicitados. O primeiro deles diz respeito à utilidade dos espaços residenciais. Posicionando-se contrário à solução de muitos cômodos, todos de pequena dimensão e cada um com uma função específica, preconiza espaços mais generosos abrigando funções diversas, o que resulta em ambientes contendo nichos para a realização de múltiplas atividades - ler, conversar, costurar, comer, desenhar, etc. - como podemos ver nas suas ilustrações (figs. 1.46 a 1.49).

O excesso de decoração e a mistura de estilos diversos, bem como o emprego de um mobiliário pesado e inadequado, característica das residências burguesas de sua época, mas que - como ele aponta - eram imitadas pela classe média, também são por ele criticados. Para Parker, que lembra o fato de Henry David Thoreau (1817-1862) ter jogado fora o único ornamento de sua sala porque acumulava pó, a casa deveria ser caracterizada pela simplicidade. Pois, como afirma, *"o estúdio de um artista, de um escritor, a oficina de um carpinteiro, ou a cozinha de uma casa de fazenda, cada um em sua posição e grau, obtém sua dignidade e interesse do trabalho que ali se realiza" (op.cit., p.18)*. Por outro lado, como profissional, o arquiteto deveria realizar apenas o que considerasse melhor para seu cliente, recusando ser *"meramente um mercador de projetos"*.

Nessas primeiras formulações de Parker sobre a arquitetura residencial, ao lado da influência mais que formal, de conteúdo mesmo, da teoria *"Arts and Crafts"* - não por acaso cita algumas vezes John Ruskin (1819-1900) -, notamos sua ênfase na funcionalidade e simplicidade do edifício, condições para a dignidade da obra, bem como a de seu autor. Dentre os aspectos funcionais que Parker & Unwin darão prioridade, a implantação tem um papel fundamental. Não apenas, entretanto, em função da orientação solar - a qual também deveria ser considerada -, mas sobretudo devido as relações que estabelece com a paisagem do entorno, visando proporcionar uma *"suitable setting"* (implantação conveniente). É assim que vários projetos de Parker & Unwin empregarão janelas em ângulo, ou então apresentarão plantas tipo "borboleta", ou em "L", à maneira da *Red House* (figs. 50 e 51) que Philip Webb (1831-1915) projeta para William Morris (1834-1896) em 1859.

No último ensaio de seu livro, assinado pelos dois, sob o título *"A Arte do projeto de casas pequenas e 'cottages' "*, Parker & Unwin, ao abordarem o projeto de casas para trabalhadores, reiteram que *"o local é o fator mais importante a ser considerado" (op.cit., p.110)*, pois a partir dele se definem *"o arranjo interno e o tratamento exterior" (id.ibid.)*. Porém, chamam a atenção para o fato de uma casa pequena no campo ter mais chance de ser melhor sucedida do que na cidade, e argumentam que isto talvez se deva porque no campo - e também em uma cidade-jardim, poderíamos acrescentar - *"é sugerida uma maior dependência do homem à Natureza, e um menor desafio de seus poderes" (op.cit., p.111)*. Considerando grave erro em casas pequenas se fazer

um quarto apenas para dormir, os dois arquitetos reafirmam aqui a posição contrária à especialização funcional dos espaços, além de explicitarem outros de seus princípios. Tais como a utilização de materiais locais - também como Webb na *"Red House"* -, ou o emprego da lareira e da escada de uma maneira decorativa, que os desenhos (figs.1.46 a 1.49) aos quais já nos referimos mostram.

Embora tenham continuado a projetar residências enquanto mantiveram sociedade, não voltarão a escrever em conjunto outros textos. Unwin, em 1902, publicará em um opúsculo fabiano um ensaio voltado para a questão da habitação popular, *"Planos de 'Cottage' e Senso Comum" (In:Creese:1967).* Barry Parker, entretanto, voltará a escrever a respeito da arquitetura residencial vinte e nove pequenos ensaios publicados na revista *The Craftsman*, nos EUA, de abril de 1910 a outubro de 1912. O tom e a estrutura manualística desses textos reforça a tese de Hawkes *(1986)* de que buscavam complementar, no que se refere à arquitetura de uma casa - seja uma residência burguesa ou um *"cottage"* - as concepções urbanísticas que Unwin expusera em seu *Urbanismo na Prática*.

O objeto principal dos ensaios é a arquitetura residencial de um modo geral, a casa para a família burguesa abastada ou o *"cottage"* para o trabalhador, mas o tipo que Parker toma como referência primeira é a casa de campo, a qual, de uma certa maneira, ele adaptará à cidade-jardim, mas também ao subúrbio-jardim e mesmo ao bairro-jardim. Para ele, entretanto, a arquitetura funcional, prática, não quer dizer simplificação dos espaços residenciais, tampouco sua especialização, como já vimos. Pelo contrário, sua arquitetura visa criar uma rica complexidade espacial, que é dada por uma volumetria movimentada, pela continuidade e conectividade dos espaços internos, por uma iluminação pontual e heterogênea e pelas aberturas como diafragmas. Valorizando os interiores, Parker utilizará os elementos construtivos como ornamento, daí sua exposição e mesmo destaque de vigas e pilares de madeira. No exterior, os telhados, as chaminés e a tubulação de águas pluviais são empregados como elementos compositivos.

Se comparamos as idéias apresentadas por Parker para o público norte-americano, com aquelas publicadas cerca de dez anos antes, percebemos os mesmos temas e princípios de arquitetura residencial. Talvez apenas o desaparecimento de qualquer elemento medievalista, presente de modo explícito em alguns dos projetos que ilustram o *A Arte de Construir uma Casa*, e atenuado nos ensaios para a *The Craftsman*, marque uma diferença entre os dois momentos de sua teoria, como aponta Hawkes *(op.cit., p.19)*. Permanece, entretanto, como princípio fundamental, a adequação do projeto ao *genius loci*, bem como a frugalidade e simplicidade, sem perda da complexidade espacial. Se lembramos da frase de Cacciari: *"Certo, ser modernos, mas o moderno é o contingente, o atual, o cotidiano. Não há nenhum Valor no moderno: seu termo não pode ser entendido como sinônimo de necessário, ou melhor, ou mais avançado, tal como acontece na retórica progressista das auto-nomeadas vanguardas"*

(1989, p.85), talvez possamos concluir esta apresentação da arquitetura residencial de Parker, e também de Unwin, afirmando que ela também foi moderna.

Hawkes *(op.cit., p.33)* observa que, após dissolverem sua sociedade, Parker e Unwin não mais projetaram casas individuais no estilo e com a qualidade de seus projetos do período 1896-1914. Mas as nove casas que Parker projeta para o *Jardim América*, em São Paulo, que veremos no capítulo 4, leva-nos a discordar desse autor. Para que os princípios de sua arquitetura residencial possam ser avaliados segundo o modo como se materializaram, apresentamos uma seleção dos principais projetos de Parker e Unwin, de *"cottages"* a casas de campo, ilustrados na seqüência das figuras 1.52 a 1.70.

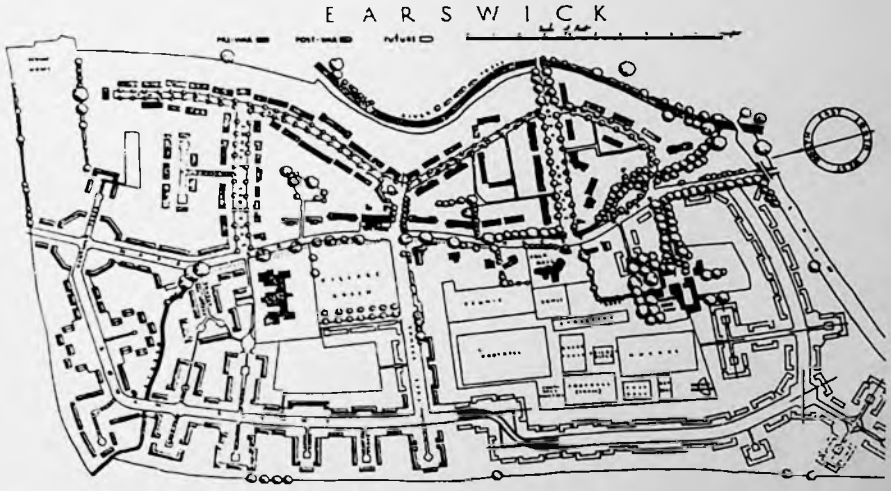
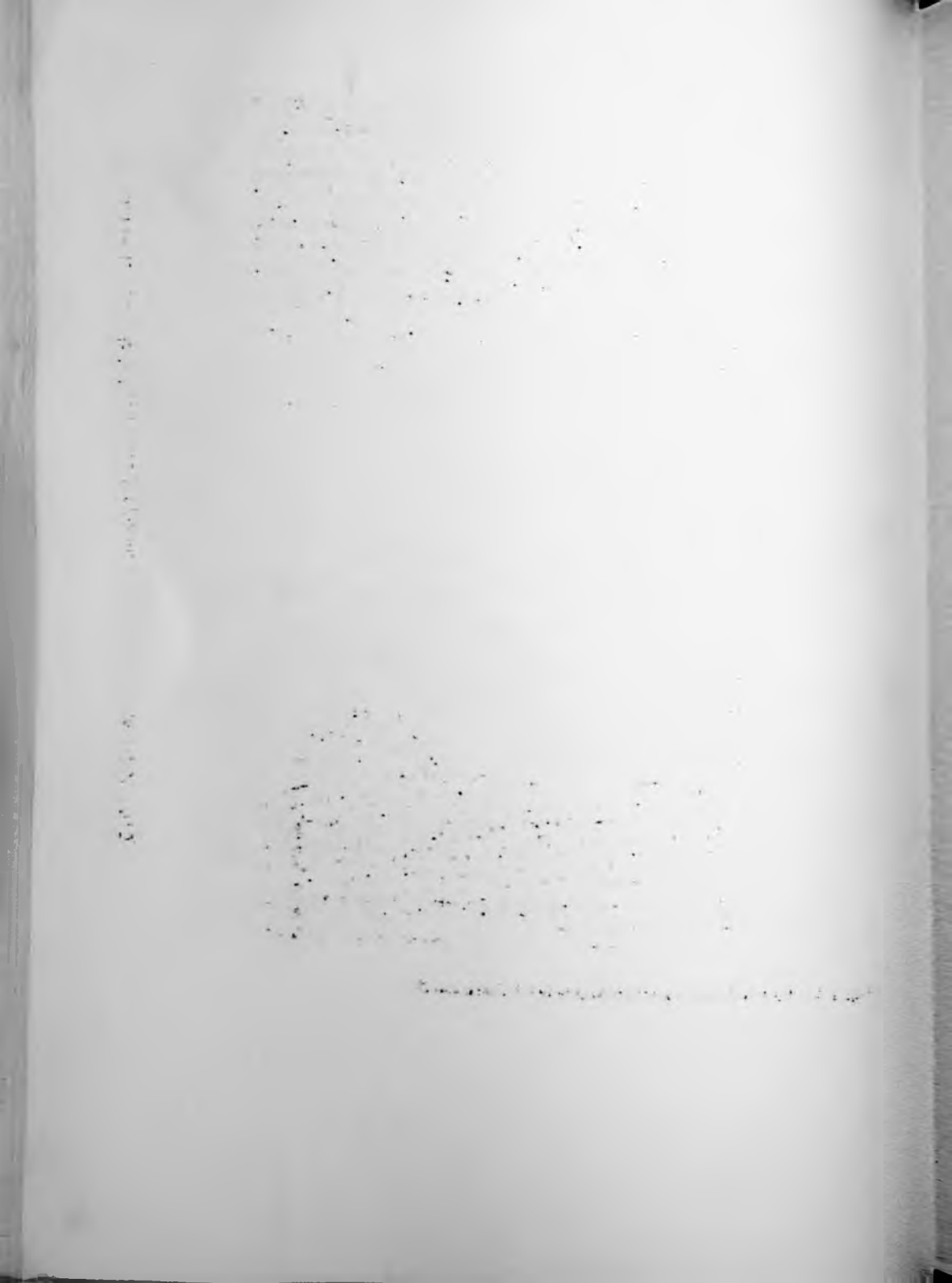


Fig. 69. Map of New Earswick. Footpaths are visible in the oldest, upper right quadrant, vaguely anticipating the internal circulation of the later Radburn Plan by Stein and Wright. The interior of the superblock was utilized for some houses, in contrast to Port Sunlight. It was also a step toward the cul de-sac, which appears fully developed in the post-World War I sections.

| Fig. 1.44| Parker & Unwin, plano da cidade fabril de Earswick



| Fig. 1.45| Parker & Unwin, vistas da cidade fabril de Earswick

| Fig. 1.46| Barry Parker, croquis de interiores

| Fig. 1.47| Barry Parker, croquis de interiores

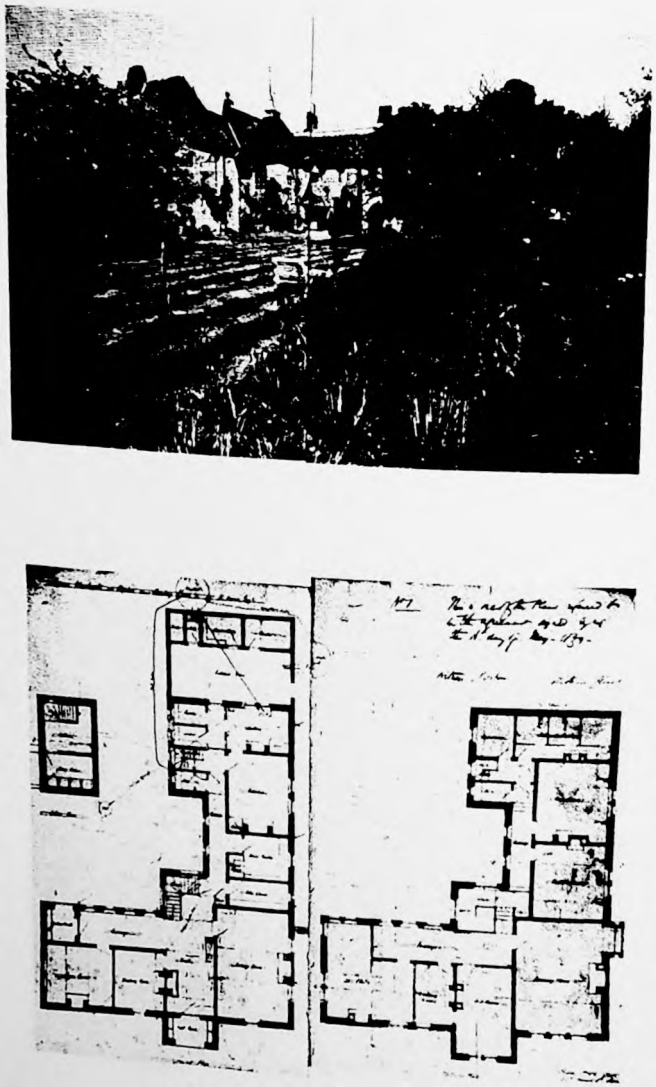


Fig. 1.48 Philip Webb, "Red House", vista e plantas

| Fig. 1.49| Philip Webb, "Red House", vistas

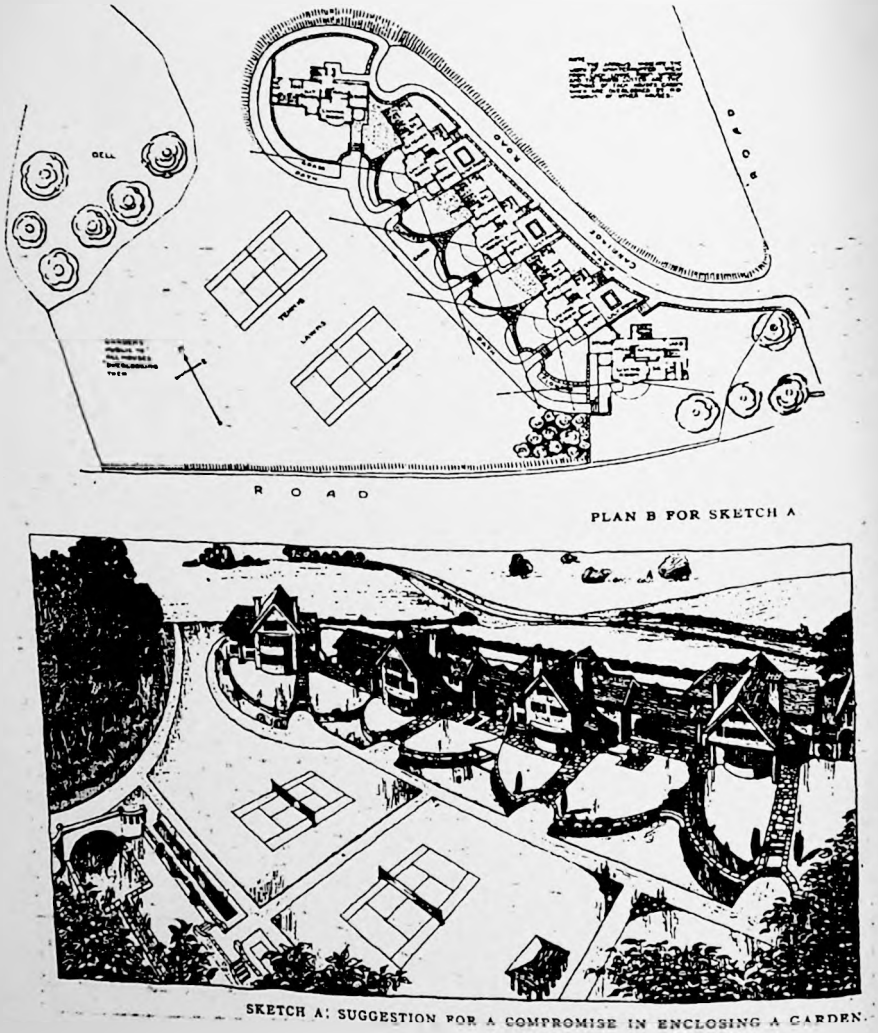
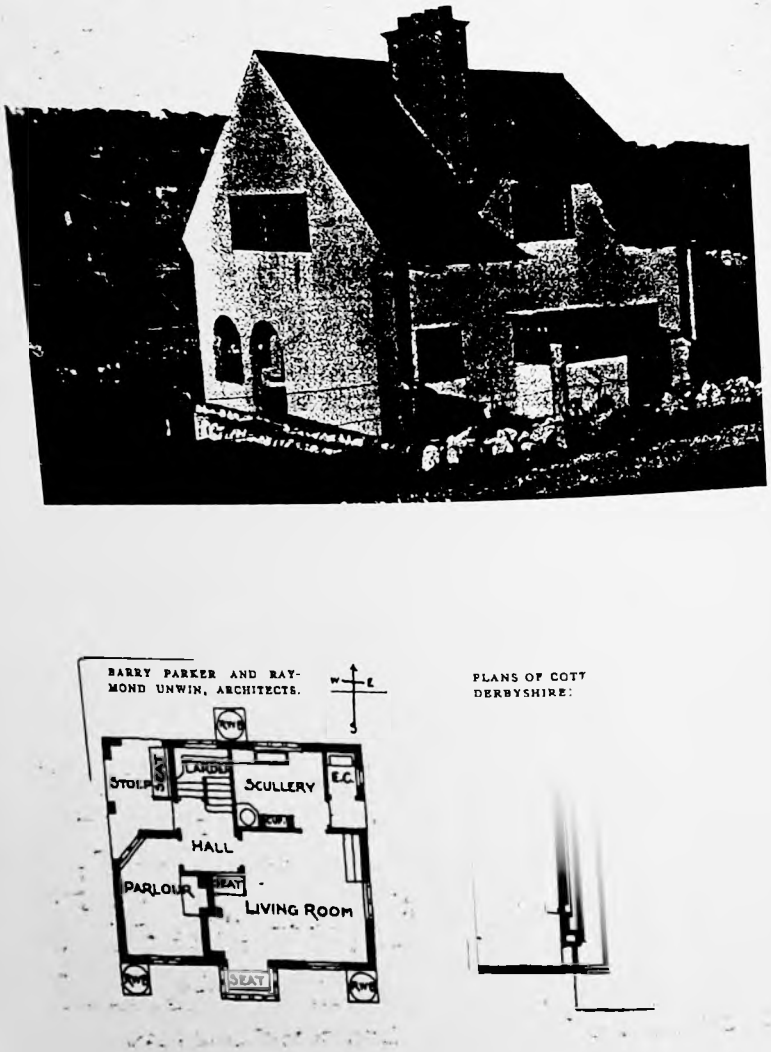
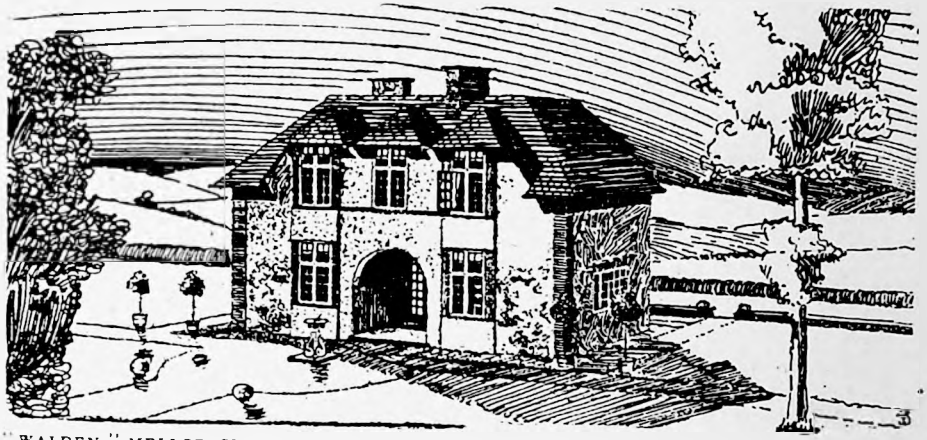


Fig. 1.50 Barry Parker, croquis de cottages, planta e vista

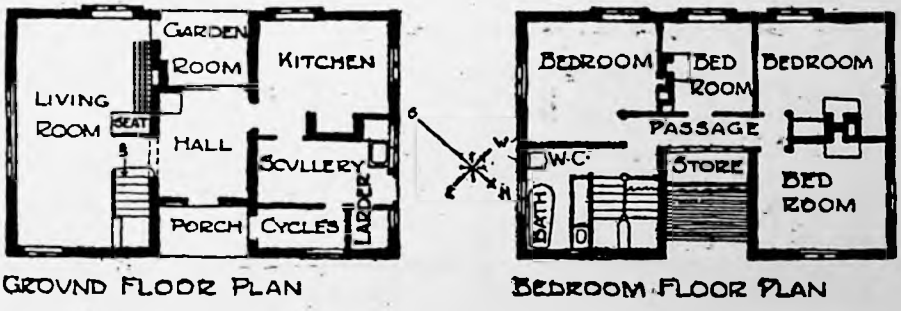
| Fig. 1.51| Barry Parker, croquis de cottage



| Fig. 1.52| Parker & Unwin, cottage em Megdale, Derbyshire, vista e plantas

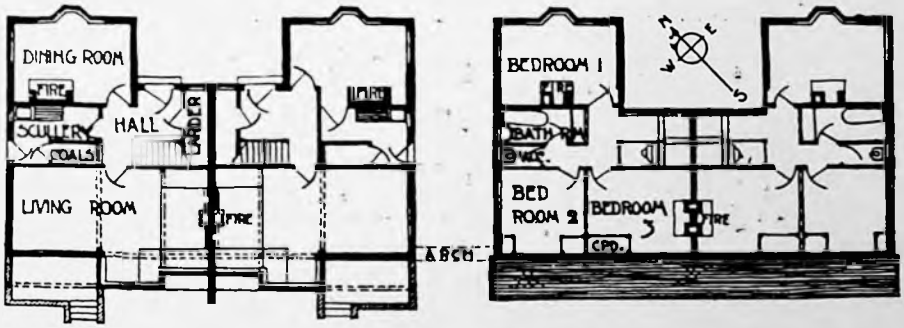


"WALDEN," MELLOR, CHESHIRE, ENGLAND: BARRY PARKER & RAYMOND UNWIN, ARCHITECTS.



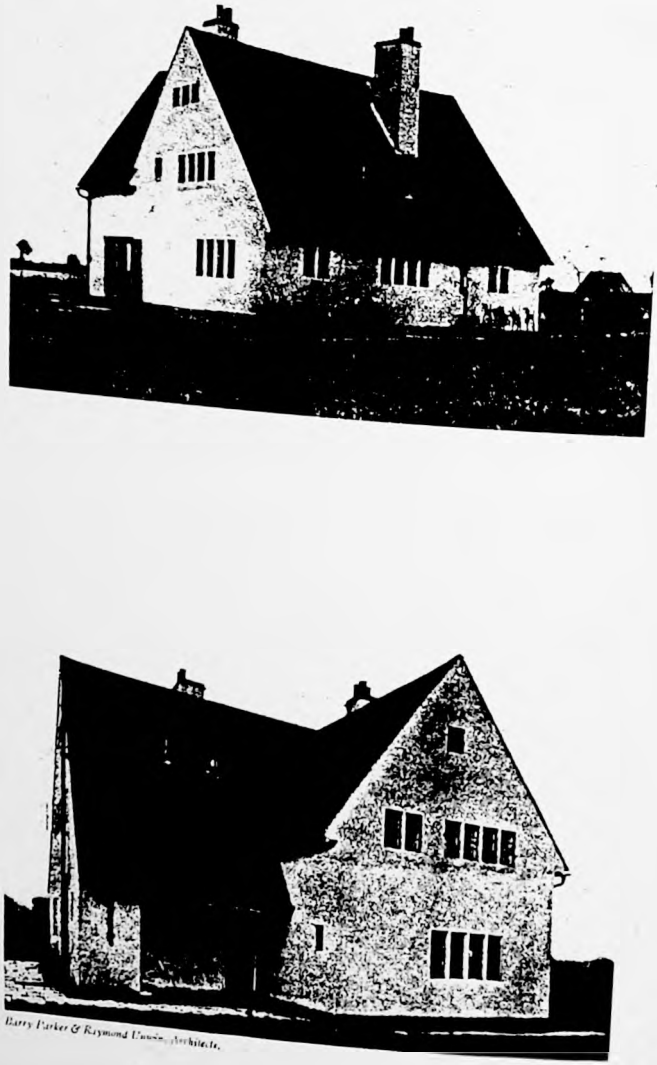
| Fig. 1.53 | Parker & Unwin, cottage "Walden", em Cheshire, croquis e plantas

Fig. 1.54 Parker & Unwin, casas em Rushby Mead, vista e plantas



FLOOR PLANS FOR THE FOUR HOUSES IN HAMPSTEAD WAY.

| Fig. 1.55| Parker & Unwin, casas em Hampstead, vista e plantas



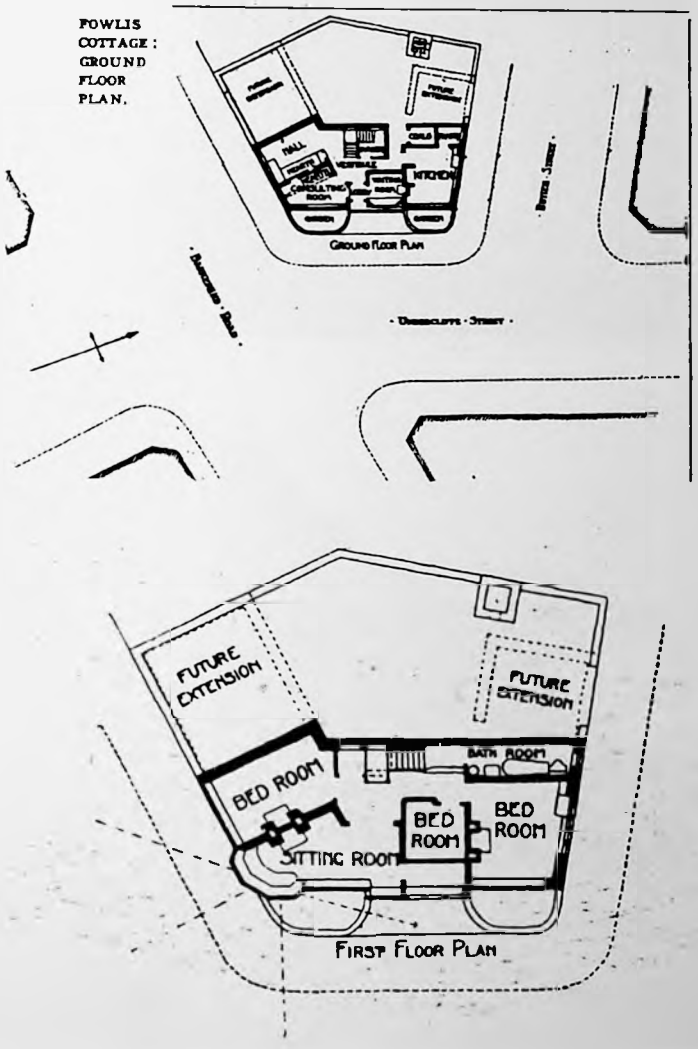
| Fig. 1.56| Parker & Unwin, casa de Stanley Parker, vistas

| Fig. 1.57| Parker e Unwin, casa de Stanley Parker, interior

Fig. 1.58 Parker & Unwin, "Haygrove Cottage"., Bridgwater, Somersetshire, vista e interior

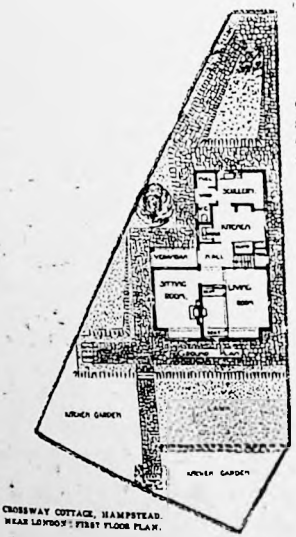
| Fig. 1.59| Parker & Unwin, "Haygrove Cottage", Bridgwater, Somersetshire, planta do térreo.

Fig. 1.60 Parker & Unwin, cottage em Bradford, Yorkshire, vista



| Fig. 1.61| Parker & Unwin, cottage em Bradford, Yorkshire, plantas

Barry Parker & Raymond Unwin, Architects



| Fig. 1.62| Parker & Unwin, "Crossway cottage", Hampstead, vista e planta

| Fig. 1.63| Parker & Unwin, "Thornthwaite Vicarage", Cumberland

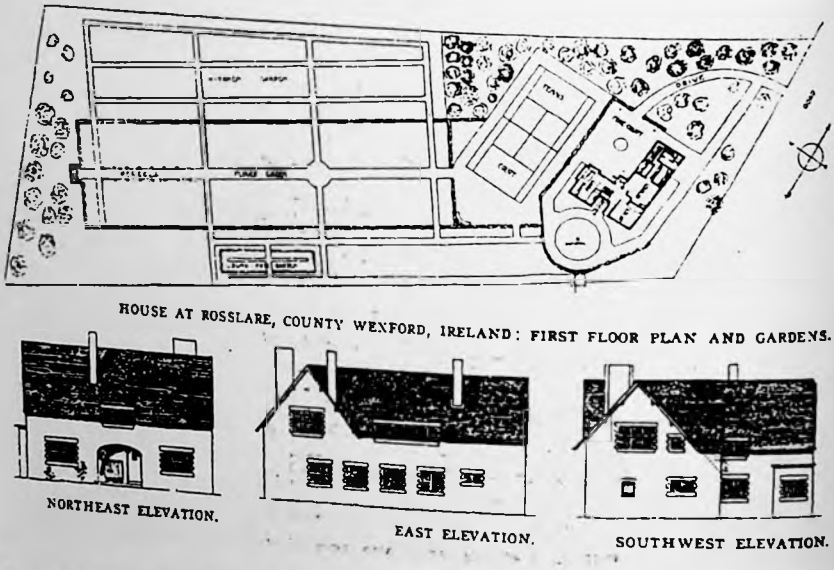


Fig. 1.64 Barry Parker, casa em Rosslare, County Wexford, Irlanda, planta e vistas

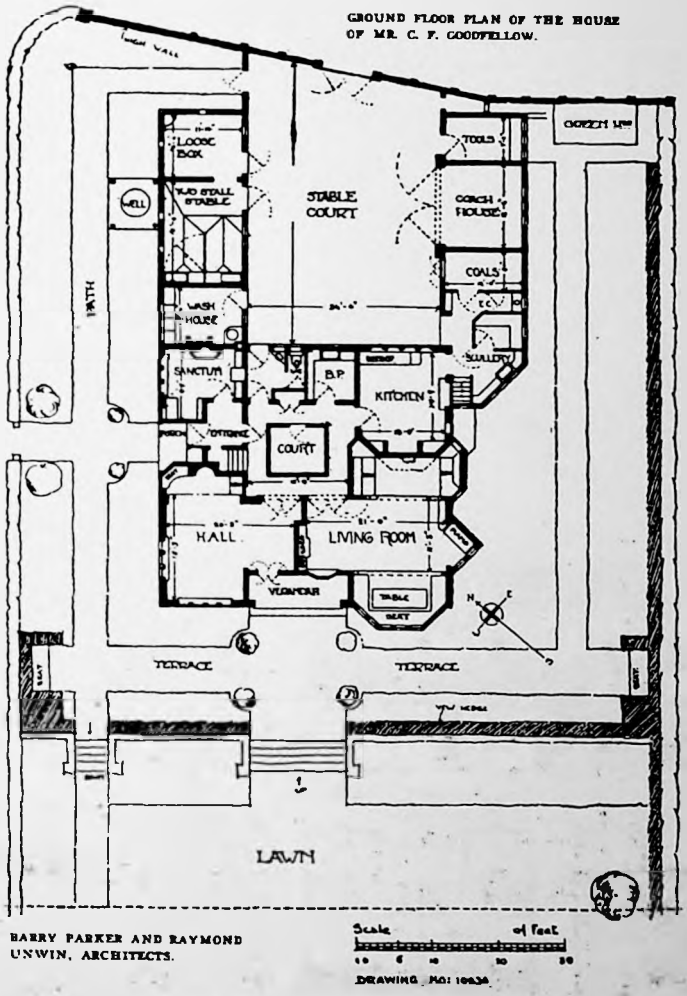
HOUSE AT ROSSLARE: SECOND FLOOR PLAN.

Fig. 1.65 Barry Parker, casa em Rosslare, County Wexford, Irlanda, planta do segundo andar

Fig. 1.66 Parker & Unwin, "Glaed Hame", Letchworth, vista

| Fig. 1.67| Parker & Unwin, "Glaed Hame", Letchworth, interior

Fig. 1.68 Parker & Unwin, Casa de Mr. C. F. Goodfellow, em Northwood, vista



| Fig. 1.69| Parker e Unwin, Casa de Mr. C. F. Goodfellow, em Northwood; planta

| Fig. 1.70| Parker & Unwin, "cottages" em Hampstead

1.5 Projeto de Parker para o Centro Cívico da Cidade do Porto

Em fins de 1915, a Municipalidade da Cidade do Porto, em Portugal, contrata o Arq. Barry Parker para elaborar um esquema geral de remodelação da cidade, incluindo sua área central. Tratava-se de um projeto de grandes dimensões, com cerca de 80 mil m², que demandava a destruição do edifício da Prefeitura e a construção de um novo, bem como a preservação de diversos edifícios antigos. A Cidade do Porto tinha então 200 mil habitantes, sendo a segunda do País em população e também importância econômica. O fato das autoridades locais terem chamado Parker aproximava ainda mais aquela cidade portuguesa da Inglaterra, a maior importadora de seus vinhos, e também aliada na guerra que então se travava na Europa.

Este projeto de Parker apresenta uma importância significativa para compreendermos as propostas que desenvolveria para a Cidade de São Paulo dois anos depois. E isto não apenas pelas características arquitetônicas de seu plano para o Porto, em que intervém na área central da cidade - o que não fará em São Paulo -, mas sobretudo pela aproximação que o arquiteto inglês terá com a cultura portuguesa, e também pelo método que aplicará para a concepção de projetos e planos em um país estrangeiro.

Para Parker, como expõe em seu relatório, *"uma das primeiras obrigações do urbanista é observar os hábitos e costumes do povo para o qual ele irá projetar." (Parker: 1916a, p.3)*. Seu passo seguinte é analisá-los e determinar a que se deve cada um deles. Se às

condições naturais do meio, ao desconhecimento de outros hábitos e costumes, ou às peculiaridades da raça. O primeiro passo do *"town planner"* é, portanto, fazer uma leitura - que poderíamos chamar sociológica - da população local e das características do meio para o qual realizará seu plano.

Mas o urbanista, conforme Parker explicita em um artigo sobre seu plano para o Porto, publicado em outubro de 1916 pela *The Town Planning Review*, *"não deve admitir que um hábito tem vantagens práticas apenas porque é antigo e largamente adotado"* (Parker. 1916b, p.28). Assim, para ele, antes de dar início ao desenho de seu plano, o urbanista deve avaliar, em primeiro lugar, se um determinado *"costume tem sua origem em algo real e vital ou não; segundo, se sua permanência hoje é desejável ou não, e terceiro, se é possível eliminá-lo ou não"* *(op.cit., p.29)*.

Procurando as especificidades dos edifícios portugueses, o arquiteto inglês estabelecerá um contraponto com os italianos, um país também latino e de clima quente. Essa mesma comparação Parker irá fazer, como veremos no capítulo 4, ao projetar residências para o Brasil. Assim, se na Itália as janelas são pequenas, pouco numerosas, e quase sempre possuem venezianas, em Portugal elas são amplas, no maior número possível e sem proteção contra insolação. E conclui que *"deve ter sido este amor à abertura e aeração pelos portugueses o que evitou que eles adotassem com mais frequência colunatas (ou arcadas) e passagens cobertas" (1916a, p.3)*. O caráter arquitetural português manifestar-se-ia, portanto, em fazer de cada sala uma *loggia*, bastando para isso que suas janelas fossem abertas. Daí que, ao contrário da Itália, onde é empregada com freqüência, a *loggia* não será um recurso adotado pela arquitetura portuguesa. Por outro lado, Parker constata o uso intensivo de balcões nos andares elevados dos edifícios portugueses, necessários para evitar acidentes, mas descobertos para não impedirem a entrada de luz e ar. No projeto que elabora para a Cidade do Porto, Parker incorpora tais observações introduzindo pátios com um dos lados aberto para permitir a livre circulação de ar, fazendo o mesmo no caso de lojas que adotem colunatas.

Dentre outras soluções a serem observadas pelo urbanista estão aquelas relacionadas aos meios de acesso aos fundos dos edifícios. Parker lembra então que, quanto a esse aspecto, *"tradição tem muito a dizer, mas as condições locais mais ainda" (1916b, p.31)*. Desse modo, como registra, se em Lancashire o costume é ter uma via nos fundos que corta o miolo das quadras, em Bruxelas é adotada uma entrada lateral para quase todas as casas. Mas no Porto nenhuma dessas soluções é empregada, e o que tiver que ser levado para os fundos das casas ou lojas tem que passar pela porta da frente e atravessar os cômodos de entrada. No caso da Cidade do Porto, a ausência de vielas de fundo deve-se ao relevo acidentado do sítio urbano e também ao fato de suas colinas serem constituídas por granito, que é largamente utilizado na construção dos edifícios e ruas. Assim, muitos prédios foram implantados nas cavas resultantes da extração da pedra para suas construções, não possibilitando destacar um acesso aos fundos.

Por entender que as características arquitetônicas têm tudo a ver com o urbanismo, daí a importância do *"town planner"* estudá-las preliminarmente, Parker ainda aponta outras particularidades da arquitetura, bem como do traçado da Cidade do Porto, chamando a atenção para *"a inadequação da comunicação viária entre a cidade e o cais" (op.cit., p.33)*, devido a elevada declividade - cerca de 20 % - que os separa. Se tal fato é devido à cidade medieval ter sido construída no alto da colina, onde foi implantada sua Catedral, e de onde partem inúmeros caminhos íngremes e escadarias, por outro lado, o leva a concordar com aqueles que consideram a Cidade do Porto como *"a mais pinturesca cidade no mundo" (id.ibid.)*.

Parker ainda observa entusiasmado o poder quase absoluto que a Municipalidade do Porto tinha para desapropriar imóveis quando isso fosse necessário, o que facilitava imensamente o trabalho do urbanista. Ao lado de outros aspectos da legislação e do modo de organização municipal português que considera vantajosos, Parker destaca a importância da existência de duas comissões, uma de estética (*"The Committee of Æsthetics"*), e outra de saneamento e construção (*"The Committee of Sanitation and Construction"*). *"A primeira, formada por arquitetos, escultores, artesãos, pintores, críticos de arte, e outros escritores, e expertos em questões artísticas" (op.cit., p.35)*, assim como a outra comissão, composta por engenheiros de várias especialidades, tinham a incumbência de fazer sugestões sobre qualquer projeto de um novo edifício ou de reforma, ainda que não pudessem vetá-lo ou aprová-lo.

Embora considere tal questão relativa a gosto sempre difícil, Parker pondera que, quando se tem uma única pessoa, esta *"é capaz de ter um bias em uma ou outra direção, favorecer um estilo mais que outro, ter uma predileção por uma determinada escola de planejamento" (id.ibid.)*, por outro lado, no caso de uma comissão *"a tendência seria sempre estereotipar tudo" (op.cit., p.36)*. E conclui que, se deve prevalecer um estilo unificando as novas construções, *"uma pessoa é mais segura para garantir isso do que uma comissão" (id.ibid.)*, justificando, de uma certa maneira, sua atuação individual.

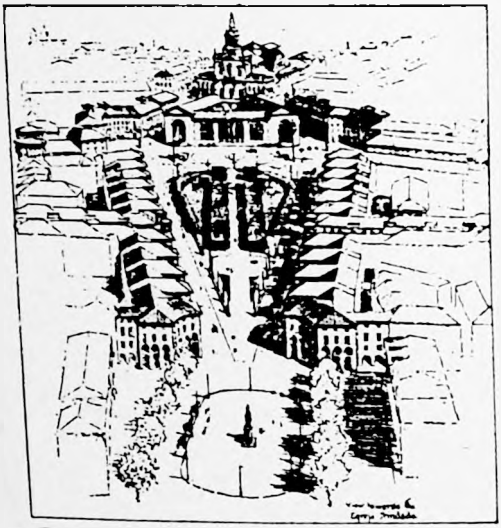
Em seu projeto para o centro cívico da Cidade do Porto, cujas peças gráficas e desenhos apresentamos nas figuras 1.71 a 1.83, Parker adotará nas lojas a solução de pátios abertos para a rua, visando escapar à monotonia de uma fachada contínua. A respeito, ele nos diz o seguinte: *"os pátios acrescentam encanto à avenida criando efeitos de luz, sombra e variedade, sem destruir a unidade arquitetônica" (1916a, p.11)*. Tal princípio, como ele mesmo afirma, já fora empregado por Augustin Rey e Hénard em Paris, bem como no pátio aberto do Hotel *Piccadily*, localizado em Londres junto à avenida de mesmo nome, entre *"Hyde Park"* e a *"Regent Street"*.

Por outro lado, também explicita que a forma em *"crescent"*, que emprega no traçado dos edifícios públicos junto ao Largo da Sé - e cuja construção exigiria a demolição de diversos prédios -, ele toma de Bath. Esta sua confissão nos parece fornecer a pista

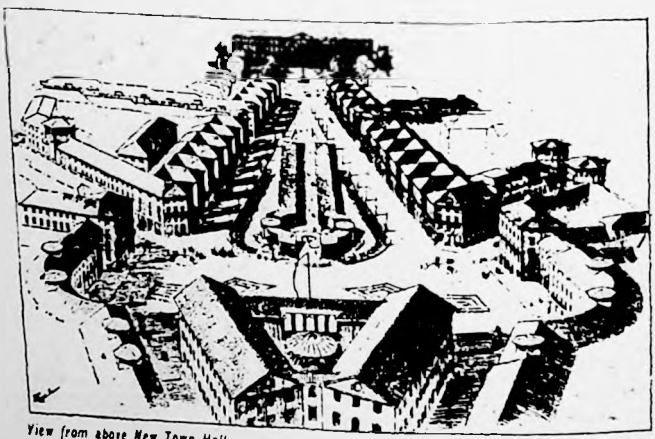
| Fig. 1.72| Barry Parker, projeto para o Centro Cívico da Cidade do Porto, Portugal

Fig. 1.73 Barry Parker, projeto para o Centro Cívico da Cidade do Porto, Portugal

Fig. 1.74 Barry Parker, projeto para o Centro Cívico da Cidade do Porto, Portugal



View towards the Trinity Church

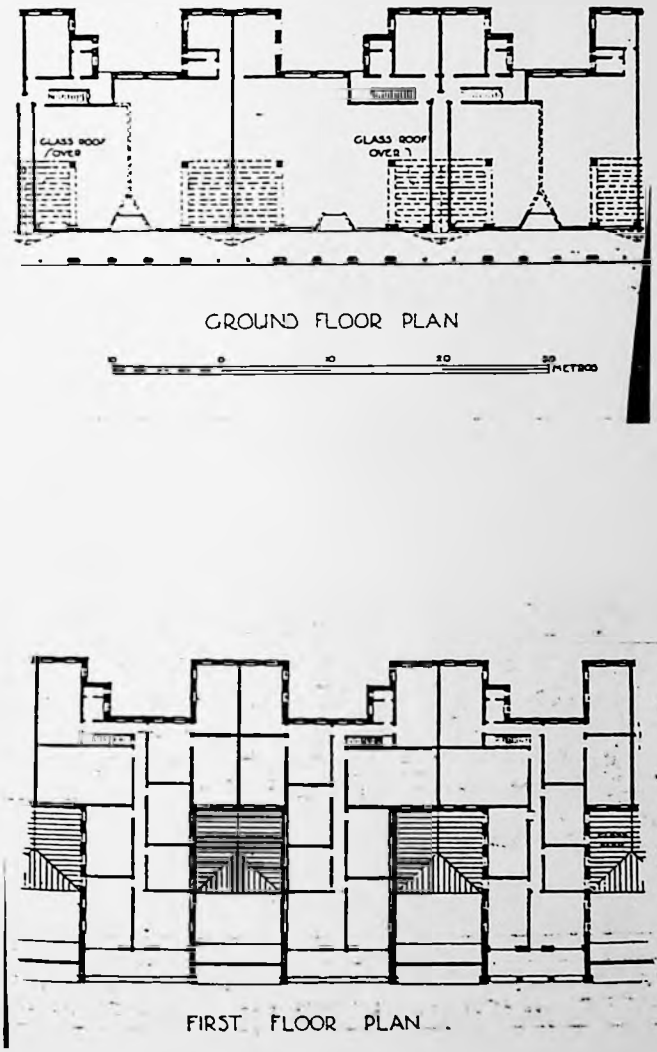


View from above New Town Hall
From sketches by M Raffles Davison

Fig. 1.75| Barry Parker, projeto para o Centro Cívico da Cidade de Porto, Portugal.

| Fig. 1.76| Barry Parker, projeto para o Centro Cívico da Cidade do Porto, Portugal

| Fig. 1.77| Barry Parker, projeto para o Centro Cívico da Cidade do Porto, Portugal



| Fig. 1.78| Barry Parker, projeto pará o Centro Cívico da Cidade do Porto, Portugal

SKETCH OF ONE OF THE COVERED FOOTWAYS, INDICATING TWO OF THE POSITIONS IN WHICH SIGNS SHOULD BE PLACED AND THE EFFECT PRODUCED BY THE COURTS

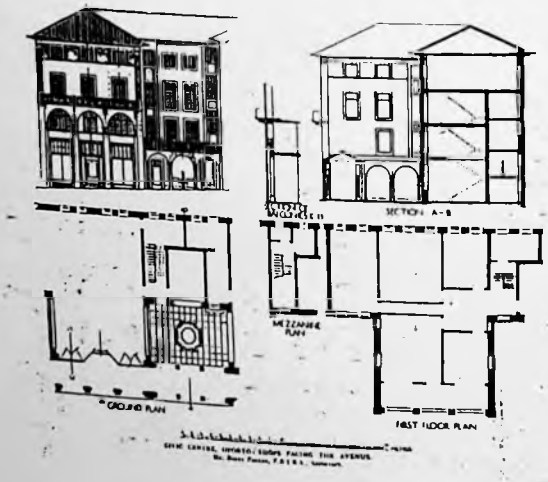


Fig. 1.79 Barry Parker, projeto para o Centro Cívico da Cidade do Porto, Portugal

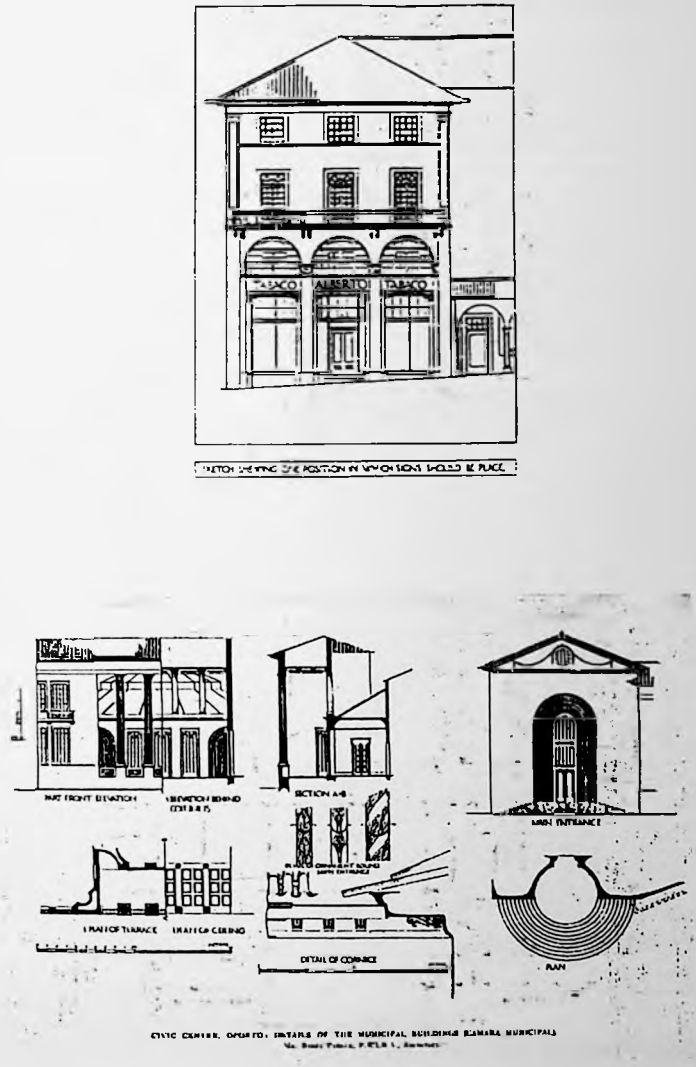


Fig. 1.80| Barry Parker, projeto para o Centro Cívico da Cidade do Porto, Portugal

| Fig. 1.81| Barry Parker; projeto para o Centro Cívico da Cidade do Porto, Portugal

| Fig. 1.82| Barry Parker, projeto para o Centro Cívico da Cidade do Porto, Portugal

| Fig. 1.83| Vista da Avenida dos Aliados, Cidade do Porto, Portugal

1

notas do capítulo

1 Howard chegou a elaborar um diagrama denominado exatamente "The Master Key", o qual não aparece na segunda edição de seu livro. Como não tivemos acesso à primeira edição, paira a dúvida se tal diagrama foi aí incluído. Na edição inglesa de 1985 *(p. 7)* há uma nota indicando que não, mas Buder *(1990: legenda da figura entre as páginas 106 e 107)*, afirma o contrário.

2 As ambiguidades que atravessam a obra de Le Corbusier já se revelavam aqui, quando abandona uma posição marcadamente sitteana entre os anos 1910 e 1917, sobretudo seu primeiro trabalho teórico *(Charles-Edouard Jeanneret - Le Corbusier: 1992)*, exatamente sobre as idéias sitteanas, e chega a uma reação deveras grosseira contra os epigonos de Sitte, em seu livro *Urbanisme*, de 1924.

2

A gestação de uma metrópole: reformas na Cidade de São Paulo (1899-1924)

2.1 São Paulo ou a afirmação do urbanismo

"São Paulo ou a negação do urbanismo", é o sub-título que Yves Bruand emprega para se referir à experiência urbanística paulistana. Para ele, o crescimento fantástico da cidade não fora acompanhado de um controle racional, resultando uma expansão *"à revelia das autoridades oficiais e à vontade dos interesses privados" (1981, p.326).* Tal situação seria agravada pela acidentada topografia do sítio, sobre a qual, nas áreas planas elevadas ou aquelas com pequena declividade, se implantavam monótonos loteamentos com ruas ortogonais, enquanto as terras baixas e encostas permaneciam vazias. Crescendo de modo caótico, São Paulo, para o historiador da arquitetura moderna no Brasil, continuava a ser comandado, já no século XX, mais pelos interesses políticos do que pela razão.

O que pretendemos sugerir com as observações que alinhavamos neste capítulo é que talvez Bruand tenha se enganado quanto à história do urbanismo paulistano, pois, como indicam os fatos que destacamos, no primeiro quartel deste século a cidade teve sua expansão planejada e as obras públicas realizadas com uma continuidade ímpar, segundo um plano - nunca explicitado, mas consistente - de transformar a capital paulista em uma metrópole. A apresentação, ainda que sumária, de um quadro das transformações da sua paisagem e da cultura urbanística que nela se constituiu, ao longo do primeiro quartel do século XX, visa nele localizar as propostas e realizações do Arq. Barry Parker.

Foi nesse período que o poder público municipal, marcado pelas figuras pessoais de seus prefeitos, de alguns vereadores, e sobretudo de um mesmo diretor de obras públicas, promoveu mudanças que redefiniriam radicalmente a fisionomia do antigo burgo jesuítico. Outros agentes do processo de produção da cidade, como companhias de energia, ferrovias, empresas de melhoramentos urbanos e imobiliárias - com expressiva dominância de capital britânico em tais empreendimentos -, e também proprietários de grandes glebas no Município, contribuirão, associados entre si e com vínculos estreitos com a Prefeitura e a Câmara Municipal, para configurar uma cidade com vocação metropolitana. Demarcaremos nosso estudo nos 25 anos que vão da virada do século, quando se inicia o primeiro governo de Antônio Prado, são introduzidos os bondes elétricos e realizadas diversas obras viárias e de saneamento, até o trágico ano de 1924, quando a cidade é bombardeada.

Na cultura urbanística[1] que se constituía no Brasil da virada do século destaca-se o plano para Belo Horizonte. A nova capital de Minas Gerais, foi planejada, em 1894, a partir da *"tabula rasa"*, com um traçado e a incorporação de um parque em sua área central conferindo-lhe uma modernidade pioneira. Entretanto, o xadrez adotado pelo Eng. Aarão Reis, ainda que cortado por suas diagonais de clara inspiração no plano de Washington de L'Enfant, não deixaria de receber críticas. Talvez a mais contundente tenha sido a do Eng. Saturnino de Brito, que inclusive participara da Comissão Construtora. Como podemos ver na fig.2.1, em que contrapõe ao plano de Reis - ao qual se refere como um *"traçado geométrico"* -, o plano resultante das *"modificações sanitárias"*, as alterações sugeridas pelo engenheiro sanitarista implicariam em uma profunda descaracterização do traçado original, com suas vias de fundo de vale introduzindo sinuosidades e rompendo a rigidez geométrica, além de criar um outro parque, ao redor do cemitério[2]

As reformas urbanas do Eng. Pereira Passos na Cidade do Rio de Janeiro (fig.2.2), ainda no início do século, com suas cirurgias inspiradas nas que Haussmann realizara para Paris, apenas esboçando uma visão do conjunto da cidade, ou mesmo o plano que o Eng. Saturnino de Brito elabora para a extensão da Cidade de Vitória, em 1896, em que já apresenta a concepção de um subúrbio-jardim, são outras manifestações da emergência de um novo modo de intervenção nas cidades brasileiras, mas também de novas idéias urbanísticas. O tema dos planos de conjunto, presente nos casos de Belo Horizonte - uma cidade nova -, e Rio de Janeiro - uma cidade a ser reformada -, talvez já estivesse indicado, em relação a São Paulo, desde o governo do Presidente da Província João Theodoro Xavier de Matos. Entretanto, é apenas a partir da República que veremos, no bojo de uma clara perspectiva de modernização da cidade herdada do período colonial, a elaboração de projetos de saneamento, embelezamento e melhoramentos, visando uma articulação conjunta.

Na mesma época da abertura da Avenida Paulista, em 1891, da construção do novo Viaduto do Chá, no ano seguinte (fig.2.3), e da criação, em 1893, do primeiro *"cottage square"* paulistano, o bairro de Higienópolis, o Eng. José Antonio Fonseca Rodrigues faz um projeto para a regularização do Rio Tietê (fig.2.4). Intervindo em uma escala diversa, mas ainda restrito a uma área específica da cidade, sua retificação acentuada do então sinuoso curso d'água, visava evitar as enchentes periódicas que comprometiam as áreas residenciais ribeirinhas, bem como o funcionamento normal da cidade. De qualquer modo, em todas essas realizações ou concepções modernizadoras da cidade, indicativas das intenções de construção de uma nova imagem urbana para a São Paulo republicana, não encontraremos uma proposta de planejamento da cidade como totalidade. O projeto do Eng. Phelippe Gonçalvez (fig.2.5) - segundo Sesso Jr., *"baseado em estudos prévios dos engenheiros Vitor de Lima e Paulo Alfredo Polto" (1986, p.346)* - de um sistema de transportes a tração elétrica para o conjunto da cidade, elaborado em fins do século, talvez seja o que mais tenha se aproximado de uma visão nesse sentido.

Concebendo a construção de um *"Metrô"* que circundaria a Capital, tal proposta adianta inúmeros projetos que serão formulados anos depois. Justapondo-se à malha ferroviária que já atravessava a cidade, com os trilhos das grandes companhias, uma rede de *"tramway elétrico"* é traçada segundo uma estrutura radio-concêntrica. Complementava essa rede de bondes um anel perimetral, também aproveitando os fundos de vales, dentre os quais o do Pacaembú, e uma via perimetral no sentido norte-sul, ligando a estação do Norte ao matadouro de Vila Mariana, com um ramal que atravessava sob a Avenida Paulista, na altura do atual Túnel Nove de Julho. Esboçava-se aí uma concepção estrutural da cidade que será reapresentada, com algumas variações, ao longo da história do urbanismo paulistano.

Em documento um pouco anterior, manifesta-se por parte do Estado, mas também de profissionais vinculados às questões urbanas, a preocupação em intervir na cidade visando reformá-la. Trata-se do *Código de Posturas do Município de São Paulo*, de 1886, que visa regulamentar diversos aspectos relativos à construção da cidade, bem como os modos dos cidadãos se portarem nos espaços públicos. Antecipando as reformas urbanas republicanas, mas já com um caráter normativo e disciplinador da construção das cidades, eis seu escopo e abrangência, como indicam seus próprios títulos. No primeiro deles, sobre a polícia administrativa, trata *"da abertura de ruas e dos arruamentos e do alinhamento"*, especificando, em seu Art. 1°, ruas com largura de 16 m; praças e largos quadrados; no Art. 3°, ruas retas, as tortas devendo ser endireitadas. O Art 4° trata do levantamento da planta da Cidade, conforme as dimensões estabelecidas e o Art 6° indica as figuras do arruador, do fiscal e do engenheiro da Câmara, responsáveis por fazer alinhar e regular a frente do edifício, também conforme o plano estabelecido.

A clara preocupação do que pode ser lido como o primeiro código urbanístico da Capital paulista, e também um dos primeiros do País, em definir com precisão a forma da cidade, se manifesta desde esse primeiro capítulo. Insistimos aqui sobre este particular; pois será exatamente em torno de algumas das definições do código que será travada importante polêmica ao longo dos anos 1910, que culmina por reformá-lo, criando o primeiro código de obras da Cidade, em 1918, no qual a participação do Arq. Barry Parker não foi desprezível. Desde o início os legisladores buscavam definir as dimensões e forma das ruas e outros espaços públicos, como praças e largos. Tal questão remete à história da constituição de certos procedimentos técnicos e normativos relativos à construção de ruas e da própria cidade com o conjunto de suas redes de equipamentos, como objetos manufaturados. Dezesseis metros de largura e sempre retas, eis as características determinantes da forma das ruas, a serem aplicadas para *"todas as ruas que se abrirem"* no Município, afirmava o Código de 1886. Mas também os edifícios tinham que alinhar e regular suas frentes, *"conforme o plano estabelecido"*, o qual, no entanto, não é esclarecido. Tudo indica que o texto legal confunde a planta da Cidade, na qual se observa as dimensões estabelecidas, com o plano. Se assim o fôr, o plano seria tão somente o resultado da correção de uma situação vigente a partir da aplicação das novas regras. Não se trataria, pois, de um plano no sentido de antecipar a forma urbana desejada, mas sim de intervenções cirúrgicas da plástica urbana, que procuram conformar o antigo traçado às novas medidas e cortes. A febre de alinhamentos apenas se anunciava, mas o que se escondia atrás de uma defesa incondicional da linha reta? Despontava aqui outra questão fundamental para a urbanística moderna.

Ainda no *Código de Posturas de 1886*, os Títulos tratavam, pela ordem, dos seguintes assuntos: da edificação e reedificação do calçamento; sobre as datas; edifícios ruinosos, excavações e precipícios, limpeza e desobstrução das ruas e praças, conservação das calçadas e outras disposições em benefício dos habitantes, ou para aformoseamento da cidade e povoações do Município; estradas, caminhos e plantações de árvores, extinção de formigueiros e criação de gado; higiene e salubridade pública; fábricas, oficinas e cortumes; hospitais, casas de saúde, moléstias contagiosas e divagações de loucos; polícia sanitária; cemitério e enterramentos; do matadouro público, seu asseio e economia, açougues públicos e condução de carnes verdes; mercados e comércio; pesca; teatros, bailes, divertimentos públicos, entrudo; jogos e armas de defesa; vagabundos, embusteiros, tiradores de esmolas, rifas; os diversos meios de manter a segurança, comodidade e tranquilidade pública; do sossego público, injúrias e ofensas à moral pública; criados e amas de leite; e por fim, as disposições gerais. No mesmo documento é estabelecido o chamado *Padrão Municipal*, que define: obrigatoriedade do alinhamento e nivelamento de qualquer obra; calçamento dos passeios; condições para a abertura das ruas por particulares; construções e reconstruções; gabaritos e dimensões; bem como trata de cortiços, casas de operários e cubículos[3].

Eis, ainda no Império, o amplo elenco de temáticas relativas ao controle da forma urbana anunciando as questões que o urbanismo sob a República buscaria desenvolver. Buscando recuperar alguns aspectos desse processo na Cidade de São Paulo, chamamos a atenção para a atuação urbanística de seus primeiros Prefeitos, em especial Antônio da Silva Prado (1899-1909), Raymundo Duprat (1910-13) e Washington Luís (1914-18), na qual foi decisivo o trabalho dos engenheiros da *Diretoria de Obras* da Prefeitura.

Em texto escrito em 1930 pelo Eng. Victor da Silva Freire, sobre o período em que Antônio Prado havia sido Prefeito de São Paulo, o lente da Escola Politécnica lembra ter sido convidado para trabalhar como engenheiro-chefe da Prefeitura pelo conselheiro, um mês após este tomar posse. Freire tinha então menos de trinta anos, e permaneceria na Prefeitura paulistana até janeiro de 1926, quando se aposentou, sendo que de 1899 a 1924, portanto, durante quase 25 anos, foi seu Diretor de Obras Públicas. Antônio Prado realiza a mais longa gestão de um prefeito paulistano, permanecendo no poder por três mandatos consecutivos, de 1898 a 1910, realizando um conjunto de obras públicas que redefinirão radicalmente a paisagem provinciana e colonial do velho burgo de Anchieta. Dentre os melhoramentos implantados durante seu longo governo destacam-se do ponto de vista urbanístico: a construção do Teatro Municipal, a reforma do Jardim da Luz[4], "provocando-lhe a frequência por meio de concertos musicais" *(Freire, In: Prado, org. 1930, p.125)*, e a conclusão da reforma do cemitério da Consolação. Os projetos do teatro e do pórtico de entrada do cemitério e de seu necroterio foram entregues por Freire, com a autorizacão do Prefeito, ao Arq. Ramos de Azevedo. Aliás, Freire gaba-se no seu texto de ter posto em contato Prado e Azevedo, considerando que *"um e outro tinham seu quê de casmurros" (id.ibid.)*. Lembra ainda que *"o belo gradil da frente do Jardim"* tinha sido projetado por Krug e o pavilhão de música por Hehl. Também no governo Prado os bondes elétricos substituíram os de tração animal, tornando-se um fator decisivo na expansão da cidade. Por outro lado, o contrato que a Prefeitura assinou em 1901 com a "S. Paulo Tramway Light & Power Co.", e que ainda vigorava quando Freire escrevia seu texto (1929), foi objeto de inúmeras críticas, por beneficiar sobremaneira a empresa concessionária.

De qualquer modo, o espírito modernizador desse próspero fazendeiro de café e importante político paulista, que também ocupou cargos públicos desde o fim do Império - de agosto de 1885 a janeiro de 1889 foi Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, talvez a principal pasta técnica dos Gabinetes Ministeriais organizados pelo Barão de Cotegipe e João Alfredo - até deixar o cargo de Prefeito de São Paulo, merece ser destacado. Pois foi responsável por inúmeros empreendimentos públicos e privados em todo o País, em especial no Estado de São Paulo e na sua capital, tais como: a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, da qual foi presidente de 1892 a 1927, quando *"construiu, em diversas direções, cerca de 600 quilômetros de vias férreas, cujos pontos extremos atuais se acham nas margens do Rio Grande, de um lado, e de*

outro, no centro do sertão Noroeste, que o ramal de Piratininga está atravessando, em demanda ao Paraná" (Monlevade, In: Prado, op cit., p.96), os Jockeys Clubs do Rio de Janeiro (1868) e de São Paulo (1875), o Balneário do Guarujá (1891)[5], o Velódromo Paulista (1895)[6] e o Automóvel Clube de São Paulo (1908).

A contribuição do Conselheiro Prado no processo de ocupação e urbanização do território paulista foi decisiva, seja através da abertura que levava a cabo de enormes fazendas de café, em áreas ainda cobertas de matas, como também na expansão da malha ferroviária e na criação de núcleos coloniais nas Províncias do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco, além de São Paulo. Como empreendedor privado fundou a Companhia Prado Chaves, casa comercial comissária e exportadora, o Banco do Comércio e Indústria, a Vidraria "Santa Marina", a empresa de cortumes "Água Branca" e o frigorífico Barretos. Como administrador público, Antônio Prado *"abriu a concorrência para a construção do cais de Santos, escolheu as propostas, defendeu-as no Senado e assinou o contrato" (p.33)*. Em *"A Tribuna"*, de Santos, em 25/2/1940, lemos, a respeito, uma versão mais precisa: "É ainda no seu Ministério que revê os estudos para melhoramentos do porto de Santos, feitos pelo engenheiro Sabóia e Silva, contratando a construção das docas, com os incorporadores da *Companhia Docas*, em julho de 1888.

Sobre as realizações de Prado como Prefeito da Capital, pudemos registrar, a partir de artigos e discursos coligidos por sua filha, Nazareth Prado, em livro *(op.cit.)* em sua homenagem, as seguintes observações de autores diversos, que apontam todas no mesmo sentido: *"...remodelou sua cidade, abriu avenidas e arejou suas principais artérias, sendo ainda serviços seus as concessões de luz, força e viação, e o nosso Teatro Municipal". (Vidal: p.34)*, *"... o iniciador da remodelação da nossa Capital" (Salles: p.74)*, *"...Prefeito da capital de São Paulo, remodelou-a, tornando-a uma das mais admiradas metrópoles americanas." (Paulo Filho: p.87)*, *"Foi Antônio Prado, com os bondes elétricos, numa época em que os técnicos franceses achavam prematuro tal empreendimento e em que os norte-americanos iniciavam a tração elétrica na viação urbana de Nova York, que trouxe para São Paulo a 'Light and Power', a que devemos valioso concurso em nosso progresso." (Andrade: p.51)*. *"Um dos velhos melhoramentos urbanos, que modificaram em parte a fisionomia da cidade, foi a abertura da Rua Líbero Badaró, ou antes, da rua nova de S. José, no século XVIII. Até aí tudo conservara o aspecto semi-quinhentista. Daí por diante, tudo conservou o aspecto setecentista, até a administração Antônio Prado. Este prefeito, ao começar o século XX, transformou a cidade. Rasgou ruas e retificou ruas, voltando-se civicamente para os empreendimentos capazes de beneficiar a terra de que era filho. Antônio Prado realinhou a rua Quinze de Novembro, a Álvares Penteado, a Quintino Bocaiúva, entre outras. Deve-se-lhe também o alargamento do pátio do Rosário, que foi batizado com o seu nome. Enfim, em todos os setores, a sua atividade se fez sentir, prestante e profícua. É do seu tempo a reforma*

da iluminação pública e dos serviços de transportes coletivos: em vez de gás, luz elétrica; em vez de bondes de burro, bondes elétricos." (Sant'Anna: p.101).

Dentre os comentários, recorrentes como vimos, destaca-se o de Freire, que assim expunha a *"mutação"* que a cidade vivia, citando texto publicado pelo *"grande engenheiro norte-americano John Frank Stevens"*, na revista *"Personality"*: *"O que era e o que é S. Paulo ! Quem quiser saber por que espantosa transformação passou esta cidade nestes últimos anos vá primeiro alí à colonial e melancólica rua da Tabatinguera, venha em seguida ao centro cheio de palácios, e deixe-se ir depois, atravessando o Viaduto (sic) num dos velozes carros da Light, por esses longínquos e formosos arrabaldes que continuamente vão erguendo os seus primores de arquitetura no campo estéril e inculto que nos cerca. Éramos uma grande cidade, digna sob todos os aspectos, do seivoso continente em que nos achamos."* Prosseguindo, o engenheiro aponta o Conselheiro Prado como o principal responsável por tais mudanças, comparando-o a Haussmann em relação a Paris, e a Rosa Araújo, em relação a Lisboa. Freire, sem discordar do colega norte-americano, apenas retifica o fato de que o Prefeito de Paris dispunha de recursos a rodo, atribuindo tal equívoco aos adversários políticos do Terceiro Imperio. E enfatiza que, *"de igual modo teve o renovador de S. Paulo, pondo em ação predicados nada inferiores, de contar tostão a tostão as magras rendas que lhe eram postas à disposição, para poder operar a transformação que maravilhou os munícipes daquele periodo, como maravilharia os de hoje, e os de qualquer época e lugar. Desse ponto de vista, pois, é perfeito o paralelo entre os dois." (Freire, op.cit., p.117).* O ex-diretor de obras públicas ainda recorda o fato de Haussmann dispor *"de um quadro de auxiliares técnicos e administrativos de primeira ordem, formados e educados na tradição da fecundíssima sementeira de servidores públicos que, naquele tempo, toda a Europa invejava à França"*, enquanto *"Prado não tinha nada disso"*, dificuldade superada, como observa Freire, pelo *"espírito coletivo tão robusto, tão coeso"* que criou entre os seus subordinados.

Mas registremos também, ao menos uma opinião divergente em relação ao Conselheiro. A de um articulista do pasquim operário *A Terra Livre*, em 13 de junho de 1906, comentando a greve nas linhas da Paulista, que começara em 15 de maio e terminara dia 30, por conta da extrema violência perpetrada pela polícia enviada pelo Prefeito. Eis o que nos fala essa outra voz que, ao criticar a figura do Conselheiro, nos apresenta também um pouco da imagem que as classes operárias faziam das reformas urbanas que modernizavam a fisionomia da cidade: *"O presidente da Companhia é o velho áulico da monarquia, conselheiro Antonio Prado, o qual, como todos os graúdos da realeza, tem grande cotação no mercado da asquerosa oligarquia republicana: é prefeito da Paulicéia, deu o seu nome ao largo mais central, que ele ... perdão! Os pedreiros e engenheiros transformaram, e tem fama entre a alta casta e os engrossadores da imprensa, só porque, no seu reinado, tendo São Paulo absoluta necessidade de*

atrair gente e capitais, de se embelezar, os vereadores decretaram e os contribuintes pagaram os melhoramentos realizados em certos bairros felizes, e ainda porque prestou mão-forte a certas empresas, como a Light, que pode e manda nesta terra." (Carone: 1979, p.93). Bertucci, estudando o mesmo período, observa que *"A objeção impressa ao governo, baseada em noções de saúde adquiridas por muitos trabalhadores, se estenderá a várias obras que estavam sendo realizadas na cidade de São Paulo, quando as alterações implementadas no traçado urbano derrubavam casas, alargavam avenidas, construíam viadutos. Longe do apego a uma cidade que estava sendo rapidamente 'demolida' com as obras que estavam sendo feitas, o que transparece nos jornais (operários) é a contestação da prioridade dada a estas transformações em detrimento de mudanças que esses órgãos elegiam como mais urgentes, em locais onde as condições para uma vida saudável eram mínimas, como o Belenzinho ou o Brás, chamado 'Cidade das Indústrias' " (op.cit., p.86).* E quanto a moradias operárias, a mesma autora cita um artigo do jornal *A Vanguarda*, de tendência anarquista, no qual a construção de vilas operárias em Jundiaí e Campinas, pela Companhia Paulista, é considerada pelos trabalhadores como uma forma de subordiná-los ainda mais à empresa, *"sob ameaça de serem despejados em 24 horas"*.

Ainda no início da gestão Prado, em 1900, é inaugurado o bonde elétrico. Em abril de 1892 é aberto ao público o Parque Villon, projetado pelo paisagista francês de mesmo nome, e em 1908 é refeito o calçamento da Av. Paulista, com o alargamento e arborização dos seus passeios. Ao mesmo tempo que criava as condições para a expansão da cidade - e seu estímulo à criação da *Light*, nesse sentido foi fundamental - Prado preocupava-se com detalhes de melhoramentos. A importância das três gestões consecutivas do Prefeito Antônio Prado está, sobretudo, nas profundas alterações da fisionomia da cidade que os melhoramentos e obras que realizou provocaram. Com elas garantiu-se a tão desejada continuidade administrativa que os profissionais do planejamento urbano nascente reclamavam, reforçada pela manutenção do mesmo Diretor de Obras Públicas. Com o Eng. Victor da Silva Freire, que permanecerá no cargo até 1925, portanto, durante mais de um quarto de século, Prado iniciou, antes mesmo do Distrito Federal, a modernização da Capital paulista, visando - de modo claro e deliberado - transformá-la em uma metrópole.

Como observa Graça Aranha em *A vida realista de Antonio Prado*, texto que abre o livro sobre o Conselheiro, organizado por sua filha, *"o gênio da civilização o possuiu. Foi um construtor do Brasil moderno, movido pelo espírito de criação" (Prado: 1929, p.13).* E pouco mais adiante comenta: *"As cidades brasileiras jaziam na imundície colonial. Eram monturos espalhando a tristeza, a infecção, a peste e a morte. Antônio Prado, prefeito de São Paulo, dá o sinal da transformação. A capital paulista é saneada, as suas ruas alargadas, a construção alegra-se, a paisagem é incorporada à cidade. São Paulo fascina o Brasil e estimula o milagre de beleza, que é o Rio de Janeiro"*

(op.cit., p.14). Nesta citação o modernista Aranha deixa claro a identificação entre imagem colonial e o sentimento de tristeza, em oposição à alegria do que é moderno. E observa também que, antes das reformas de Passos no Rio de Janeiro, que a historiografia sobre a modernização das cidades brasileiras sempre privilegiou, as reformas de Prado em São Paulo inauguravam e davam o exemplo de intervenção sobre as principais cidades brasileiras. A decisiva atuação do Prefeito Prado na transformação da Capital paulista remete, a par de sua importância na modernização da cidade, à questão da importação de idéias, costumes e estilos culturais europeus, em especial aqueles oriundos de Paris, como já apontou Levi *(1975)*. Mas outras propostas também influenciariam a nova configuração que a cidade adquiria. Vejamos a principal delas.

Em 1907, o vereador Augusto C. da Silva Telles publica seu opúsculo *Melhoramentos de São Paulo*, onde constata a amplitude das obras realizadas desde que Antonio Prado fôra eleito Prefeito pelos demais edis. Afirmava então: *"A tradicional e acanhada Paulicéa transfigurou-se em formosa cidade, adotando toda sorte de melhoramentos, estendendo-se em todas as direções, - caprichando em sua arquitetura, - alargando e retificando ruas estreitas e tortuosas ruas, ornando-se com jardins elegantes e uma arborização profusa e caprichosamente tratada, - esmerando-se no calçamento de suas ruas e praças ..." (p.11)*. Se por um lado Telles elogia os melhoramentos realizados, por outro critica a falta de um plano de conjunto, o que permitia a abertura sem qualquer controle de ruas em pontos pitorescos da cidade, *"visando exclusivamente a valorização de terrenos particulares" (op.cit., p.28)*. Telles reclama o desafogo do centro, a criação de uma Avenida Central, mas também a construção de vilas operárias e do Parque da Várzea do Carmo, que poderiam atender as necessidades de moradia e recreação das famílias trabalhadoras do Braz. Sem dúvida, suas propostas articulam, pela primeira vez em um plano único, de conjunto, diversos melhoramentos a serem realizados para a melhoria da circulação, o embelezamento e o saneamento da cidade. Convenhamos que não se tratava de nenhuma novidade, ao menos para alguns dos profissionais vinculados à reforma e planejamento das cidades. O Eng. Saturnino de Brito, em 1896, para Novo Arrabalde, uma extensão de Vitória, assim como em 1901, para sua cidade natal, Campos, ou para Santos, em 1904, já havia formulado planos de conjunto, isto é, planos de saneamento, mas também de expansão e melhoramentos. E, se para a Cidade de São Paulo, as propostas de Telles podem ser consideradas seu primeiro plano geral, é preciso situá-las em relação às obras projetadas ou já construídas desde 1899, que são seu ponto de partida.

Constatando o rápido crescimento da cidade, bem como o número crescente de melhoramentos que a longa gestão do Prefeito Prado implantava, Telles aponta, por outro lado, *"a falta de um serviço organizado que a si tome essa importantíssima função do governo municipal" (op.cit., p.28)*, reiterando a necessidade de um plano de

conjunto que deveria impedir que a abertura de novas ruas e bairros se *fizesse "visando exclusivamente a valorização de terrenos particulares" (id.ibid.)*. É no sentido de articular em um plano geral os diversos melhoramentos exigidos pela cidade que o Eng. Telles listará as principais obras a serem realizadas que, como observa Simões Junior *(1995, p.69)*, três anos depois serão incorporadas ao projeto desenvolvido pela Diretoria de Obras da Prefeitura e apresentadas por Prado ao cabo de seu governo. A proposta de Telles de transformar o fundo do vale do Anhangabaú em uma avenida central é exposta da seguinte maneira: *"dotaríamos São Paulo de uma belíssima avenida central, dominando esse vale sob os dois viadutos, hoje tão mal aproveitado e que poderá transformar-se em um sítio encantador" (op.cit., p.38)*. Não se tratava, portanto, assim nos parece, de transformar a rua Líbero Badaró em uma *"Avenida Central"*. Tal via proposta por Telles - sem dúvida, inspirada na Avenida Central aberta por Pereira Passos no Distrito Federal, alguns anos antes - deveria, segundo seu texto, ligar a Avenida Tiradentes com a Avenida Paulista, passando pelo fundo dos vales dos córregos Anhangabaú e Saracura. E esta avenida central só poderia ser uma, que comunicaria a Estação da Luz, através da Avenida Tiradentes, do vale do Anhangabaú e da atual Avenida Nove de Julho - mas que foi denominada ainda em projeto como Avenida Anhangabaú -, com a Avenida Paulista, portanto, demarcando um novo eixo estrutural e de expansão para a Cidade.

Para Telles, a avenida central que propunha *"seria o componente indispensável ao belo e imponente Teatro Municipal, que mal se compreende tenha como panorama da cidade essa fila repugnante de fundos de velhas e primitivas habitações" (id.ibid.)*. Mas, além do desafogo do centro através do alargamento de diversas ruas, e da implantação de uma avenida central correndo ao longo do vale do Anhangabaú, Telles propunha, como também Simões Júnior observou, *"a construção de vilas operárias, higiênicas e razoavelmente confortáveis, em condições de remunerar o capital empregado, sem extorquir o minguado salário do operário"*. As propostas urbanísticas do Eng. Telles ainda incluíam a criação no Brás *"de um jardim amplo, bem drenado, bem arborizado, em que a população encontre conforto a suavizar o cansaço do labor cotidiano, em que as crianças possam robustecer o organismo e sintam a vida por um prisma ameno e menos carregado da atmosfera pesada e constrangida da penúria doméstica" (op.cit., p.47)*. O que Telles pretendia era a transformação dessa *"extensa e pitoresca superfície, em pleno coração da cidade"* - a várzea do Carmo - *"em amplo e soberbo parque, o que daria a São Paulo um encanto excepcional, al aproveitando artisticamente o curso gracioso do rio" (op.cit., p.53)*. Constatava então o vereador e engenheiro, segundo um ponto de vista higienista, o abandono a que aquela várzea havia sido relegada: *"tudo foi descurado e vê-se pouco a pouco ser invadido o formoso campo por habitações primitivas e pouco higiênicas, dando a tudo um aspecto mesquinho, senão repugnante" (id.ibid.)*, o que reforçava sua tese da necessidade

urgente de melhoramentos na várzea do Carmo.

Em outro momento, no *Relatório de 1909*, o Prefeito Antônio Prado, fazendo um balanço de sua ultima gestão, apesar de louvar o crescimento da área de superfície calçada (47 % entre 1908 e 1909), concorda que as obras estavam aquém das necessidades, cada vez maiores, que a cidade em franco crescimento criava. Registra, entretanto, a execução em curso do Teatro Municipal e também do Viaduto Santa Iphigenia - *"obra de arte projetada para melhorar e facilitar as comunicações da zona noroeste da capital com o centro comercial da cidade" (p.28).* Nesse mesmo *Relatório*, no capítulo sobre as obras municipais, informa ter havido um *"maior desenvolvimento, em tudo quanto se relacionou com trabalhos de viação: calçamentos diversos, escoamento de águas pluviais, galerias, boeiros, regularização de perfis, assentamentos de guias, pequenas obras de arte, etc." (op.cit., p.27).* A cidade já vinha se remodelando desde o fim do século XIX, e nos últimos dez anos recebera melhoramentos diversos, sobretudo no que se refere à abertura de novas vias, construção de viadutos, e outras reformas no traçado de ruas, alinhando-as ou retificando-as, numa clara intenção de regularizar os elementos configuradores da paisagem urbana.

Com o Prefeito Duprat tiveram pleno prosseguimento as obras de modernização da Cidade, destacando-se sobretudo a criação dos Parques do Anhangabaú e D. Pedro II, este na várzea do Carmo. Em seu *Relatório de 1911 apresentado à Câmara Municipal,* Duprat destaca *"o bom estado financeiro do Município, a sua renda florescente e a aplicação exata, rigorosa, dos dinheiros do erário municipal" (p.3).* O Prefeito aponta também para a necessidade de *"enfrentar os grandes melhoramentos, que surgem cada dia, e que, iniciados na administração passada, atingem agora ao seu alto grau de desenvolvimento, obrigando-o a encetar um plano geral de obras, para transformação da cidade" (p.3).* E arrolava mais de duas dezenas de ruas que deveriam ser alargadas, para o que necessitava fazer desapropriações, assim como estas seriam necessárias *"para a formação dos Parques da Floresta, Água Branca, Várzea do Carmo, avenida Paulista e avenida Angélica, para a construção de um terraço na avenida Paulista e outro na rua Rio de Janeiro, este destinado a gozo de vista sobre o vale do Pacaembú; para a construção da esplanada da avenida Paulista" (p.4),* revelando em tais empreendimentos um cunho acentuadamente estético, de criação de uma nova imagem da cidade, mas também de construção de belvederes, além de ampliar os parques existentes. Se São Paulo não possuía as belezas naturais de sua rival Rio de Janeiro, poderia oferecer, com seus parques, jardins e o arvoredo de suas ruas, uma alternativa quase tão bela, ainda que artificial, que se somava às facilidades e conforto que os melhoramentos em implantação propiciavam.

No mesmo *relatório* Duprat expõe as propostas que surgiram para os melhoramentos na área central da Cidade. A primeira delas - projeto elaborado pelo Eng. Alexandre Albuquerque - foi apresentada em novembro de 1910, *"subscrita por um grupo de*

conhecidos capitalistas e pessoas de destaque no nosso meio social" (p.5) e dirigida ao Congresso do Estado. Propunha a construção de *"três largas e extensas avenidas, com todos os melhoramentos modernos, a exemplo do que se tem feito nas grandes e mais adiantadas cidades"*, as quais se cruzavam em *"uma grande praça, cujo centro ficaria destinado a nele ser oportunamente erigido um majestoso monumento alusivo à cidade e ao Estado de S. Paulo" (p.6)*. Além de criar um centro cívico, o projeto pretendia dar uma resposta à necessidade de expansão da área central e ao problema da circulação no centro comercial. Não se tratava exatamente de um *"plano geral de melhoramentos"*, como desejava o Prefeito Duprat, e reclamavam os primeiros urbanistas da época. Um segundo plano, denominado Freire/Guilhem, elaborado pela Diretoria de Obras, foi apresentado em 6/12/1910 ao Poder Legislativo do Estado, e reiterado junto ao Presidente do Estado pelo Prefeito Prado, em janeiro de 1911, poucos dias antes de deixar o cargo, em cuja exposição lemos: *"Adotado por V. Ex. o plano de melhoramentos, que tenho a honra de sujeitar à sua apreciação, S. Paulo ocupará um dos primeiros lugares entre as cidades modernas civilizadas do continente sul-americano e terá V. Ex. assinalado a sua passagem na administração do Estado com mais uma ato de esclarecido patriotismo." (p.8)*. Um terceiro projeto, da Secretaria da Agricultura do Estado, formulado pelo Eng. Samuel das Neves, viria a público em janeiro de 1911. Propunha reformas pontuais e melhoramentos viários na área central, e reiterava a proposta de avenida-parque que Telles fizera quatro anos. Frente a falta de um consenso sobre as propostas a serem implementadas, o urbanista francês Joseph-Antoine Bouvard[7], de passagem por São Paulo, é consultado pela Câmara sobre o plano de melhoramentos. Como relata o Secretário da Agricultura do Estado, Antonio de Padua Salles, *"o notável arquiteto Bouvard, diretor honorário dos serviços de arquitetura, passeios, vias públicas e plano da cidade de Paris aprovou, com ligeiras modificações, as obras projetadas, tendo sugerido outros melhoramentos em toda a cidade" (p.10)*.

Sobre tais fatos pairam versões diversas, de qualquer modo, o projeto da Secretaria da Agricultura já começara a ser executado em fevereiro de 1911, logo após ter sido publicado pelo *Correio Paulistano*, de 23 de janeiro e retificado em matéria no mesmo diário, de 7 de fevereiro. Em seu *Relatório*, o Prefeito Duprat transcreve essa notícia, chamando a atenção para o fato do projeto Neves nunca ter apresentado relatório ou justificação. Em 9 de março foi assinada a escritura do acordo realizado com o principal dos proprietários interessados, o Sr. Conde de Prates. O vereador Alcantara Machado, em sessão de 14/3/1911 questionará o Secretário, por este ter dado início à execução do plano sem consultar a Municipalidade, com o que concordará o Prefeito Duprat, também questionando a versão do Secretário, mas pondo a salvo Bouvard, que não teria aprovado as obras. É ainda o Prefeito Duprat quem afirmará: *"A verdade é que o ilustre profissional se encontrou em frente a uma situação, criada precipitadamente, em que já se achavam envolvidos direitos de terceiro e à qual cumpria dar remédio. Foi*

o que se deu em relação ao vale do Anhangabaú" (p.11), tendo porém Bouvard, como observa Duprat com pertinência, apresentado um projeto (fig.2.6 e 2.7) bastante distinto daquele do Governo do Estado. Contrapondo à proposta do Estado o relatório que Bouvard lhe envia - que transcreve na íntegra - Duprat chama a atenção para as modificações que o arquiteto francês introduzira no plano da Diretoria de Obras da Municipalidade, atribuindo-lhe, de modo sutil, um caráter conciliador, avalizado pela experiência e prestigio profissional do consultor francês, mas colocando nas mãos de Freire o leme das reformas que logo se iniciariam.

Assim, se para Duprat, *Bouvard havia impresso "um cunho estético de que não cogitara o projeto da Prefeitura" (p.15)*, por outro lado afirmava que *"o projeto Bouvard coincide por tal forma nas suas linhas gerais com as idéias das passadas administrações e do meu honrado antecessor, que já se acham realizadas, há cerca de dois anos, as desapropriações necessárias à parte da operação" (id.ibid.)*. Para o Prefeito, tratava-se de realizar imediatamente o plano Bouvard. Assumindo a direção das obras, Freire desenvolverá um quarto projeto, em que incorpora as propostas de Bouvard sem, no entanto, abandonar totalmente a primeira versão da sua Diretoria de Obras. Aponta, entre as diferenças entre seu projeto original e o de Bouvard, a que diz respeito às ruas que ligariam o Teatro Municipal à Libero Badaró. Ao propô-las, Bouvard descarregará seus fluxos no *"corso central"* que percorre longitudinalmente o vale, levando Freire a observar que *"essa é uma particularidade do projeto Bouvard; graças a ela o fundo desse logradouro terá vida e animação" (p.19)*. Outra modificação feita por Bouvard está na criação de um Centro Cívico, uma *"praça decorativa"* com três edifícios públicos importantes, em relação à qual Freire afirma ter aplicado as regras de Maertens[8] para determinação das distâncias livres diante dos edifícios e do melhor efeito a se tirar deles.

Mas as propostas fundamentais do plano de melhoramentos que Freire implantará (fig 2.8) seriam o alargamento, por duplicação, das linhas de comunicação do centro em direção norte-sul, bem como *"o alargamento da rua Mauá (antiga da Estação) entre Duque de Caxias e Florencio de Abreu, o qual ficará constituido em praça de acesso às estações" (p.17)*, valorizando-as, e ao transporte ferroviário de passageiros, nas obras de reestruturação da cidade. Esse conjunto de obras permitiria o desafogo imediato da congestão do centro, a ser resolvida de modo definitivo em outro momento.

Em segundo lugar, Freire estabelecia a comunicação dos bairros operários e industriais localizados a Leste, como Parí, Brás, Moóca e Belénzinho, propondo para tal as duas avenidas marginais ao Rio Tamanduateí, estendendo assim, como observa, *"a cidade operária para o lado do Ipiranga" (p.18)*. E para superar o problema das cancelas, resultante do cruzamento em nível das três grandes artérias de comunicação principais com os trilhos da *São Paulo Railway*, Freire propunha também *"a construção de uma linha de cintura ou de circunvalação, ligando pela várzea de Santo Amaro os dois*

trechos da estrada, a montante e jusante da cidade", a qual "daria, com a economia de percurso, passagem ao tráfego direto de Santos com o interior, sem incomodar o trânsito da cidade" (p.18). Ressalta ainda, em seu *Relatório,* os parques e avenidas com respectivos panoramas, no bojo da reestruturação do sistema viário central. Para a conclusão das obras propunha o ano de 1922, fazendo coincidir com as comemorações do Centenário da Independência.

Em seu plano, o urbanista da Prefeitura visava estabelecer um *"novo 'Triângulo'; ...cuja superfície será mais do dobro da do antigo e cuja formação desafogará por completo a zona utilizada da colina em que foi fundada a primitiva cidade." (p.20),* criando dois circuitos que reforçavam o crescimento da cidade para o lado Oeste - aspecto que é por ele ressaltado em seu *Relatório,* representado *"nos carros da Light & Power, por 40 % do número total dos seus passageiros" (p.18)* - em cuja direção a congestão central se manifestava com mais intensidade. Desse modo, em sua proposta para a estrutura urbana paulistana, Freire articulará, em um único plano geral, os melhoramentos a serem implantados na área central - que tinha agora seu eixo deslocado para o vale do Anhangabaú, rompendo, portanto, com os limites históricos do triângulo restrito à colina urbanizada originalmente -, com a expansão da cidade na direção Oeste.

A Cia. *City* havia sido recém criada e, no entanto, já encontramos no esquema da *Diretoria de Obras* a indicação de um *"Avenida principal projetada pela S. Paulo City Improvements"*, continuando a Avenida Paulista. Em outra estampa de seu Relatório (fig.2.9) vemos o traçado sinuoso do que foi o primeiro projeto para o Pacaembú, provavelmente elaborado por Bouvard, que estava na ocasião também a serviço da Cia. *City*. Tal vínculo entre a Cia. *City*, e o plano da *Diretoria de Obras*, não nos parece algo fortuito. Arriscaríamos lançar a hipótese de um conluio de interesses entre Freire e aquela promissora companhia imobiliária, que em grande medida, determinou os rumos da expansão metropolitana, reforçando os setores da cidade nos quais a *City* havia adquirido; por indicação do próprio Freire e com a assessoria de Bouvard, enormes glebas de terrenos. Não por acaso também esses senhores tornaram-se, em momentos diversos, diretores da *City*, com Bouvard, assim como Freire, tendo atuado, desde a criação da Companhia, como consultores técnicos.

O modo como o projeto de Bouvard para o ajardinamento do vale do Anhangabaú e o plano da Cia. *City* para o Pacaembú foram discutidos entre os vereadores, registrado nas atas das sessões da Câmara Municipal do ano de 1913, revela a ausência de unanimidade e uma certa desconfiança em relação a eles. Quem levanta a polêmica é o vereador Carlos Garcia, que havia requerido os papéis a respeito. O primeiro documento questionado é uma carta do sr. Julio Micheli ao sr. Victor da Silva Freire, em que aquele apresenta as plantas, perfis e orçamento das obras a se fazer no vale do Anhangabaú, *"para a execução do Parque de conformidade do Projeto Bouvard" (Annaes da Câmara*

Municipal de São Paulo:1913, p.214). O orçamento alcançava a quantia de 319:550$000, não considerado exagerado pelo missivista, considerando *"o enorme aterro a fazer-se, a grande superfície do Parque e a importância das obras de arte"* (*id.ibid*). Para o sr. Julio Micheli, como lê o vereador, *"seria muito útil para a boa execução do projeto que o sr. arquiteto Bouvard (então em Paris) nos fornecesse mais alguns detalhes quanto à decoração do 'chateau d'eau', para não fazer uma obra que possa ficar em desacordo com seu pensamento"* (*id.ibid*). Considerando que ainda seria preciso ouvir Bouvard, o sr. Carlos Garcia julga precipitado se fazer qualquer coisa que, posteriormente, teria de ser destruída, pois fato semelhante já ocorrera com o Paço Municipal. Critica também o que considera uma insinuação feita por Micheli de que a obra deveria ser feita por Ramos de Azevedo. Outro vereador, o Sr. Mario do Amaral, na mesma linha de questionamento da Diretoria de Obras da Prefeitura, observa que *"a Câmara tem serviço de ajardinamento organizado e completo. Não precisa contratar esse trabalho"* (*id.ibid*). Claramente tratavam-se de discursos de oposicionistas à política de melhoramentos que o Prefeito Duprat implementava, mas em suas críticas revelavam-se os interesses em jogo por trás do plano de obras para a Cidade.

O outro assunto de que trata o vereador Carlos Garcia é um requerimento da Cia. *City* solicitando a contribuição da Prefeitura em uma parte das despesas com melhoramentos que a empresa vinha fazendo na Capital. Na sua petição a *City* dizia haver *"um plano de formação de um bairro, que julga necessário, na cidade de São Paulo, para embelezamento desta capital"* (*id.ibid*). Tratava-se do plano para o Pacaembú, para construção do qual a companhia reclamava da Municipalidade diversas contribuições, que iam do pagamento da área de terrenos destinados às ruas e jardins, ao *"calçamento completo da Avenida Municipal e de duas faixas laterais ao longo dos passeios ajardinados e da sua continuação até a Avenida Paulista" (op.cit., p.215)*. Ora, sucede que tal avenida - que depois se transformará na Avenida Pacaembú - coincide exatamente com a que havia sido incorporada pelo Eng. Freire, quase dois anos antes, no seu plano de melhoramentos que resumimos acima. O questionamento do vereador Garcia não era, pois, desprovido de sentido, mas suas palavras não parecem ter encontrado eco entre os demais edís, o que o levará à renúncia do mandato, desejando aos vereadores que *"trabalhem para salvar o município dos grandes assaltos que estão preparados aos cofres municipais"*.

Um tema que também ocupou os administradores municipais foi a construção do paço municipal. Conforme lei aprovada pela Câmara em junho de 1902, o Paço deveria ser erguido no terreno do antigo teatro São José, dando frente para a Praça João Mendes. Entre 1906 e 1911 foram adquiridos pela Prefeitura prédios e terrenos das quadras que seriam ocupadas pelo Paço, cuja primeira pedra é lançada em 9 de julho de 1911. O *Relatório de 1912-1913*, fonte dessas nossas informações - em seu capítulo *"Paço Municipal - Catedral - Centro Cívico"* - registra, no entanto, que na mesma

data, *"de passagem pelo Brasil, veio a São Paulo, a convite da Câmara, o arquiteto Bouvard, de Paris." (p. 15)*Indica, portanto, tal relatório do Prefeito Duprat, que Bouvard *"ouvido sobre os melhoramentos da capital, que estavam planejados, achou que se devia criar aos edifícios públicos, construídos ou projetados, uma moldura condigna" (id.ibid.)* e cita o próprio arquiteto: *"Está decidida a construção da Catedral, do Congresso, do Palácio do Governo, do Paço Municipal, Palácio da Justiça. Serão porventura distribuídos ao acaso ? Evidentemente não: é de necessidade absoluta colocá-los metodicamente, de forma a que concorram para um conjunto que pode ser do maior efeito. É mister que a despesa que vão ocasionar não fique estéril. Há nisso ensejo para uma obra notável, que marcará época na história de São Paulo, que será a glória dos poderes públicos, que lhe tiverem preparado a realização e que não me cansarei de recomendar. Há sacrifícios, há despesas necessárias, as relativas à criação do centro cívico, que proponho, estão em primeiro lugar, porque darão lugar no centro da capital paulista a um todo estético tão grandioso como imponente". (p. 15).* O discurso de Bouvard é esclarecedor. Se claramente o arquiteto consultor queria vender seu peixe, por outro lado, aponta a necessidade de um plano integrado de obras, valorizando-as para justificar suas despesas. Mas, o mais relevante de sua opinião, expressa nesse pequeno texto, é que em sua proposta Bouvard privilegiava a construção do centro cívico para a Cidade, localizado junto à Praça João Mendes. Também para esta proposta de Bouvard a *Diretoria de Obras* do Município elabora uma planta *"extraída do projeto geral de melhoramentos organizado pelo arquiteto" (id.ibid.)*, que é submetida à Câmara, acompanhada da seguinte exposição do próprio Freire: *"É inútil, parece-me, encarecer esta parte do projeto de melhoramentos, cujo alcance para a capital é ainda de maior importância que na transformação do vale do Anhangabaú".*

Resumindo o quadro de reformas empreendidas pela gestão Duprat, um artigo publicado no *Almanaque Brasileiro Garnier*, de 1914, sem autoria e sob o título *"Cidade de São Paulo"*, comenta: *"A grande capital paulista em vertiginoso crescimento, procura remodelar-se tomando as feições de grande metrópole. (...) Linda e elegante, falta-lhe contudo o ar de grandeza e sumptuosidade que bem merece pela sua importância e riqueza" (In: Almanaque Brasileiro Garnier: 1914, p.345).* O articulista discorre sobre as reformas que a cidade começava a implantar, comentando o desacordo havido, três anos antes, entre a Municipalidade e o governo estadual a respeito. E sobre o projeto de Bouvard, observa: *"respeitou o triângulo paulista, onde a cidade teve sua origem, mas propôs que as ruas novas fossem feitas em arco, formando-se um anfiteatro, porque a natureza da cidade assim o exige para a conservação da mata pitoresca que lhe emprestam as colinas que a rodeiam" (id.ibid.).*

Se havia uma clara preocupação com a área central da cidade nas intervenções que os poderes públicos realizavam, bem como com a organização da sua expansão, onde a questão da circulação se destacava, outros projetos eram apresentados revelando a

atenção para outros aspectos do crescimento da cidade. O *"Projeto Preliminar de Melhoramento do Valle do Rio Tieté"*, do Eng. O. Pacheco e Silva, elaborado em 1913 junto à *Repartição de Águas e Esgotos da Capital*, da Secretaria de Agricultura do Estado (fig.2.10), estendendo-se da Penha à Lapa, revelava uma escala de intervenção bem maior que a dos projetos tópicos de embelezamento. Suas propostas consistiam em canalizar o Tietê da Ponte Grande a Lapa e fazer o mesmo, ou pelo menos retificar, as curvas do rio entre a Ponte Grande e a Penha. Incluía a abertura de avenidas transversais ao rio em todas as passagens da linha férrea da *"Inglesa"* e construía largas vias marginais, com um parque e uma linha de bonde elétrico acompanhando uma delas. Além de propor a criação de *"um grande parque compreendido entre o rio, o tramway* (da Cantareira) *e as fraldas do morro de S. Anna" (Silva:1913).* De qualquer modo, permaneceu apenas no papel.

Entretanto, com Parker já trabalhando em São Paulo, o *Relatório de 1918 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo Prefeito Washington Luis Pereira de Sousa*, mostra um quadro menos eufórico de construções. Sua apresentação alertava no sentido de que a situação financeira não havia permitido a realização de grandes obras. 1918 foi um ano crítico para a cidade, com greves, epidemia e crise econômica, com os efeitos na execução dos melhoramentos sendo imediatos e diretos. Na mesma apresentação o Prefeito informava que, em todo o quarto trimestre de 1918 e no começo de 1919, a epidemia de gripe interrompeu os serviços de asfaltamento de ruas. São Paulo possuía então uma superfície pavimentada de cerca de 2 milhões e trezentos mil metros quadrados de ruas e avenidas, dos quais mais de um terço havia sido asfaltada nos anos de 1914 a 1918, período exatamente em que Washington Luis foi Prefeito da Capital. E, como escreve em seu relatório, *"suspensos a princípio por falta de dinheiro, demorados depois e continuamente interrompidos pelas permanentes paredes dos operários, por motivo de aumento de salários e de redução de horas de trabalho, esses serviços, arrastaram-se vagarosamente não dando o rendimento necessário e paralisando-se completamente afinal, em vista da carestia geral" (v.1, p.XIV).*

De fato, a ocorrência de greves já vinha se ampliando desde o ano anterior, quando eclodira uma greve geral no mês de julho que paralisou por uma semana todos os estabelecimentos ligados a transporte, comércio e obras públicas, bem como a Cia. de Gás *(Barbosa:1987, p.146).* Fenômeno novo na paisagem urbana as greves[9] passaram a conturbar o cotidiano da cidade, subvertendo a ordem estabelecida e promovendo a destruição da própria cidade como objeto, mas também como imagem e mecanismo de controle.

Em 1920, o advogado e jornalista Milciades de Luné Porchat publica um pequeno livro intitulado *Do que precisa S. Paulo. Um punhado de idéias sobre a cidade*, que ele dedica a Washington Luis, *"espírito progressista e de largo descortino"*, a Firmiano

Pinto, e aos Vereadores da Câmara Municipal de S. Paulo. Trata-se de um opúsculo em que o autor reúne os artigos que escreveu para o *Jornal do Commercio*, nos quais apresenta diversas propostas para a cidade, sugerindo *"uma campanha esthetica"* em seu favor, e pretendendo fazer de seu folheto *"um singelo 'guia' para o estudo das futuras reformas desta capital" (op.cit, p.7)*, que ele também intitulará ". Dois aspectos de suas propostas destacam-se, quais sejam, o fato delas estarem reunidas em um único conjunto, e o modo como o autor aproveita a topografia do sitio urbano, invertendo a visão dominante entre os profissionais, de que a movimentação do relevo paulistano era uma dificuldade a ser vencida pelo urbanista.

Nas considerações preliminares, Porchat destaca as reformas, no ensejo das obras a serem realizadas para a comemoração do centenário da independência, que, como deixa claro, deveriam ser *"mais completas e radicaes, (...) completando o que de bom existe, sanando o que de mau pulula"*, de modo *"a constituir um plano de conjunto" (op.cit, p.9)*, reiterando portanto, a necessidade de correções no desenho da cidade, e de um plano geral para a metrópole nascente, ou, como ele também define, um *"plano fixo e harmônico de melhoramentos"*. Ainda nesse capítulo introdutório, Porchat deixa claro a abrangência de suas idéias e como aproveitar a topografia local. *"Precisamos de projetos de largas vistas, que abranjam os múltiplos problemas e que aliem o útil ao belo. A topografia de S. Paulo é irregularíssima, mas essa mesma irregularidade bem aproveitada, perde seus inconvenientes e se torna um motivo de grandes belezas." (op.cit, p.10)* Respondendo à pergunta por ele mesmo formulada, o autor afirma que São Paulo necessita *"de melhoramentos úteis e imprescindíveis, e de embelezamentos que a tornem atraente" (op.cit, p.14)*. Nos capítulos seguintes aborda cada um dos aspectos de sua proposta.

O primeiro deles tem como título *"Melhoramentos"*, subdividido em *"alargamentos"*, *"esquinas"*, *"prolongamentos, novas ruas, etc."*, *"viação central da cidade"*, *"ladeiras"*, *"porteiras do Braz"*, *"paço municipal"*, *"palácio da justiça"* e *"outras necessidades"*, onde trata de limpeza, iluminação, policiamento e calçamento das ruas. O segundo capítulo diz respeito aos *"Embelezamentos"*, *abordando os ítens "jardins, arborização, etc."*, *"vale do Anhangabahú"*, *"vistas, perspectivas, etc."*, *"novas avenidas"* e *"edifícios públicos"*. A título de conclusão o autor insiste que *"tanto o Governo do Estado como a Municipalidade (conjuguem) esforços para o fim de estudar, elaborar, formar e aprovar um plano completo de reformas da cidade" (op.cit, p.70)*. E encerra seu livro com um apelo: *"Esforcemo-nos por conseguir isso, que será o início do aformoseamento da cidade; batamo-nos numa insistente campanha em prol da beleza e conforto de S. Paulo, que só assim poderá tornar-se, - o que hoje ainda não é -, uma cidade confortável e digna de ser visitada" (op.cit, p.71)*. Vejamos algumas de suas propostas mais de perto.

Os primeiros melhoramentos sugeridos por Porchat são os alargamentos de ruas, e também praças, por onde circulavam bondes e outros veículos. A diminuição dos passeios,

ou calçadas, era apresentada como uma das soluções. Sem questionar a redução da área para circulação de pedestres - até pelo contrário, quando afirma: *"calçadas largas, como temos, são muito úteis, mas é artigo de luxo que só possue quem pode"* - o objetivo visado era facilitar a circulação dos veículos de um modo geral. Assim, o jornalista-urbanista indica e justifica as ruas e largos a serem alargados. A rua do Seminário, a 25 de Março, a Sta. Ephigenia, a rua Augusta, *"caminho para o novo e interessante Jardim América"*, Xavier de Toledo, da Liberdade, Vergueiro, do Arouche, Maua, etc., bem como os largos General Ozorio, João Mendes, Liberdade, Arouche e outros. Reiterando sua opinião observa: *"Nos problemas urbanos é muito mais importante a circulação de veículos que a de pedestres. Estes se esgueiram por qualquer fresta, aqueles já não podem fazê-lo" (op.cit, p.18)*, procurando, a qualquer custo, evitar que a cidade fique *" 'engasgada' com o trânsito futuro"*.

No item seguinte, ao tratar do desenho das esquinas paulistanas o autor de nosso libreto afirmava: *"Já é louvável a regra, em S. Paulo, que os cantos das ruas devem ser chanfrados. Assim se facilita aos veículos fazer a curva das ruas, e se diminue a possibilidade de colisões" (op.cit, p.19)*. E propunha, para ruas mais centrais, um *"quebramento dos cantos (...) mais acentuado" (id.ibid.)*, podendo as faces das esquinas ter no mínimo 10 metros, ou mesmo serem curvas. Tudo, para nosso urbanista, *"conforme as necessidades do trânsito, consultando-se apenas a orientação do movimento, sem preocupação de simetria ou padrão"*. Seu discurso não poderia ser mais claro, a circulação de veículos é o fator decisivo no desenho da cidade. A partir dela serão definidos quase todos os melhoramentos, e os embelezamentos urbanos, em grande parte, estarão diretamente associados a obras viárias. Ainda no triângulo central, Porchat sugere alguns *"arrazamentos"*, como o da Casa Matarazzo, na esquina das ruas Quintino Bocaiúva, José Bonifácio e Direita, alargamentos na rua da Quitanda e na travessa do Comércio, e extensão de ruas e avenidas, como a Luiz Antônio e a 7 de Abril. No item seguinte prosseguem as propostas de obras viárias a serem realizadas no centro, como o viaduto Boa Vista e outros tantos alargamentos, ou retificações, e também sugestões para mudança de pontos terminais das linhas de bondes.

No item *"Ladeiras"* as propostas de Porchat criticam a declividade acentuada de inúmeras ruas da Cidade e também o desnivelamento de muitas delas. Indicando quais eram as ladeiras mais perigosas, observa que *"São paulo, cidade terrivelmente montanhosa, não tem dedicado a mínima atenção para o problemas de suas ladeiras, que na maioria são autênticas Matacavalos" (op.cit, p.27)*, e aponta a causa disso no fato de que *"se persiste no erro de fazê-las retas, como se fossem ruas planas" (op.cit, p.28)*. Contestando que *"por meio de ziguezagues ou curvas, não há altura a que não se suba"*, e *indagando "por que não corrigí-las por essa maneira ?" (id.ibid.)*, nosso articulista lista diversas ladeiras que deveriam ser suavizadas, bem como ruas que deveriam ser niveladas.

Implícita nessa sua proposta está a concepção urbanística de que o traçado deve se adequar à topografia do sítio, reiterando assim o princípio propugnado e aplicado pelo Eng. Saturnino de Brito de que em terrenos planos o traçado pode ser regular, e em terrenos acidentados o traçado deve ser irregular, visando melhor aproveitar o desenho das curvas de nível. Este mesmo princípio foi adotado por Barry Parker em seus projetos de loteamentos residenciais para a Cidade de São Paulo, portanto, tratava-se de uma questão sobre a qual em fins dos anos 1910 já havia um consistente debate, tanto em âmbito internacional, quanto no Brasil, apesar da persistência de divergências.

O embate entre ruas retas e ruas curvas, ou entre a regularidade e a irregularidade de traçados urbanos, será ao longo da história do urbanismo moderno um dos principais temas, alinhando-se, de um e de outro lado, os mais importantes teóricos da urbanística, como Sitte, Unwin, Hegemann e Le Corbusier, não deixando de repercutir, portanto, também em solos tropicais. Tal questão, entretanto, está presente ao longo de toda a história das cidades, como nos mostrou Rykwert em seu magnífico *A Idéia de Cidade (1976).*

Após Washington Luis, as duas gestões seguintes, sobretudo a do Prefeito Firmiano Pinto (1920-1924), deram continuidade às obras que tinham sido iniciadas ou aos projetos já aprovados. Em 1924, São Paulo é bombardeada pelas tropas federais, na reação à tentativa de golpe militar que ali se iniciara. A imagem e realidade paulistana, construída de Antonio Prado a Firmiano Pinto, será também o fator que atrairá os militares subversivos a escolherem-na para início do frustrado golpe. Nesse mesmo ano, o Eng. Saturnino de Brito assumia a direção dos trabalhos da *Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê*, elaborando um projeto modelar de ocupação da sua planície fluvial, no trecho que vai da Penha à Lapa (fig.2.11), o qual seria arquivado, poucos anos depois, em função dos interesses da *Light*. No ano seguinte, como que fechando o ciclo de planos urbanísticos para o conjunto da cidade iniciado em 1907, com *"Melhoramentos para São Paulo"*, do Eng. Augusto Carlos da Silva Telles, e passando pela proposta de Freire com o mesmo título, de 1911, os engenheiros Ulhôa Cintra e Prestes Maia publicarão no *Boletim do Instituto de Engenharia* o texto *"Um problema atual - os grandes melhoramentos de São Paulo"*, cujas concepções foram o embrião do *"Plano de Avenidas"* de Prestes Maia, de 1930.

Em um texto de 1942, intitulado *"O Urbanismo"*, o Eng. Victor da Silva Freire faz um balanço do urbanismo paulistano, iniciando por elogiar a obra do Prefeito Prestes Maia, bem como sua monografia *Introdução ao Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo*, de 1930, a qual já teria registrado tudo que se fizera a respeito. Mas não deixa de chamar a atenção para uma das constatações do trabalho de Maia, a do *"espírito de continuidade"* que marcou as administrações da Capital, desde 1899 quando Freire assumiu a diretoria de Obras da Prefeitura paulistana. E afirma: *"... não tivesse ele sido ciosamente sustentado e mantido mal grado as vicissitudes da política*

local, jamais teria sido possível realizar no momento oportuno a rápida transformação a que aludiu Agache, ao regressar recentemente à capital Paulista" (1942, p.76).

Por Freire ficamos sabendo que Agache visitara São Paulo, que comenta a respeito da cidade: *"Comparo São Paulo a Chicago, que visitei há quarenta anos. Pareceu-me então essa cidade norte-americana um verdadeiro caos. Era uma aglomeração de casas sem caráter nenhum. Quando a visitei vinte anos depois, os trabalhos urbanísticos haviam transformado o caos numa cidade organizada. Estive pela primeira vez em São Paulo em 1927. Tive idêntica impressão: uma cidade transbordante de atividade mas inteiramente inorgânica. Hoje constato com grande prazer a transformação que se está fazendo e que, como urbanista, aprovo totalmente. Pouco a pouco esta cidade informe de há quatorze anos vai tomando uma fisionomia definida" (apud Freire:1942).* Porém, a São Paulo informe de 1927, conforme a avaliação de Agache, já criara - como o próprio Prestes Maia reconhece - as condições urbanísticas que viabilizaram as reformas que Maia então implementava.

Freire, ainda citando Maia, fará referência aos engenheiros da Prefeitura, da seção cadastral e de plano da cidade, destacando suas atuações decisivas na construção da metrópole. Menciona então Ulhôa Cintra, a quem pertence a concepção do Perímetro de Irradiação - mérito modestamente reconhecido por Prestes Maia, que, de um certo modo, também contribuíra para a proposta. Destaca a *"perícia de um topógrafo escrupuloso"*, Faria e Maria, e vê no *"acúmulo de estudos, de ensaios de toda a espécie, tentados por todos os seus engenheiros"* daquela seção, o fator que *"distinguirá o nosso caso das outras cidades sul-americanas de porte comparável" (op.cit., p.77).* Além da continuidade administrativa, o que caracterizará o urbanismo paulistano será, para Freire, *"a concepção da 'urbs' constituindo complexo inteiriço, 'orgâniço' "(id.ibid.),* algo que tanto Rio de Janeiro, quanto Montevidéo, Buenos Aires e Santiago do Chile não teriam.

Este arco de propostas visando conceber um plano geral para a cidade, ainda que sob a égide da noção de melhoramentos, mas que também buscavam responder às exigências de expansão da cidade, revela a progressiva e contínua construção de um projeto de metropolização para a Capital Paulista. Nas imagens das figs.2.12 a 2.17 registramos alguns aspectos da nova paisagem urbana paulistana que se configurava progressivamente. Vejamos em seguida outros elementos que contribuíram na renovação da forma da cidade, apontando neles a atuação de duas companhias inglesas voltadas à produção da cidade, a *City* e a *Light*.

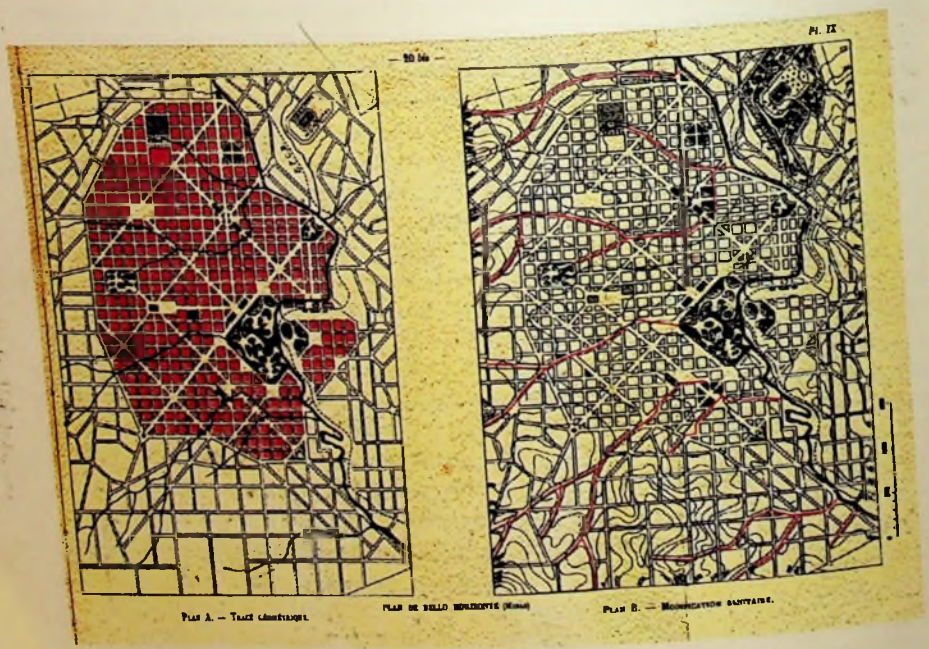


Fig. 2.01 | (esq.) Eng. Aarão Reis, plano de Belo Horizonte, 1894
(dir.) Eng. Saturnino de Brito, modificações no plano de Belo Horizonte, 1914

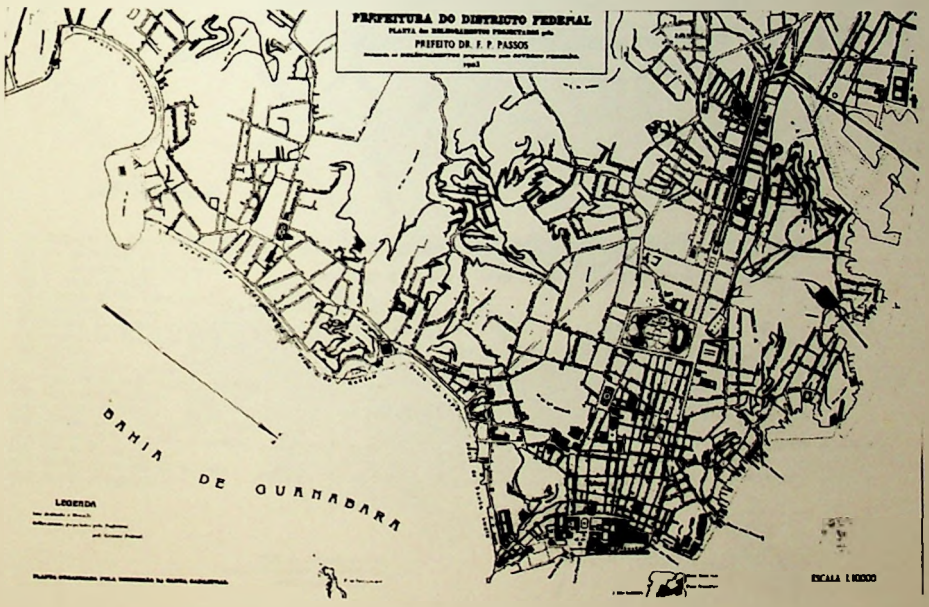
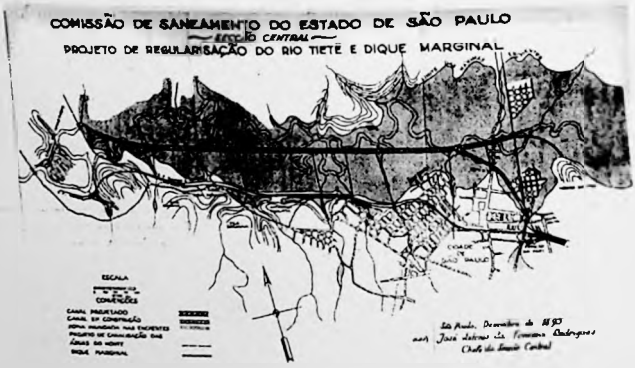


Fig. 2.02 | Eng. Pereira Passos, Plano de Melhoramentos para o Rio de Janeiro, 1903

|Fig.2.03 | Vista do Vale do Anhangabaú, em fins do século XIX



|Fig.2.04 | Eng. Fonseca Rodrigues, projeto de regularização do Rio Tietê, 1893

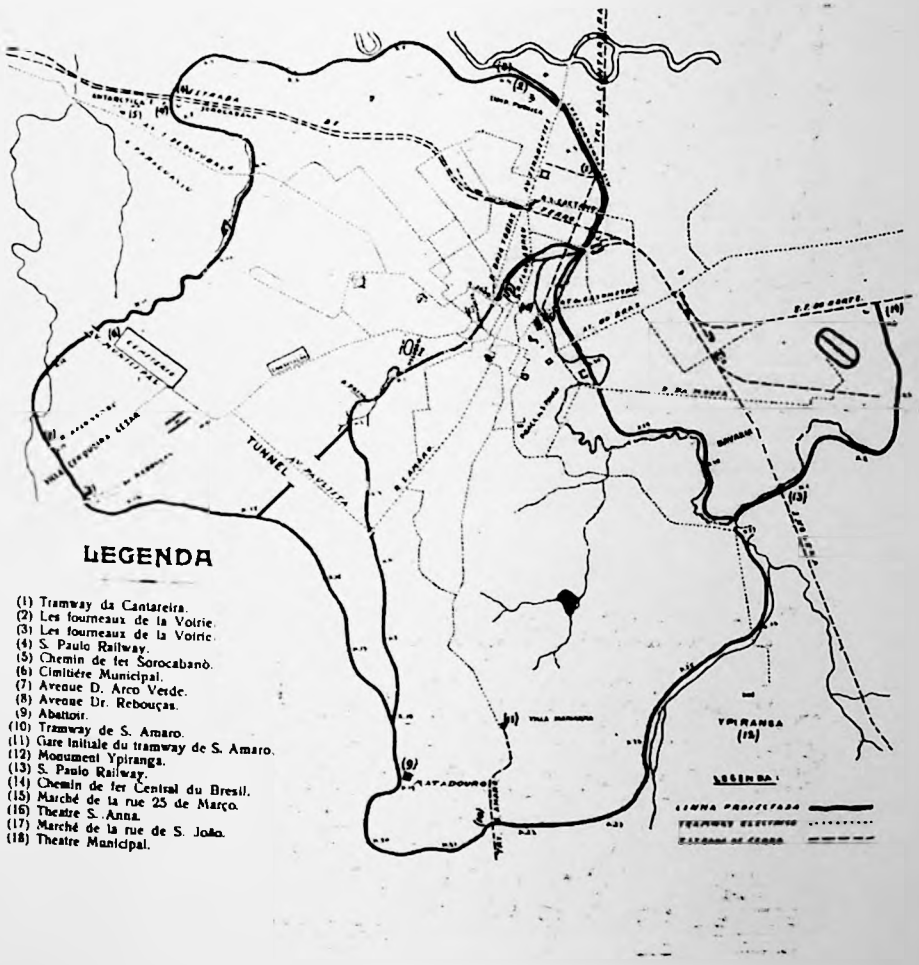


Fig. 2.05 | Eng. Phelippe Gonçalves, projeto de sistema de transportes a tração elétrica para São Paulo, fins do século XIX

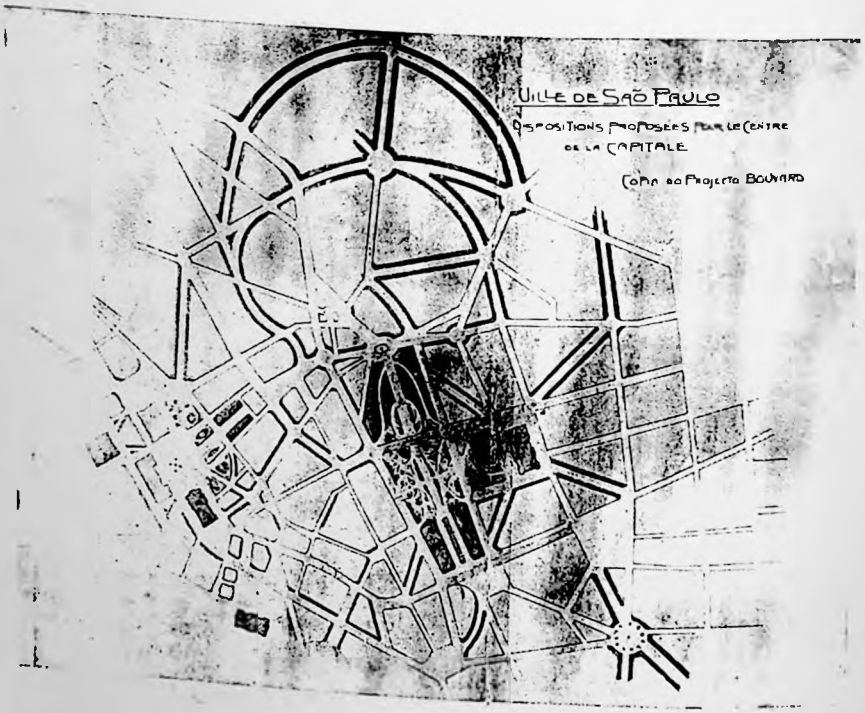


Fig. 2.06 | Arq. Bouvard, plano de melhoramentos para o Centro de São Paulo, 1911

|Fig. 2.07| Arq. Bouvard, projeto de parque para a Várzea do Carmo

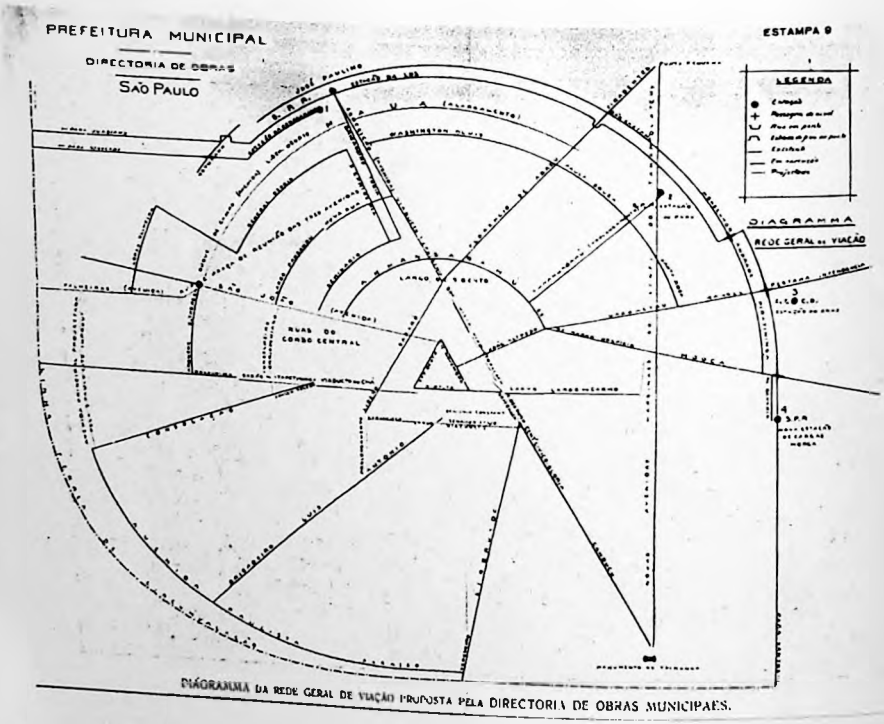


Fig. 2.08 | Diretoria de Obras da Prefeitura Municipal de São Paulo, plano para São Paulo, 1911

|Fig. 2.09| Diretoria de Obras da Prefeitura Municipal de São Paulo, plano para São Paulo, 1911

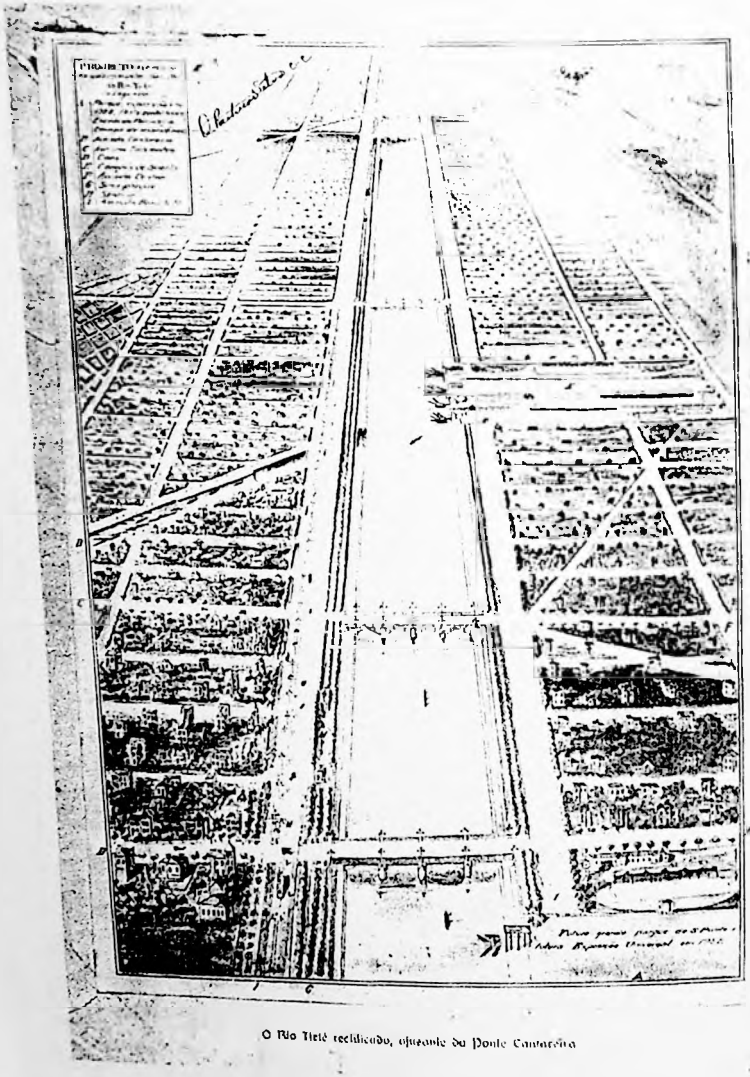
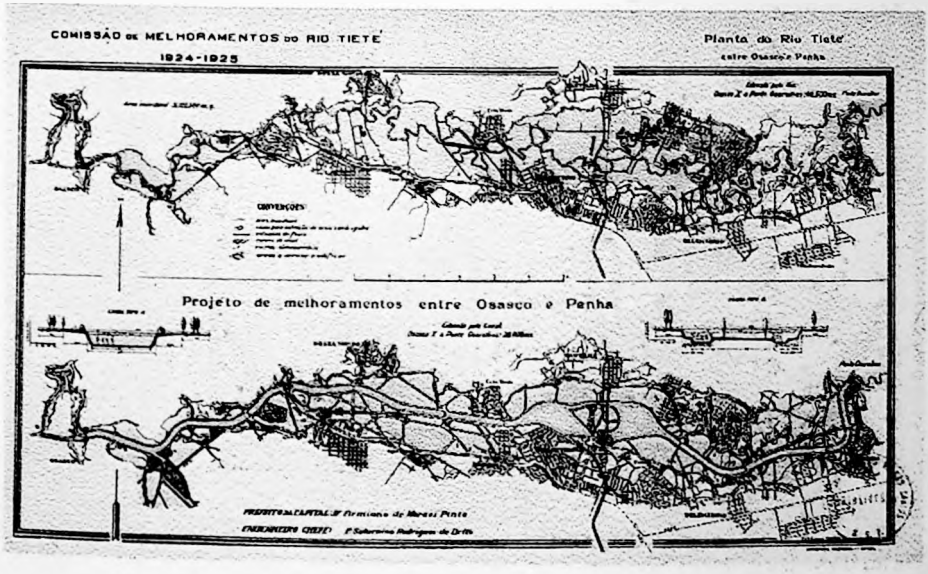
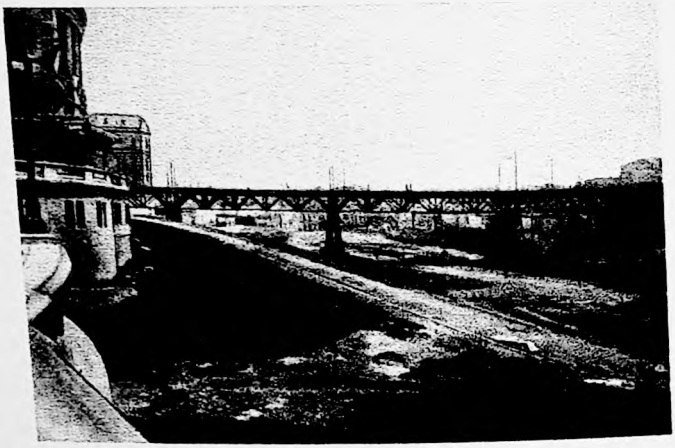


Fig. 2.10 | Eng. Pacheco e Silva, projeto de melhoramentos do Vale do Tietê, 1913



|Fig. 2.11| Eng. Saturnino de Brito, projeto de melhoramentos do Rio Tietê, 1924



|Fig. 2.12| Anhangabaú, início das obras do parque

|Fig. 2.13| Parque do Anhangabaú

|Fig. 2.14| Rio Tamanduateí, na altura da Várzea do Carmo

|Fig. 2.15| Rio Tamanduateí retificado

|Fig. 2.16| Arq. Victor Dubugras, Largo da Memória, 1921

Fig. 2.17 | Belvedere do Trianon

2.2 Grandes negócios urbanísticos

Nesse rápido processo de transformação da paisagem urbana paulistana, uma companhia imobiliária inglesa - a *City of San Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited* - teve um papel decisivo. Por sua vez, também será de grande importância - como pretendemos demonstrar -, a atuação junto a essa empresa imobiliária e de melhoramentos urbanos do Arq. Barry Parker, que nela trabalhará, junto à sua sede paulistana, de fevereiro de 1917 a janeiro de 1919. Portanto, se pretendemos, em um primeiro momento, reconstituirmos - ainda que parcial e fragmentariamente - a fisionomia urbana da Capital de São Paulo quando da estadia de Parker, por outro lado procuraremos mostrar como sua atuação - e aqui incluímos tanto o que construiu, quanto o que deixou apenas projetado - foi fundamental na reforma dessa paisagem, bem como na concepção de São Paulo como uma metrópole.

Concorreram para o fenômeno de rápida metropolização de São Paulo diversos fatores sócio-econômicos que já vinham se estabelecendo desde o último quartel do século XIX, dentre eles, o fato de ser um centro ferroviário que articulava, através de suas redes, as principais regiões econômicas do País. É dessa característica determinante para efetivar a vocação metropolitana da Capital que partiu o conjunto de ações que confluíram no sentido da transformação do velho burgo estudantil em uma grande cidade. As estradas de ferro no Estado tinham em São Paulo o principal nó articulador

de uma vasta rede e, em Santos, o único porto escoador da produção de todo o Estado e mesmo de outras regiões do País, como nos mostram os dados da tabela abaixo, retirados de Barbosa *(1987:31)*.

Crescimento da rede ferroviária do Estado de São Paulo (em km): 1889-1925

1889/90	1894/95	1899	1904	19061910	1915	1920	1925
2329	2961	3313	3770	4028 5201	6279	6616	6823

Fonte: Mensagens dos Presidentes da Província ao Congresso Legislativo.

Por outro lado, quando observamos o crescimento do número de prédios regularmente licenciados em São Paulo desde 1907, ainda na administração Prado, até os anos 1940, temos um quadro mais amplo do processo de metropolização de São Paulo, no qual fica visível o impacto provocado pela Primeira Grande Guerra, e a recuperação lenta mas progressiva ao longo dos anos 1920, com uma nova queda em 1929, retomando o nível anterior apenas em 1935, até explodir em 1940, quando a metrópole já fundara sua estrutura de modo pleno.

Número de prédios construídos oficialmente em São Paulo: 1907-1940

1907	1.237	1914	3.152	1921	2.112	1928	6.867	1935	5.597
1908	1.621	1915	1.282	1922	2.875	1929	5.618	1936	5.387
1909	2.395	1916	1.094	1923	4.242	1930	2.922	1937	7.629
1910	3.231	1917	1.043	1924	4.295	1931	1.716	1938	8.426
1911	4.149	1918	610	1925	4.474	1932	1.686	1939	10.525
1912	4.772	1919	1.125	1926	4.648	1933	2.616	1940	15.623
1913	5.791	1920	1.875	1927	5.995	1934	4.194		

Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo

Outros fatores também concorreram para transformar a capital paulista em uma metrópole, conjugando interesses de empresas de capital estrangeiro - todas com atividades diretamente vinculadas à produção material da cidade, como a *"Inglesa"*, a *Light* e a *City*-, com interesses de proprietários de grandes glebas, sob a mediação da *Diretoria de Obras* da Prefeitura. Diretamente associadas a tais forças, e atuando como fator catalisador delas, encontraremos fração significativa da elite paulista baseada na Capital, que atuará tanto como agente detentor do poder no Estado, quanto como empreendedor imobiliário, além de quase todos terem negócios vinculados ao café. Tal articulação política da fração mais avançada, e modernizadora, da classe dominante do País, se fez em grande parte por meio do *Partido Republicano Paulista*, que reunia

em suas fileiras número expressivo de membros vinculados, direta ou indiretamente, a aqueles interesses, tais como o Conselheiro Antônio Prado, Cincinato Braga, Washington Luis, e outras figuras marcantes da elite paulistana.

Assim, a metrópole industrial que assombrará a todos com seu excepcional crescimento, e portanto, também com as enormes possibilidades de negócios que atrairão capitais estrangeiros - o advogado da *City*, Plinio Barreto lembra que em 1911 *"havia em São Paulo um vasto campo de atividade para um banqueiro esperto" (1933, p.27)* - levando-a a ser comparada com Manchester e Chicago, foi gestada a partir tanto de condições de transporte e produção de energia, quanto de condições urbanísticas que foram criadas ao longo da Primeira República. Do ponto de vista da produção de energia elétrica o ano de 1929 poderia ser tomado como o fim do período de gestação da metrópole, quando o sistema Billings começa a ser implantado, definindo de modo decisivo o modo de aproveitamento dos rios Tietê e Pinheiros, bem como de suas várzeas.

O que importa ressaltar é que, a partir de 1930, São Paulo estará apto a se transformar na poderosa metrópole que as comemorações do IV Centenário, em 1954, irão glorificar e mitificar. O que pretendemos aqui ressaltar é que tal fenômeno não ocorreu por acaso, ou espontaneamente, ou sequer apenas porque São Paulo tinha uma posição geográfica excepcional e privilegiada em relação a seu "hinterland" e mesmo em relação às principais regiões produtoras do País. Aproximando-nos de alguns dos agentes que promoveram as transformações urbanísticas que farão de São Paulo uma metrópole, acompanhemos a criação da Companhia *City*, que articula diversos dos interesses acima indicados.

No dia seis de maio de 1911 realiza-se na *Rotisserie Sportsman* - dando vista para o Vale do Anhangabaú ainda sem melhoramentos, mas já se podendo ver, na outra encosta, as obras adiantadas do teatro Municipal -, o jantar oferecido pelo Arq. Victor Dubugras a Joseph Antoine Bouvard, recém contratado pela Municipalidade para estudar os planos de melhoramentos que então se apresentavam para a Capital. À mesa encontrava-se a nata da arquitetura e do urbanismo paulistanos, como Ricardo Severo, Alexandre Albuquerque, Carlos Eckmann, Francisco da Silva Telles e Victor da Silva Freire. Tratava-se de um encontro de profissionais da *"arte aplicada às cidades"* - conforme termo empregado pelo Eng. Telles em sua saudação ao ilustre visitante -, mas com claro predomínio de arquitetos. E foi para eles que Bouvard se dirigiu, ao afirmar em seu discurso que *"a sua norma constante fôra a de reclamar para os arquitetos o lugar que a estes pertence, absolutamente distinto, embora destinado a colaborar com o ocupado pelos engenheiros" (Revista de Engenharia: 1911, nº1, p.27).*

Ainda que preconizando a colaboração entre os dois profissionais, o homenageado apontava para a necessidade dos serviços de arquitetura de uma cidade estarem subordinados a um arquiteto. Assim, referindo-se a São Paulo e dirigindo-se a seus confrades, dizia: *"para o maior bem desta bellissima Capital, onde não escasseiam os*

elementos de pitoresco e variedade, incitava-os a seguirem o ideal que ele mesmo sempre tivera, o de reclamar para o arquiteto o lugar que lhe competia na cidade moderna" e apoiou firmemente a idéia de se criar, em São Paulo, uma sociedade de tais profissionais.

O incentivo de Bouvard encontrou ressonância imediata. Em número de julho de 1911, a *Revista Engenharia* noticia a formação da *Sociedade dos Arquitectos de S. Paulo*, observando que *"em um país como o nosso, sem tradições artísticas, recebendo a influência de civilizações diferentes, aberto a elementos adventícios e heterogêneos, as agremiações como essa representam um fator importante na educação artística do povo, concorrendo para a adaptação conveniente das idéias estrangeiras e para estimular o desenvolvimento da arte local" (Revista de Engenharia: 1911, n°2, p.89).*

Entretanto, já na primeira reunião da nova sociedade, realizada em 11 de junho de 1911, um de seus membros, Pujol Junior, propõe que dela façam parte, além dos arquitetos, *"os engenheiros construtores"*, considerando que *"não só essas classes estão estreitamente ligadas como torna-se indispensável a cooperação de ambas para se levarem a efeito certas medidas de caráter prático e de interesse comum" (id.ibid.).* Ainda que sujeita a muita discussão, tal proposta foi aprovada, passando a fazer parte da sociedade *"os arquitetos, engenheiros arquitetos e engenheiros construtores, a juízo da sociedade"*, denominando-se então a primeira entidade paulista dos profissionais de arquitetura e engenharia - Sociedade dos Arquitetos e Engenheiros de São Paulo.

Em outro banquete, agora promovido pela recém criada sociedade, em 27 de novembro do mesmo ano, e em homenagem ao Arq. Ramos de Azevedo, pela conclusão das obras do Teatro Municipal, Silva Freire relembra em seu discurso: *"Reuniamo-nos, há poucos meses atrás, em torno de uma mesa como esta alguns profissionais, rebentos da árvore comum brotando embora de galhos diferentes, para festejar a sua passagem por esta cidade um dos mais afamados arquitetos do nosso tempo. Aí, a seu conselho era resolvida a agremiação da classe, hoje em via de realização e, desde o primeiro dia um dos aderentes à idéia se vem batendo para que a nova sociedade se desvie do mal frequentado e perigoso caminho onde costumam passear nas horas de ócio - que não são poucas - as suas congêneres nacionais" (Revista de Engenharia: 1911, n°5, p.155),* revelando preocupação com o destino da nova sociedade que Bouvard ajudara fazer vir à luz.

Em um primeiro momento Bouvard viera ao Brasil como consultor de um financista belga interessado em negócios imobiliários no Estado do Paraná[10]. Pelo menos é o que lemos nas atas das assembléias do comitê de liquidação do banco de tal financista - o Banco Fontaine & Co., de Paris -, datadas de janeiro de 1913 a junho de 1914: *"Em janeiro de 1911, devendo o Sr. Fontaine de Laveleye realizar uma viagem de estudos ao Brasil, obteve o concurso do Snr. Bouvard, a quem forneceu a quantia de 100.000 francos a título de honorários pelo auxílio que o mesmo Snr. devia prestar no decurso*

dessa viagem, nas diversas operações que o Snr. Fontaine esperava conduzir" (Barreto, op.cit, p.379). O mesmo documento ainda observa que *"por ocasião dessa viagem o Snr. Fontaine de Laveleye apresentou o Snr. Bouvard aos membros do Governo de S. Paulo"*, contato esse que levará a Prefeitura de São Paulo a encarregá-lo de levantar uma planta de melhoramentos da Cidade. Sem dúvida, o arquiteto francês Joseph Antoine Bouvard não foi escolhido por Laveleye para assessorá-lo em seus empreendimentos imobiliários por acaso. Plenamente reconhecido nos meios profissionais, Bouvard já fizera projetos para Istambul, em 1902, e desde 1907 desenvolvia projetos para Buenos Aires, tendo a visitado em 1909 e 1910, retornando naquela ocasião, início de 1911, quando também trabalhou em São Paulo.

Mas a respeito de tal encontro as versões são controversas, como já observou Baceli *(1988:23)* e também Anne-Marie Châtelet *(s/d, p.4))* fazendo referência a ensaio de Hugo Segawa *(1996)*. Para o Eng. Victor da Silva Freire, fora o vereador Alcântara Machado quem conseguira a vinda de Bouvard para São Paulo, informado por Freire de que o arquiteto francês estava passando pelo Rio de Janeiro a caminho de Buenos Aires. Menciona então Cincinato Braga, que tomara *"a iniciativa de formar um consórcio, o qual adquirira aos poucos, mas metodicamente, todas as glebas de terreno que vieram a compor posteriormente o patrimônio atual da Companhia City" (Freire: op.cit., p.78)*. Esta, ainda segundo Freire, nasceu *"da aproximação desse consórcio com Bouvard"*, que foi sócio de Laveleye no empreendimento e vice-presidente do primeiro conselho diretor da *City*, tendo sido decisivo seu patrocínio, com sua reputação profissional ilibada, junto aos meios financeiros ingleses que respaldariam o negócio.

Em depoimento dado no início dos anos 30, como testemunha de um processo envolvendo a Cia. *City* e a Sra. Laveleye, Victor da Silva Freire, então Diretor da Escola Politécnica, rememora: *"Antigo Diretor da Seção de Obras da Prefeitura desta Capital, o depoente teve ocasião, nessa qualidade, de se aproximar do engenheiro francês Sr. Bouvard, o qual, em 1911, a convite da municipalidade desta capital, veio a S. Paulo examinar os planos de melhoramentos urbanos que, então, se debatiam. Permanecendo algumas semanas nesta capital, aquele engenheiro francês teve ocasião de examinar detidamente as condições de vida da cidade, convencendo-se de que seu desenvolvimento seria extraordinário. O Sr. Bouvard comunicou essa impressão, entre outras pessoas, ao Sr. Fontaine de Laveleye que, com ele, viera da Europa e que o havia levado ao Estado do Paraná para inspecionar empresa que ali explorava. Entusiasmado com as impressões do Sr. Bouvard o Sr. Fontaine de Laveleye perguntou a ele, depoente, se não conhecia, aqui, em São Paulo, alguem que dispusesse de grandes áreas de terrenos para vender, pois desejava organizar uma companhia para explorar esse ramo de negócio. O depoente, amigo íntimo do Dr. Cincinato Braga, o qual, nessa ocasião, estava com outros amigos adquirindo grandes quantidades de terrenos nesta capital com o mesmo intutito manifestado pelo Sr. Laveleye, aproximou*

um do outro. Dessa aproximação resultava, meses depois, a criação de uma grande Companhia imobiliária." (Barreto: op.cit., p.24).

A extensa citação ajuda-nos a esclarecer os vínculos entre Bouvard, Laveleye, Freire e Braga, personagens decisivos para os destinos do desenho de São Paulo, bem como a contribuição de cada um na criação da Companhia *City*. E nas atas que mencionamos anteriormente encontramos *na "Reclamação do Snr. Bouvard"*, demandando sua inclusão no passivo da liquidação do Banco Fontaine, informações que revelam outros compromissos entre o urbanista francês e o banqueiro. Acusando o não desprezível valor de 120 mil francos como remuneração da Prefeitura a Bouvard, pelos planos que este elaborou para São Paulo, o documento registra: *"com o fim de aproveitar a valorização que certos terrenos de São Paulo obteriam em consequência da execução dos planos do Snr. Bouvard, o Snr. Fontaine procurou entender-se com diversos proprietários de terrenos em S. Paulo. Planejou ele, desde então, a incorporação de uma importante Companhia Imobiliária, que poria em prática a operação projetada" (op.cit., p.380)*, confirmando o depoimento de Freire mencionado acima. Percebe-se aqui o vínculo estreito entre Bouvard e Laveleye, bem como entre as propostas daquele para a Cidade de São Paulo e os interesses imobiliários da futura Companhia *City*. O livro de Barreto nos revela também que *"Bouvard organizou um quadro geral dos terrenos que iam ser adquiridos pela City e que serviriam, em seguida, de garantia para as debentures" (p.559)*. O fato de Bouvard, Laveleye e também Victor da Silva Freire terem vinculado os planos da Prefeitura aos interesses de *"um cidadão belga metido em negócios financeiros"*, como assim o caracteriza Plinio Barreto, direcionando o crescimento da cidade para áreas que seriam adquiridas pela *City*, e que tiveram rápida e expressiva valorização imobiliária, confirma as desconfianças a respeito dessas transações, já aludidas acima.

No caso da *City* o empreendimento e[ra] ilustroso, e respaldando, ao mesmo tempo que aproveitando o grande negócio, associaram-se personalidades diversas, todas de reconhecida respeitabilidade nacional e internacional, como o Presidente do Conselho Diretor da nova companhia, Lord Balfour of Burleigh, governador geral do Banco da Escócia, Presidente da San Paulo Railway Co., e que seria Ministro do Exterior da Inglaterra. Faziam parte da primeira diretoria, além dos estrangeiros, nomes como o do ex-Presidente da República, Campos Salles, Cincinato Braga, então deputado federal por São Paulo e Horácio Belfort Sabino, advogado com negócios imobiliários que já havia loteado a "Vila América" e que também teria enorme importância na constituição da *City*. Na trama que procuramos reconstituir destaca-se também a figura de Cincinato Braga, de cujo plano para a Cidade fazia parte, como registra Freire, *"a formação de um circuito contornando a cidade e indo enxertar-se nas suas extremidades, no traçado da São Paulo Railway" (1942:80)*, reiterando aqui o projeto que o Eng. Gonçalvez

Tal proposta, apesar da facilidade devido ao fato do Presidente das duas companhias - a *City*, que havia sido fundada em Londres, em 1911, e a *São Paulo Railway*, que era a principal companhia ferroviária de capital inglês atuando no Estado - ser o mesmo Lord Balfour of Raleigh, terminou não se efetivando. Freire aponta esta circunstância, bem como *"a visão um tanto limitada"* do superintendente da ferrovia, William Speers, como tendo colaborado no insucesso da idéia. Bouvard tinha se envolvido diretamente com tal proposta, como informa Freire: *"Em meados de junho de 1913, voltavam desapontados, mas inteiramente desenganados para Paris, Bouvard, Cerjat e Quellenec* (diretores da *City*), *os quais, conhecedores das coisas 'in loco', tinham ido de propósito a Londres, a fim de obter a adesão da São Paulo Railway" (1942:80).*

Logo após esse insucesso da proposta de negócios com a São Paulo Railway a *City* se aproxima da *The Brazilian Traction, Light and Power*, responsável então pela maior parte dos serviços de bondes e energia da Capital. Os primeiros contatos entre as duas companhias é de 1914. Tratava-se então de acertar a extensão de linhas de bonde para as áreas que a *City* pretendia lotear, conforme registra correspondência entre o gerente geral da *Light*, W.N. Walmsley e Alexander Mackenzie *(Boletim Histórico Eletropaulo 1985)* datada de 15 de maio daquele ano. A negociação se deu entre Mr. Gurd, representando a *City* que, como observa o autor do pequeno artigo de onde retiramos tais informações, tentava *"sempre elevar o preço dos terrenos que foram cedidos por sua companhia como forma de pagamento"*, e, pela *Light*, Walmsley, *"também um negociador astuto"*. Mas nesse caso o negócio entre as duas companhias se concretizou e, em 1915, foi assinado o contrato que previa um total de 15,2 km de novas linhas, garantindo à *Light* uma renda de 760 contos por ano.

O sucesso da nova grande companhia imobiliária, mesmo em sua fase inicial, com o início da venda de parcelas dos mais de 12 milhões de metros quadrados adquiridos (ver fig.2.18, com a indicação das propriedades da *City*), pode ser constatado em informe de Laveleye, feito cerca de dois anos depois da efetivação da compra dos terrenos. Após visita aos terrenos pertencentes à *City*, provavelmente em fins de 1913, o ainda diretor da companhia relata que haviam sido *"beneficiados em proporções muito sensíveis. Além disso, a Sociedade parece estar atualmente fora de dificuldades, as vendas dos terrenos foram importantes neste ano não obstante a crise violenta que reina atualmente no Brasil e que foi muito vivamente sentida no Estado de São Paulo"(Barreto, op.cit., p.386).* Registra ainda o Sr. Fontaine que *"as informações fornecidas pelo Sr. Bouvard no relatório por ele feito por ocasião da fundação da 'City of Sao Paulo' se acham confirmadas pelas vendas atualmente realizadas, tendo a média dos preços obtidos durante este período de crise, ultrapassado os indicados no relatório e que, nestas condições, um belíssimo futuro parece reservado a este negócio" (id.ibid.).* De fato, a constatação do idealizador do empreendimento, talvez algo exagerado em seu relato, não deixou de se confirmar.

Fiquemos por aqui na reconstrução dessa história envolvendo grandes negócios e o futuro da Cidade de São Paulo, a qual, no entanto, é fundamental para esclarecermos a contratação de Barry Parker pela *City*. Pois foi através de recomendação de Bouvard, e provavelmente também, de Victor da Silva Freire, que Raymond Unwin, em 1915, é encarregado de desenvolver o plano do Jardim América. Lembremos que Freire, além de plenamente sintonizado com os recentes avanços da urbanística européia, havia visitado a cidade-jardim de Letchworth, bem como o subúrbio de Hampstead na Inglaterra, em companhia de Mr. Gurd, *"Managing Director"* da *City* no Brasil.

A presença significativa de grandes empresas estrangeiras no Brasil, em especial a atuação de companhias inglesas direta ou indiretamente vinculadas à construção de cidades ou estruturação do território foi um aspecto fundamental do processo de modernização das principais cidades brasileiras na República Velha e mesmo até a Segunda Grande Guerra. Se no período 1860-1902, as ferrovias foram o principal setor de investimentos de capital britânico no Brasil, nos dez anos entre 1903 e 1913 os setores de iluminação pública e transporte urbano a tração elétrica foram os que mais se destacaram, com os capitais anglo-canadenses - representados pela *Light and Power*, constituindo quase todos os investimentos na produção e distribuição de energia elétrica. Na tabela a seguir podemos apreciar a presença do capital estrangeiro nos setores voltados à produção da cidade brasileira.

Investimentos estrangeiros na produção do território no Brasil, no período 1860-1913

Setores / Países	Número de empresas que ingressaram nos períodos		Capital Total (em libras) por país de origem e setor		% do capital do setor, por país de origem, sobre o capital total dos serviços básicos	
	1860-1902	1903-1913	1860-1902	1903-1913	1860-1902	1903-1913
Ferrovias	**32**	**20**	**36.041.819**	**30.520.145**	**34,0**	**16,1**
Inglaterra	-	13	-	25.881.970	-	84,83*
EUA	-	2	-	2.872.940	-	9,41
Bélgica	-	2	-	1.310.303	-	4,3
França	-	2	-	435.388	-	1,4
Alemanha	-	1	-	19.544	-	0,06
Cia. de gás	**8**	**0**	**1.964.252**	**324.320**	**2,0**	**0,2**
Inglaterra	-	-	-	324.320	-	100,0
Iluminação Transp.Urb.	**6**	**16**	**4.516.824**	**41.836.677**	**4,0**	**22,1**
Canadá	-	3	-	21.032.020	-	50,3
Inglaterra	-	11	-	19.897.144	-	47,6
EUA	-	1	-	719.425	-	1,7
Bélgica	-	1	-	188.088	-	0,4
Telef.Telegr.	**5**	**5**	**3.360.000**	**1.399.997**	**3,0**	**0,74**
Inglaterra		1		1.152.570		82,32
EUA		2		225.903		16,14
Alemanha		1		19.544		1,4
França		1		1.980		0,14
Portos	**4**	**9**	**2.090.800**	**28.489.945**	**2,0**	**15,0**
Inglaterra	-	2	-	15.446.086	-	54,3
EUA	-	3	-	9.586.791	-	33,6
França	-	4	-	3.457.068	-	12,1
Obras públ.	**4**	**11**	**2.769.879**	**7.790.601**	**3,0**	**4,1**
Inglaterra	-	8	-	7.529.688	-	96,6
França	-	2	-	158.393	-	2,1
EUA	-	1	-	102.520	-	1,3
Serv. partic.	**7**	**15**	**898.144**	**5.252.181**	**1,0**	**2,8**
Inglaterra	-	7	-	2.258.500	-	85,4
França	-	5	-	446.293	-	8,5
EUA	-	3	-	287.216	-	5,5
Bélgica	-	2	-	32.812	-	0,6
Serv. básicos	**84**	**79**	**61.912.807**	**116.874.281**	**59,0 ****	**61,7 ****

Fonte - Ana Célia Castro; *As Empresas Estrangeiras no Brasil 1860-1913*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, pp.80-81,116-118.

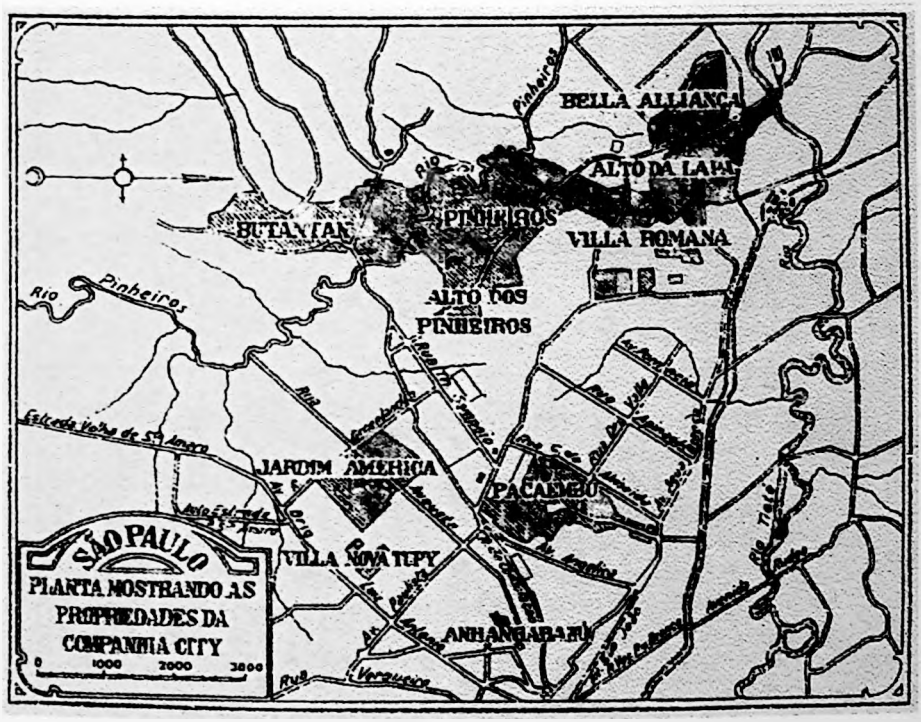
(*) Percentagens, por país de origem, em relação ao capital total do setor.

(**) Percentagens em relação ao total de capital estrangeiro aplicado.

Nesta tabela não incluímos o setor de companhias de navegação por ser o que - ao contrário dos demais setores de transportes, de comunicações, energia elétrica e obras públicas - não interfere diretamente na produção do território ou na construção de cidades. Enquanto outros setores, como o da produção e distribuição de gás, a iluminação pública, e os aqui denominados *"serviços particulares"*, têm interferência em âmbito especificamente urbano. Já o setor de portos tem um impacto pontual nas cidades que os abrigam, como são os casos das cidades do Rio de Janeiro, Santos e Recife, cujas reformas dos portos, entre fim do século XIX e o início do XX, repercutiram de modo acentuado em suas estruturas urbanas. Nos *"Serviços particulares"* são incluídas as companhias construtoras, as comercializadoras de terrenos e as de consultoria em obras de engenharia *(Castro:1979: p.103)*, como a *City of San Paulo Improvements and Freehold Land Company, Limited*, a qual, entretanto, não é mencionada pela autora do trabalho do qual retiramos os dados da tabela acima.

No período 1860-1875, 60% do capital estrangeiro aportado será dirigido ao setor de serviços básicos, sendo que cerca de 94% desses investimentos oriundos da Inglaterra. No período 1876-1885, as empresas de obras públicas, como nos mostra Castro *(1979)*, ampliaram as exportações britânicas de bens de capital, *"articulando mais uma vez as necessidades da economia exportadora (cujo crescimento estimula a demanda de melhores serviços urbanos) com os interesses hegemônicos ingleses" (p.45)*. Foi o caso da *The Rio de Janeiro City Improvements Company* (1 milhão de libras em 1882) e da *The City of Santos Improvements Co. Ltd.* (120 mil libras em 1881, logo depois aumentadas para 175 mil libras)

A atuação da *Light* na configuração da fisionomia urbana paulistana se deu em função de seus interesses como empresa produtora e distribuidora de energia elétrica, por um lado, portanto, precisando manter um controle sobre os recursos hídricos necessários à produção da energia, e ao mesmo tempo, um controle sobre terrenos e glebas necessárias às suas atividades, mas sobre as quais também especulava. Por outro lado, como empresa de transportes coletivos, com suas linhas de bonde determinando os fluxos das pessoas na cidade, estabelecendo certas segregações no cotidiano urbano, interferiu diretamente nas transformações da fisionomia paulistana, além de ter formulado propostas que não chegaram a se materializar, como seu projeto de subterrâneo que vemos nas figs.2.25 e 2.26. Nas ilustrações das figs. 2.19 a 2.24 indicamos através de algumas imagens a presença da *City* e da *Light*, assim como de interesses britânicos na Cidade.



|Fig. 2.18| Planta mostrando os terrenos adquiridos pela Cia. City (Arquivo da Cia. City)

BONDE
– EM –
Villa America

Participamos aos nossos freguezes de terrenos em VILLA AMERICA que a Companhia Light começou hontem o assentamento de seus trilhos pela rua Augusta, na parte que da Avenida Paulista vae até a Alameda Iguape e o novo suburbio «Garden City».

Temos ainda alguns lotes á venda em prestações na rua Augusta e suas immediações.

Companhia City S. Paulo Improvements Co.
- Rua 15 de Novembro, 61 -
AGOSTO - 31 - 1915.

O Estado de S. Paulo, 1/9/1915

|Fig. 2.19| Anúncio publicitário da Cia. City

|Fig. 2.20| Anúncios publicitários de firmas britânicas no Brasil

The Model factory at Anastacio — São Paulo.

THE opening of the new São Paulo factory of the world famous organisation Lever Brothers, marks another stage in the history of British enterprise in Brazil.

Its installation embodies the most recent developments in soapmaking equipment, ensuring the maintenance in Brazil of the high standard of efficiency and purity set by Port Sunlight.

The Brazilian consumer is, therefore, assured of obtaining products identical in quality and value with those which have made the name Lever synonymous with excellence throughout the world.

S. A. IRMÃOS LEVER.
PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO, 16-5º.
FACTORY — ANASTACIO.
SÃO PAULO

Fig. 2.21 | Anúncio publicitário da fábrica da Lever, localizada na Lapa

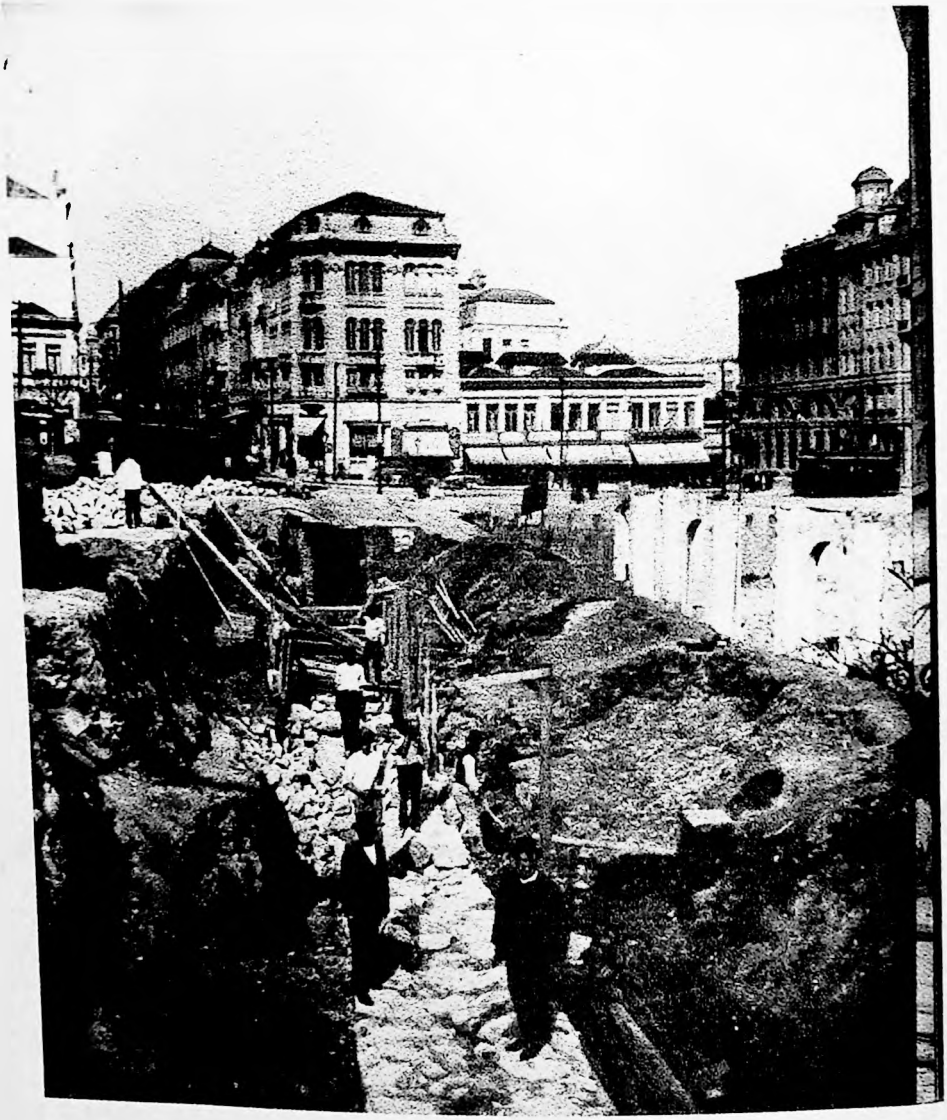
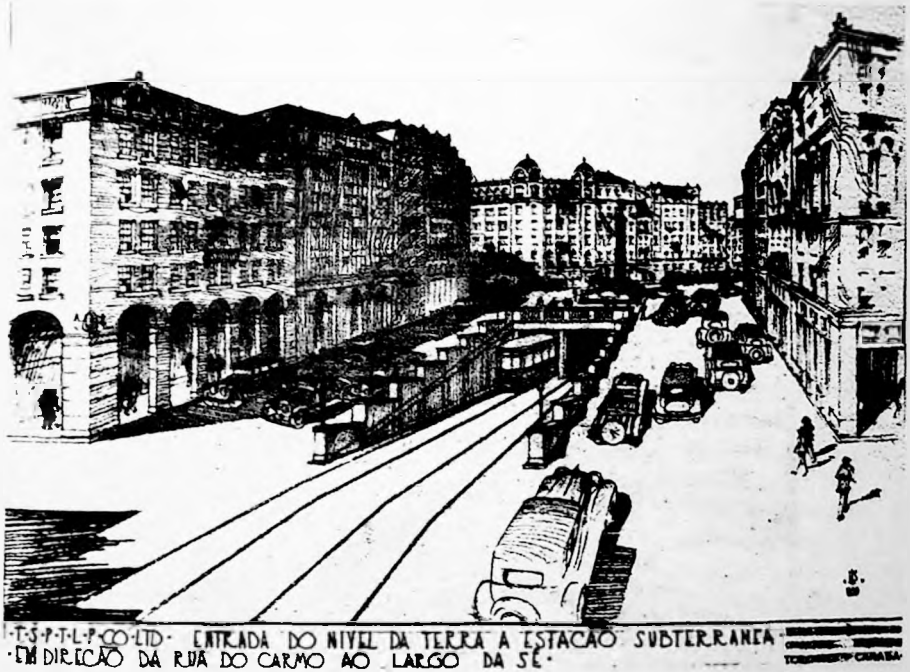


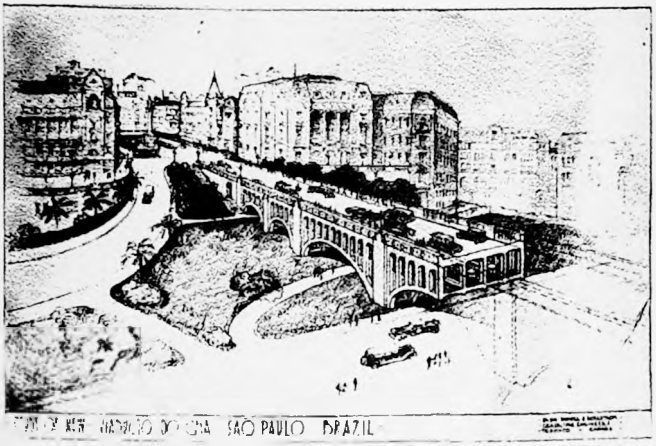
Fig. 2.22 | Colocação de trilhos da Light no Centro de São Paulo

|Fig. 2.23| Colocação de trilhos da Light no Centro de São Paulo

|Fig. 2.24| Cenas diurna e noturna em rua do Centro de São Paulo



|Fig. 2.25| Projeto de metrô subterrâneo da Light, 1927



|Fig. 2.26| Projeto de metrô subterrâneo da Light, 1927

2.3 a paisagem e os parques paulistanos

Em seu livro *Le Brésil au XXe siècle*, publicado em 1909, Pierre Denis observa a localização privilegiada da Capital em relação às principais regiões produtoras de estados vizinhos, como Minas Gerais, Rio de Janeiro e Mato Grosso. Destaca também a estreita relação entre o planalto e o mar, através da Capital: *"Em Santos, (...) diante de São Paulo, a serra e o planalto estão em contato imediato com a costa." (op.cit, p.105).* Mas também ressalta o papel do Rio Tietê como via de penetração em direção à calha do Paraná e, portanto, de interiorização da ocupação humana. Para concluir que *"São Paulo encontra-se (...) no cruzamento das vias naturais do sul e norte, e do leste e oeste" (op.cit, p.106).* Fazendo uma brilhante análise do processo de ocupação do Estado de São Paulo durante a expansão da cultura cafeeira, iniciada em 1885 e em pleno avanço quando de sua visita, Denis destaca a importância das ferrovias, que promoviam então um deslocamento do centro de gravidade do Estado, com a Cidade de Ribeirão Preto tornando-se rival de Campinas mas, ao mesmo tempo, reforçando ainda mais o papel de centro aglutinador da Capital, por ser o principal nó do conjunto da malha ferroviária que cruzava o conjunto do território estadual.

Mas quais eram as impressões de nosso observador estrangeiro sobre a paisagem e a vida na Capital ? Assim ele se manifesta: *"Estendida sem limites sobre o planalto, São Paulo traz, na desordem de sua estrutura, o traço de seu crescimento precoce, mas*

nela reina a animação e o movimento de uma grande cidade. (...) São Paulo é com o Rio o único lugar do Brasil no qual se pode ver uma multidão; no domingo, a mesma multidão, desocupada, encontra-se no jardim público chamado Parque Antarctica." (op.cit, p.112) E salientando a agitação intelectual da Cidade, marcada por seus estabelecimentos de ensino, Denis observa que *"em nenhuma parte do Brasil, a coesão é tão completa entre cidade e campo; em nenhum lugar eles estão tão estreitamente unidos por interesses comuns" (id.ibid.).*

Anteriormente, ao escrever sobre a paisagem brasileira, o viajante francês constatava a existência de toda uma zona chamada *"Sertaon" (sic), termo para ele intraduzível, mas que expressa aquele lugar onde "todos os traços da presença do homem desaparecem" (op.cit, p.25).* E quanto à implantação das cidades, observa que a maior parte delas são erguidas em planaltos (*op.cit,* p.28). Julga curiosa a história de Belo Horizonte, *"fundada por decreto"*, mas chama a atenção dela também ser uma *"cidade das distâncias"*, cujo nome corresponde ao sítio que ocupa, e a considera semelhante a São Paulo e Curitiba, *"não apenas porque cresceram rapidamente, mas porque a luz é a mesma, e o horizonte igualmente vasto." (op.cit p.28).* Esta peculiaridade das cidades de planalto descortinarem um amplo panorama, e o aproveitamento dessa possibilidade em seus planos urbanísticos, será também objeto da leitura que o Arq. Barry Parker fazia do sítio da Cidade de São Paulo e das propostas que tinha para o aproveitamento de sua paisagem marcada por uma topografia movimentada. A mesma característica da topografia paulistana propiciar vistas agradáveis, e que facilitará a criação de belvederes, também será notada por Clemenceau, como veremos mais à frente.

Ainda Pierre Denis contraporá as cidades do interior com as litorâneas, considerando estas *"mais originais, por serem mais antigas"*. E ao falar da Cidade do Rio de Janeiro chega à conclusão de que *"a floresta é presente em todos os lugares, em torno da cidade que ela encerra, na própria cidade, nos jardins, sobre as encostas abruptas onde não se pode construir" (op.cit p.30)*, pois *"nesta zona costeira, o domínio do homem não vai além da superfície limitada das cidades" (op.cit., p.31).*

No mesmo sentido das observações de Denis, um outro autor - Aurelio Pires, ou o Mestre Aurelio, como assim o chamava Pedro Nava, em um belo poema a ele dedicado - assim comenta a paisagem da Cidade de Belo Horizonte, em 1897: *"...ainda não estavam abertas a mor parte das ruas que hoje se estendem da Praça Ruy Barbosa, onde está a Estação, ao Bairro dos Funcionários (...) de modo que a comunicação entre aquele bairro e o centro da cidade era feita em trilhas irregularmente abertas por entre a mataria que ainda ocupava grande área da cidade" (Pires:1939, p.226).* E se esta primeira impressão da cidade ainda crua tinha sido desfavorável aos olhos do futuro farmacêutico da nova Capital de Minas Gerais, o mesmo não deixa de registrar que *"pela manhã, ao chegarmos, por atalhos sinuosos, à Praça da Liberdade, ainda*

completamente nua de árvores, de flores e de casas, à exceção dos quatro primeiros edifícios públicos, - que deslumbramento !... " (op.cit., p.226). E reforça seu comentário citando o discurso de Olavo Bilac *"Aos Estudantes Mineiros"*, proferido pelo poeta em 1916: *"Na manhã seguinte ao da minha chegada a esta zona mineira, há vinte e dois anos (portanto, Bilac refere-se à sua passagem por Belo Horizonte em 1894, quando a cidade começava a ser construída), subi ao Acaba Mundo, por uma vereda agreste, que coleava entre os caminhos de Lagoa Seca e Santa Cruz. Cheguei a mil metros de altura, e fartei os olhos da paisagem bárbara e majestosa. A um lado empinava-se a montanha alcantilada, vestida de selvas. De outro lado, estendia-se o vale; e, depois do vale, outra serra, e outros vales sem conta, e outras serras sem número, serras e serras azuladas, espumando em neblinas, como vagalhões de um oceano sem termo. O infinito enchia os meus olhos, e entontecia-me. E compreendi, então, a felicidade do epíteto geográfico desta localidade. " (op.cit., p.226)* Ainda no mesmo capítulo de suas memórias, Pires cita trecho de um artigo de um de seus filhos que reitera a imagem que se fazia da cidade recém construída e aponta alguns de seus efeitos sobre as relações entre seus cidadãos e a natureza: *"Nós, os que vivemos presos ao encantamento luminoso desta 'cidade vergel', tornamo-nos panteístas, adoradores da Natureza, de que somos uma parte e cujo domínio absorvente sentimos em nossas emoções, em nossa voz, em todos os nossos atos, nos mais íntimos sentimentos que nos agitam."(op.cit., p.228).* Inaugurando os grandes empreendimentos urbanísticos que marcarão o primeiro período republicano, BH é vista aqui como cidade-jardim, menos por seu parque central, suas praças arborizadas e demais áreas verdes - que não são tantas assim -, mas sobretudo por seu entorno ainda selvático que as descrições recordadas por Aurelio Pires nos mostram. O que parece causar a admiração não é, porém, a cidade propriamente, mas seu entorno, as matas que a rodeiam.

Georges Clemenceau (1841-1929), o *"Tigre"*, relata sua viagem pela Argentina, Uruguai e Brasil, no ano de 1911. Atônito com a exuberância da vegetação brasileira, esta é uma de suas impressões da Cidade do Rio de Janeiro, cujas variações de luz o fascinam: *"une ville d'un charme très puissant (...) invadida pelo imponente porte da floresta tropical em luta contra o construtor que cerca por todos os lados o ardor exuberante dos parques, dos jardins, de toda árvore... " (1911, p.210).* Sua observação parece resumir a peculiaridade como o homem se relacionará com a natureza nessas plagas: *"Desde o dia em que o mar trouxe o homem, a luta começou, entre o acampamento citadino e o impenetrável bosque em revolta contra o invasor" (op.cit., p.210).* Coloca-se, portanto, a indagação: quando ainda se tinha que enfrentar a *"vegetação exasperada"*, qual o sentido de parques e jardins ? Clemenceau parece não entender a presença desses melhoramentos urbanos. Afirma: *"os próprios parques, cuja prodigiosa vegetação nos provoca um grito de surpresa a todo momento, não podem nos deter a atenção, já que a floresta os deixa em segundo plano" (op.cit.,*

p.211). No mesmo capítulo, o ex-chefe da esquerda radical francesa, partidário de Dreyfus, e que depois iria negociar o Tratado de Versalhes, já havia comentado sua *"promenade"* pelo Rio. De automóvel pela Avenida Central e pelas avenidas à beira-mar. A pé, ao longo do cais, por quase sete quilômetros. Percorrendo tais espaços deambulatórios - feitos para se contemplar o *"décor"* da natureza que emoldura a cidade - Clemenceau conclui que não há descrição possível. *"Il faut voir" (op.cit., p.212)*. Um pouco mais à frente, comenta a respeito da mata atlântica, cuja *"violência da sensação"* que dela emana não teria comparação. À sua frente, o espectador *"teria que ir se acostumando aos poucos, para que um novo equilíbrio das sensações coordenadas pudesse o conduzir aos elementos de uma estética correspondente" (op.cit., p.236)*

Mas é a descrição que Clemenceau faz da Cidade de São Paulo a que mais de perto nos interessa, uma vez que seus comentários sobre a paisagem brasileira reiteram as impressões deslumbradas de europeus frente a cidades rodeadas por selvas exuberantes. O que lhe chama a atenção, em primeiro lugar, na Capital paulista, não é sua paisagem, mas seu caráter afrancesado, constatando que o francês era ali falado comumente. Ainda que lhe parecendo não estar em uma cidade estrangeira, tal a semelhança paulistana, em certos aspectos, com a França, Clemenceau afirma que é exatamente a conciliação dessa influência do espírito francês, com *"os traços de individualidade brasileira, que determinam seu caráter" (op.cit, p.243)*, conferindo a São Paulo uma personalidade única entre as demais capitais do País.

Em sua visita à Capital paulista, Clemenceau é recebido pelo Prefeito Antônio Prado, cumprindo os últimos dias de seu longo mandato, bem como por Albuquerque Lins, então presidente do Estado, e alguns ministros, dentre os quais o do Exército, Washington Luis. Ao comentar a paisagem paulistana assim se refere: *"Meu prazer é percorrer a cidade ao acaso. Não se pode pedir para São Paulo o décor do Rio. Todavia, não há falta de pitoresco. Os arredores (banlieue) de São Paulo, onde ricas villas realçam em cores vivas o desabrochar suntuoso de jardins, oferece belos pontos de vista. Na extremidade de uma esplanada plantada com árvores, o planalto bruscamente cai em um vale suave onde, enquanto os preços dos terrenos o permitem, a cidade de São Paulo poderia modelar um parque digno de suas ambições, pois o jardim que ele chama por esse nome não é mais que um amável testemunho da modéstia do passado" (op.cit, p.245)*. Provavelmente, tal *"plateau"* arborizado venha a ser a Avenida Paulista, e o suave vale para o qual ele cai seja o do Pacaembú, em cujo talvegue, portanto, Clemenceau propõe a implantação de um parque. Alguns anos mais tarde, como veremos adiante, o Arq. Barry Parker, que conhecia o livro de Clemenceau, e a ele se refere mencionando exatamente esse trecho, reiterará tal sugestão do político francês. Também proporá para o fundo do vale do Pacaembú, não o tamponamento do córrego e construção de avenidas, mas sim sua transformação em um amplo jardim, preservando

o curso d'água e a mata ciliar que ainda existia. E o jardim chamado de parque, ao qual Clemenceau se refere, provavelmente devia ser o Parque da Avenida, antigo Parque Villon, também chamado Parque Paulista e hoje denominado Siqueira Campos, ou Trianon, cuja massa vegetal era formada pela mata secundária recomposta após a abertura da Avenida Paulista.

Lévi-Strauss observa que *"o viajante moderno é menos surpreendido do que admite" (1996, p.82).* Para ele, *"a busca do exotismo resume-se à coleção de estados antecipados ou retardados de um tema que nos é familiar" (id.ibid).* E continua: *"essas diferenças já são perceptíveis dentro de uma cidade". "Os trópicos são menos exóticos do que obsoletos" (id.ibid).* E mais adiante, a respeito de Santos, comenta: *"O viajante europeu fica desconcertado com essa paisagem que não se enquadra em nenhuma de suas categorias tradicionais" (op.cit, p.89),* já que as paisagens européias, mesmo as mais agrestes, se encontram desenhadas segundo uma ordem racional. Em terras tropicais o antropólogo vai, porém, identificar uma natureza que, como afirma, *"foi suficientemente ocupada pelo homem para dar-lhe o tempo de saqueá-la, mas não o bastante para que uma lenta e incessante coabitação a tenha elevado à categoria de paisagem. Nos arredores de São Paulo, como mais tarde no estado de Nova York, no Connecticut e inclusive nas montanhas Rochosas, aprendi a me familiarizar com uma natureza mais bravia do que a nossa, porque menos povoada e menos cultivada, e no entanto privada de verdadeiro frescor: não selvagem, mas desqualificada" (op.cit, p.90).* A ausência de paisagem, eis o que Lévi-Strauss observa nas áreas periféricas à Cidade. Embora sem esgotar as inúmeras leituras da paisagem urbana paulistana feita por estrangeiros durante o período em que emerge a forma metropolitana da Capital paulista, os olhares acima oferecem ricas descrições das transformações urbanas na Primeira República, bem como da contraposição entre cidade, campo e selva que caracterizará as paisagens brasileiras.

Em 1927, Antonio de Alcantara Machado criticava a paisagem da cidade afirmando que havia uma *"preocupação das linhas retas, dos ângulos retos, das ruas bem direitinhas, das praças quadradas. Nem uma linha curva amenizando um pouco a monotonia do xadrez urbano. Nada de avenidas circulares. Não. Tudo tem que ser posto em esquadria. Do contrário fica feio" (p.37).* Além do traçado das ruas reclamava que *"espalhados pelos jardins e praças públicas existem ainda pequenos atentados em mármore, granito e bronze. Só uma exceção: a Éva de Brecheret" (id.ibid.).* E opinava como um urbanista: *"Não se traça a cidade obedecendo à configuração natural de seus terrenos. Esta é que se tem de adaptar ao traçado daquela. Para conseguir isso desmancha-se a paisagem, escangalha-se com o pitoresco. Não faz mal, quanto mais arranjadinho melhor." (op.cit., p.40).*

Em seu *Relatório de 1918*, já comentado, o Prefeito Washington Luis informava que haviam sido construídos *"muitos parques e jardins na cidade, assegurando a conservação*

dos espaços livres, aumentando a capacidade de seus pulmões, na frase já consagrada, para melhor oxigenação da vida e garantia da saúde pública, procurando-se com a realização dessas obras úteis, que fossem elas formosas" (v. 1, p.XVII). E passa a nomear cada uma de suas obras paisagísticas: o Parque do Anhangabaú, sob desenhos de Bouvard; o Parque da Avenida Paulista, quase pronto, remodelado pelo Arq. Barry Parker; o da Várzea do Carmo, *"magnífica criação do arquiteto paisagista Cochet, com o Eng. Antonio de Almeida Braga"*, os jardins da Pirâmide do Piques, segundo concepção e execução de Victor Dubugras, *"o da frente da Praça Buenos Aires, segundo planta de Heribaldo Siciliano, e os do largo Anna Rosa, Belém, Ponte Grande, etc."* Também foram concluídos o Belvedere no término da Avenida Paulista, que dava para o vale do Pacaembú - ainda uma remanescente área de matas ciliares -, e a Praça Buenos Aires, obras que haviam iniciado na administração Duprat.

Os dados alinhavados pelo Prefeito são incontestáveis e indicam claramente sua forte preocupação em embelezar a cidade com a criação de inúmeros parques e a arborização de ruas, em especial as das zonas nobres. Provavelmente influenciado pelos *"park cemeteries"* dos EUA, Washington Luis transformará os cemitérios paulistanos em parques. Já em 1916 ele mandara levantar a planta de todos *"para neles traçar um sistema de viação funerária que permitisse melhor aproveitamento dos terrenos destinados aos jazigos e sepulturas" (Relatório de 1916, p.XXXI).* Determinou então a plantação de árvores *"em alamedas, ruas e pequenas praças"* dos campos-santos, *"de acordo com um plano previamente aprovado, transformando-os em verdadeiros parques, em parques de utilidade, como lhes chamam os preceitos da higiene aliados aos da estética" (op.cit., p.XXXI).* E ainda lembra que *"só no Araçá foram plantadas mil árvores".*

O balanço que ele faz no último ano de sua gestão é deveras otimista: *"em 1914, no início de nosso período administrativo, São Paulo possuía em jardins a área de 200.460 m□, hoje tem a nossa capital 860.455 m□ em parques ou jardins (op.cit., v.1, p.XVII).* O quadro que apresenta[11], comparando as áreas de parques e jardins antes e depois de ser Prefeito, é esclarecedor, indicando quais eram os espaços públicos da Capital paulista. Apesar de incompleto, permite uma avaliação aproximada das áreas verdes públicas na cidade.

A presença de projetos paisagísticos elaborados por arquitetos paisagistas europeus, como Bouvard, Cochet e Parker, é significativa, indicando a forte influência do paisagismo segundo o modelo *"jardin anglais"*. A construção de quase 660 mil m□ de área verde na cidade fez parte de uma política deliberada do Prefeito Washington Luis de modernizar São Paulo, embora contando com recursos parcos, devido à penúria dos cofres municipais, atolado em dívidas. Se, por um lado, dava continuidade às obras de seus antecessores, por outro queria marcar sua administração com projetos de melhoramento e aformoseamento da cidade, como os parques indicados acima. O Parque da Várzea do Carmo, localizado em uma área de transição entre o Centro e o

Brás, onde se concentrava grande número de operários, era o maior de todos. Os parques da Avenida Paulista e Anhangabaú, embora com áreas muito menores, juntos igualavam a área da Praça Buenos Aires, em Higienópolis, somada às da Praça da República e Jardim da Luz, mais próximas ao centro.

Como recorda Eduardo Etzel, havia alguns poucos largos na São Paulo do século XIX: o do Paissandú, o dos Guaianazes, da Memória, do Piques, da Concórdia e do Curro, e os das frentes de igrejas e conventos, como o de São Bento, de São Francisco, da Sé e de São Gonçalo. Mas, de fato, os espaços públicos ajardinados no centro da cidade resumiam-se ao *"Largo São Bento, o Largo de São Gonçalo, depois Praça João Mendes e uma área de lazer também ajardinada no Largo do Palácio" (Etzel:1982, p.57)*. Fora do centro tínhamos o Jardim da Luz ou Jardim Público, e mais afastados o Bosque da Saúde e da Cantareira, que não eram considerados exatamente parques, uma vez que não dispunham de qualquer melhoramento, embora possuindo matas remanescentes procuradas sobretudo pela população trabalhadora nos feriados e fins de semana. O Bosque da Saúde, por volta de 1915, além de contar com uma densa mata, tinha também uma praça de esporte e um "play-ground" *(Ferreira:1954:76)*. Etzel observa ainda que as ruas não eram arborizadas, estando o arvoredo *"nos grandes quintais e chácaras da cidade e na mataria residual" (op.cit.: p.58)*.

Não se tratava, porém, de uma área verde desprezível, pois ainda havia um número significativo desses grandes quintais e chácaras urbanas, além de um número expressivo de áreas de mata ciliar nos fundos de vales, muitas delas ainda próximas do centro, como as junto aos ribeirões do Saracura e do Pacaembú, para as quais se voltavam os dois belvederes da Avenida Paulista, sendo que o belvedere no fim da Avenida Higienópolis já se abria desde o início do século para o fundo do vale do Pacaembú.

A introdução e difusão de áreas públicas arborizadas e a criação de parques e jardins na Cidade de São Paulo tinha antecedentes desde fins do século XVIII, com a construção do Horto Botânico no bairro da Luz[12] mas que apenas em 1842 receberá um traçado em planta feita pelo Eng. C. A. Bresser, com um grande jardim em forma de cruz grega e um lago central *(Etzel: p. 55)*. Ao longo da segunda metade do século XIX e início do XX, o Jardim Público irá recebendo diversos melhoramentos, como estátuas, a torre-mirante durante a gestão de João Teodoro Xavier, em 1874, a gruta, cinco anos depois, até ser reformado integralmente em 1904, quando é instalada a iluminação a gás e o jardim avança até a Avenida Tiradentes, sendo mudada a entrada principal (a partir de então se fazendo pela frente que dá para a Estação da Luz) e colocadas novas grades de ferro fundido[13]. Além da atenção para o Jardim da Luz, o único melhoramento paisagístico de maior porte, digno de registro, construído ainda no século XIX, foi a Ilha dos Amores, também na administração Xavier (1872-1874), junto à curva do Rio Tamanduateí, na altura do fim da ladeira General Carneiro.

Mas é apenas a partir da administração Antônio Prado que teremos uma política consistente de criação de parques e jardins na Cidade. Sabendo-se cercar de técnicos competentes, Prado nomeia como administrador dos jardins públicos Antonio Etzel, que já cuidara da chácara de Dona Veridiana, mãe do Prefeito. Assim como Freire, também nomeado por Prado, permaneceu Diretor de Obras por quase 26 anos, Etzel será o responsável pela administração dos jardins públicos até falecer, em 1930. Em seu lugar ficará seu filho Arthur Etzel até 1959, quando é aposentado[14]. Com os Etzel, temos duas gerações de uma família de hábeis artistas jardineiros que construíram boa parte do pouco de áreas verdes que a cidade hoje dispõe. Eduardo Etzel, em seu artigo, não deixa de mencionar a importante contribuição de outros profissionais, sobretudo estrangeiros, que traziam a cultura da jardinagem de países europeus, instalando-se com chácaras e viveiros. Ainda em 1880 o francês Antônio Fourchon será contratado por cinco anos como jardineiro do Jardim da Luz. No mesmo ano Francisco Nemitz chega à cidade, abrindo a primeira loja de flores, na Praça Antônio Prado e fundando a Chácara Flora, o primeiro subúrbio-jardim construído em São Paulo. Outros jardineiros vieram para São Paulo na mesma ocasião, como J. J. Joly, Roberto Kirsten, Serafim Corso, Neuhoff e João Dierberger. Este último, em meados dos anos 20, publica junto ao anúncio de sua floricultura, nas páginas da revista *A Construção em São Paulo*, um pequeno texto com o título *"Jardins Modernos"*, em que destaca entre aspas a frase - *"Os jardins são a moldura da casa"* - e afirma ter executado mais de 400 jardins nos últimos três anos. Tal número é indicativo de uma cultura da jardinagem se difundindo pela cidade, para a qual, sem dúvida, os parques implantados desde o fim do XIX, bem como os primeiros bairros-jardins contribuiram.

O que vai caracterizar a atuação de Prado nos melhoramentos paisagísticos da Capital é a introdução do *"plano chamado americano de ajardinamento, com amplos gramados e ruas direcionais para facilitar não só o lazer como, principalmente, o trânsito de pedestres numa cidade que crescia assustadoramente" (Etzel: p.60)*. No entanto é o próprio Eduardo Etzel quem questiona tal filiação, que é afirmada também por Milcíades Porchat (*apud Bruno:1954:vol.III:p. 1015)*. Não acreditamos ser de todo um equívoco a referência à cultura paisagística dos EUA. Se, de fato, estávamos em uma época de predominância quase exclusiva da cultura européia, sobretudo francesa, mas que na arte dos jardins difundia o tipo *"jardin anglais"*, esta, por sua vez, já assimilava alguns elementos dos grandes parques americanos que, desde o *"Central Park"*, de 1857, Frederick Law Olmsted, vinha implantando nas principais metrópoles dos EUA. Assim, embora via jardineiros europeus, não deixávamos de estar importando idéias paisagísticas forjadas nos EUA.

Se para os principais parques da cidade foram contratados os serviços de arquitetos paisagistas europeus, como Bouvard e Cochet para o Anhangabaú, Barry Parker para o Parque da Avenida Paulista, as demais áreas verdes da cidade eram responsabilidade

de Antonio Etzel. No que diz respeito à arborização, ele será o introdutor do plátano (*Platanus orientalis*) e outras essências florestais, como o *Ligustrum japonicum*, duas espécies de magnólia, a *Tipuana speciosa* e o *Jacarandá mimosaefolia*, que serão empregados por Parker no Jardim América e posteriormente plantados em outros bairros-jardins da Cia. *City*[15]

Barros Ferreira, em seu livro *Meio Século de São Paulo*, publicado em 1954, no bojo das obras de história da cidade que a comemoração do IV centenário estimulou e patrocinou, observa que *"ao terminar a primeira Guerra Mundial havia proporcionalmente na Capital mais espaços livres e de recreio do que nos tumultuados dias presentes. Não faltavam então oásis de descanso para passar horas divertidas nos longos ócios dominicais" (op.cit., p.75)*. Os logradouros listados pelo cronista eram os seguintes: o Jardim da Aclimação, com um farto arvoredo de copas largas e fechadas, criado por Carlos Botelho, quando Secretário da Agricultura, por volta de 1904, como um jardim de aclimatação de animais trazidos de outros países; o Parque Antarctica, que ainda mantinha fragmentos da antiga floresta; o parque do Jabaquara - *"considerado o mais belo, possuindo um 'formosíssimo trecho de mata virgem', onde ia realizar piqueniques grande número de pessoas" (op.cit., p.76)*; o Bosque da Saúde; o parque da Moóca, onde se localizava o Hipódromo, e o Jardim da Luz. O mesmo autor não faz referência porém ao Parque Paulista e tampouco ao Bosque da Cantareira. Nas ilustrações das figs. 2.27 a 2.36 vemos alguns desses parques que São Paulo construiu ao longo da Primeira República. Eles ilustram como, no processo de metropolização pelo qual a cidade passava, a construção de uma paisagem moderna se fazia não apenas com reformas urbanísticas voltadas às questões da circulação e expansão, mas também com melhoramentos como a criação de um sistema de áreas verdes. No mesmo sentido de configuração de uma nova paisagem para a Capital paulista, as realizações projetadas pelo Arq. Barry Parker tiveram um papel fundamental, como veremos a seguir. As últimas ilustrações deste capítulo (figs.2.37 e 2.38) registram dois personagens da trama decisiva para a afirmação do urbanismo paulistano que procuramos reconstituir - o Eng. Victor da Silva Freire e o Arq. Barry Parker[16].

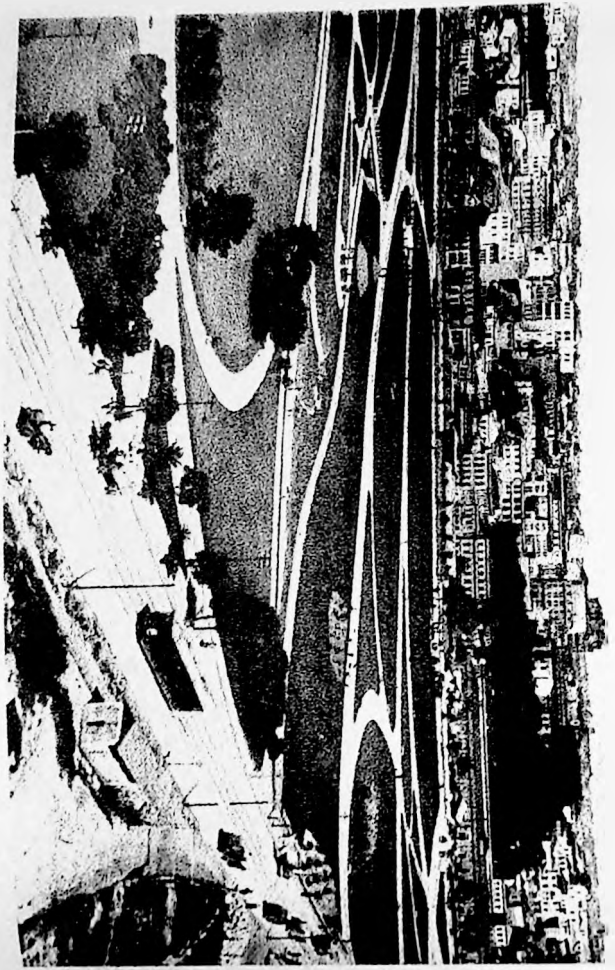
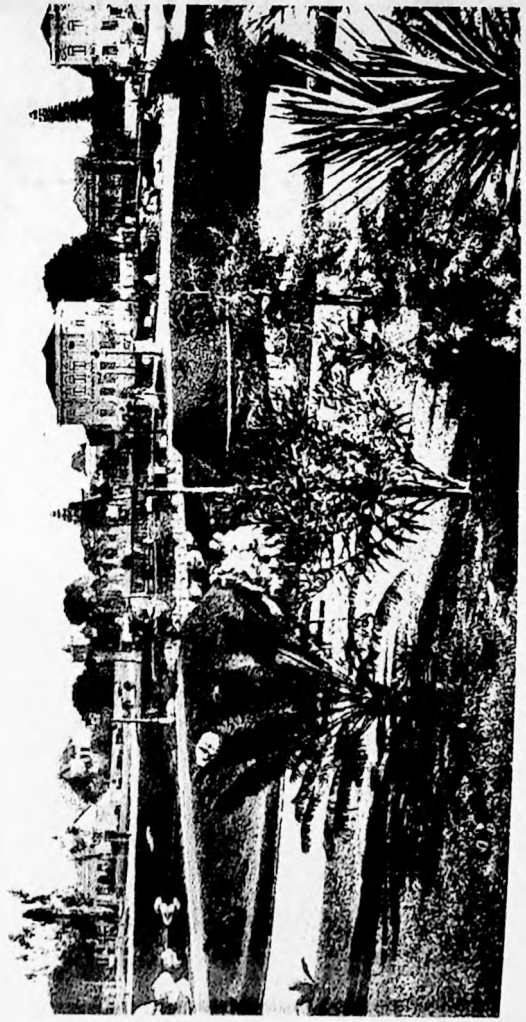
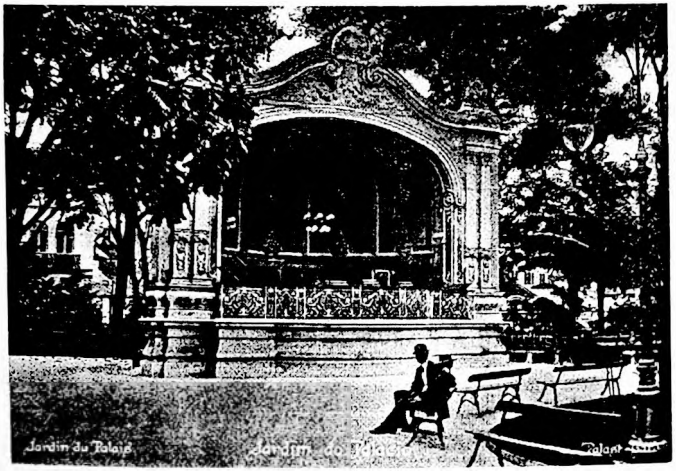


Fig. 2.27 | Parque Dom Pedro II



|Fig. 2.28| Praça da República

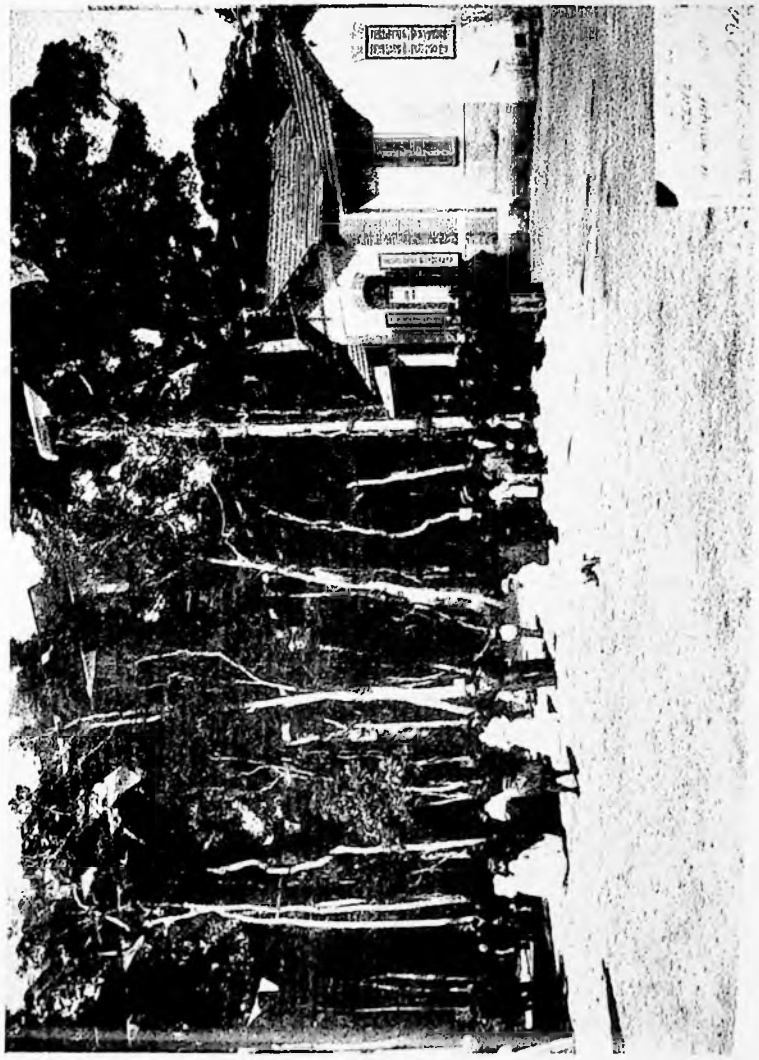


|Fig. 2.31| Jardim do Palácio dos Campos Elíseos

|Fig. 2.32| Parque Angélica

|Fig. 2.33| Parque Antarctica

|Fig. 2.34| Parque da Cantareira



|Fig. 2.35| Bosque da Saúde

|Fig. 2.36| Parques em São Paulo

Fig. 2.37 | Caricatura do Eng. Victor da Silva Freire, feita por Xavier, aluno da Escola Politécnica

|Fig. 2.38| Caricatura de Barry Parker

2 notas do capítulo

1- Utilizo o termo urbanístico aqui, e urbanismo em outras ocasiões, ainda que me referindo a um período em que esta palavra não havia sido cunhada, e muito menos tinha o uso corrente que passa a adquirir a partir dos anos 1920. Menos do que um anacronismo - para o qual nos alertou o colega Joel Outtes - trata-se, acreditamos, da extensão de um termo a concepções e práticas anunciadoras de seu significado. O que era "edificação de cidades", no Brasil de meados do século passado, ao se constituir como disciplina científica e se institucionalizar junto ao Estado e à sociedade - com a emergência do profissional especialista em projetar e construir a cidade, o surgimento de cursos e escolas, bem como o aparelhamento do poder público nesse sentido - passou, a partir de meados dos anos 1910, a ser denominado de urbanismo.

2- Vale lembrar que Brito apresenta seu projeto alternativo em um dos artigos que escreve em 1914 para o jornal *"O Estado de São Paulo"*, no qual polemiza com o Eng. Francisco Teixeira da Silva Telles que havia criticado seu plano para Santos por ser exageradamente geométrico. Entretanto, contrariando o que seu desenho indica, Brito faz uma defesa do plano de Reis, sugerindo que nele houve uma tentativa de adaptação do traçado em xadrez aos acidentes do terreno, visando atender *"às declividades e ao efeito estético" (Brito:1915: p.25)*. Chega inclusive a rebater as críticas que o Eng. Victor da Silva Freire fizera ao plano de Belo Horizonte em conferência no Grêmio Politécnico de São Paulo, no dia 13 de março daquele ano. E até mesmo faz referência à opinião elogiosa que Bouvard tivera em relação a BH. Como resposta às críticas de Brito, Freire publicará na *Revista Polytechnica A Planta de Belo Horizonte (Freire:1916, pp.1-18)*

3- Liane Maria Bertucci lembra que *"a habitação será fiscalizada desde 1892 e em 1894 o Código Sanitário do Estado estabelecerá normas específicas para a moradia proletária que serão incorporadas (e modificadas) nas disposições gerais sobre a habitação nos anos seguintes" ("As transformações urbanas na imprensa operária: São Paulo, na virada do século XX", In: Ribeiro e Pechman:1996, pp.81-94, p.93)*

4- Sousa informa que o Prefeito, *"fazendo sua primeira vistoria ao 'Jardim da Luz', mal impressionado ficou com o mesmo ...Resultado: passou o antigo logradouro por completa transformação à moda inglesa, com grandes gramados e artísticos canteiros, ostentando finas e belíssimas flores" (p.221)*.

5- O Conselheiro Prado, fugindo das praias santistas *"naturalmente sujas e mar amortecido"*, associa-se com pessoas de sua família e amigos para constituir uma sociedade anônima que, na praia das Pitantibas (hoje Pitangueiras, devido o grande número delas na vegetação nativa do sítio), implantara inúmeros melhoramentos, transformando *"um lugar inteiramente ermo em uma promissora e bizarra estância, onde nada de bonito e confortável veio a faltar - admirada e apreciada por todos os excursionistas que vão visitá-la. O interessante foi que tudo, para ela, veio pronto dos Estados Unidos - questão só da respectiva montagem: magnífico hotel de madeira, em estilo colonial; confortáveis e originais casas de residência; esplêndidas embarcações e material completo para instalação elétrica e para estrada de ferro. A policromia na pintura das edificações, combinada com a alvura da praia, o azul do céu e do mar, e o forte verde da vegetação, davam ao conjunto um todo belíssimo, feérico, fantástico mesmo !" (Sousa: p.219).* E acrescenta: *"Anualmente ia o Conselheiro, com sua família, passar uma temporada no encantador Guarujá: não deixando de levar seus magníficos cavalos, a fim de com os filhos e amigos percorrerem os pitorescos recantos da paradisíaca ilha, próxima à qual ainda se encontra o histórico forte de Bertioga. Devido àquela tão útil iniciativa, quantos milhares de enfermos terão recuperado a saúde ?" (id.ibid.).*

6- A respeito do velódromo, Everardo Vallim Pereira de Sousa, em *Reminiscências*, conta o seguinte: *"Até 1893 as pouquíssimas bicicletas, aqui existentes, constituíam uma espécie de privilégio de alguns mocinhos, pertencentes a famílias abastadas. No ano seguinte começaram a ser elas introduzidas comercialmente e, devido à facilidade da respectiva aquisição, passaram a tornar-se moda. Todo mundo começou a pedalar: até mesmo respeitáveis damas e circunspetos cavaleiros, habituados à cartola e indispensável sobre-casaca ! Um dos mais entusiastas do novel esporte era um dos filhos do Conselheiro Antônio Prado - o Antoninho, como geralmente tratado, o qual reunia na Chácara do Carvalho vários dos seus companheiros a fim de, à vontade, pedalarem pelas belas avenidas ali existentes. Em pouco começaram dentre eles as disputas em corridas. O Conselheiro que sempre gostara dos exercícios ao ar livre, pois sempre fôra bom cavaleiro, tomou gosto pela bicicleta e tornou-se 'colega' da rapaziada. Daquela convivência surgiu a idéia de arranjar-se um terreno onde fosse possível nivelar-se uma pista para 'corridas de verdade', como diziam. Solicitados os bons ofícios do pai do Antoninho, e, não sabendo ele fazer nada que não fosse às direitas, resolveu auxiliar os moços, proporcionando-lhes uma coisa em regra, bem feita. Para isso, em um terreno na Consolação, pertencente à antiga Chácara de seus pais, fez construir um dos maiores encantos para a mocidade daquele tempo - o 'Velódromo Paulista' - completo no gênero, com pista cimentada, tecnicamente feita; arquibancadas; quadras de tênis ao centro; tanque para banho e tudo mais necessário. Por vários anos foi ele um dos maiores atrativos de nossa sociedade, e de grande proveito higiênico para a*

rapaziada que, de débil que era, começou a tornar-se sadia e robusta. O Velódromo, de fato, constituiu a 'celula mater' do Atletismo em São Paulo, pois, dentro em pouco, nele surgindo o jogo de futebol, tornou-se um magnífico centro desportivo" (pp.216-217).

7- Sobre Joseph-Antoine Bouvard, a *Enciclopédia Larousse* registra o seguinte verbete: *"nascido em Saint-Jean-de-Bournay (Isère), em 1840, morto em Marly-le-Roi, em 1920. Foi Inspetor dos Trabalhos de Paris, depois arquiteto do serviço permanente da Cidade desde 1879, trabalhando na Igreja Saint-Laurent, no Teatro Lírico, etc. Construiu o Pavilhão da Exposição da Cidade de Paris, em 1878, o domus central da Exposição Universal de 1889, a caserna do boulevard Merland, a Escola de Ensino Profissional em Voirou, etc." (In: Augé:1928, tome1er, p.831).*

8- Trata-se do Arq. Hermann Eduard Maertens (1823-1898), em cujo livro *Der optische Maßstab oder die Theorie und Praxis des ästhetischen Sehens in der bildenden Kunst* (Bonn, 1877), apresentará *"como leis científicas as relações de proporção entre os edifícios ou os monumentos e os espaços que os cercam: a profundeza de uma praça deverá por exemplo ser o triplo da altura de seu edifício principal, a fim de que esse possa ser captado pelo olhar junto com seu entorno" (Wieczoreck: 1981:142).* Os Collins informam que Maertens buscava aplicar à arquitetura da cidade a teoria de Helmholtz sobre a fisiologia da visão, *"assumindo ...que a função do olho se pode reduzir a leis estritamente matemáticas" (Collins: 1980:44),* tendo seus resultados sido aceitos por profissionais respeitados, como Buls, Brinckmann, Stübben, Hegemann e Peets. Camillo Sitte, embora os Collins, ao contrário de Wieczoreck *(p.146),* não reconheçam, parece também ter se apoiado em Maertens, ainda que não o tenha citado ou mesmo mencionado.

9- Sua ocorrência crescente, tanto na Capital, como em cidades do interior, seja em termos absolutos, ou apenas nos setores diretamente vinculados à produção e funcionamento da infra-estrutura de serviços urbanos, pode ser avaliada a partir dos quadros abaixo, elaborados a partir do estudo de Simão, originalmente editado em 1966. Os números não deixam margem à dúvida, as greves progressivamente passaram a se tornar um fato urbano, acompanhando tanto o crescimento econômico, quanto a politização dos trabalhadores, marcada pela influência ideológica dos imigrantes de países europeus, mas também pela metropolização da Capital. Assim é que no período 1901-1914 teremos um crescimento explosivo de greves no Estado, mas principalmente na Capital, mantendo-se quase a mesma ocorrência no período 1915-1929, e só declinando a partir de 1930. Mas elas não chegariam a comprometer, a não ser pontualmente, a execução de obras. Se destacamos em particular os trabalhadores

diretamente vinculados à produção e funcionamento da Capital, dentre os quais incluímos os operários dos setores de transportes urbanos, ferrovias, construção civil, obras públicas e serviços urbanos, notamos que houve um decréscimo de greves no setor de transportes urbanos, exatamente no período subsequente à implantação dos bondes elétricos.

Ocorrência de greves na Capital e no interior de São Paulo, dados absolutos no período 1888-1940

São Paulo	1888-1900	1901-1914	1915-1929	1930-1940
Capital	12	81	75	59
Interior	12	38	41	31

Fonte: Simão, Azis; *Sindicato e Estado*, São Paulo, Ática, 1981, pp.122-132.

Ocorrência de greves na Cidade de São Paulo por trabalhadores vinculados à produção e funcionamento da cidade, no período 1888-1940

Categoria Profissional	1888-1900	1901-1914	1915-1929	1930-1940
transportes urbanos	7	3	5	2
serviços e obras públ.	1	3	8	1
construção civil	-	3	-	-
ferrovias	1	1	6	4

Fonte: Simão, Azis; *Sindicato e Estado*, São Paulo, Ática, 1981, pp.134-142.

10- É possível que os interesses de Laveleye em São Paulo, mas também no Paraná, apenas anunciassem interesses maiores. Como o da missão inglesa comandada por Lord Balfour, que viria ao Brasil em 1924, provocando enorme controvérsia política, e que resultou na criação da *Cia. de Terras Norte do Paraná*, a qual será responsável pela urbanização - segundo um modelo de planejamento regional e traçados urbanísticos de extração inglesa, segundo o tipo *"garden-city"* -, do norte paranaense, ao longo das décadas de 30 e 40.

11-
JARDINS E PARQUES PAULISTANOS EM 1919

Parques e jardins antes de 1914	Área (m^2)	Parques e jardins construídos na administração Washington Luis (1914-19)	Área (m^2)
Pirâmide do Piques	1.170	Praça Verdi	1.008
Largo do Brigadeiro Galvão	1.710	Taludes da Rua Sergipe	2.000
Gazômetro	2.705	Taludes da Avenida Tiradentes	2.000
Largo do Cambucy	3.030	Largo. Paysandú	4.500
Largo da Liberdade	3.870	Belvedere	3.100
Largo do Coração de Jesus	4.125	Largo. do Paraizo	3.250
Largo João Mendes	4.900	Lgo. em fte. Inst. D. Ana Rosa	6.170
Largo da Concórdia	6.554	Largo São José do Belém	6.600
Largo José Roberto	6.844	Ponte Grande	8.320
Esplanada do Municipal	9.210	Parque da Av. Paulista*	38.150
Largo dos Guayanazes	10.350	Parque Anhangabaú**	36.000
Praça Buenos Aires	21.000	Parque da Várzea do Carmo***	548.887
Praça da República	26.000	-	-
Jardim da Luz	28.000	-	-
Total 200.460	Total 659.985		

Fonte: Relatório de 1918, vol.2, p.XVII.

(*) Projeto paisagístico de Barry Parker.
(**)Projeto paisagístico de Bouvard.
(***)Projeto paisagístico de Cochet.

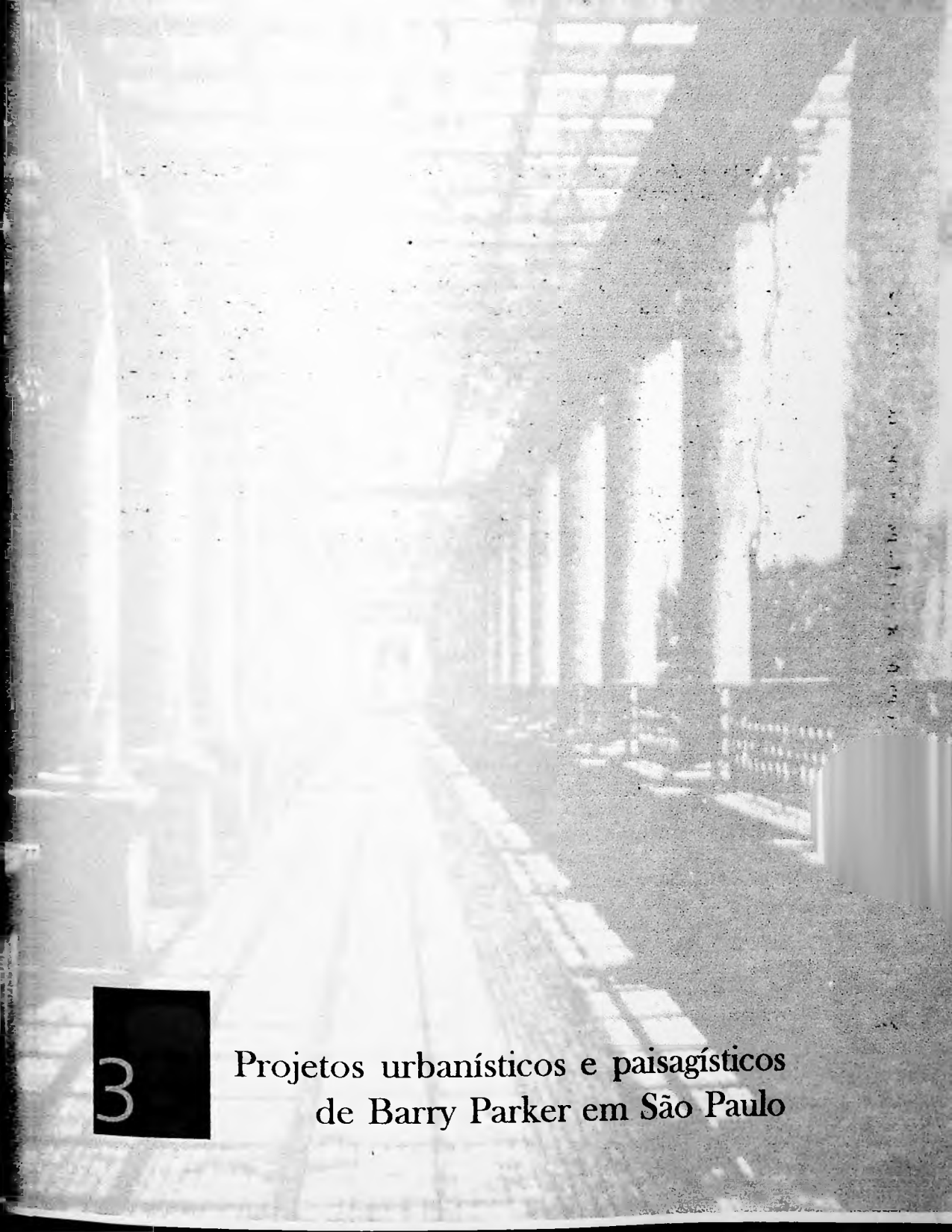
12- As referências bibliográficas principais sobre a história do Jardim da Luz são: Martins *(1911, vol.1)*, Sant'Anna *(1944)*, Etzel *(1982)* e Segawa *(1995)*.

13- Apesar dos méritos de seu texto, a defesa que Eduardo Etzel faz do fechamento do Jardim da Luz, que perdera suas grades em 1930, com o Prefeito Pires do Rio, e só foi fechado novamente durante a administração Olavo Setúbal, em fins dos anos 70, não é acompanhada de qualquer justificativa, não sendo de modo algum consensual.

14- Arthur Etzel ainda trabalhou como administrador do Parque Ibirapuera até sua morte, em 1971, aos 82 anos.

15- O Relatório do movimento da Administração dos Jardins, relativo ao ano de 1921 *(In: Relatório de 1921 apresentado à Câmara Municipal pelo prefeito Dr. Firmiano de Moraes* Pinto, São Paulo, Casa Vanorden, 1922, p.144, Anexos), apresentado por Antonio Etzel, informa terem sido fornecidas à Cia *City*, no ano de 1921, 663 mudas de *Typuana especiosa* e 500 mudas de *Jacarandá Mimosifolium*, valores que se repetirão para anos seguintes, indi-cando a preocupação da *City* com a arborização de seus bairros e a adoção, sob influência de Parker, pela companhia de certas espécies da flora brasileira. Não resta dúvida que grande parte da beleza que as ruas do "Jardim América" ainda hoje nos oferecem deve-se a seus jacarandás octagenários, cujas raízes já salientes nas calçadas o tombamento do bairro conseguiu preservar.

16- A caricatura de Freire é de Xavier, um de seus alunos da *Escola Politécnica*. A de Barry Parker foi feita por Antônio Eduardo Galdeano Cruz, aluno do Curso de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, a partir de foto do arquiteto. Deixo aqui meus agradecimentos a seu trabalho.



3 Projetos urbanísticos e paisagísticos de Barry Parker em São Paulo

3.1 O traçado do Pacaembú

Em um dos artigos que publica sobre suas atividades no Brasil, Parker lembra que, quando chegou a São Paulo, não tinha intenção de se engajar em atividades de projeto e construção. Havia vindo apenas para prestar à Companhia *City* uma consultoria a respeito do aproveitamento de seus terrenos no vale do Pacaembú. Observa então o rápido crescimento da cidade, registrando seu aumento entre 1886, quando a população era de 47 mil pessoas, e 1919, quando atinge cerca de meio milhão de almas. Nesse processo de expansão, o vale do Pacaembú, como outros vales situados mais próximos à área central, ficara abandonado, com a cidade crescendo a seu redor. Para Parker, tal situação sugeria a criação de um parque público no Pacaembú, que seria o melhor aproveitamento a ser dado para a área, conforme já notara Clemenceau em passagem à qual nos referimos no capítulo anterior, e que foi lembrada por Parker em seus comentários. Mas o arquiteto inglês constata que o *"o enorme valor da terra parece tornar proibitivo sua adaptação como um parque" (Parker: 1920, p.48)*. Por outro lado, constata ainda que, caso se queira *"o desenvolvimento do Pacaembú conforme o melhor traçado, as leis municipais relativas a ruas e edifícios deveriam ser materialmente modificadas" (id.ibid.)*.

De fato, como anota Baceli, *"as glebas situadas na região sudoeste da Cidade foram o alvo de preocupação especial da companhia desde o início de sua atuação"*

(1982, p.66), tendo sido enviados para o Brasil, em 1912, o filho do Arq. Bouvard, Sr. Roger Bouvard, e os senhores Loüis Vergé e Douglas Gurd, para fazerem novo levantamento topográfico dos terrenos e estudarem possíveis aproveitamentos. Ainda em relação aos terrenos do Pacaembú, Souza também registra, complementando Baceli, que o *"projeto de parcelamento, elaborado pela Companhia City, não é aprovado pela Câmara Municipal, por não atender às dimensões exigidas quanto à largura de ruas e o comprimento mínimo de quadras" (1988, p.67)*, além da sinuosidade de seu traçado que escapava ao reticulado do padrão oficial. Foi devido a esse contratempo que a *City* dirigiu sua atenção e esforços empresariais para o Jardim América, contratando para essa tarefa o escritório do arquiteto inglês Raymond Unwin, como veremos adiante.

Para Parker, portanto, frente às dificuldades de um traçado satisfatório para o melhor aproveitamento do vale, a legislação deveria ser modificada, como ele mesmo afirma no mesmo artigo indicado acima: *"Então a primeira tarefa era redigir um relatório sobre o Pacaembú com o fim de convencer as autoridades municipais da necessidade dessas drásticas mudanças" (op.cit., p.48)*. O que poderia parecer o caminho mais difícil - alterar a legislação existente - foi assim a primeira tarefa de Parker em São Paulo, revelando-se, mais que um consultor da *City*, um profissional que atuaria junto às autoridades municipais visando convencê-las da necessidade de alterações na legislação. No arquivo da empresa encontramos quatro documentos[1] relativos ao Pacaembú que passamos a relatar, pois esclarecem não apenas os princípios que Parker adotará para seu traçado, como também as circunstâncias de sua atuação junto às autoridades municipais, em especial em relação ao Eng. Victor da Silva Freire.

O primeiro deles, datado de 1° de março de 1917, é uma carta de Parker ao Senhor Gurd, então diretor da *City* no Brasil, registrado como *"Relatório do Sr. Parker sobre o Pacaembú"*. O arquiteto inicia comentando a impropriedade do uso do traçado em xadrez para a Cidade de São Paulo. Observa então que o plano da cidade era o de uma imensa rede que se esparramava sobre colinas, vales e tabuleiros planos, que constituíam seu sítio, e sobre a qual foram deixadas vazias as áreas de fundos de vale e encostas com declividades acentuadas. Assim, o desenvolvimento da cidade tinha se dado junto a áreas de menor dificuldade para implantação, acompanhando *"às cegas"* a rede já delineada e levando à evidência o conflito *"entre a tendência de uma via em ter seu curso lógico e natural e a suposta necessidade de que ela deveria se conformar a linhas arbitrariamente traçadas" (Documento n°1, p.1)*.

Mas, além de criticar o traçado em grelha imposto pelo colonizador, com a aplicação rígida de um princípio, Parker também critica o processo de desenvolvimento urbano sem planejamento. Partindo de suas observações sobre o modo como havia se dado a ocupação do sítio urbano paulistano, o arquiteto define os princípios que adotou para o traçado do Pacaembú, *"a antítese do que havia sido feito até então"(op.cit., p.3)*. Argumenta que o arquiteto, como *"town-planner"*, deveria levar em conta não apenas

os aspectos arquitetônicos, mas também os de engenharia, higiene, financeiros e práticos, visando conciliá-los sem o sacrifício de nenhum deles. Mas sobretudo, e em primeiro lugar, afirma ser dever do urbanista, ao projetar um assentamento residencial (*estate*), *"enfatizar que ele deve ser, antes de mais nada, um lugar agradável para se viver, e não um local para impressionar o visitante com seus acabamentos arquitetônicos simétricos" (op.cit., p.5)*. E acrescenta que não basta ser meramente um local cortado por importantes vias de tráfego, ou apenas com uma boa drenagem - *"como o engenheiro tende sempre a fazer"* -, e tampouco um bairro com o maior número possível de lotes. Para Parker o sucesso de um loteamento residencial depende *"daqueles que lá forem viver, gostarem de ali morar" (id.ibid.)*.

O profissional aqui, em seu primeiro relatório dirigido à direção da empresa para a qual então trabalhava, deixa claro não abrir mão dos princípios que defendia desde seus primeiros textos e que marcaram seus projetos. Talvez mesmo, o fato de ter chamado atenção para tais aspectos, desde o início de suas atividades junto à *City*, tenha como motivo uma certa desconfiança sua em relação aos procedimentos que uma empresa privada poderia adotar, sacrificando a qualidade de vida em uma área residencial para garantir seus lucros. Afinal, no que se refere a loteamentos residenciais, salvo em seu plano para o parque-subúrbio de Moorland, em Buxton, em propriedade de sua família, ou de seus projetos para os arredores de Bruxelas, em 1915, os demais clientes de Parker estavam impregnados de objetivos sociais, filantrópicos e cooperativistas.

Reafirmando seus princípios, Parker, na continuação de seu relatório, diz ter dois receios em relação ao Pacaembú. O primeiro deles refere-se à ventilação do bairro, pois as brisas refrescantes que atingem a cidade, vindas de sudeste, são bloqueadas pelas colinas que circundam a área. A questão da insolação também é um problema, aponta o arquiteto, devido à orientação das colinas, cujas faces sombreadas não se voltam para o vale durante as horas mais quentes do dia. Apesar da relevância dessas questões que constituem seu primeiro receio, o segundo reitera suas dúvidas em relação à companhia, preocupado em *"que seja adotado um método de desenvolvimento que apenas ofereça solo para ser construído" (id.ibid.)*.

Para dar conta do primeiro receio, Parker sugere que o menor número possível de ruas deva atravessar o vale, devendo ser planejadas para ficarem encobertas, de modo que *"a vista de cada casa não fosse uma sucessão de ruas, uma atrás da outra, mas sim de verdes encostas e vales, oferecendo apenas caminhos frescos e alamedas sombreadas" (op.cit., p.6)*. Desse modo, caso adotada sua sugestão, seria evitado o desmonte que teria de ser feito no terreno para a imposição de um traçado em xadrez. Para o fundo do vale, Parker propõe a ocupação com jardins, e explicita o critério adotado para esse tipo de projeto: *"está em deixar a formação natural do solo ser facilmente traçada após o trabalho do homem sobre ela ter sido completado, e em*

fazer o trabalho do homem franca e obviamente proclamar a si mesmo como sendo o trabalho manual do homem" (id.ibid.).

As demais propostas de Parker para o traçado do Pacaembú advêm dessas suas primeiras formulações. Nesse sentido, propõe ruas de dois tipos. Um tipo de rua com largura de 16 m, em número reduzido, e outro, com 8m de largura, para a maior parte delas. Considera, mais à frente, que em países onde há a cultura do edifício de apartamentos, as ruas necessitam ser mais largas. No caso do Brasil, em que cada família quer morar em uma casa independente, ruas com 8 m de largura seriam suficientes. O critério para seu traçado seria acompanhar as curvas de nível do terreno, o que, como ele observa, facilitaria também, mais que qualquer outro arranjo, a solução de drenagem e esgoto. Sugere então que os lotes tenham duas frentes, sendo que a principal deveria ser voltada para o vale. Nessa passagem de seu texto, em defesa da casa com *"double-fronted"*, vale registrar sua crítica à concepção da casa com uma frente agradável e um fundo, *"em maior ou menor grau, esquálido e nada atraente" (op.cit., p.7).* Argumentando que é apenas a força do hábito que tolera tal procedimento, afirma - resgatando um princípio da arquitetura *"Arts and Crafts"* que também seria apropriado, um pouco depois, por Le Corbusier, Gropius e outros arquitetos modernistas - não haver nenhuma razão para que todos os lados de uma casa não possam ser igualmente agradáveis, sendo que no Pacaembú isto seria particularmente fácil de realizar.

Sua proposta de casas com porão será o resultado do modo como prevê a implantação das residências, indicando os usos que para ele poderiam ser dados, de lavanderia a cozinha e sala de refeições, passando por sala de costura ou mesmo salão de bilhar. De qualquer modo, o que Parker procurava garantir era a vista que cada casa poderia ter das encostas arborizadas e ajardinadas do vale. Insistia também quanto à importância da arborização das ruas e à possibilidade de criação de vistas para o pedestre que por elas caminhasse. *"A chegada a cada casa deverá ser, para a maioria delas, através de superfícies verdes, avenidas se abrindo em intervalos, quando vistas são oferecidas, em terraços olhando por cima do vale" (op.cit., p.8).*

Proporcionar largas vistas para a paisagem pitoresca do vale do Pacaembú, tanto na implantação das casas, quanto no traçado das ruas, escadarias e belvederes - o sketch do arquiteto é, nesse sentido, esclarecedor (fig.3.7) -, seria, para Parker, não apenas o modo de proporcionar satisfação aos moradores, mas também de recuperar as vistas que a cidade antigamente dispusera, com seus *"campos abertos e magnífico cenário de montanhas" (op.cit., p.9).* Comparando as residências a serem implantadas no Pacaembú com as da Avenida Paulista, cuja extensão em direção a leste exigiria elevados custos de desapropriação, considera que aquelas não deveriam ficar, de nenhum modo, inferiores a estas, devido às vantagens que teriam com suas vistas, e reforça a ligação da Avenida Paulista com o novo loteamento, cuja proposta fora formulada seis anos

antes, fazendo do Pacaembú a continuidade daquela avenida residencial, o que terminou por não se concretizar.

A história do plano para o Pacaembú não teve início, como vimos no capítulo anterior, com Parker. Em 1911 já encontramos sua indicação, como mostra o esquema da fig.3.3. Em planta da cidade elaborada em 1914 o loteamento já constava, e com linhas cheias, ao contrário do Jardim América que ainda estava indicado com linhas tracejadas e com o nome de *"Garden City"*. Em 1916, Saturnino de Brito refere-se a ele no seu livro *Notes sur le Tracé Sanitaire des Villes*. Embora elogiando a avenida de fundo de vale, com o córrego canalizado no centro, o engenheiro sanitarista não deixa de sugerir algumas modificações de seu traçado (fig.3.4), que permitiriam - segundo ele - facilitar muito os trabalhos de escoamento das águas pluviais e dos esgotos. Entretanto, como sabemos, o loteamento não fora aprovado pela Câmara, aliás, um dos fatores que levou a *City* a contratar os serviços de Parker. Assim, parece que, apesar da proibição legal, tanto por parte da Diretoria de Obras quanto da *City*, houve uma firme determinação em implantar o loteamento. É possível que esse primeiro plano desenhado para o Pacaembú, assim como o primeiro traçado do Jardim América, tenham sido feitos pelo Arq. Bouvard, que em 1911 não presta serviços apenas para a Municipalidade, mas também para Laveleye, o fundador da *City*. De qualquer modo, é mera especulação nossa, pois não encontramos nenhum documento que pudesse confirmar tal hipótese. Mas talvez possamos imaginar os senhores Laveleye e Bouvard sendo conduzidos pelo Eng. Freire em passeio pelas áreas da cidade propícias a um interessante negócio imobiliário. Chegando até o final do bulevar de Higienópolis, avistam de seu belvedere o vale do Pacaembú, e concebem o aproveitamento que indicamos como sendo o primeiro plano para a área. Diversos elementos do traçado desse plano original seriam incorporados ao plano definitivo, mas Parker não chega a fazer qualquer referência a ele em suas notas a respeito.

Parker ainda retoma o plano do Pacaembú em outros dois documentos existentes no arquivo da companhia. Um deles, também datado de 1° de março de 1917 - portanto, tendo sido elaborado em conjunto com o relatório que já comentamos - são suas notas sobre oito desenhos e dois *"sketches"*, os quais, infelizmente, foram extraviados. O desenho da fig.3.7 talvez seja um desses esboços que o documento menciona. Explicitando com mais clareza seus princípios para o traçado do Pacaembú, Parker menciona também a proposta de construir colunatas cobertas em algumas caiçadas, para amenizar a forte insolação e pela qual passaria toda a fiação, evitando o comprometimento da paisagem com fios elétricos, telefônicos, etc. Após justificar a escolha do traçado empregando ruas curvas, Parker observa que *"hoje os urbanistas dependem seu sucesso da habilidade em resolver cada problema com a mente aberta, livre de bias ou predileção em favor de ruas curvas ou retas." (Documento n°2, p.7)*. Concluindo suas notas afirma que, no caso do Pacaembú, seu uso seria o mais

recomendável, e não deixa de fazer um elogio às ruas curvas: *"uma via curva sempre contem algum mistério para o pedestre" (id.ibid.)*, valorizando-as em relação às retas, sobretudo as longas, devido a monotonia que provocam.

O outro documento que Parker redige abordando o assunto do Pacaembú é uma carta, datada de 10 de abril de 1917, que dirige pessoalmente ao Eng. Victor da Silva Freire *(Documento nº 4)*. Talvez não por acaso ela segue a petição que a *City* tinha redigido à Prefeitura Municipal na véspera, isto é, em 9 de abril de 1917, mas que só seria remetida no dia 11. Assim, vejamos antes o que nos diz tal ofício, no qual não consta a assinatura de nenhum diretor da companhia, embora falando em seu nome. O texto começa com a seguinte observação: *"O vale do Pacaembú é tão bem conhecido que é desnecessário chamar a atenção para as dificuldades relativas a seu desenvolvimento" (Documento nº 3, p. 1)*. Procurando solucionar o problema, a petição destacava que o conselho (*"Board"*) da Companhia havia contratado o Arq. Barry Parker, cujo relatório e desenhos a respeito estavam sendo enviados à Prefeitura para exame de seus engenheiros. Resumia, então, os princípios que Parker havia sugerido, iniciando com o que dizia *"que uma das encostas da colina, por sua própria natureza, é desejável apenas para um bairro residencial" (id.ibid.)*. Indica também que as ruas seriam traçadas de tal modo que algumas seriam em nível e outras as conectariam, como terminou por ser implantado o plano do Pacaembú (figs. 3.5 e 3.6). A proposta de colunatas cobertas para pedestres é descartada, sendo considerado um detalhe, mas a manutenção de um gramado na parte elevada das ruas é mantida. No último parágrafo da petição é feita referência às ruas com larguras de 8 m propostas por Parker, solicitando sua aprovação.

Na carta que Parker escreve para o Eng. Freire é exposta sua crítica à legislação existente, que previa largura mínima de 16 m para as ruas e declividade máxima de 8%. Seus argumentos apontam para a impossibilidade de se ocupar o Vale do Pacaembú caso se mantenha a legislação. E fazendo uma rápida leitura do traçado urbano paulistano, no trecho delimitado pelas Avenidas Paulista, Liberdade e Consolação, indica que a Municipalidade deve reservar para o Pacaembú um desenvolvimento mais interessante, mesmo que para isso tenha de fazer algumas concessões.

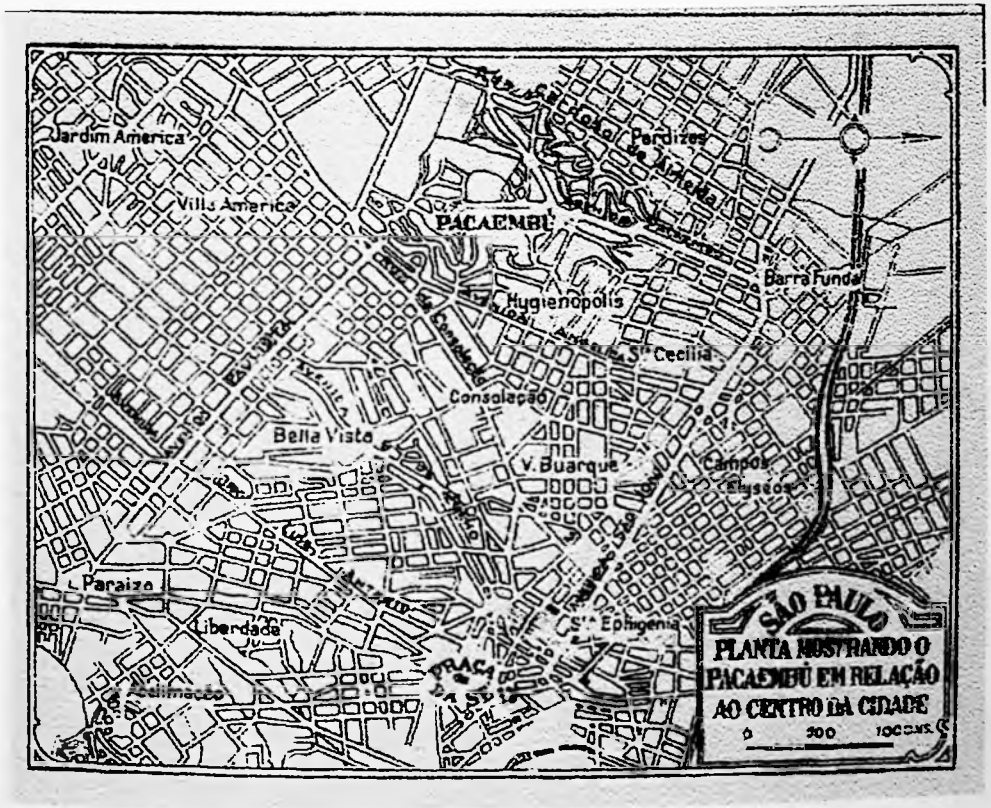
O Pacaembú só foi efetivamente aberto anos mais tarde, mas as propostas de Parker para seu traçado foram decisivas. Embora não tivessem sido realizados diversos aspectos de sua concepção, e no lugar do jardim no fundo do vale tenha sido construída uma avenida, com um canteiro central sobre o córrego tamponado, e um estádio de futebol junto à sua nascente, o traçado das vias seguiu de perto os princípios propostos por Parker. Nas fotos das figs.3.8 a 3.16 vemos alguns aspectos desse bairro ainda na fase inicial de sua implantação, podendo se notar a adequação do traçado à topografia do sítio, bem como a arborização das ruas e o aproveitamento do fundo do vale, com a construção do estádio do Pacaembú, em terreno cedido pela *City* à Municipalidade.

Vale lembrar contudo que o desenho final também se aproxima da primeira proposta para o loteamento., que, antes mesmo de Parker, já propusera uma traçado adaptado ao sítio.

Em seu primeiro artigo escrito após voltar do Brasil, Parker registra, logo após elogiar o Prefeito da Capital e Victor da Silva Freire, o fato de suas observações sobre o Pacaembú terem *"convencido esses cavalheiros de que as leis referentes ao planejamento e construção de ruas deve ser modificada de tal modo que o loteamento seja desenvolvido segundo o caminho que eu queria" (1920, op.cit., p.145).* No mesmo artigo observa que, após entregar o relatório sobre o Pacaembú e ter buscado convencer as autoridades da necessidade de alteração da legislação, percebeu que sua estadia na cidade deveria se prolongar, dirigindo então sua atenção para o Jardim América *(1920, p.144).* É para lá que nós seguimos também.

PACAEMBÚ

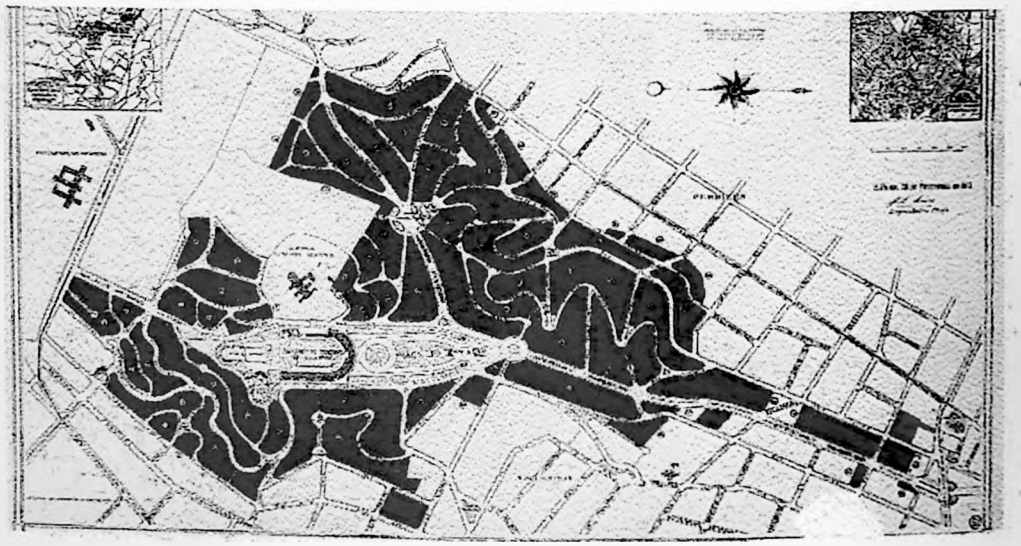
| Fig. 3.01| Pacaembú, foto aérea



| Fig. 3.02| Planta mostrando o Pacaembú em relação ao centro da cidade (Arquivo da Cia. City)

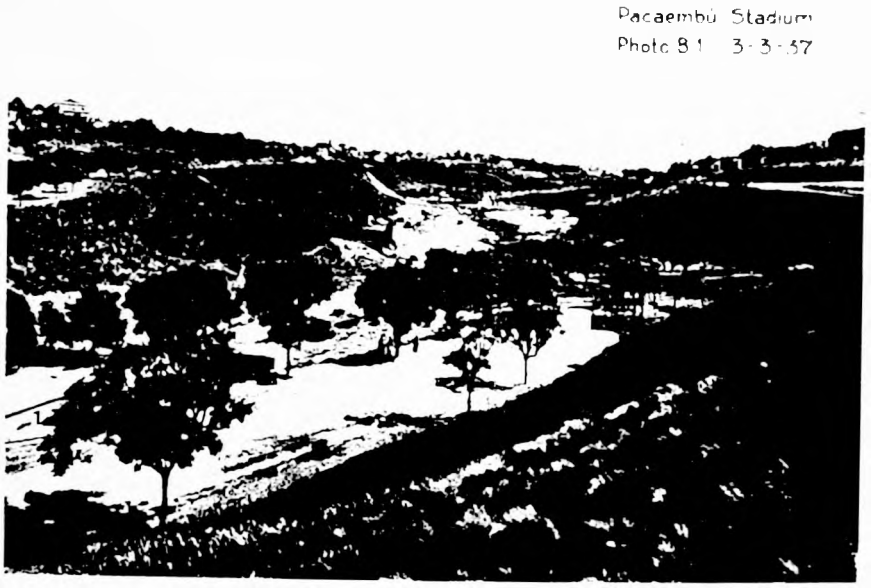
Figs.3.03 e 3.04 Primeiros projetos para o Pacaembú

Fig. 3.05 Pacaembú, traçado sobre planta da Cidade de São Paulo



| Fig. 3.06| Pacaembú, plano definitivo assinado pelo Eng. G. Dodd (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.07| Croquis de Barry Parker mostrando implantação das casas



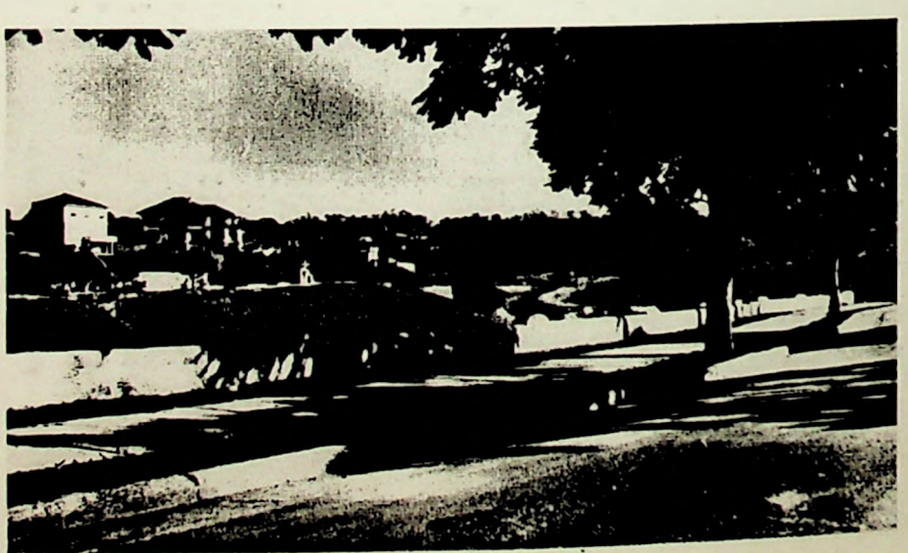
| Fig. 3.08| Pacaembú, vista do vale com o estádio iniciando obras (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.09| Pacaembú, vista do vale com o estádio iniciando obras (Arquivo da Cia. City)

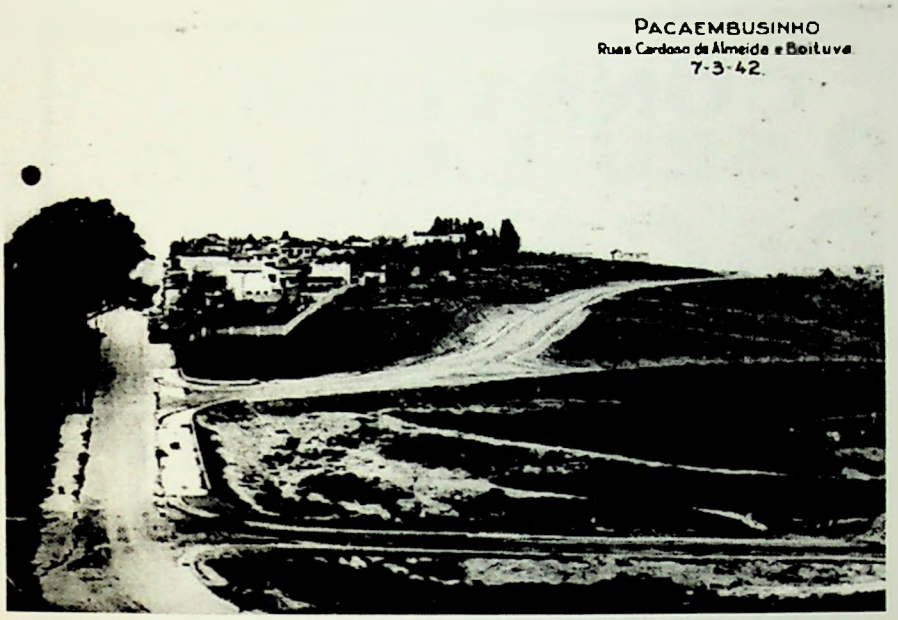
| Fig. 3.10| Pacaembú, vista do vale (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.11| Pacaembú, com o estádio já construído (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.12| Rua no Pacaembú (Arquivo da Cia. City)



| Fig. 3.13| Rua no Pacaembú (Arquivo da Cia. City)



| Fig. 3.14| Vista do Pacaembuzinho (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.15| Pacaembú, rua com "cul de sac" (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.16| Reclame da Cia. City

3.2 O traçado do Jardim América

Em mapa da cidade, de 1914, elaborado pela *Comissão Geográfica e Geológica*, temos tracejado o primeiro projeto para o Jardim América (fig.3.18), cuja autoria é possível que seja de Bouvard, mas da qual não temos confirmação. Em sua dissertação de mestrado, o pesquisador Hugo Segawa *(1988, pp.71-77)* apresenta um desenho desse projeto, o qual reproduzimos na fig.3.19. Trata-se de um esquema com características *"beaux-arts"*, em que um traçado ortogonal, cortado por duas diagonais, contém jardins em sua área central, criando uma praça rotatória no cruzamento das avenidas diagonais com a avenida principal, já denominada *"Brasil"*.

Nas páginas de outubro de 1916, da revista inglesa de divulgação das idéias de cidade-jardim - a *Garden Cities & Town Planning* - encontramos uma matéria com o título *"South America's First 'Garden City' Development"* (*"O Primeiro Empreendimento Cidade Jardim na América do Sul", vol.6, n°7, pp.130-133)*, sem autoria definida, e que se refere ao loteamento da Cia. *City* em São Paulo, ainda denominado *"Garden City"*. No mesmo artigo encontramos algumas fotos do loteamento já aberto e com as primeiras casas sendo construídas. Uma vista panorâmica da praça central sendo cruzada por um bonde elétrico e a legenda de que *"o gramado das esquinas teve que ser semeado com as mãos"*, indica que o empreendimento já vinha sendo implantado

antes mesmo da chegada de Parker a São Paulo. O artigo apresenta ao final o plano elaborado pelo Arq. Raymond Unwin (fig.3.20), destacando na legenda que *"atualmente um bem conhecido urbanista inglês está sendo consultado com referência a empreendimentos similares" (op.cit., p.132).*

No desenho de Unwin, embora tomando como base o primeiro traçado, sua rigidez é quebrada com a introdução de ruas curvas e diversos jardins, bem como a Avenida Brasil se destaca com a introdução de um canteiro central arborizado, configurando-a como um bulevar. Do ponto de vista da configuração paisagística do assentamento, as diferenças do plano de Unwin, em relação ao primeiro plano, são enormes. A sinuosidade de várias vias, ainda que parecendo manter a mesma largura de 16m, e sobretudo a introdução de jardins no interior de muitas das quadras, cria um subúrbio residencial com grandes semelhanças com o que se fazia na Inglaterra e Alemanha na mesma época, como ilustramos no capítulo 1. Sem um centro cívico propriamente, até porque o loteamento era exclusivamente residencial, o traçado de Unwin cria um bulevar que será o *locus* de atividades diversas, que chegará a competir com a Avenida Paulista enquanto cenário para novos modos de sociabilidade e de usos da cidade, como mostrou Sevcenko *(1992).*

A apresentação do álbum da Cia. *City*, de 1923, sobre o *"Jardim América"*, refere-se ao loteamento como o *"legítimo orgulho"* da companhia, faz um breve histórico do *"bairro de residências"*, *"um dos pontos mais pitorescos de São Paulo"* e menciona Raymond Unwin como tendo preparado *"a planta original do arruamento e desenvolvimento do subúrbio jardim"*, acrescentando *"a seguir, o Sr. Barry Parker, outro arquiteto igualmente de reconhecida competência e nomeada, era chamado a colaborar no grande empreendimento, tendo, então, ocasião de introduzir importantes e diversos melhoramentos no plano geral" (The City of São Paulo Improvements & Freehold Land Co., Ltd.:1923, p.1).*

Observa ainda que *"a concepção ideada por esses notáveis profissionais foi completamente realizada pela Companhia, e o Jardim América hoje se apresenta como (sic) um cunho verdadeiramente original podendo ser considerado sem igual no Brasil" (id.ibid).* Chama a atenção também para o fato das construções feitas em São Paulo, até então, não obedecerem a um plano prévio, fazendo com que os melhoramentos urbanos, como *"sistemas de drenagem, aparelhamento sanitário, pavimentação, eletricidade, gaz e iluminação das ruas" (id.ibid.)* sejam implantados depois das construções. Afirma, no entanto, que *"a Companhia City determinou (...) a mudança deste antigo costume, expondo à venda lotes de terrenos previamente e convenientemente preparados não só quanto ao sistema de arruamento como também, e especialmente, quanto ao provimento de todos os melhoramentos públicos acima enumerados, para que, então, pudessem as habitações ser (sic) convenientemente edificadas nesses terrenos" (id.ibid.)*, enfatizando *"a necessidade pública desse*

melhoramento". Informa, em seguida, que *"a primeira casa erigida foi em 1916; outras logo se lhe seguiram e hoje o seu número eleva-se a mais de uma centena"*.

O texto da apresentação do álbum ainda destaca o retardo provocado pela guerra no *"progresso do novo bairro em formação"*, embora tenha havido um *"desenvolvimento relativo"*, mas informa que *"desde 1918 os trabalhos de nivelamento do terreno, abertura de ruas, etc., têm seguido rapidamente, tendo as construções se sucedido, sem interrupção, umas após outras, até que hoje o bairro se acha quase completamente formado e de beleza não igualada por qualquer outro no País" (op.cit., p.2)*. Com um tom e discurso claramente publicitários, o texto não deixava de revelar também os vínculos entre aquele empreendimento e uma certa cultura da habitação, ao afirmar: *"As grandes avenidas bem arborisadas, extensos gramados em diversos formatos para recreação do público (estes gramados serão cuidados futuramente pelos proprietários cujos terrenos lhes fazem fundo), dão ao Jardim América uma aparência sugestiva e peculiar às residências dos Anglo-Saxões do outro lado do Atlântico. É verdadeiramente pitoresco e encantador o local e o único jardim no gênero existente no Brasil" (id.ibid.)*.

Em documento no qual comenta seu plano para o Jardim América, Parker lembra que observou em sua primeira visita ao Jardim América que "sua atração aos moradores teria que ser amplamente uma atração criada" (grifo de Parker). Nesse sentido, além da construção de casas, o arquiteto propõe a ampliação dos jardins, os quais já vinham atraindo compradores. Desse modo, também para o Jardim América, sugere a construção de casas com duas frentes, uma dando para a rua e outra para os jardins semi-públicos internos às quadras. O desenho de Parker (fig.3.21), realizado ainda em abril ou maio de 1917, em relação ao de Unwin, além de alterar o traçado viário, ainda que mantendo sua estrutura principal, amplia o número de jardins internos às quadras e define a divisão em lotes.

Na leitura das *"Cláusulas das servidões para o uso dos terrenos"* que regulamentam as construções no Jardim América - provavelmente indicadas, ou mesmo elaboradas por Parker - são especificadas, entre outras, as seguintes regras relativas a construção de qualquer edifício, estipulando o uso (exclusivamente residencial), área de terreno a ser ocupada (casa térrea: mínima de 130 m□ e máxima de 1/5 da área do terreno; sobrado: mínima de 80 m□ e máxima de 1/7 da área do terreno), recuos (da frente e do fundo: em aberto; laterais: 4 m para casa térrea, 6 m para sobrado e 8 m para casa de 3 andares); a construção de apartamentos para empregados e outras dependências, determinando, entre outros aspectos que *"os quartos de criados (...) deverão ter a porta de entrada em um pórtico ou patamar"*; a construção de caramanchões, mirantes ou belvederes; a construção dos fechos de rua, estipulando: altura (máxima de 1,5 m, sendo que 1,2 m de cerca viva) e quanto a muros, especifica: *"nenhuma divisão interna de cerca, muro ou de qualquer outra natureza, que ficar dentro de dois metros do limite do terreno, excederá a 2 m de altura"*; e ainda, a possibilidade de incorporação

de terrenos formando novos lotes, estipulando frente e área mínimas (25 m e 900 m□). Destacam-se entre os regulamentos - seguidos à risca pela *City* - além do uso exclusivamente residencial, o que promove o isolamento da casa no meio do lote e o que limita a altura dos muros, garantindo assim a mesma permeabilidade visual das paisagens residenciais de Hampstead ou também Riverside. As figs.3.30 e 3.31 - dois *sketches* de Parker - permitem visualizarmos sua proposta e a inserção do bairro no relevo paulistano.

No Jardim América o zoneamento do uso do solo foi um fator fundamental na preservação de seu tipo *"garden city"*. Seu caráter exclusivamente residencial, como foi inicialmente concebido, logo foi rompido, com a transformação de toda uma quadra em um clube esportivo - o *Paulistano* - do qual muitos proprietários de casas no bairro se tornaram sócios. A criação de um clube particular, fechado, como única atividade permitida além da residencial - apenas nos anos 1960, será cogitada a transformação da Avenida Brasil em eixo comercial -, é indicativa de que os espaços públicos abertos, como as ruas e praças, teriam - ao menos para os proprietários locais - uma função predominantemente estética.

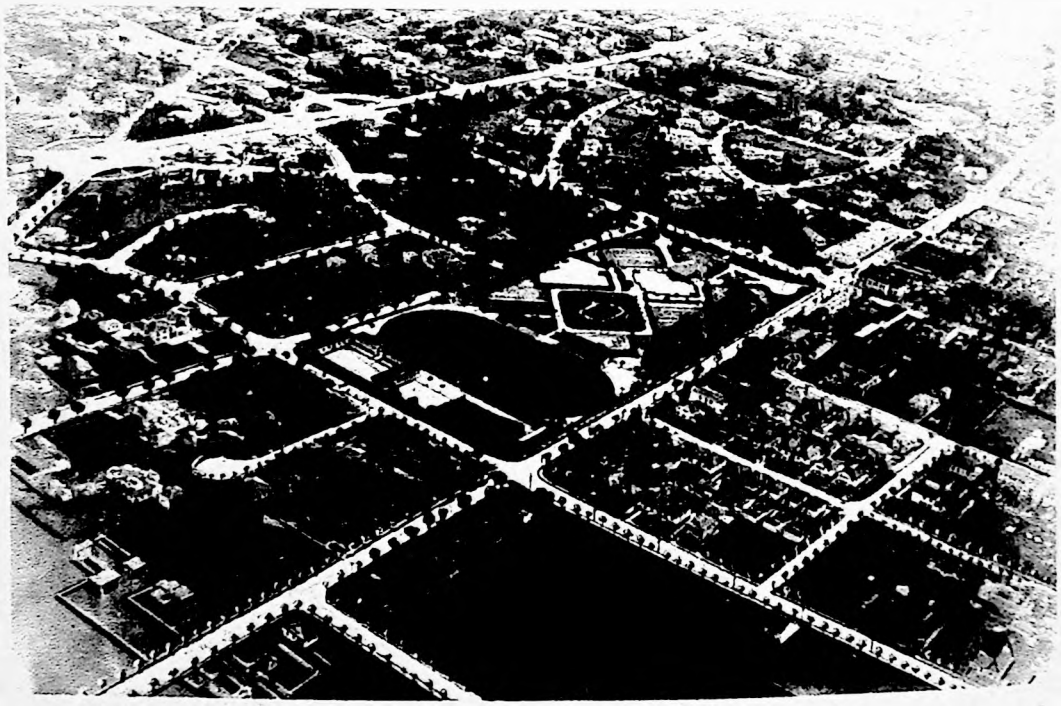
Se as propostas de Parker para o Pacaembu foram condicionadas pelo fato de se tratar de uma área de encostas com declividades acentuadas, já para o Jardim América, implantado em terrenos planos pertencentes à planície de inundação do Rio Pinheiros, os motivos para se traçar ruas curvas foram outros. Provavelmente, além da obtenção de vistas pinturescas com suas vias sinuosas, os arquitetos - e aqui tanto Unwin, quanto Parker - visavam a redução da velocidade dos veículos que por elas trafegassem, garantindo assim uma maior tranquilidade aos moradores do bairro.

Se no desenho urbano do Jardim América o ideal comunitarista que presidiu os traçados de Earswick (1901), Letchworth (1904) e Hampstead (1907) não existiu, outros princípios, formas e pressupostos de sociabilidade ali estiveram presentes. Veja-se as figs.3.25 a 3.28, que mostram o pequeno uso das ruas e praças, salvo para babás com os filhos dos moradores locais. No lugar da *"neighbourhood unit"* que Unwin e Parker já propunham em seus primeiros projetos, e que os americanos retomarão nos anos 1920, através de Thomas Adams e outros, as relações entre vizinhos que se pretendeu estabelecer no Jardim América tinham nos jardins internos às quadras seu aspecto fundamental. Concebido como um *locus* para a diversão de uma comunidade burguesa, os jardins, com acessos pelas casas - não por seus fundos, pois aqui, como no Pacaembú, elas não marcariam tal diferença, sendo *"double-fronted"* - ou por passagens diretas da rua, constituíam um ambiente reservado e protegido nos centros de algumas das quadras. Sua transformação em pequenas vilas-enclaves, com lotes de dimensões reduzidas, revela que, nesse caso, os interesses econômicos da empresa falaram mais alto. Tais fatos nos parecem significativos, não apenas por terem implicado na maior descaracterização do plano de Parker, mas também pela alteração de um aspecto

paisagístico fundamental do loteamento, e que fora fator de atração dos primeiros compradores.

De 1918, quando foram construídos, até 1928, a *City* foi responsável pela conservação dos jardins, sendo ao mesmo tempo proprietária deles. Sua intenção, conforme expressa em alguns documentos, era cedê-los aos proprietários de terrenos lindeiros, ou à prefeitura. Mas, em abril de 1928, a *City* propõe aos proprietários uma contribuição para o custeio da conservação dos jardins. Devido ao desinteresse dos proprietários, propõe a doação dos terrenos à Prefeitura. Argumenta ainda, frente à Municipalidade, que esta poderia impor aos proprietários o que a companhia não conseguiu, visando garantir o pagamento da manutenção dos jardins. A *City* queria, enfim, se desfazer da responsabilidade de mantê-los, obrigação de todo proprietário em relação a seu terreno, conforme lei municipal vigente até hoje. Três anos mais tarde a companhia reitera a necessidade da Prefeitura se responsabilizar pela conservação e policiamento dos jardins, enviando carta aos proprietários pedindo sua anuência à idéia de criação de um imposto para cobrir aqueles gastos. Após entrar em polêmica com o então Prefeito Luiz de Anhaia Mello, que não aceita sua proposta, a empresa delibera retalhar as áreas dos jardins e vendê-las em pequenos lotes, preferencialmente a proprietários vizinhos. Desaparecem assim os 18 jardins do Jardim América, como podemos ver na fig.3.22. Por outro lado, posteriormente outras alterações foram feitas no traçado, sendo que a principal se deu com a abertura da Avenida Nove de Julho, que passou a permitir a comunicação direta do bairro com o centro da cidade, passando por um outro loteamento, em relação ao qual Parker também delineou seu plano, o Anhangabaú.

JARDIM AMÉRICA



| Fig. 3.17| Jardim América, foto aérea

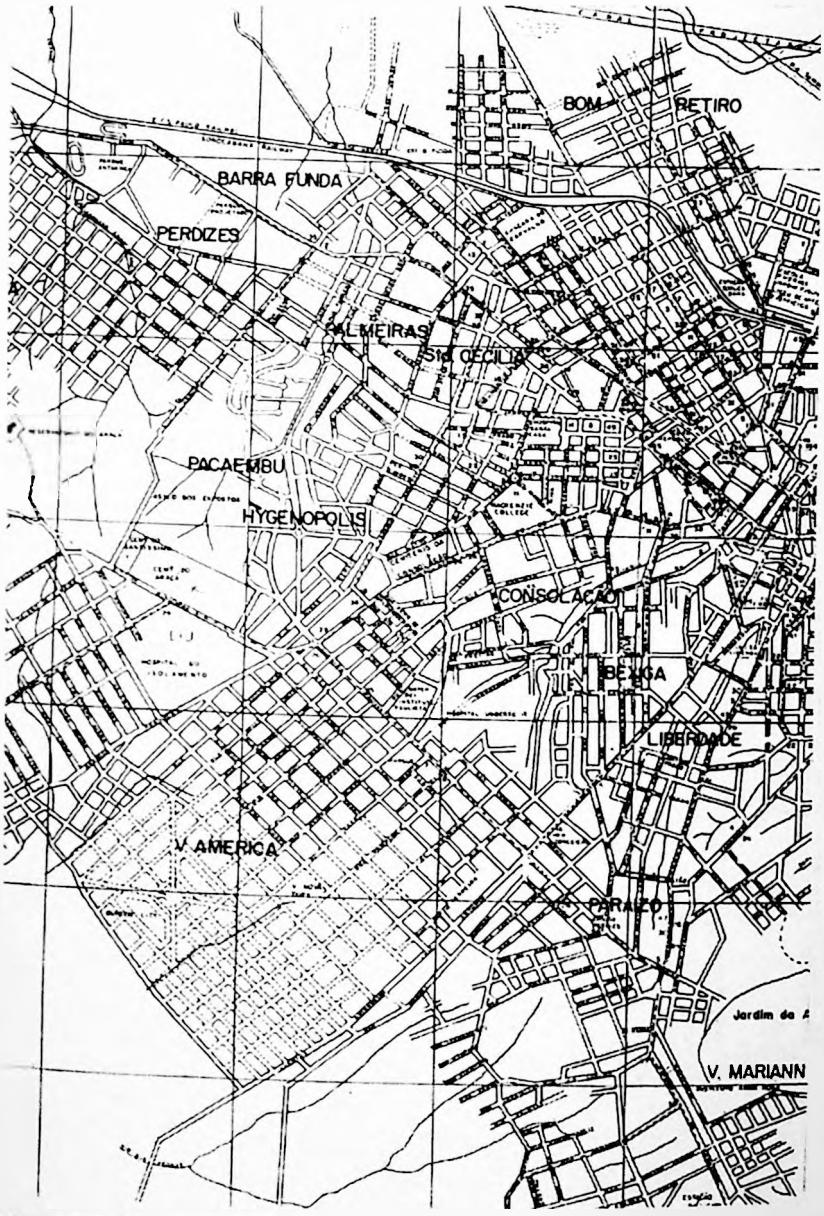
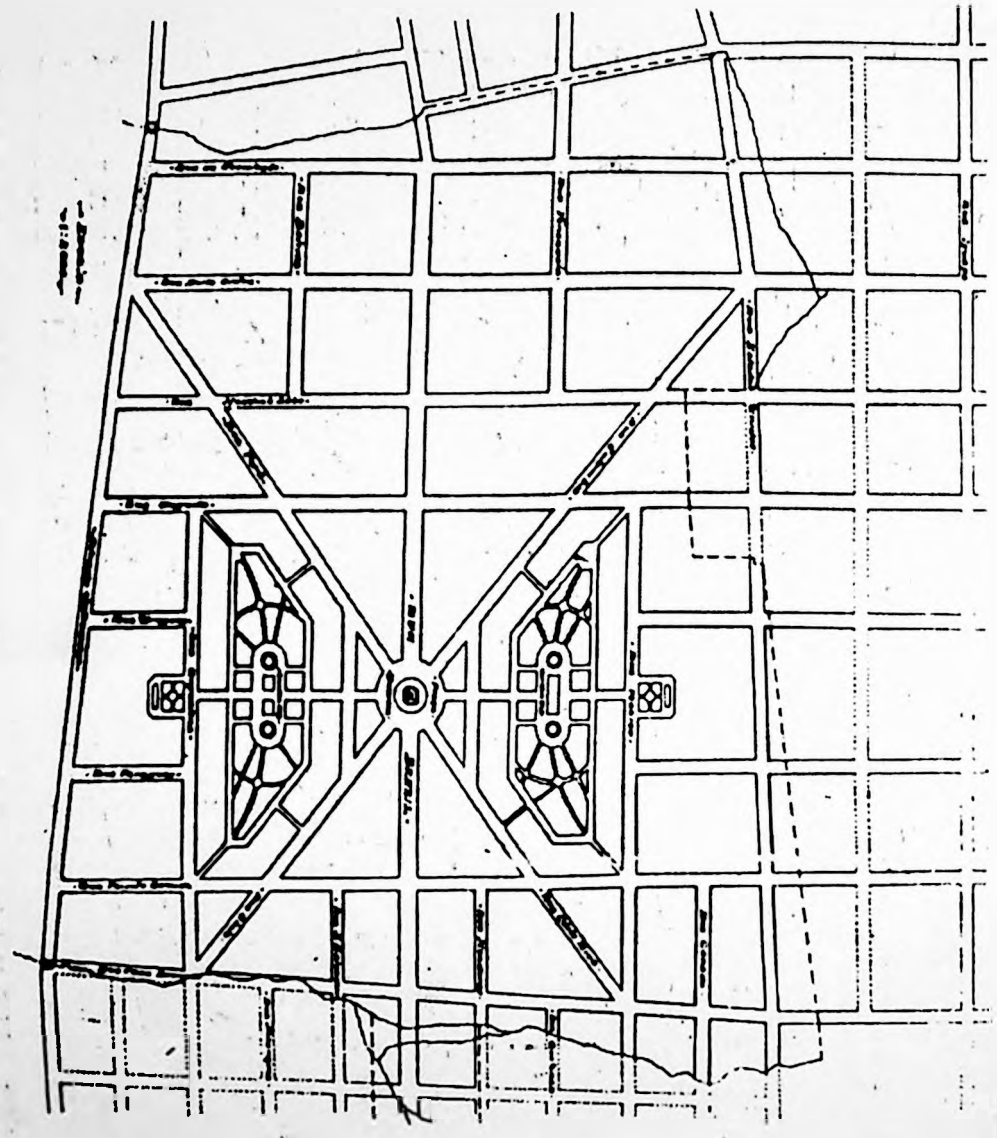
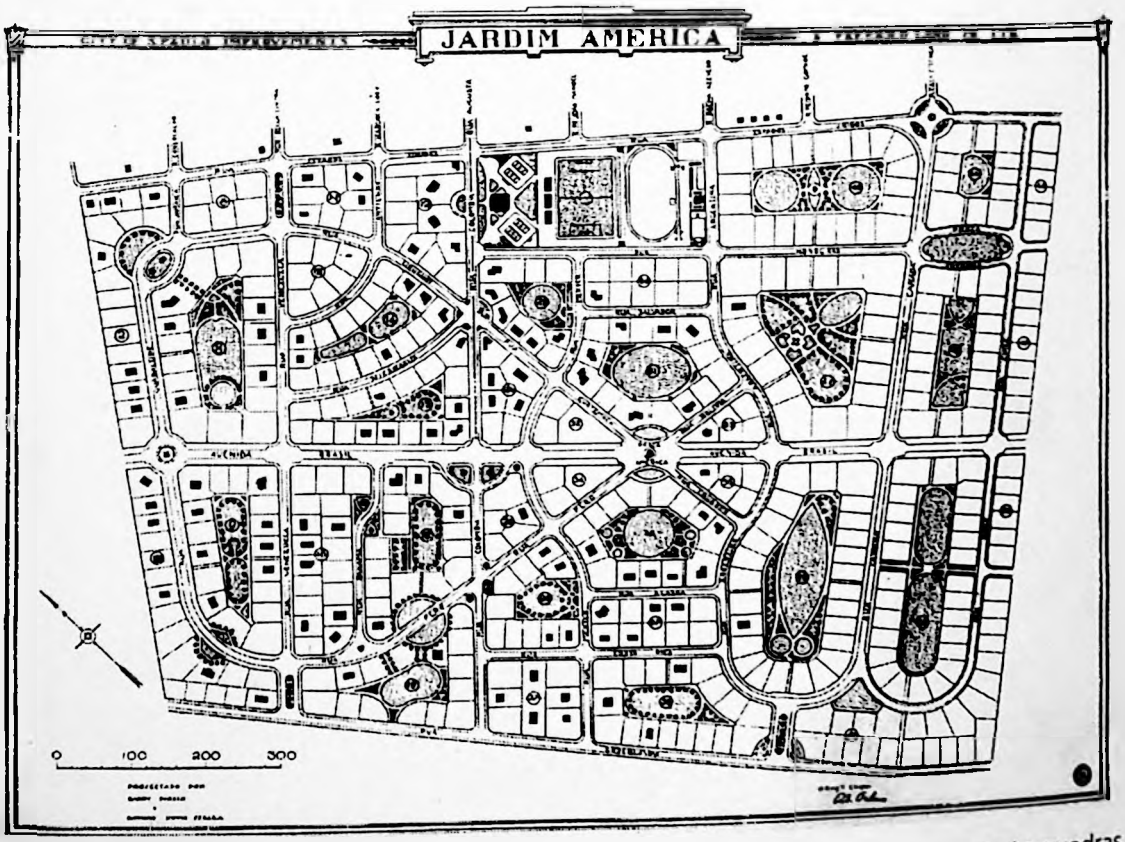


Fig. 3.18 Planta da Cidade de São Paulo, de 1914, com o primeiro traçado para o Jardim América

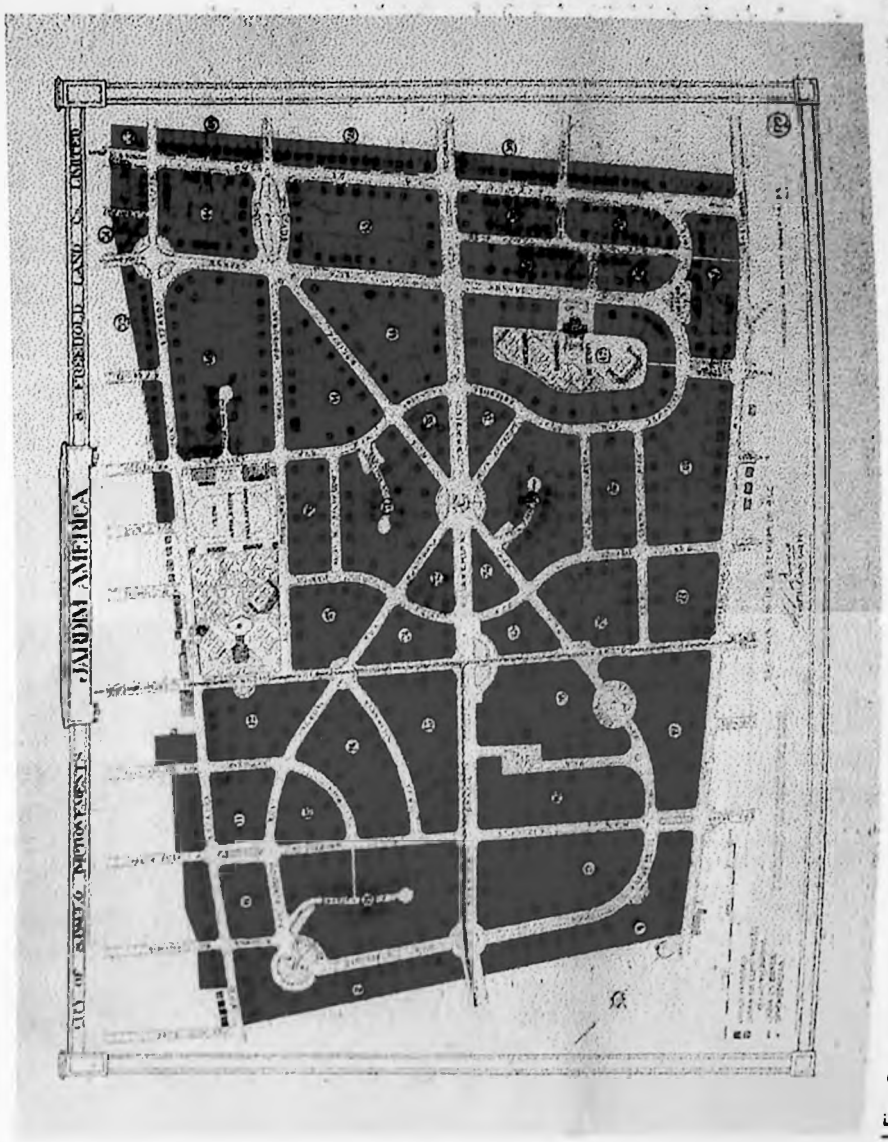


| Fig. 3.19| Primeiro projeto para o Jardim América

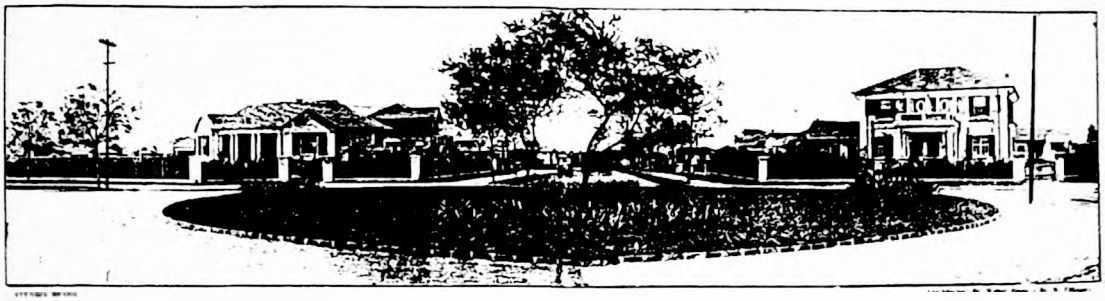
| Fig. 3.20| Projeto de Raymond Unwin para o Jardim América



| Fig. 3.21| Projeto de Barry Parker para o Jardim América, com os jardins internos às quadras



| Fig. 3.22| Jardim América, sem os jardins internos às quadras (Arquivo da Cia. City).



| Fig. 3.23| Vista da Avenida Brasil, no Jardim América

| Fig. 3.24| Vista de jardim interno à quadra no Jardim América

Fig. 3.25 Rua no Jardim América (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.26| Vista da Avenida Brasil, no Jardim América (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.27| Vista de praça no Jardim América (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.28| Vista de praça no Jardim América (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.29| Jardim América, foto aérea

| Fig. 3.30| Croquis de Barry Parker de implantação de casas no Jardim América

| Fig. 3.31| Croquis de Barry Parker de rua, jacarandás e praça no Jardim América

3.3 O traçado do Anhangabaú

Em texto publicado em 1916, Victor da Silva Freire se pronunciava sobre essa área. Como outros fundos de vales, permanecia desocupada pelo casario, apesar de sua proximidade com o centro, e era então objeto de atenção pela Municipalidade que para ali desenvolvera o projeto de uma avenida, o qual é mencionado pelo Diretor de Obras na citação seguinte. *"O vale do Saracura entre o 'corso central' em formação, que vai morrer no largo do Piques, e a Avenida Paulista - pé do belvedere - mede 2400 metros; oferece 60 metros de diferença de nível; isto é, uma configuração que pouco se afasta do que se encontra em Belo Horizonte. Para se chegar a traçado aceitável é-se obrigado a ter o plano indicado em linha tracejada na Est. II* (fig.3.33)*; só assim é que, sem prejudicar os terrenos adjacentes com terraplenagens excessivas, se consegue manter a declividade de oito por cento que se impôs regularmente como limite para artéria, que esta vai ser de importância. Foi-se igualmente forçado a passar sob dois resíduos do xadrez anterior: as ruas Major Quedinho e Martinho Prado, em elevado aterro que todos conhecem, barrando o vale em 14 e 9 metros de altura. As ruas antigas que coleiam de um e outro lado, logo acima, o vale, a meia encosta: Alvaro de Carvalho, Augusta, Frei Caneca e Santo Antonio, estão indicando tão bem as direções racionais de um traçado em terreno desta natureza, como as exageradas rampas, enchimentos ou cortes, das duas anteriores e de algumas outras transversais, que*

também todos conhecem, nos permitem ter perfeita idéia do que será na prática o xadrez de Belo Horizonte" (Freire 1916,p.6). Neste texto em que critica o plano de Belo Horizonte, Freire questiona sobretudo o traçado xadrez aplicado a um sitio com relevo acidentado. Apoiando-se em farta referência bibliográfica, que revela sua plena atualização com a urbanistica que se desenvolvia na Europa, toma como exemplos de passagem os casos dos vales do Saracura e do Pacaembú, este já comentado.

O projeto da avenida - quiçá concebido pelo proprio Freire - pretendia ligar o Parque do Anhangabaú com a Avenida Paulista. Mas a via proposta chegava apenas até os pés do espigão, abaixo do belvedere do Trianon, com a pista se bifurcando e fazendo uma alça de retorno, de onde saiam duas ruas que fariam a ligação com a Paulista. É esse projeto que, presumimos, Parker comenta em carta dirigida a Mr. Gurd, datada de 2 de março de 1918 *(Documento 6),* cujo fac-simile anexamos a esta tese. Nela o arquiteto inglês faz referência a desenhos que não encontramos no arquivo da *City,* mas seu texto é bastante esclarecedor. Inicialmente lembra que o plano, feito pela Câmara Municipal, foi enviado a ele por Freire, e destaca o fato da avenida proposta atravessar terrenos da *City.* Observa também que o traçado prejudicava, ainda que parcialmente, um melhor aproveitamento desses terrenos, chegando a afirmar a respeito, *"isto é provavelmente não intencional (...) precisa apenas ser apontado para eles para ser corrigido"*, não deixando dúvidas quanto a sua influência - e a da *City* - sobre a Municipalidade. Na sequência de sua carta Parker faz inúmeros comentários sobre o plano da Câmara, sugerindo diversas alterações visando sempre os interesses da companhia.

Parker reitera aqui seus princípios de traçado urbano, aplicando-os às condições peculiares do sítio, mas também vinculando-os com os projetos já existentes para a área, bem como com a trama viária do entorno, sobretudo no caso dessa pequena gleba que a *City* possuía junto ao Vale do Saracura. Defende a abertura do menor número de ruas possível, total adaptação ao relevo, com a abertura de vias curvas, sugere alterações no traçado da avenida de fundo de vale concebida pela Prefeitura, e - como para o Pacaembú - propõe a criação de terraços com vista para o vale.

Tratava-se, sem dúvida, de uma área bem valorizada, devido sua proximidade com o Parque do Anhangabaú e o centro da cidade, como é indicado em planta posterior do loteamento (fig.3.32). Daí ter merecido a atenção de Parker, ainda que o plano definitivo do loteamento - de resto, como no caso de todos que elabora para a *City* - não seja de sua autoria, sendo assinado, como o do Pacaembú, pelo que veio a ser o engenheiro-chefe da Companhia, George Saville Dodd, que lá trabalhou desde junho de 1913. Nascido em Kingston, na Jamaica, em janeiro de 1890, como anota o *Livro de Registro de Empregados* da *City,* esse engenheiro seria responsável pela implantação de outros diversos loteamentos da *City,* além de também projetar diversas residências. Permanecendo na Companhia até fim dos anos 1950, foi um dos profissionais que

garantiu a manutenção de um padrão urbanístico conforme as concepções de Parker.

Assim, se é bem possível que as idéias de Parker tenham influenciado o futuro traçado da Avenida Nove de Julho (fig.3.34), bem como o loteamento denominado pela *City* de *"Anhangabahu"* (fig.3.32), nelas não encontramos nenhuma referência à abertura de túneis sob a Avenida Paulista, o que seria feito mais tarde, mas que já estava indicado desde o fim do século XIX. O professor Nestor Goulart Reis Filho, no ensaio *"Avenida Nove de Julho: um símbolo degradado" (1994, pp.202-211)*, descreve e apresenta um histórico sucinto dessa mesma área, embora não mencione o projeto comentado por Freire, tampouco o loteamento da *City*. Nas figs.3.35 e 3.36 vemos o loteamento sendo aberto, já nos anos 1940, e na fig.3.37, uma de suas ruas curvas. As fig.3.38 a 3.40 mostram três momentos da construção do belvedere e da escadaria que liga a Avenida Nove de Julho com a Rua Caio Prado. As demais figuras desse item mostram a Avenida Nove de Julho já implantada, com seus túneis, cujos portais contrapõem uma arquitetura monumental, ao ecletismo do Trianon, logo acima, e à massa vegetal do Parque Paulista como fundo.

ANHANGABAÚ

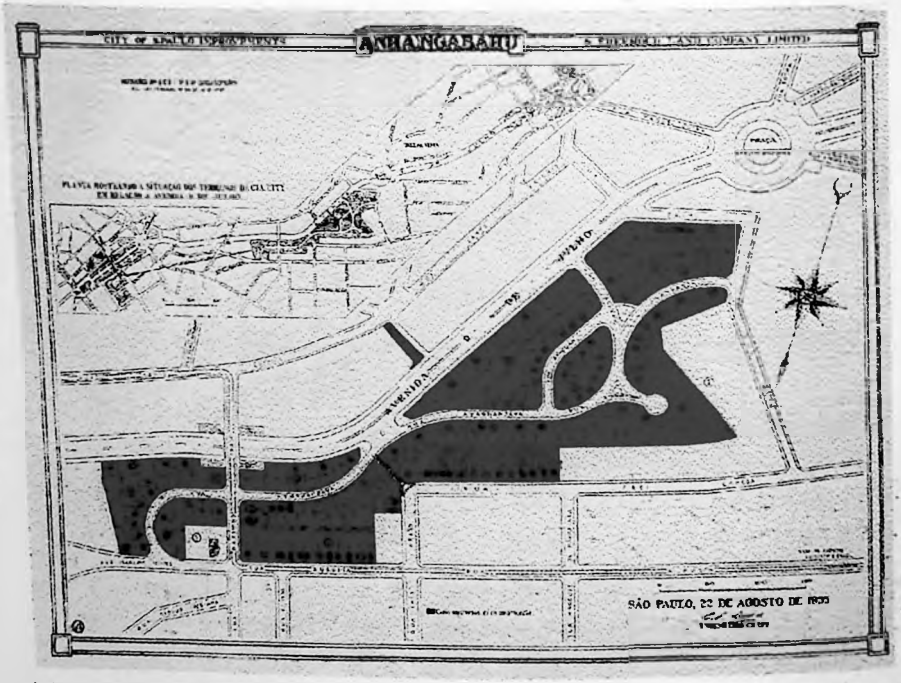
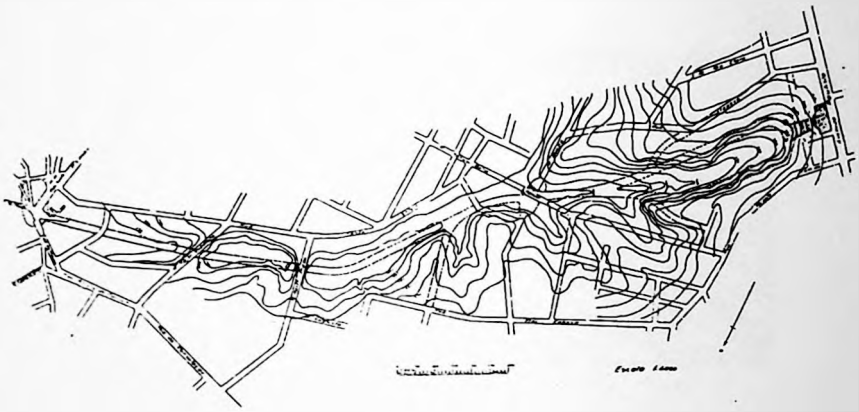
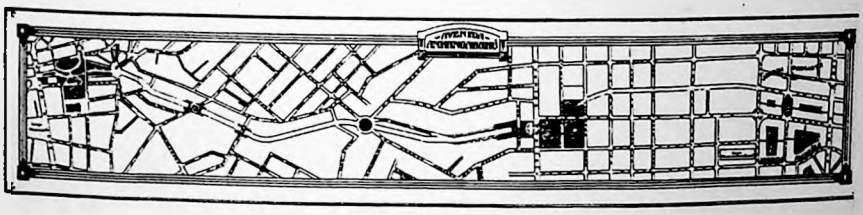


Fig. 3.32 Projeto de loteamento do Anhangabaú (Arquivo da Cia. City)



| Fig. 3.33| Primeiro traçado da Avenida Anhangabaú (atual Avenida Nove de Julho)



| Fig. 3.34| Segundo projeto da Avenida Anhangabaú (atual Avenida Nove de Julho)

| Fig. 3.35| Vista do vale do Saracura e do loteamento Anhangabaú, à direita (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.36| Rua do loteamento Anhangabaú (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.37| Rua Avanhandava, no loteamento Anhangabaú (Arquivo da Cia. City)

Fig. 3.38 Construção da escadaria ligando a Rua Caio Prado à Avenida Anhangabaú (Arquivo da Cia. City)

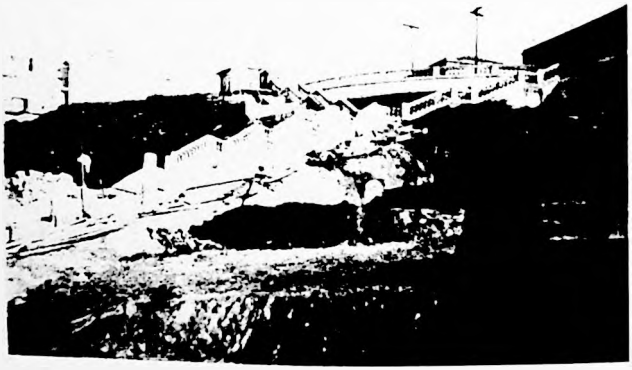
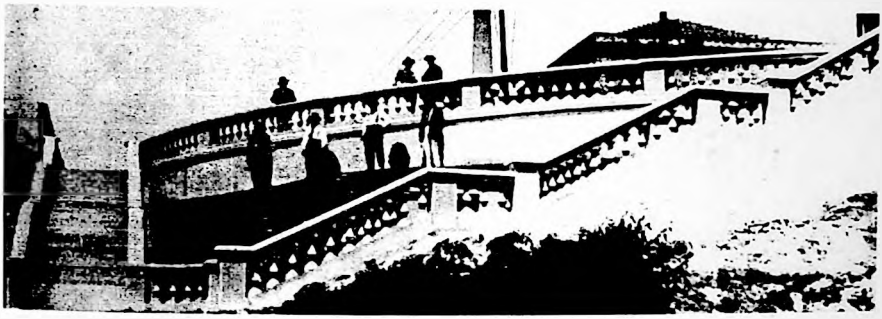
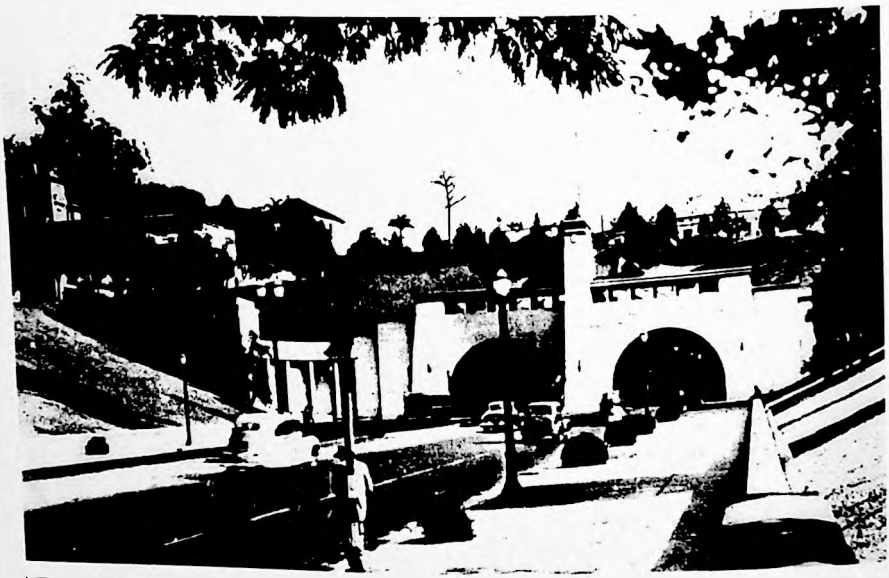


Fig. 3.39 Construção da escadaria ligando a Rua Caio Prado à Avenida Anhangabaú (Arquivo da Cia. City)

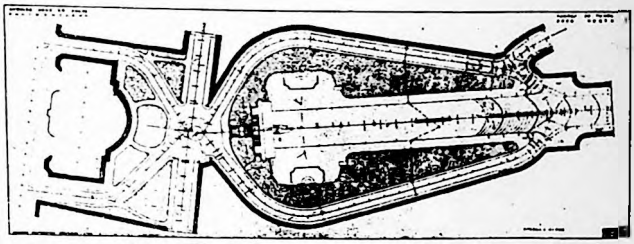


| Fig. 3.40| Escadaria ligando a Rua Caio Prado à Avenida Anhangabaú (Arquivo da Cia. City)

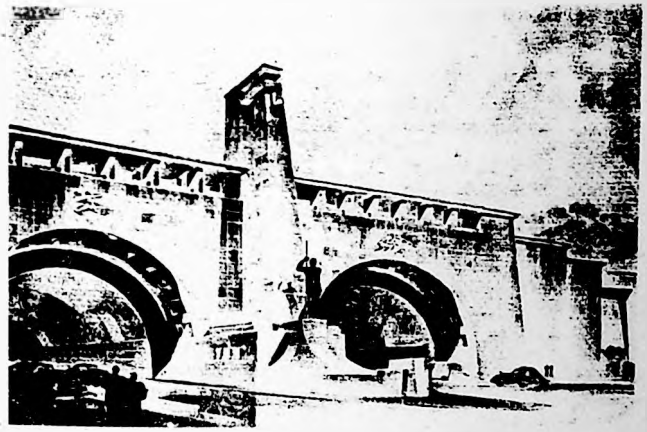
| Fig. 3.41| Vista do Centro da Cidade e Avenida Nove de Julho (Arquivo da Cia. City)



| Fig. 3.42| Vista da Avenida Nove de Julho e túnel sob a Avenida Paulista (Arquivo da Cia. City)



| Fig. 3.43| Projeto do túnel da Avenida Nove de Julho sob a Avenida Paulista



| Fig. 3.44| Desenho do túnel da Avenida Nove de Julho

Fig. 3.45 Vista do Centro da Cidade e da Avenida Nove de Julho (Arquivo da Cia. City) .

3.4 O traçado do Alto da Lapa e Bela Aliança

Parker também projetou o Alto da Lapa e Bela Aliança (figs.3.46 e 3.47). A respeito deles, o arquiteto informa - ainda no mesmo artigo de 1919 - que, enquanto desenvolvia o projeto para o Jardim América, o industrial Armour, de Chicago, começou a construir um grande frigorífico próximo à área pertencente à *City* situada na Lapa. Tal empreendimento levou Parker a elaborar o loteamento daquela propriedade, visando a provisão de casas tanto para os operários da Armour & Co., quanto para seus funcionários que exerciam cargos de chefia.

O historiador Wanderley dos Santos, em seu livro sobre a Lapa, informa que por volta de 1912/13 a Companhia *City* projetou um arruamento *"constituído de ruas retas e quadras de lados iguais e ângulos retos, porém, este projeto foi em vão".(1980, p.65)*. Na planta da cidade de 1914 encontramos com linhas tracejadas um outro traçado, não mais em xadrez, mas com uma via circular e algumas radiais.

Mas vejamos os critérios que nortearam o plano que o Arq. Barry Parker desenvolve para as duas áreas conjugadas. No *Documento 7*, em que trata do assunto, ele esclarece as razões pelas quais modificou o traçado que já havia sido feito, que deve ser um dos dois indicados acima. Em primeiro lugar, o fato da *Companhia Armour* construir sua fábrica junto à área, mas também a probabilidade de uma estação ferroviária da *Sorocabana* vir a ser implantada próxima ao loteamento. Porém, além da existência de

uma demanda produzida pela indústria com seus operários, bem como a possibilidade de uma comunicação ferroviária com o centro da cidade, tratava-se, para Parker, de criar, com as alterações que propõe, outras vias de ligação direta entre a fábrica e a estação com o bairro.

Quanto a seus princípios de traçado, Parker adotou para o loteamento os mesmos que aplicara para sítios com relevo movimentado, como o Pacaembú e Anhangabaú. Entretanto, no mesmo documento chama a atenção para o fato de que suas vias de contorno, que praticamente acompanham as curvas de nível do terreno, são aqui mais fechadas. E as justifica argumentando que: *"as vias deveriam seguir as linhas de contorno tão próximas quanto o razoavelmente praticável, pois talvez isso seja mais importante em um bairro que tende a se tornar uma área residencial para trabalhadores, (...) permitindo assim que se crie patamares em níveis para casas baratas, e também encorajando a construção de casas com seus lados maiores para as vias e jardins e seus lados menores para as casas vizinhas" (op.cit., p.2).*

Parker esclarece, no mesmo relatório mencionado acima, que adotou para o Alto da Lapa e Bela Aliança o método de *"antes do planejamento de qualquer rua ou via* (preparar) *um certo número de plantas tipo de 'cottages' operários" (1919:146).* Julga ser esse o procedimento mais correto, no sentido de definir de modo articulado a arquitetura das casas e o traçado das vias. Nesse sentido, entende que, caso seus planos venham a ser seguidos - como o foram, com pequenas mudanças, supomos - *"nenhuma janela de qualquer cottage se voltará para o estreito espaço entre eles, e nenhum gasto será dispendido em erguer qualquer piso para elevá-lo" (op.cit., p.3).*

De fato, se atentarmos para a planta do Alto da Lapa e Bela Aliança, percebemos que suas quadras alongadas, com passagens para pedestres cruzando-as, realizam um traçado bem mais sinuoso que os de seus outros planos, permitindo uma das melhores implantações de área residencial da Cidade de São Paulo. Nas figs.3.48 a 3.53, fotos de 1928 ilustram a abertura do loteamento e algumas das características de seu traçado, com diversas praças - como a Praça Máxima (fig.3.52), com seu amplo gramado com um templo central - e farta arborização. Concluindo seu relatório, Parker anota ser fácil *"visualizar o prazer da 'Village green' que se estende pela crista da colina, ou pelo vale, com seus jardim, que se volta para o sul"*. Destaca ainda ter defendido com freqüência *"que as frentes da casa devem se voltar para a estrada de ferro, e não o contrário"*, mas vê a impossibilidade de tal solução ser adotada para o caso em questão.

Por outro lado, acompanhando as operações de compra e venda da área que iria constituir o Alto da Lapa nos aproximamos, mais uma vez, das transações imobiliárias envolvendo a *City* e grandes proprietários de gleba na cidade. Nos memoriais[2] do Alto da Lapa e Bela Aliança, elaborados pela *City* para regularização do loteamento junto à Prefeitura, de 1938 e 1941, respectivamente, podemos ler a história fundiária da área que veio a ser planejada por Parker. Em 19 de agosto de 1882, o Sr. A.X. da Borba

adquire três partes do Sítio *"Mandy"*, e em 10 de janeiro de 1893, o mesmo Sr. Borba compra a área restante. Até início do século, a área mantém suas feições rurais, vindo a trocar de mãos apenas em 22 de junho de 1911, quando é comprada pela *Cia. Edificadora de Villa America*. No mesmo ano, em 9 de novembro, o terreno é adquirido por Laveleye, que o repassa à *Cia. City*, cerca de dois meses depois (em 18 de janeiro de 1912). Como se pode constatar, apenas em 1911 a área é adquirida por uma companhia imobiliária, passando em menos de sete meses para as mãos da *City*.

Em relação à gleba correspondente ao loteamento Bela Aliança, o processo ocorrido é semelhante, mudando apenas alguns agentes. Em 30 de setembro de 1888, o terreno é vendido do espólio de M.I. Chaves para o Dr. William John Seldon. Este o revenderá apenas em 15 de abril de 1910 para o Major Cunha que, em 31 de janeiro do ano seguinte, repassa parte dele para Schalch & Cia. Ambos, em 1° de junho de 1911, venderão suas partes para o Dr. Horacio Belfort Sabino, o qual cinco meses depois revende toda a propriedade para Laveleye, que no mesmo dia 18 de janeiro de 1912, a repassa para a *City*. Revela-se aqui, com relativa clareza, o mecanismo de aquisição de terrenos pela *City*, intermediado por Laveleye e por diversos proprietários locais, que especulam a partir dos anos 1910 com grandes glebas na Capital paulista.

ALTO DA LAPA E BELA ALIANÇA

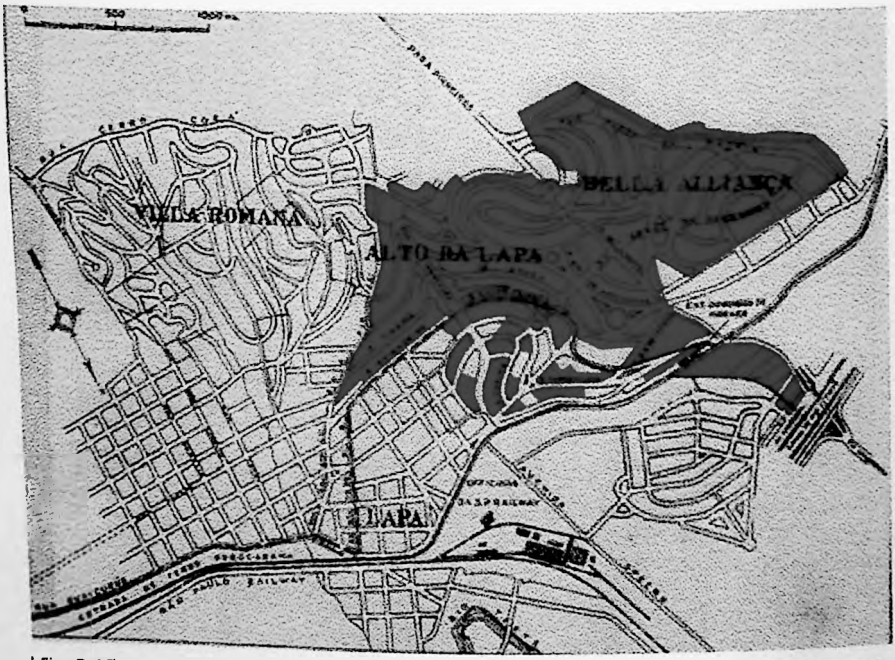


Fig. 3.46 Planta do Alto da Lapa, Bela Aliança e loteamentos vizinhos (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.47| Planta do Alto da Lapa e Bela Aliança (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.48| Rua no Alto da Lapa (Arquivo da Cia. City)

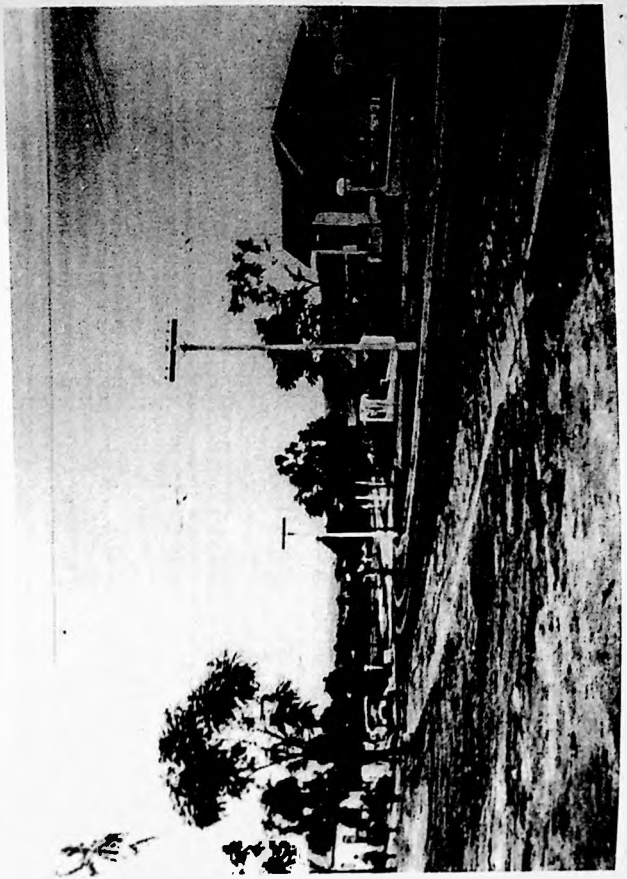


Fig. 3.49 Rua no Alto da Lapa (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.50| Rua no Alto da Lapa (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.51| Rua no Alto da Lapa (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.52| Rua no Alto da Lapa (Arquivo da Cia. City)

| Fig. 3.53| Rua no Alto da Lapa (Arquivo da Cia. City)

3.5 O paisagismo do Parque Paulista e a proposta de um anel de parques para a Cidade

Eis o que podemos ler a respeito do Parque da Avenida Paulista nos *Annaes da Camara Municipal de São Paulo*, de 1919, em um parecer da Comissão de Obras, datado de 30 de maio: *"O Sr. Prefeito, por ofício do corrente mês, comunica à Câmara achando-se na capital, o arquiteto paisagista Barry Parker, de reputação mundial, encarregou-o de organizar um projeto que, arrematando as obras do Parque existente na avenida Paulista, entre as ruas Casa Branca, Jaú e Peixoto Gomide, desse-lhe fechos externos que não o isolasse e que antes o tornasse acessível, mostrando aos olhos de todos que era um logradouro público, acessível, atraente e útil, ligando-o ao Belvedere em frente por uma só composição arquitetônica, incorporando, por conseguinte, as três quadras adquiridas pela Municipalidade em uma só propriedade municipal, embora com destinos diferentes embora* (sic) *semelhantes" (p.265).* Já estando quase todo ajardinado, o Prefeito solicitava autorização aos edís para despender a verba necessária para a construção dos elementos arquitetônicos, cujo orçamento - como menciona o parecer - foi feito por Ramos de Azevedo. Da mesma maneira seria aprovado o gasto com a construção de um chafariz, no mesmo Parque, na fonte denominada *"Moringuinho"*.

A história do Parque Paulista, atual Parque Siqueira Campos, inicia-se com a abertura da Avenida Paulista, em 1891, no lugar do que era uma trilha para passagem de gado,

de um bulevar residencial. Promovendo uma transformação radical da paisagem existente, o traço do agrimensor Tarquínio Antonio Tarant, atendendo à orientação do empreendedor Joaquim Eugênio de Lima que desejava uma avenida reta e plana, como as de Paris, realizou um grande aterro eliminando o corte do espigão pelo vale do Saracura, por onde hoje passam os dois túneis da Avenida Nove de Julho. Na abertura do loteamento contíguo à avenida são deixados em duas quadras os tocos das árvores então existentes. Da vegetação que ali se recompõe, o paisagismo de Paul Villon formará, ainda em fins do século passado (1892), um jardim, cuja exuberância da mata secundária contrastaria com os palacetes lindeiros. Em 1911, a Municipalidade adquire todo o terreno onde se edificou o Trianon, juntamente com o jardim.

Contratado pela Municipalidade, em 1918, Barry Parker é encarregado de dois projetos paisagísticos, quais sejam, o projeto para o Parque Trianon, localizado na Avenida Paulista, e o projeto de um parque de 700 acres (283,29 ha) localizado provavelmente ao norte da Cidade. Quanto ao primeiro, Parker observa: *"Este parque era nada mais nada menos que um pedaço da floresta original deixada em sua glória natural, exceto por uns poucos caminhos abertos entre as árvores. (...) O parque praticamente não era usado pelo público. Era possível passar e tornar a passar pela Avenida Paulista sem perceber que ele estava ali. O que era preciso era um esquema que o articulasse e o Trianon em uma composição arquitetônica, a qual abrisse o parque e o fizesse utilizável como um parque público sem nenhuma destruição de sua beleza natural, e em acréscimo fizesse do parque e do Trianon a decoração da Avenida Paulista" (op.cit., p.148).*

O projeto que o Arq. Barry Parker elabora para o Parque Paulista é apresentado no último, e mais curto artigo sobre suas atividades em São Paulo. Publicado pelo semanário *The Architects' Journal*, parece ter sido escrito pelo editor da revista, a partir de informações fornecidas por Parker, incluindo alguns desenhos dos elementos arquitetônicos (figs.3.56 e 3.57). Visando articular, em um conjunto único, o Trianon com o jardim do outro lado da avenida, Parker projeta uma estrutura de pérgolas, com um desenho aproximado ao das pérgolas do Trianon, marcando os acessos ao parque com templos octogonais, onde, no centro de um deles, será colocada a *"Eva"*, de Brecheret.

Outro modo que Parker propõe de articular o Trianon com o parque, foi, entretanto, objeto de controvérsia. Trata-se da abertura de duas clareiras na mata do parque, de modo a possibilitar a vista das montanhas ao fundo - e não o Jardim América, o que seria impossível - para quem estivesse no Trianon, como podemos ver na fig.3.56 à esquerda. Sevcenko *(op.cit., pp.114-115)* cita o cronista P. para afirmar que Parker desbastara *"o bosque tropical da Avenida Paulista, para transformá-lo num jardim gramado e bem comportado"*.

Na relação geral das despesas realizadas no exercício de 1918, consta: *"Pago à City of San Paulo Improvements and Freehold Land Company, Limited!* (cujo gerente na ocasião era W. B. F. Williamson, arquiteto que também projetará residências no Jardim América), *pelo projeto, detalhes e relatório final, preparados pelo Dr. Barry Parker para o Parque Paulista, em frente ao Trianon; documento nº 3.256, de 20/1/1919 - quantia de 3:000$000" (Relatório de 1918, vol.2, p.596).* Três mil réis, este foi o preço pelo projeto de Parker para o Parque da Avenida Paulista.

Em 1928, já implantado o projeto paisagístico de Parker, assim é descrito o Parque Paulista por Silva Barros, em sua *Encyclopedia de S. Paulo*: *"situado na avenida Carlos de Campos, em frente ao Trianon, é magnífico em todos os seus detalhes. A entrada principal é encantadora, tendo à direita um extenso corredor ladeado de colunas, que termina numa espécie de sala octogonal, adornada singelamente com um artístico mármore. (...) O jardim, que é formado de bosques e alamedas, está dividido pela alameda Santos, sobre a qual há uma ponte ligando as duas partes" (1928, p.111).* Ver *fig.3.61*

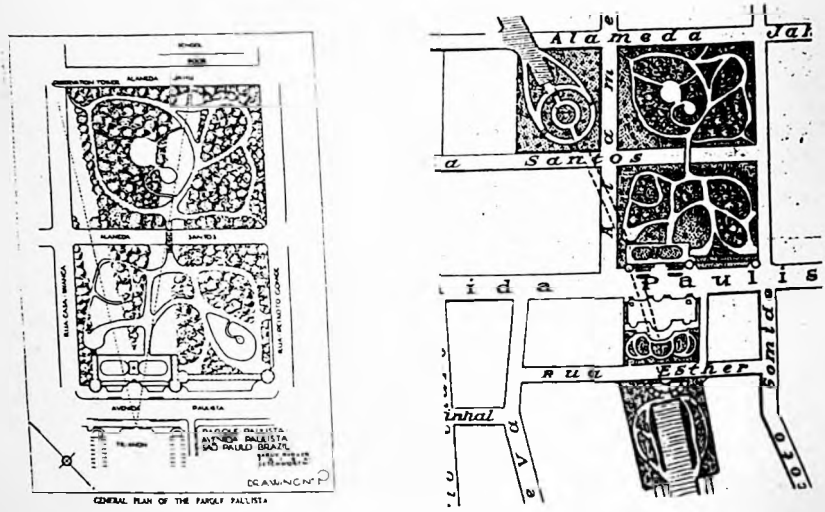
No que se refere ao segundo parque, o arquiteto afirma que este *"deveria fazer parte de um completo sistema de parques, e não ser concebido como uma unidade isolada" (1919, op.cit., p.148.)*, projetando o que chamou de um *"Park Ring"*, isto é, *"um cinturão aberto de parques, fazendo um círculo completo em volta da cidade"* (fig.3.62). Esta sua proposta parte da constatação de que *"a Cidade de São Paulo é cercada por pequenas cidades e povoados, todos os quais estão crescendo, e a própria cidade está estendendo-se para encontrá-los"* (*ibid.*).

Assim, sugere a aquisição pela Municipalidade, antes que seja tarde, das áreas necessárias para a criação de tal cinturão, o qual deverá ser o mais largo possível. E ainda observa que *"isto poderia ser uma empreitada rentável para a cidade com a revenda das terras às suas margens valorizadas pela destinação da faixa central para parques" (op.cit., p.149).* Algumas das áreas que ele designa para a construção desse amplo parque circular já são propriedade da Municipalidade, ainda que muitas delas sujeitas a inundações. Embora sua proposta, como afirma, tivesse sido recebida com entusiasmo pelas autoridades - também aqui a legislação existente é um obstáculo à sua efetivação, uma vez que a Prefeitura só pode adquirir terrenos para fins determinados, não sendo permitida sua venda posterior. Mas, nesse aspecto também, a legislação vigente poderia ser alterada - *"and the law will have to be altered to enable them to carry out the scheme"* (*ibid.*). Com sua proposta de um anel de parques para São Paulo, além de buscar controlar a expansão da cidade com um *"greenbelt"*, Parker articula os parques já existentes com os bairros-jardins da *City* e fundos de vale, configurando um sistema de áreas verdes para o conjunto da cidade.

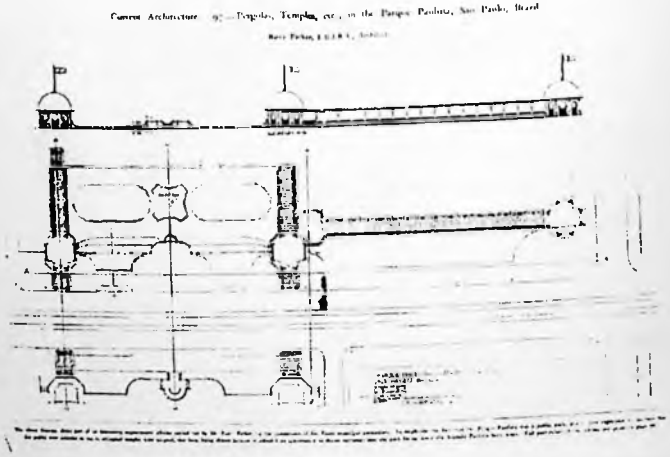
PARQUE PAULISTA

Fig. 3.54 Avenida Paulista e Trianon

| Fig. 3.55| Entrada para o Parque Paulista



| Fig. 3.56| Projeto do Parque Paulista



| Fig. 3.57| Elevação e planta das pérgolas e templos do Parque Paulista

Fig 3.58 Pérgola do Parque Paulista

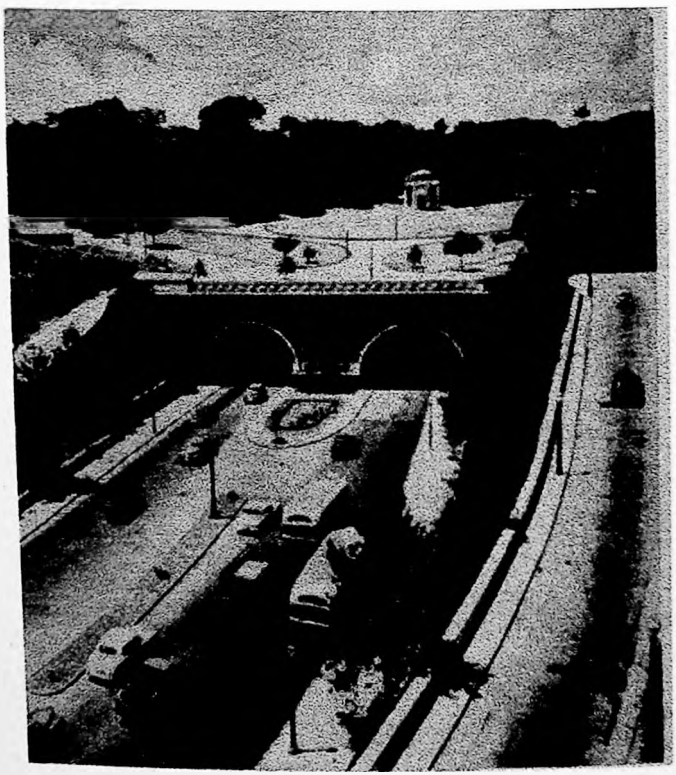
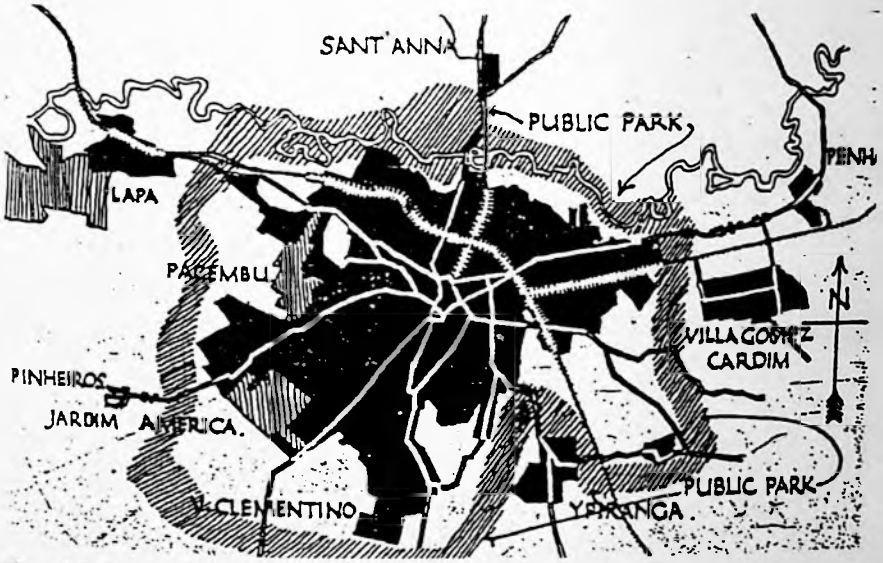


Fig. 3.59 Vista do Parque Paulista, Avenida Nove de Julho e túnel sob a Avenida Paulista

Fig. 3.60 Vista do túnel da Avenida Nove de Julho, Trianon e Parque Paulista ao fundo

Fig. 3.61 Ponte sobre a Alameda Santos ligando as duas quadras do Parque Paulista



| Fig. 3.62| Proposta de Barry Parker para um anel de parques em torno da Cidade de São Paulo

3

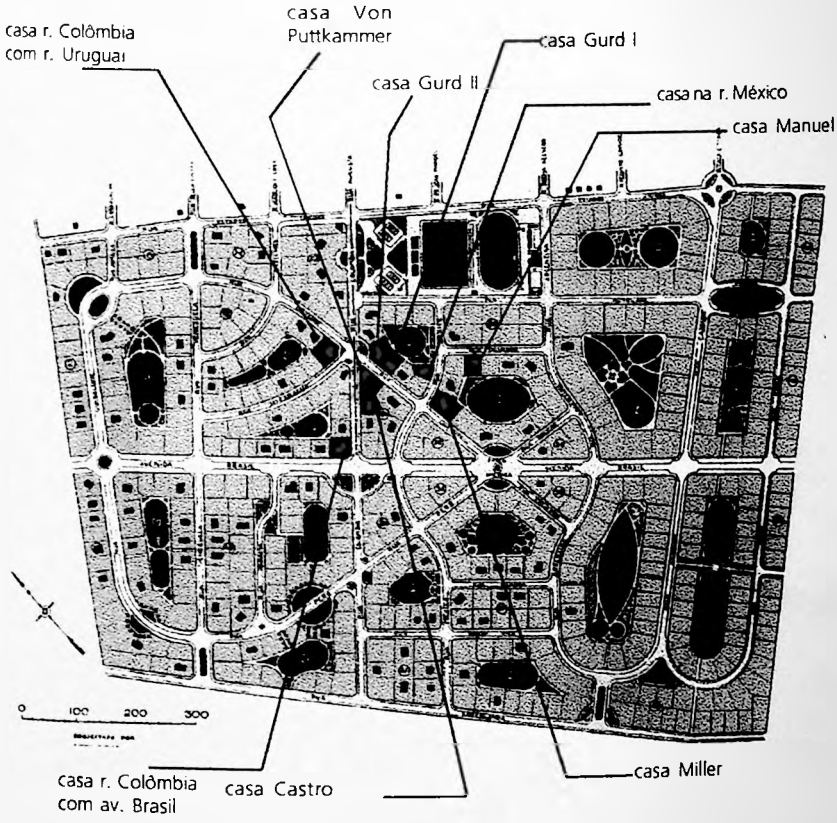
notas do capítulo

1 Veja-se a respeito da documentação dos arquivos da *City* o Anexo I.

2 Agradeço à Sra. Berenice, da *Associação dos Amigos do Alto da Lapa e Bela Aliança* por nos ter fornecido esse documento.

4

A arquitetura residencial de Barry Parker para os bairros da "City"



|Fig. 4.01| Localização das casas projetadas pelo Arq. Barry Parker para o Jardim América

4.1 Residências no Jardim América

No capitulo 1 apresentamos a arquitetura residencial de Parker & Unwin desenvolvida ao longo do período em que mantiveram escritório em comum, isto é, entre 1896 e 1914. Procuramos ali chamar a atenção para os princípios *"Arts and Crafts"* de seus projetos, que dão continuidade às experiências de Webb, Dewey, Shaw, Scott e outros. Se nos projetos de casas de campo podem explorar com liberdade os arranjos planimétricos e volumétricos, conforme passam a projetar casas para trabalhadores, as limitações econômicas e restrições construtivas os obrigarão a explorar novas soluções. Vimos como seus textos, do *The Art of Building a Home*, de 1901, aos artigos de Parker para a revista *The Craftsman*, sistematizam uma teoria da arquitetura residencial que anuncia inúmeros elementos da arquitetura moderna, mas também contêm aspectos radicalmente opostos às concepções funcionalistas dos alemães da Bauhaus e de Le Corbusier, como o conceito de espaço multi-funcional, ou o princípio de (e não a eventual) incorporação de soluções construtivas vernaculares, para não mencionarmos a utilização dos telhados inclinados, ou das grandes chaminés, como planos compositivos da casa. Se é possível identificarmos uma preocupação funcionalista nos agenciamentos dos espaços da sua arquitetura *"Arts and Crafts"*, no sentido destes procurarem satisfazer as reais necessidades cotidianas de uma família, por outro lado, há nos espaços de suas casas - sobretudo nas *"country homes"* - uma movimentação, e mesmo uma tensão,

que torna as plantas das "villas" modernistas exemplos bem comportados, sob uma disciplina tão rigorosa quanto abstrata. Se a casa como máquina não prevê surpresas aos seus moradores, a casa *"Arts and Crafts"* parece querer provocar descobertas, e jamais, vista do exterior, se revela de um golpe só, como preconizavam alguns modernistas. Voltemos, entretanto, a São Paulo, passando rapidamente pela cidade em 1931, com os principais loteamentos da *City* implantados e em franco desenvolvimento, para em seguida visitarmos as residências que o Arq. Barry Parker projetou para o Jardim América.

O dia era 26 de maio, a caravana de automóveis partiu às 9 horas da Sede do Instituto de Engenharia, na Cidade de São Paulo. A excursão - parte das atividades do *Primeiro Congresso de Habitação*, celebrado em São Paulo de 23 a 30 de maio de 1931, sob os auspícios do *Instituto de Engenharia* - iria percorrer os bairros edificados pela *City*. Os excursionistas visitaram os loteamentos residenciais do Anhangabaú, Pacaembú, Jardim América, Alto dos Pinheiros, Alto da Lapa e Bela Aliança, num percurso de 40 km, com o engenheiro chefe da *City*, George S. Dodd, prestando esclarecimentos sobre as obras de sua companhia.

O comentário que o jornal *O Estado de São Paulo* publicou a respeito, mencionado pelo relator da excursão, assim descrevia a *"promenade"* motorizada: *"A manhã estava escura, garoenta. A fieira de automóveis desceu a avenida Brigadeiro Luiz Antônio, entrou pela Avenida Paulista e, dentro em pouco, alcançava o Jardim América, verdadeiro jardim residencial onde as casas e os parques emergem da folhagem, beirando ruas amplas e alegres, onde cada residência é um florido mundo à parte. Ali, a casa não é a 'máquina de morar', de conceito moderno: tem uma fisionomia humana, é acolhedora e agradável." (Anais do Primeiro Congresso de Habitação, pp.325-327).* Maravilhado com o paisagismo e traçado do primeiro bairro-jardim construído pela *City*, o jornalista chama a atenção para sua arquitetura residencial, caracterizando-a por sua diferença em relação ao conceito moderno de *"máquina de morar"*. Citando tal nota da imprensa, o relator da excursão parece querer fazer sua a crítica à idéia de Le Corbusier da casa como máquina. E reafirma sua visão do novo estilo ao descrever a casa construída pelo Arq. Warchavchik, situada na Rua Bahia, no Pacaembú, também visitada pela caravana. Em relação à nova arquitetura, projetada *"de acordo com a sua estética pessoal"*, registra: *"paredes lisas, ausência de telhados, janelas amplas, muita luz, ar e higiene do interior (...) procurando destruir toda a tradição" (op.cit., p.325).*

A excursão dos congressistas nos mostra a importância dos empreendimentos da *Companhia City* na configuração da paisagem paulistana. O próprio fato de terem sido incluídos entre as visitas oficiais a serem feitas - as outras excursões promovidas pelo Congresso de Habitação foram às obras da Light na Serra do Cubatão, à Fábrica de Cimento de Perus, ao reservatório e parque da Cantareira e ao Horto Florestal - revela a força daquela empresa entre os profissionais atuantes na construção de cidades. A

ampla aceitação dos empreendimentos imobiliários da *City* pelas classes abastadas, e também entre os profissionais da construção civil, manifestou-se de modo claro no fato de seus loteamentos terem recebido a melhor arquitetura da época, inclusive as primeiras casas modernistas. Aliás, a preferência dos arquitetos modernistas pelos bairros-jardins da Cidade de São Paulo demonstra como os seguidores das idéias da *Carta de Atenas* se adaptaram, com certa facilidade, a uma solução de bairro residencial filiada a uma teoria urbanística que se opunha aos princípios de planejamento urbano dos *CIAM*s.

A questão da arquitetura mais adequada aos bairros-jardins, entretanto, esteve sujeita a controvérsia, como nos revela o Arq. Abelardo de Souza, ao fazer o seguinte depoimento: *"Escreveu o arquiteto Cristiano das Neves no Diário de São Paulo, criticando a Companhia City por haver permitido a construção de uma casa de Warchavchik no bairro do Pacaembú: 'Imagine-se o que será da Cidade Jardim se continuarem a aparecer as casas tumulares de cimento armado. Será inevitável a desvalorização desses terrenos que mais parecerão o prolongamento do Araçá' " (1978, p.50).* Se a ausência de consenso já estava presente no texto do relator da excursão acima mencionada, em um contexto histórico posterior, e nos quadros de uma cultura arquitetônica já bastante modificada, vemos que ela persistia, como nos mostra o depoimento do crítico de arte Pietro Maria Bardi, em um artigo sobre Burle Marx, de 1964: *"Pode-se observar que quarteirões inteiros da recente arquitetura eclética, fruto do cruzamento entre o pretensioso e a manipulação dos estilos, por exemplo, o famoso Jardim América de São Paulo, foram salvos pelo verde que tem a mágica capacidade de chamar a atenção sobre si fazendo passar para segundo plano o espetáculo penoso das fachadas tipo Parthenon com colunas ímpares. Uma sebe, um grupo de vegetação, uma mancha de flores têm o poder de dar tom a uma casa" (In.Xavier:1987, p.388).*

Se, por um lado, os bairros-jardins da *City* eram palco de uma nova arquitetura, como nos aponta o relator do Congresso de Habitação, por outro lado, conforme o crítico de arte mais de 30 anos depois, aqueles bairros abrigavam uma arquitetura já ultrapassada, que era encoberta pela vegetação das ruas e terrenos do bairro. De fato, a crítica de Bardi não visava apenas a arquitetura tradicional que insistia em se reproduzir, ... mas também a contradição que ele apontava entre *"o amor cívico pela natureza"*, que a arborização dos bairros-jardins apresentava, ou que o hábito do cultivo de flores nas casas revelava, e *"a progressiva destruição das florestas"*, contra a qual o paisagista Burle Marx - sobre cuja obra Bardi escreve - já se insurgia. Tal ambiguidade suscita a indagação sobre os sentidos das idéias de cidade-jardim e subúrbio-jardim em um país marcado pela exuberância - mas também devastação - de suas matas.

De qualquer modo, como aponta Acayaba, *"a existência de uma arquitetura expressiva em São Paulo, baseada na habitação unifamiliar, deve-se ao enorme mercado, criado pelos investimentos da Cia City, para a construção de casas" (1986, p.15).* Significativamente, das 15 residências dos anos 1950 selecionadas por Acayaba, 11

localizavam-se em bairros-jardins, enquanto das 18 dos anos 1960, metade delas, e das 10 casas dos anos 1970, 8, totalizando 28 residências em bairros-jardins, das 43 que a autora apresenta.

Retomemos os comentários do relator da excursão aos bairros da *City*, mencionados acima. Elogiando as casas do Jardim América e criticando a concepção moderna de *"máquina de morar"*, suas observações se contrapõem à visita à casa da rua Bahia, que é um dos primeiros exemplares de arquitetura modernista no País, vale dizer, uma das primeiras *"máquinas de morar"* brasileiras. Observava sobre essa casa de Warchavchik, que o arquiteto preocupou-se *"quase exclusivamente com a utilidade da residência, a concepção até agora aceita do belo não entrou em consideração"*, deixando claro aí, mais uma vez, suas críticas ao novo estilo que se apresentava.

De qualquer modo, reconhece o agrado que a residência provocou aos excursionistas, pois, como afirma: *"Afinal, pensando bem, os modernistas não fizeram mais que limpar as fachadas, ampliar e retificar os respiradouros, abrir espaços para a luz e para o ar, suprimir arrebiques, frisos, lambrequins, tudo aquilo que durante muito tempo pareceu enfeitar uma casa. Ora, a época é do cabelo curto e liso, das vestimentas simplíssimas, dos sapatos de bico largo. Uma casa modernista é uma casa que alcançou a última simplicidade. Disso surgiu a beleza" (op.cit., p.327).* Registrando a simplificação preconizada pelos arquitetos modernistas, nosso relator a tolera como sinal dos novos tempos. E lembra que, quando da visita de Le Corbusier à Cidade, o arquiteto elogiara a arquitetura dessa casa, que pertencia a Luiz Prado.

Demonstrando incluir como "moderno" tudo que escapasse a soluções tradicionais, para esse mesmo relator, outra casa que fora visitada no Pacaembú, situada à Rua Itápolis, também era tida como *"casa moderna"*, a respeito da qual afirmava: *"suas paredes nuas desconcertaram, suas janelas quadradas irritaram, seu ar de fortaleza mexicana causou arrepios. Hoje entrou integralmente em nossos costumes" (p.326).* Se não havia consenso sobre o que era o moderno no início dos anos 1930, quando da passagem de Parker por São Paulo tal questão, de fato, não se colocava ainda.

Na apresentação do álbum da *City*, de 1923, sobre o *"Jardim América"*, já mencionado, lemos: *"não cogitou a Companhia de impor onerosas condições aos proprietários de casas no Jardim América, nem tampouco, arbitrariamente, traçou regras ou normas a serem observadas pelos arquitetos. Limitou-se a exigir a observância, em toda a edificação, de um espaço em volta para o jardim, o que não só daria um lindo aspecto ao conjunto, como traria a grande vantagem segundo os melhores princípios de higiene moderna, de garantir aos moradores do prédio a suficiente quantidade de ar necessária a uma boa condição de vida." (op.cit., p.2).* O texto ainda nota que a companhia só permitia fins residenciais para as construções, *"isto tudo, aliás, em benefício dos próprios moradores do bairro"*, bem como *"igualmente deixou a Companhia aos seus compradores de terrenos o livre arbítrio da escolha dos seus*

engenheiros e construtores e o resultado se observa logo do variado estilo de edifícios e que certamente constitui um embelezamento do Jardim América". Apesar disso, *"nunca deixou (...) a Companhia de auxiliar as construções, já monetariamente, já com os seus conselhos e sugestões, sem jamais interferir quando desnecessário" (id.ibid.).* E conclui: *"após quase sete anos de consciencioso e constante trabalho, o Jardim América conta hoje com mais de uma centena de palacetes e 'bungalows' " (id.ibid.).* Do ponto de vista da *City*, portanto, a riqueza da arquitetura do Jardim América estaria exatamente na diversidade de estilos, contanto que as construções seguissem regras de agenciamento e ocupação do lote que não prejudicassem a configuração do conjunto implantado. Já vimos no item 3.2 algumas dessas cláusulas que a *City* havia criado, e que eram impostas aos proprietários por força contratual. As pastas que a Companhia guarda em seu arquivo, com a documentação relativa a cada lote, contam a história de inúmeros processos da empresa contra proprietários, fazendo cumprir à risca os regulamentos. A reação, já em fins de 1967, do então gerente da *City*, Altino Correia Lima, questionando matéria do jornalista Tavares de Miranda em que este defendia o uso comercial na Avenida Brasil, parece indicar como a preservação de um determinado padrão de assentamento residencial foi ponto de honra da Companhia, apesar do sacrifício dos jardins internos.

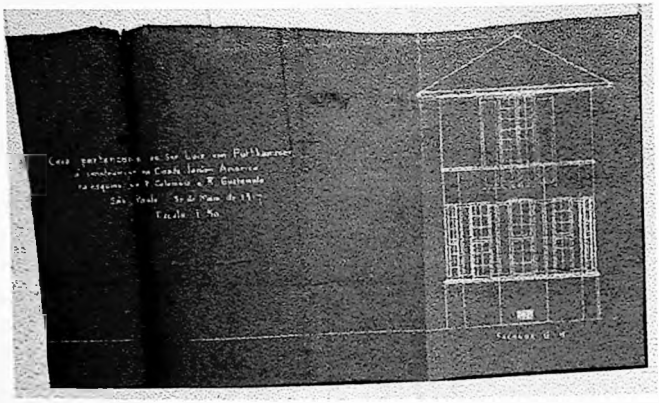
No relatório de atividades que Barry Parker apresenta aos diretores da *City (Documento 8)*, o arquiteto confirma ter projetado e visto serem construídas nove casas para o Jardim América. Lembra ainda de uma casa projetada por Williamson e mais duas por Harding, também arquitetos da *City*. Tais residências projetadas e construídas pela companhia, atendendo sugestão feita pelo próprio Parker, visavam atrair compradores para os terrenos que estavam sendo vendidos. Como registra no mesmo documento, *"estando disponível dinheiro para construção quando cheguei em São Paulo, possibilitou-me dar um rumo e uma demonstração ocular do que eu pensava ser o tipo de casa melhor adaptado a cumprir os objetivos em vista e tirar vantagem de todas as oportunidades que o projeto (scheme) propiciava" (op.cit., p.11).* Quando volta-se para o loteamento do Jardim América, Parker se dá conta que, ali, *"o trabalho já realizado e a instalação de serviços públicos tinham chegado a um ponto que tornava vantajoso edificar um certo número de casas e assistir o comprador no financiamento de suas construções" (1919, p. 144).* Como Parker ainda afirma, outras casas também foram projetadas para pessoas que não queriam construir naquele momento, na expectativa de uma diminuição nos custos de construção que a Guerra havia elevado bastante, mas que aproveitavam a presença do arquiteto inglês em São Paulo para ter suas residências desenhadas por ele. Sobre tais projetos não encontramos nenhuma outra referência nos relatórios e correspondência deixados pelo arquiteto inglês, tampouco faz menção a eles nos artigos que escreveu sobre sua atuação profissional em São Paulo. Em um dos artigos afirma ter projetado cerca de uma dúzia de casas, mas não

obtivemos registro de todas, salvo por uma residência ainda existente no Jardim América (fig.4.38), que pela semelhança com suas soluções sugere ser um daqueles projetos mencionados por Parker. De qualquer modo, vamos nos deter aqui nas nove casas que o arquiteto inglês projeta para a *City* no Jardim América, as quais nomeamos a partir do nome de seu primeiro proprietário, como constam nos documentos da empresa. Apenas de uma delas não obtivemos as peças gráficas com desenhos de plantas, cortes e fachadas. Uma das casas - Casa Gurd II - tem seu projeto assinado pelo Eng. Dodd, o que levou o Prof. Benedito de Toledo *(1996)* julgar como semelhantes projetos de diferentes arquitetos da *City*. De fato, o Eng. Dodd, enquanto engenheiro-chefe da Companhia, assinava muitos projetos que não eram de sua autoria, como este que incluímos como um dos elaborados por Parker, exatamente pela semelhança com os demais. Na planta da fig. 4.1 são indicadas as nove residências projetadas por Barry Parker, cuja localização no loteamento, com cinco delas em esquinas, mostra a clara intenção de também servirem como publicidade do novo bairro. Afinal, apesar da sedução que seus jardins, calçadas arborizadas e praças floridas exerciam, a situação econômica desfavorável e também o fato de ocupar uma antiga área de várzea, obrigavam a empresa a oferecer novos atrativos, destacando a ocupação progressiva do loteamento. Deixemos, a seguir, que as fotografias e desenhos das casas falem por si.

A arquitetura residencial de Barry Parker para os bai...

CASA VON PUTTKAMMER

[Fig. 4.03] Casa von Puttkammer, plantas (Arquivo da Cia. City)



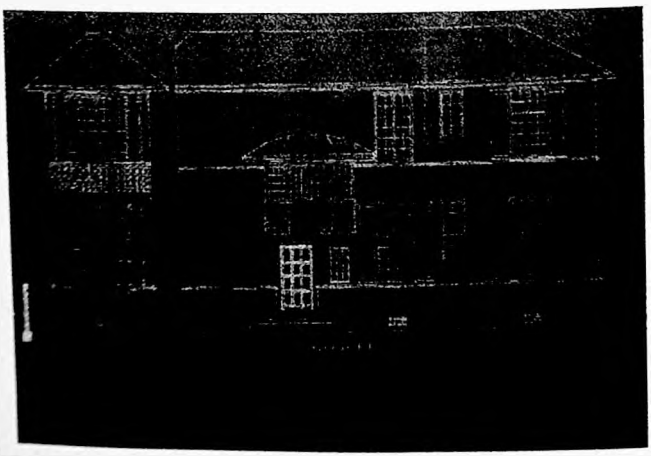
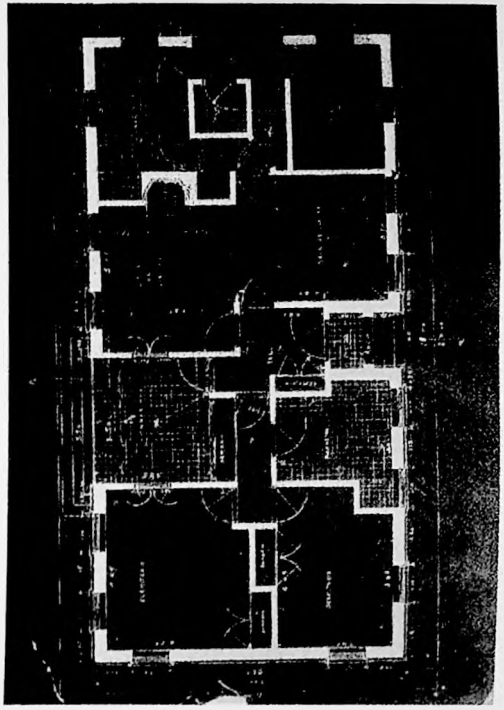


Fig. 4.04 | Casa von Puttkammer, fachadas (Arquivo da Cia. City)

Fig. 4.05 | Residência projetada pelo Arq. Gregori Warchavchik, no lugar da Casa Von Puttkammer

Fig. 4.08 Casa Gurd I, fachadas e corte (Arquivo da Cia. City)



|Fig. 4.09| Casa Gurd I, planta (Arquivo da Cia. City)

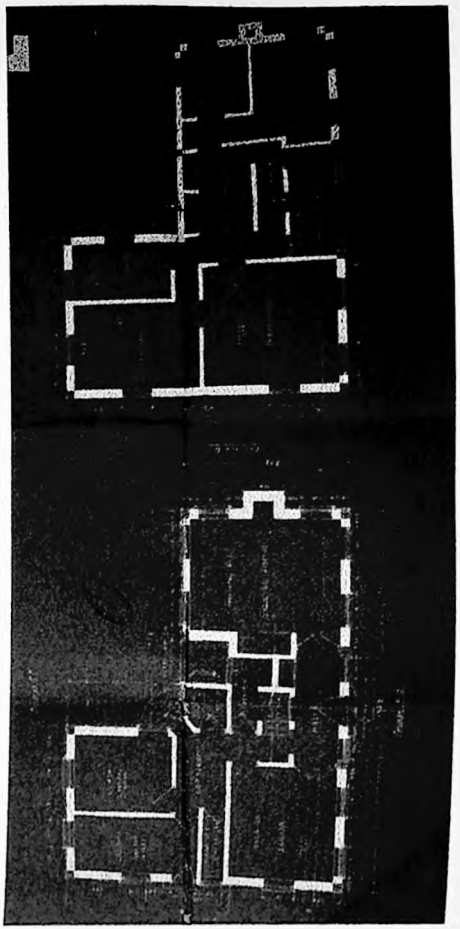
A arquitetura residencial de Barry Parker para os bairros da "City"

CASA CASTRO

[Fig. 4.11] Casa Castro, fachadas, planta, implantação e corte (Arquivo da Cia. City)

A arquitetura residencial de Barry Parker para os bairros da "City"

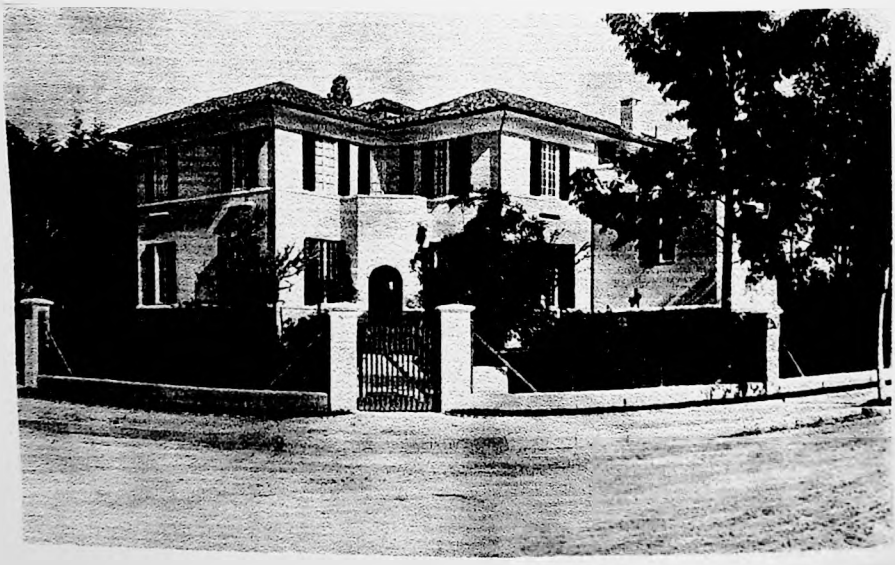
CASA MANUEL



|Fig. 4.13| Casa Manuel, plantas (Arquivo da Cia. City)

A arquitetura residencial de Barry Parker para os bairros da "City"

CASA MILLER



|Fig. 4.15| Casa Miller, plantas e fachada (Arquivo da Cia. City)

Fig. 4.16 Casa Miller, fachadas e implantação (Arquivo da Cia. City)

|Fig. 4.17| Casa Miller, fachadas e implantação (Arquivo da Cia. City)

A arquitetura residencial de Barry Parker para os bairros da "City"

CASA NA RUA MÉXICO

Fig. 4.19 | Casa na Rua México, planta

A arquitetura residencial de Barry Parker para os bairros da "City"

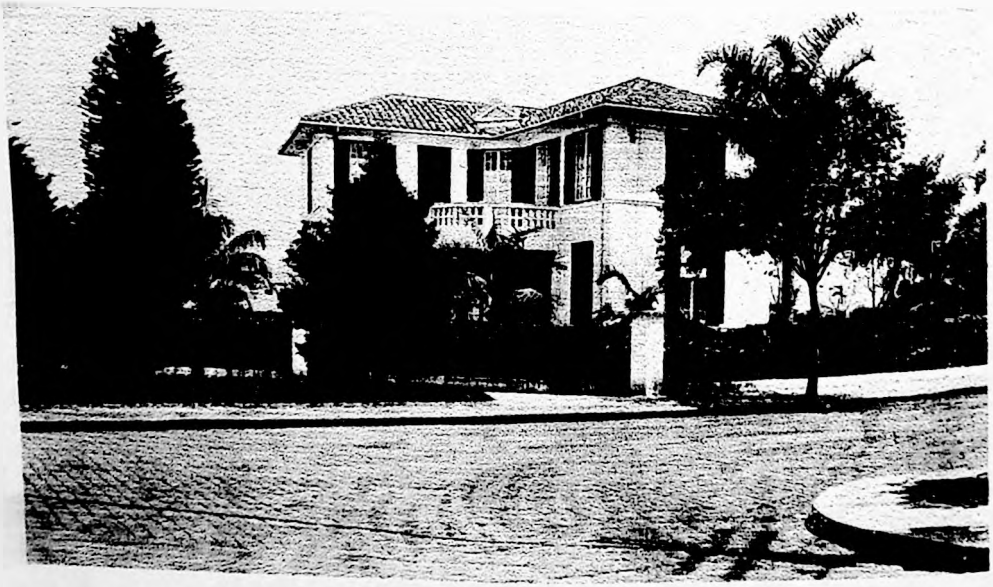
CASA NA RUA COLÔMBIA

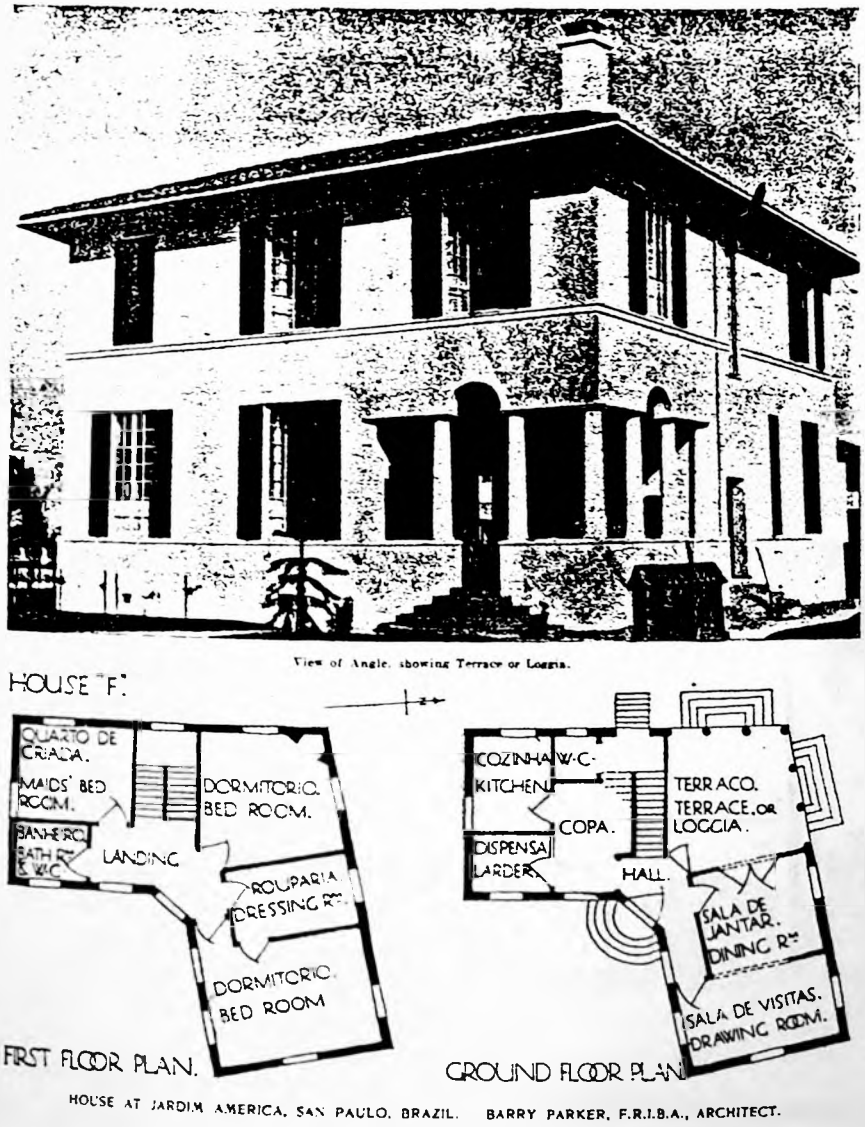
ESQUINA COM AV. BRASIL

A arquitetura residencial de Barry Parker para os bairros da "City"

CASA NA RUA COLÔMBIA

ESQUINA COM R. URUGUAI





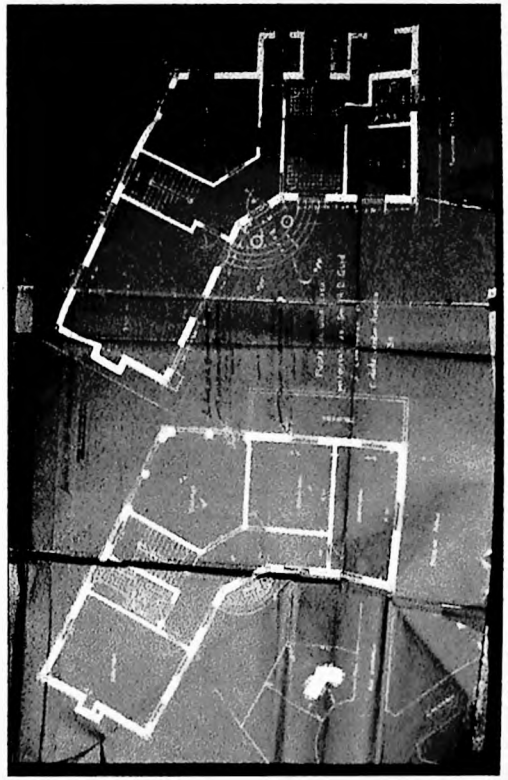
|Fig. 4.22| Casa na Rua Colômbia, esquina com Rua Uruguai, vista e plantas

|Fig. 4.23| Casa na Rua Colômbia, esquina com Rua Uruguai, foto atual

|Fig. 4.24| Casa na Rua Colômbia, esquina com a Rua Uruguai, corte e planta (Arquivo da Cia. City

A arquitetura residencial de Barry Parker para os bairros da "City"

CASA GURD II



|Fig. 4.26| Casa Gurd II, plantas e fachada (Arquivo da Cia. City)

|Fig. 4.27| Casa Gurd II, foto atual

4.2 "Cottages" no Alto da Lapa

No primeiro artigo que escreve sobre suas realizações na Capital paulistana, após voltar para a Inglaterra *(1919, op.cit.)*, Parker comenta o fato de que um profissional confinado às Ilhas Britânicas pode apenas de modo limitado ter alguma idéia do interesse que há em trabalhar em outros países. Tomando o Brasil como exemplo, observa que *"os hábitos e a vida da família brasileira são muito diferentes dos nossos; o projeto de uma casa brasileira é diferente" (op.cit., p.144)*. Menciona o fato de no Brasil serem diferentes vários detalhes construtivos em relação aos que estava habituado, assim como os métodos de cálculo de custos da obra, as bases do contrato de trabalho e o próprio sistema de medidas. Cita também suas dificuldades na elaboração de seus projetos, uma vez que contou apenas com a ajuda de *"engenheiros civis que nunca tinham feito desenhos de arquitetura" (id.ibid)*. Mas, por outro lado, Parker pôde dispor de um interessante *"staff"* cosmopolita, tanto de engenheiros quanto de arquitetos, de tal modo que, como observa, *"uma vez ou outra, aproximadamente um quarto do globo estava representado" (id.ibid)*.

As observações de Parker no artigo mencionado, sobre o modo de se construir no Brasil, chamam a atenção para o fato de que aqui se trabalhava de acordo com a experiência, ou regra prática (*"rule of thumb"*), não havendo preocupação em se detalhar os desenhos, além do que muitos profissionais não conseguiam ler as peças

gráficas, ou só o faziam com imprecisão. Mas, embora muitas vezes Parker, como afirma, tenha tido que fazer um modelo do que desejava, usando um pedaço de batata, de sabão, ou uma pêra, o fato é que uma dúzia de casas foram construídas, e, como enfatiza, *"a construção dessas casas teve o efeito que antecipamos: terras, cujo valor somava dezenas de milhares de libras, foram rapidamente vendidas" (op.cit., p.145).*

Outros arquitetos da *City* também farão projetos (figs 4.33 a 4.38), ainda que sem a mesma qualidade dos de Parker, mas todos com um apuro construtivo e muitos, como Mac Harding, com uma elegância plástica que nada fica a dever às casas de Parker. Apesar dos inúmeros exemplos de arquitetura eclética e de estilos variados que o Jardim América abrigava, discordamos, entretanto, das opiniões de Nicolau Sevcenko e Benedito Lima de Toledo a respeito da arquitetura da *City* para o bairro. Sevcenko afirma que *"a arquitetura introduzida pela Cia. City em alguns lotes a título de modelos de residências era bem menos expressiva (se comparada ao seu urbanismo), na sua vaga inspiração nos bangalôs típicos dos administradores ingleses em terras coloniais" (1992, p.127).* Toledo *(1996, p.114)*, por sua vez, vê uniformidade nas casas desenhadas pelos arquitetos da *City*, insistindo em uma leitura apoiada em Benevolo que, com seu olhar modernista, desqualifica toda arquitetura tipo cidade-jardim.

Parker destaca a importância de se levar em conta as peculiaridades culturais de um determinado país ao se fazer projetos para suas cidades, afirmando: *"os hábitos e vida da família brasileira são muito diferentes dos nossos; o planejamento de uma casa brasileira é diferente" (op.cit., p.144).* Desse modo, a primeira preocupação de Parker foi compreender as peculiaridades do modo de morar no Brasil, as quais ele vinculou à tradição portuguesa que ele conhecera há pouco tempo. Nesse sentido, afirmava que *"os edifícios antigos no Brasil - isto é, os edifícios construídos quando o Brasil era uma colônia de Portugal - eram muito mais agradáveis arquitetonicamente, prosseguindo as melhores tradições portuguesas"*. Assim, seu objetivo será *"restaurar e dar continuidade às velhas tradições portuguesas, sentindo que nelas repousam os melhores fundamentos sobre os quais construir um verdadeiro estilo brasileiro" (1920, op.cit., p.48).*

Suas observações sobre a casa portuguesa são fundamentais, pois é a partir delas que podemos entender as soluções arquitetônicas que deu para casas brasileiras. Para Parker *"a idéia portuguesa é fazer uma sala a mais arejada possível. Em uma casa portuguesa a parede é frequentemente reduzida ao mínimo absoluto ditado por exigências estruturais - isto é, as janelas são feitas tão numerosas e amplas quanto possível, assim, quando todas estão abertas, cada sala é, para fins práticos, um terraço (loggia). Entretanto, o terraço é, de fato, muito raro em Portugal. Na Itália, pelo contrário, ele comparece em quase todas as casas. A prática portuguesa parece a mais lógica, para ela é muito mais sensato construir uma sala a qual pode ser convertida em um terraço, do que dividir o espaço útil em dois, metade dele sala e a outra metade*

terraço, como fazem os italianos." (id.ibid.). As grandes aberturas verticais das residências projetadas por Barry Parker, com suas janelas venezianas conforme um desenho padronizado, constitui um dos elementos que Parker incorpora a seus projetos, estabelecendo uma unidade de linguagem entre eles. Por outro lado, preocupação e adaptação às condições climáticas locais eram sempre um fator decisivo, tanto na implantação das casas, como na disposição dos cômodos e localização das aberturas.

A Casa von Puttkammer é a primeira que o arquiteto projeta, suas peças gráficas têm a data de 30 de maio de 1917. Provavelmente, o proprietário pertencia à família do autor do traçado do bairro Campos Elíseos, mas não pudemos precisar melhor. Localizada na esquina da Rua Colômbia com a Rua Guatemala, é um projeto com planta tipo *"butterfly"*. Para se encaixar no lote triangular, o perímetro da casa acompanha paralelamente seus limites, criando, desse modo, três fachadas, destacando a que se abre para a esquina. Nela são introduzidas amplas janelas e um balcão no andar superior. A inserção de uma *"bay-window"* na fachada da Rua Colômbia, junto à caixa de escadas, é um dos elementos tipicamente inglês que Parker incorpora em seus projetos paulistanos, da mesma maneira que suas janelas em esquinas, abrindo-se para várias vistas. Como em todas as casas de Parker, o agenciamento interno dos espaços é bastante funcional, com as áreas de circulação reduzindo-se ao mínimo, mas sempre com a presença de um hall que organiza a distribuição e marca o acesso principal. Curiosamente, esta sua primeira casa foi também a primeira a ser demolida, para dar lugar a outra residência, agora com projeto de Warchavchik. Os tempos já haviam mudado.

A Casa Gurd I, construída para o gerente geral da *City* em fins de 1917, é um dos projetos mais singelos de Parker. Térrea, a residência apresentava uma larga fachada em que seis amplas janelas dispunham-se simetricamente em relação ao hall de entrada, marcado por um arco e uma pequena escada. Como em todos os halls, a presença da escada - necessária também em função do porão baixo -, serve para destacar os acessos principais das casas.

Nesta casa, como nas demais, a exigência do quarto para a criada não levou Parker a criar edículas. Pelo contrário, integra o quarto dos empregados ao corpo da casa, atribuindo-lhe uma dignidade que só o diferencia dos demais cômodos pelo acesso separado. Sua janela compunha a fachada principal com a mesma importância que as demais, sem revelar o uso específico de seu espaço interno. Tal critério, de fato, estendia-se ao conjunto de suas fachadas, que raramente anunciavam o uso de seus interiores.

Na Casa Castro, projetada em fins de 1917 e vendida para o Sr. A.M. Mello de Castro, encontramos também uma simplicidade que talvez hoje soe estranha, se considerarmos que se tratava de um loteamento residencial para a burguesia paulistana endinheirada. O desenho de sua fachada remete ao dos *"cottages"* de John Nash e George Stanley Repton, para a aldeia de Blaise, em Gloucestershire na Inglaterra, no

início do século XIX. Uma residência com projeto semelhante, ainda hoje existente, localiza-se na esquina das ruas Uruguai e Venezuela (fig.5.38).

A Casa Manuel, propriedade de Arthur S. Manuel, retoma na implantação e fachada principal a solução da Casa Gurd I, apesar de ser um sobrado. Sua planta em "L" aproveita o ângulo formado para abrir um pequeno hall voltado para os fundos. A solução do hall principal é, entretanto, diversa, articulando-se com a varanda do andar superior, junto à escada.

A Casa Miller, pertencente a Charles Miller, divulgador do jogo de futebol na cidade, de esquina, também adota a planta tipo "borboleta", que será repetida nas demais soluções, mesmo aquelas situadas no meio da quadra. Trata-se de uma residência maior que as anteriores, mais solene e rebuscada. Seu hall de entrada, situado no ângulo da casa, tem aqui uma solução diferenciada, sendo mais fechado. Em suas outras casas de esquina, também de maiores proporções, os halls adquirem um destaque na composição, marcados por colunas dóricas e encimados por terraços abertos.

Na Casa da Rua México, térrea e com uma planta bastante simples em "L", é criado um terraço coberto voltado para os fundos da casa, que se liga diretamente ao hall de acesso e distribuição dos cômodos. Dessas casas apenas duas ainda se encontram em pé, como podemos ver nas figs. 4.23, 4. 25 e 4.27, tendo sofrido algumas modificações. Para outros projetos residenciais, como os *"cottages"* que seriam construídos posteriormente no Alto da Lapa, Parker apenas esboça os princípios. As fotografias de alguns deles (figs.4.28 a 4.31), permitem fazermos uma idéia de suas concepções arquitetônicas para casas populares.

A arquitetura residencial de Barry Parker para os bairros da "City"

"COTTAGES" NO ALTO DA LAPA

|Fig. 4.29| "Cottage" para o Alto da Lapa (Arquivo da Cia. City)

Fig. 4.30 | "Cottages" no Alto da Lapa (Arquivo da Cia. City)

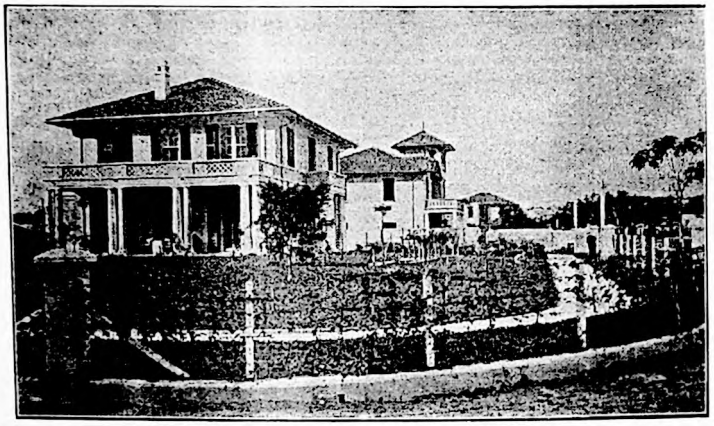
|Fig. 4.31| "Cottages" no Alto da Lapa (Arquivo da Cia. City)

|Fig. 4.32| "Cottages" no Alto da Lapa (Arquivo da Cia. City)

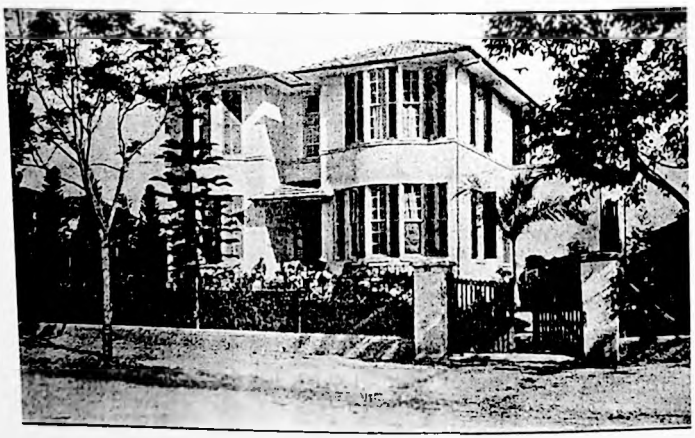
Parker observa, em um de seus textos, que o costume no Brasil é o trabalhador ter sua casa própria. E acrescenta que é possível ele construir apenas um único cômodo, devido às suas limitações econômicas, para posteriormente ampliar sua moradia. Assim, afirma: *"os 'cottages' que projetei para a Lapa deviam ser edificados nesse sentido, e o problema era idear uma planta que envolvesse o mínimo de alteração e demolição a cada estágio" (1919, op.cit., p.147)*, indicando aqui também sua preocupação em se adequar às peculiaridades dos hábitos e condições locais.

Na administração Washington Luís, um pouco antes da chegada de Parker a São Paulo, havia sido aberto um concurso pela Prefeitura visando baratear a habitação do trabalhador. Como então afirmava o Prefeito *"sem desprezo das regras de higiene e da estética, deveria ser uma habitação cômoda e barata" (Relatório de 1916, op.cit., p.XXIX)*. Tal concurso de projetos era para *"um tipo de moradia compreendendo dois compartimentos habitáveis - dos quais um servindo simultaneamente de cozinha, refeitório e ponto de permanência diurna - e dependências, destinada a um casal sem filhos. Devendo a moradia projetada transformar-se facilmente, por acréscimo, em outra de condições análogas, de três a quatro compartimentos habitáveis, destinada respectivamente a casal com filhos" (op.cit., p.XXIX)*. Esta última exigência seria comentada favoravelmente por Parker em suas considerações sobre o tipo de casa para operários em São Paulo, e incorporada em suas propostas a respeito.

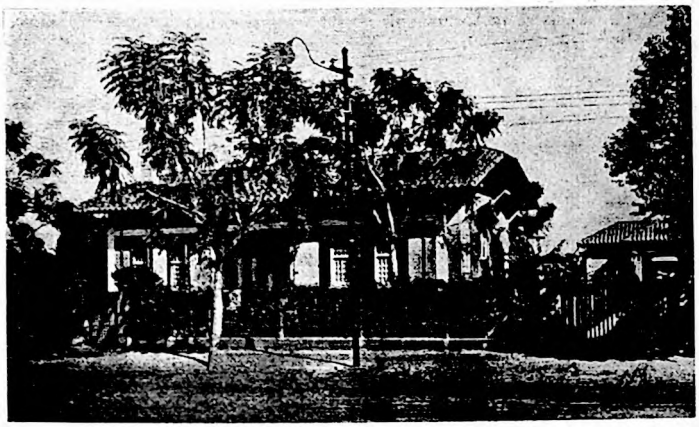
Nas páginas seguintes apresentamos algumas das casas projetadas por arquitetos da *City*, às quais já fizemos referência.



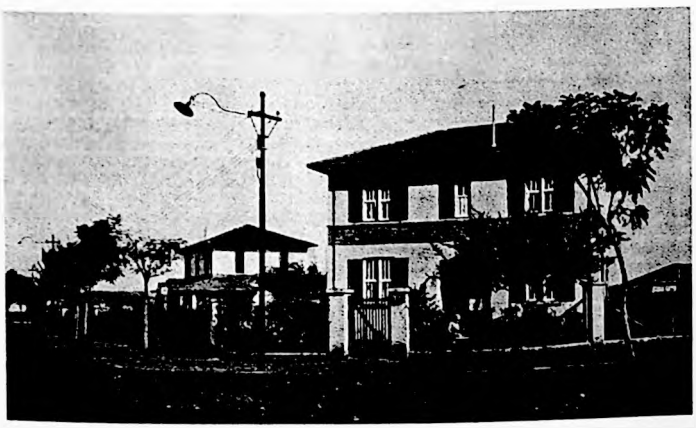
|Fig. 4.33| Arq. G.S. Dodd, casa na Rua México



|Fig. 4.34| Arq. W.B.F. Williamson, casa na Rua México



|Fig. 4.35| Arq. R. Mal. Harding, casa na Rua Uruguai



|Fig. 4.36| Arq. R. Mal. Harding, casa na Rua Estados Unidos

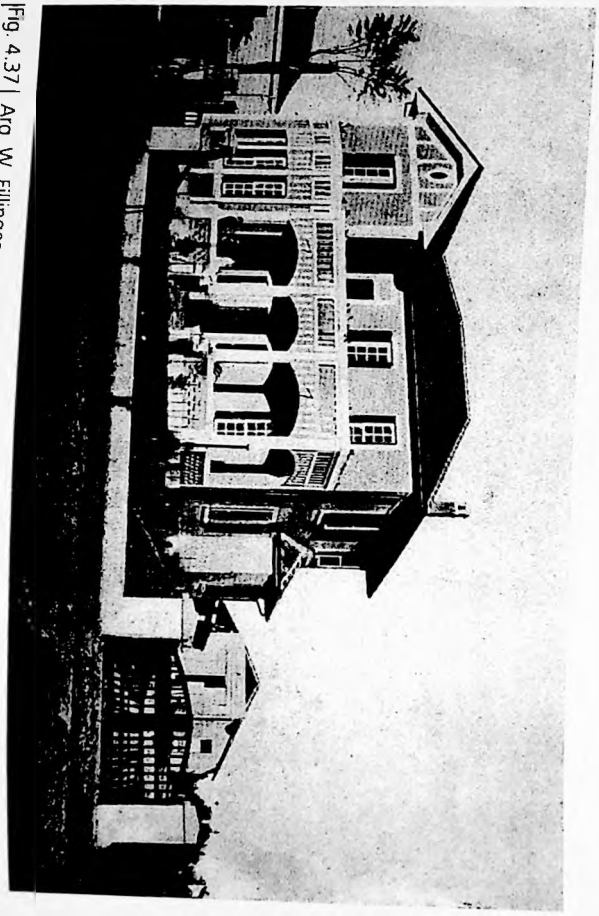
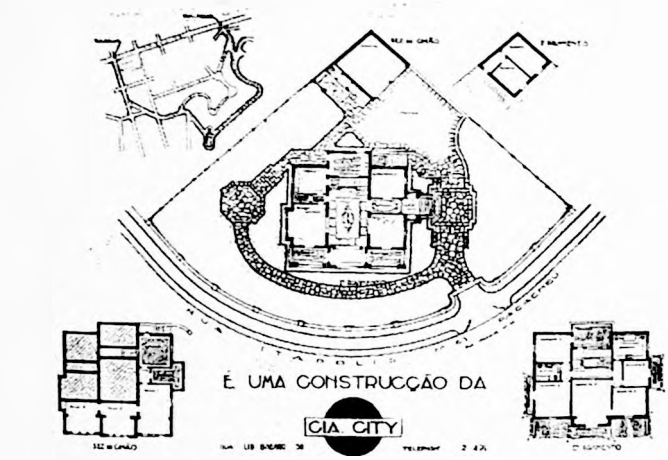
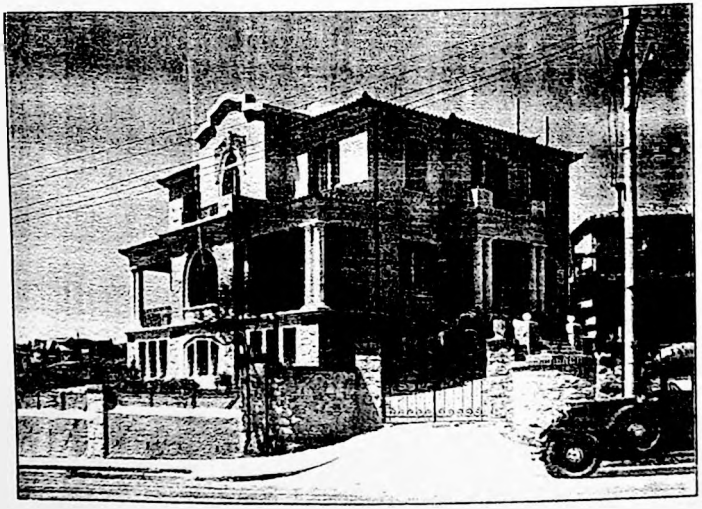


Fig. 4.37 | Arq. W. Fillinger, casa na Rua Guadalupe

|Fig. 4.38| Arq. G.S. Dodd, casa na Rua Uruguai, ainda existente





[Fig. 4.41] Residência construída pela Cia. City no Pacaembú

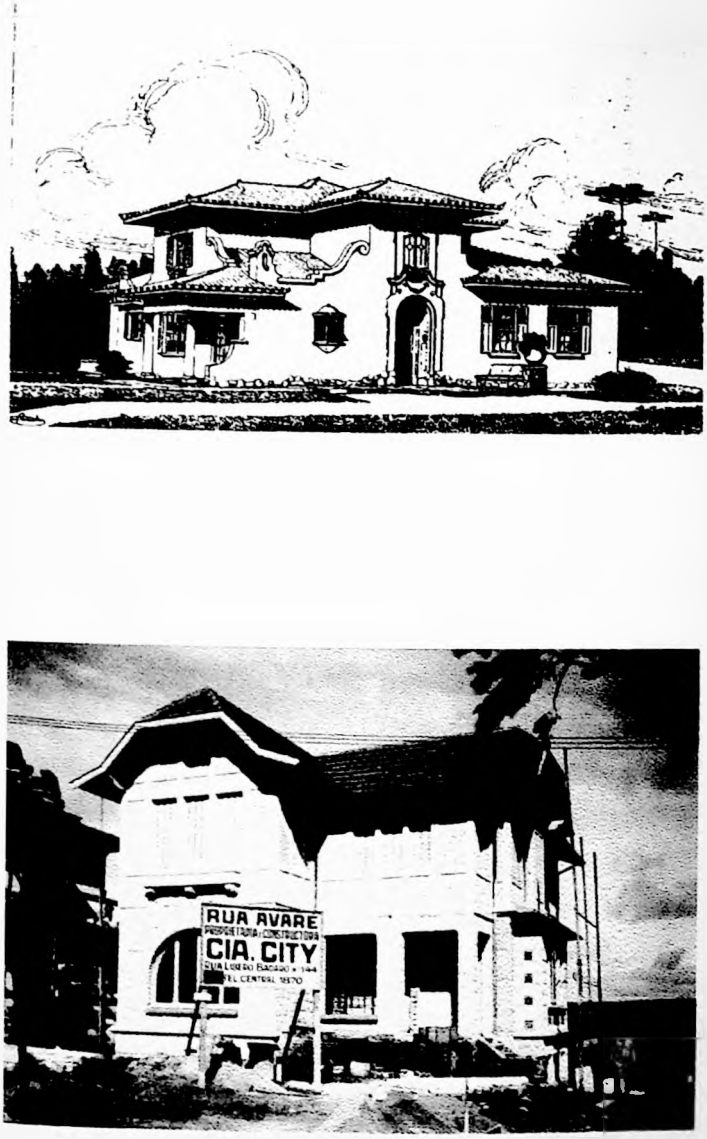
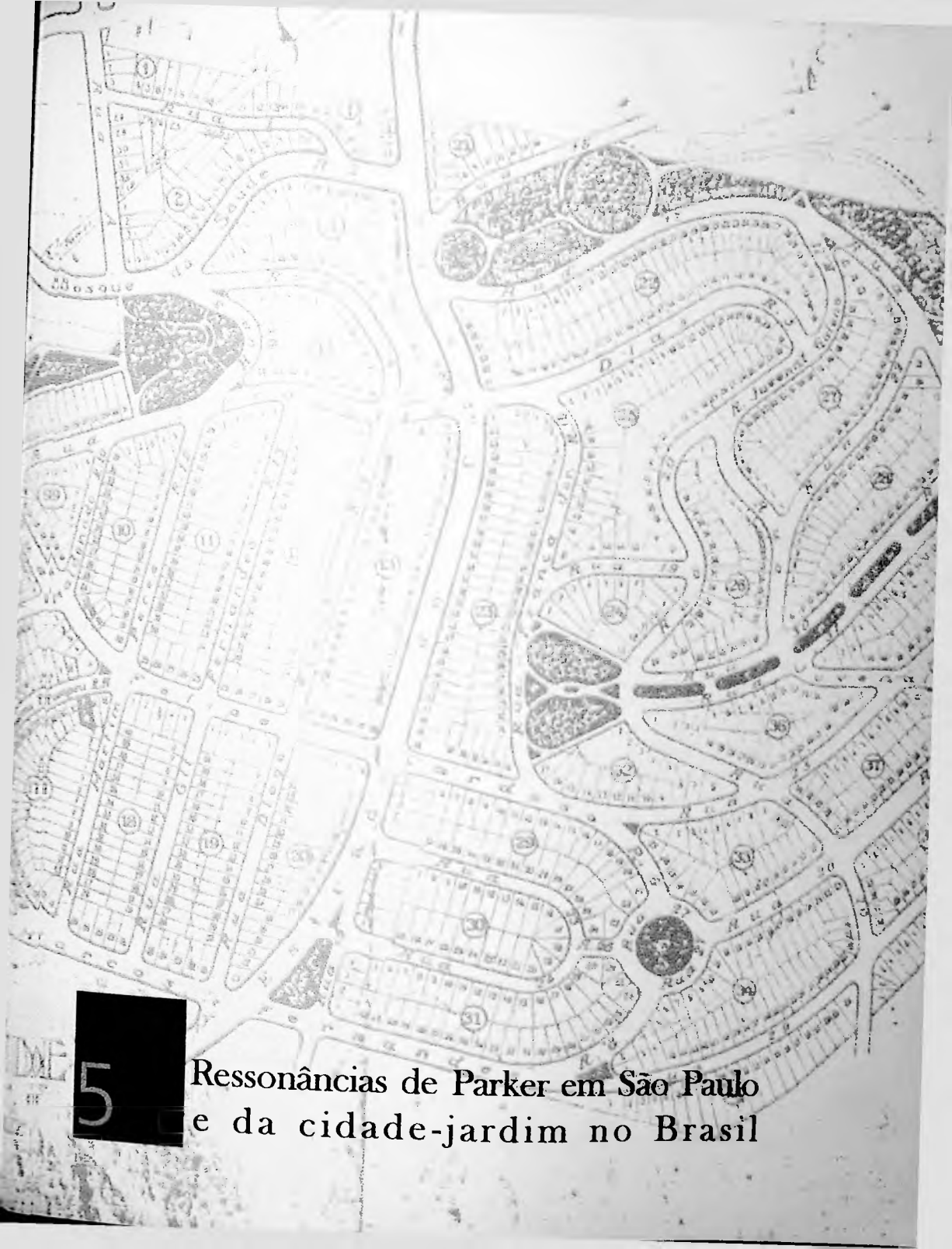


Fig. 4.42 | Residências construídas pela Cia. City, no Jardim América e Pacaembú



5 Ressonâncias de Parker em São Paulo e da cidade-jardim no Brasil

5.1 influências das propostas de Parker nos urbanistas paulistanos

Uma das primeiras referências à cidade-jardim nos discursos dos urbanistas paulistanos foi feita por Victor da Silva Freire, profissional cuja atuação na Cidade de São Paulo já mencionamos. Em seu livro publicado no *Boletim do Instituto de Engenharia*, que reúne suas idéias a respeito da *"higiene das habitações privadas e coletivas"*, apresentadas em conferência realizada em meados de dezembro de 1917 junto aquele Instituto, Freire esposa diversos elementos daquela concepção. Vale lembrar que, bem antes dele, o Eng. Saturnino de Brito, com seus projetos para Novo Arrabalde e Santos, já fizera referência à idéia de subúrbio-jardim, que ele procurou incorporar naqueles planos.

Mas é no texto de Freire que tais conceitos são analisados com maior atenção. Inserido no contexto das discussões sobre o código de obras da cidade que sucediam-se na ocasião, o livro de Freire recebeu o título secundário de *"Um capítulo de urbanismo e de economia nacional"*, indicando que seus propósitos iam além da questão da higiene das habitações, buscando pensar a cidade como um todo, para sobre ela legislar e intervir. O ponto de partida de Freire será a consideração da cidade como *"um problema de rendimento"*, daí imediatamente tratar da questão fundiária e de suas relações com os custos dos alojamentos. A influência dos administradores dos EUA é explícita, com Freire fazendo referência tanto a teóricos, como Robert de Forrest - que ele cita longamente, em uma defesa da propriedade da pequena casa pela família operária -, ou Bolton com seu *Building for Profit*, como a administradores públicos, dentre os quais menciona Wilson, titular da Secretaria de Trabalho da União, que estabelece em 1914 o padrão da família *"normal"*, ou como Freire observa, *"a própria célula por consequência de uma nacionalidade sã e robusta" (p.234)*, e que seria

constituída pelo chefe da família, esposa, até cinco filhos, mas sem nenhum criado, sublocatário, pensionista ou hóspede. Freire resume tal concepção: *"O casal sozinho no domicílio 'independente', em suma, e em condições tais que o elemento de dissolução - o sublocatário, o pensionista, o hóspede - não encontra brecha." (p.235)*

Além de preconizar a moradia operária familiar, reiterando as teses moralistas preocupadas com a promiscuidade no lar e sua conseqüente dissolução - ainda que apresentando como solução sobrados geminados ou casas justapostas -, Freire vai questionar o crescimento centrífugo da Cidade de São Paulo, fator responsável, segundo ele, pelos elevados preços dos terrenos na Capital, questão para a qual ele chama a atenção dos leitores, ao comparar aqueles preços com os de terrenos em cidades dos EUA. A solução, conforme o Diretor de Obras da cidade, estava em se construir prédios de um pavimento, aumentando a densidade populacional sem comprometer as necessidades higiênicas. E comenta a respeito: *"Melhor do que esse, só se conhecem os que são alcançados nas chamadas 'cidades-jardins' Inglesas e Americanas, as quais não são a bem dizer cidades mas meras colônias nos arredores dos grandes centros, gozando de todas as vantagens de existência ao ar livre e desembaraçadas de todos os perigos da vida rural." (1918, p.242).*

Considerar a cidade-jardim não como uma cidade, mas apenas *"meras colônias"* - o que talvez valha dizer, bairros residenciais, ou simplesmente um subúrbio-jardim -, pode soar algo estranho para quem alguns anos antes visitou Letchworth e Hampstead, que apresentam características bastante distintas. Mas, ao confundir a cidade-jardim com o subúrbio-jardim, Freire apenas reafirmava a tese de Unwin exposta já em 1909, ao mesmo tempo que propunha evitar o crescimento desmesurado da área urbana, aumentando-se a densidade de ocupação através da construção de pequenos sobrados geminados, ao invés de casinhas isoladas em amplos terrenos, como a solução *"garden-city"* preconizava.

Portanto, embora o Diretor de Obras visse no tipo cidade-jardim a melhor solução, sua preocupação fundamental era com a economia da cidade, como o título de seu livro deixa claro. Daí afirmar, ao criticar o tamanho a que chegara a área urbanizada de São Paulo (quase 35 milhões de metros quadrados, ou 3,5 mil ha, compreendendo a área com a qual a Prefeitura tinha gastos diretos, com pavimentação, limpeza, abastecimento de água, esgotos, iluminação pública e energia, viação, policiamento, e segurança contra incêndios), que metade dessa área seria *"suficiente para ter uma cidade perfeita, ideal" (id.ibid.)*. Desse modo, o princípio higiênico teria que se adequar às condições econômicas. Em sua exposição, que pode ser considerada como a primeira formulação teórica de Freire sobre o urbanismo, discutirá o máximo rendimento a ser obtido nas construções, contrapondo a legislação sanitária sobre habitações do estado de São Paulo com o projeto de lei nº 76 de 1917, apresentado pelo vereador Eng. Heribaldo Siciliano. Ao discutir o rendimento máximo em espaço e a questão do tamanho

dos lotes e das quadras, Freire aponta para a necessidade de criação de jardins, ou passagens, internos às quadras, incorporando um aspecto fundamental do projeto do Jardim América.

Por outro lado, as críticas de Freire ao Código Sanitário estadual, bastante restritivo, e por isso mesmo, segundo ele, impraticável; visavam a questão principal, que dizia respeito à largura das ruas residenciais, que constituiriam 90% dos bairros novos a serem abertos. Dezesseis metros como exigia o Código Sanitário, ou uma largura menor, 12 m, como defendia Nelson P. Lewis, citado por Freire, para Nova York. Ou ainda 10 m, como preconiza Freire, elogiando o traçado do bairro da Saúde, realizado por seu proprietário Sr. Antonini Cantarella, em meados de 1917, mas, como ele observa - *"na zona rural, ao abrigo portanto das peias da caduca legislação existente" (op.cit., p.306).* Na fig.5.1, vemos o desenho desse loteamento, em que uma via principal, com um traçado sinuoso ao longo de uma encosta, se articula com uma trama de quadras alongadas, formando uma praça central no alto da colina. Se por um lado há uma certa adequação do traçado das ruas à topografia do sítio, por outro os limites retilíneos da gleba loteada, bem como a adoção de quadras retangulares, implicam em um registro diverso sobre o território, mas no projeto que Freire insere em seu texto - aliás, seu único exemplo de loteamento residencial - parece ter sido pretendida uma concordância entre os dois procedimentos, no caso da Saúde, a conciliação entre ruas retas e avenida sinuosa.

Nesse mesmo texto em que aborda o *"rendimento máximo do espaço"*, Freire associa a questão do aumento da densidade com o tráfego, referindo-se à área do *"triângulo"*, no centro da cidade. Prevê que, quando suas ruas estiverem aproveitadas conforme os índices que propõe, o tráfego que chama *"de passagem"*, deverá ser deslocado para fora desse circuito. Assim, *"as ruas do 'triângulo' ficarão só para pedestres" (op.cit., p.322).* Esta peculiaridade da área central da Capital já havia sido destacada por Barry Parker, que aqui é lembrado por Freire: *"por um lado, essa zona é uma pequena malha na planta da cidade. E, por outro, ocupa uma eminência. Como faz muito bem notar o Sr. Barry Parker, o eminente urbanista que aqui hospedamos há alguns meses, graças a essa circunstância a capital Paulista ocupa lugar à parte." (id.ibid.)* À parte o mérito que Freire atribui a Parker, sua observação não deixa de ser reveladora da influência exercida pelo arquiteto inglês no mais importante profissional vinculado ao urbanismo da cidade de São Paulo. Influência que não se fazia apenas nas propostas que Parker tinha para a cidade, mas também em sua leitura da estrutura urbana paulistana, marcada pelas peculiaridades de seu sítio e pela história de sua ocupação.

Se os princípios do traçado de Parker para os bairros-jardins da *City* foram a característica de seu urbanismo que mais repercutiu na configuração da paisagem paulistana, manifestando-se rapidamente na abertura de inúmeros bairros-jardins com traçados semelhantes pela Capital, sua proposta de um anel de parques circundando a

Cidade também provocou ressonâncias. Em 1923, a *Diretoria de Obras* do Município apresenta uma proposta para o Rio Tietê (fig.5.2), elaborada pelo Eng. Ulhôa Cintra, que, além de canalizar o curso d'água, ainda que sem querer impor uma retificação exagerada, prevê um parque acompanhando o rio. No ano seguinte o Eng. Saturnino de Brito elabora o plano de melhoramentos para o rio Tietê, ao qual já fizemos referência no capítulo 2, também propondo o aproveitamento, entre a Penha e a Lapa, de amplas áreas de várzea para a criação de um parque. Suas propostas contêm, ainda que parcialmente, a realização do anel concebido por Parker. No caso de Brito é possível que estivesse tão somente aplicando a proposta de avenida-parque que ele já havia realizado em Santos e em outras cidades que planejara. Afinal, a idéia de *"park-way"* já estava presente também nas avenidas à beira-mar que Passos implantou no Rio de Janeiro no início do século. Mas a novidade da proposta de Parker tinha sido exatamente articular a proposta de avenida-parque à concepção de um *"greenbelt"* para controle do crescimento urbano, como vimos no capítulo 3. Por outro lado, conjugava-se com propostas de vias perimetrais de circunvalação da cidade que vinham sendo feitas desde o fim do século XIX.

Prestes Maia, em sua proposta para um plano de avenidas para a cidade, de 1930, revelando sua filiação, mas também suas diferenças, faz referência à proposta de *"Park Ring"* formulada por Parker, e afirma a respeito: *"O nosso traçado aproxima-se do indicado por Barry Parker, o célebre town-planner que esteve entre nós. Mas este, se não nos enganamos, desejava uma ampla faixa de verdura (e aqui acrescenta a seguinte nota: 'Certamente influenciado pela cintura isolante [terrenos agrícolas] que ajudara a projetar em Hampstead. Acabamos de ver a opinião diferente de Eberstadt, em quanto se refere às grandes cidades'), ao passo que nos limitamos a uma largura menor e preocupamo-nos mais com a circulação."* (1930, p. 130). De qualquer modo, o circuito de avenidas e parques (fig.5.3) que propõe para a cidade, retoma a concepção de Parker.

A proposta de *"unidade de vizinhança"*, presente nas formulações de Anhaia Melo, também indicam a influência de Parker em outro urbanista que teve uma atuação decisiva no planejamento da cidade. Sua concepção de *"Cidade Celular"*, de1933, revelava uma forte presença das concepções dos urbanistas norte-americanos que tinham elaborado o primeiro plano regional de Nova York e arredores, como Thomas Adams, um dos pioneiros do movimento pela cidade-jardim, que havia deixado a presidência da associação no início dos anos 1920, exatamente para coordenar o plano de Nova York. Tendo sua origem nas primeiras realizações de Parker & Unwin para Letchworth e Hampstead, a idéia de unidade de vizinhança era apropriada por Melo como sendo uma célula da cidade. Dizia ele: *"É essa malha entre vias principais, que deve ser tratada como unidade, célula completa, de vida autônoma, o quanto possível, chamada pelos urbanistas americanos: neighborhood unit cell" (Melo: 1933, p. 132).* As propostas

que Melo apresentava para o traçado de áreas residenciais, em que destacava as vantagens do sistema hexagonal do urbanista canadense Noulan Couchon - o qual também influenciaria o plano de Parker para Wythenshawe - eram reduzir à largura das ruas circundantes, aumentar o comprimento das quadras e aumentar a profundidade da quadra. As duas primeiras já haviam sido feitas por Parker, em seus planos para o Pacaembú e Alto da Lapa, daí Melo ilustrar seu artigo com um trecho desse último loteamento, em que anota: *"quadras alongadas com 'foot-walks'. Cia. City - Barry Parker" (id.ibid.)*

Na polêmica entre as propostas para a cidade dos engenheiros, professores da *Escola Politécnica* e políticos, Prestes Maia e Luís de Anhaia Melo[1], as influências de Parker também não deixaram de estar implícitas. Ao discutir as formas de descentralização das cidades, em seu livro de 1930, Prestes Maia retoma a concepção de cidade satélite conforme foi formulada por Howard, afirmando: *"As cidades satélites consistem essencialmente em aglomerações afastadas, de grandeza limitada, mas em si completas. Elas recebem de preferência o caráter de cidade-jardim, o que o preço do terreno permite" (1930, op.cit., p.302)*. Dá como exemplo Santo Amaro e São Bernardo, mas não as considera cidades-jardins, *"por faltar-lhes a organização característica" (id.ibid.)*, e sugere que tal concepção *"é inegavelmente sedutora"*.

Até aqui seu raciocínio parece coincidir com as idéias de Melo, que marca sua posição urbanística apontando os inconvenientes do crescimento contínuo e desmesurado das cidades, bem como criticando uma concentração e centralização excessivas. Mas, em continuação, Maia chama a atenção para o reverso daquela concepção, passando a defender a centralização como uma das razões de ser das grandes metrópoles. Desfia, então, suas críticas à cidade-jardim, considerando que *"a dispersão representa um aumento considerável de despesas gerais, a cujo cálculo foge o urbanista"*, e conclui afirmando que *"as cidades-jardins são apreciadas apenas pelos intelectuais" (id.ibid., p.304)*.

No início dos anos 40, a concepção de cidade-jardim, ou suas derivações, mantinham-se presentes nos fóruns e publicações especializadas. Nas *Jornadas de Habitação Econômica*, promovidas pelo *IDORT - Instituto de Desenvolvimento e Organização Racional do Trabalho*, em 1941, o Eng. Léo R. Morais faz uma exposição exatamente sobre o tema. A cantilena dos planejadores urbanos sobre os males das cidades existentes era entoada logo de início, para justificar a organização racional do tecido urbano. Entretanto, ao contrário dos exemplos anteriores de assimilação da idéia de cidade-jardim, a pregação de Morais pretendia resgatar a concepção original de Howard. Assim, afirmava o autor a respeito: *'"A cidade de crescimento ilimitado é um mal. Quanto maior uma cidade, mais cara é a sua administração 'per capita', mais difícil se torna a satisfação de seus moradores." (op.cit., p.113)* A expansão desmedida era considerada pelo expositor a causa principal de inúmeros inconvenientes da cidade, e

a solução para todos estes males estava na proposta de Howard. Fiel ao conceito original de cidade-jardim, Morais alertava: *"Cidade Jardim é antes de mais nada uma cidade, não uma vila, um bairro ou um subúrbio. Por cidade, entende-se uma comunidade de vida própria, isto é, com vida econômica, social e cívica próprias. É importante frisar este ponto, por que sendo Cidade Jardim um nome eufônico e sugestivo, dele logo lançaram mão os negociantes de terreno de todo o mundo; nós aqui mesmo em São Paulo temos um exemplo de um bairro apelidado de Cidade Jardim."* *(op.cit., p.114)* A exposição do Eng. Léo R. Morais pode ser considerada um resumo das principais teses howardianas, levando-o a formular a proposta de criação de cidades satélites como solução para o crescimento descontrolado da Cidade de São Paulo, *"descongestionando e evitando a continuação desse mar de casas que se perde de vista, onde tudo é difícil, até a água para matar a sede."* *(p. 118)*.

Em 1947, o Professor de Luís de Anhaia Melo publicava na revista *Digesto Econômico* um artigo com o título *"A Cidade Jardim" (Melo, 1947)*. Perguntando sobre *"qual será o estilo da arquitetura urbana da nossa época ?"*, o urbanista responde: *"a cidade jardim" (op.cit., p.28)*. Seu conceito é o mesmo de Howard, já exposto por Prestes Maia dezessete anos antes. É assim que afirmava: *" 'Garden-city' é cidade, e não simples bairro jardim ou subúrbio residencial de uma metrópole qualquer" (id.ibid.)*. Mas seu conceito aqui se ampliava: *"Cidade é organismo e como tal é um todo, de tamanho definido e definitivo. É preciso ser planejada de início, a fim de haver equilíbrio e harmonia entre as quatro funções urbanas: residência, trabalho, recreio, comunicação" (id.ibid.)*.

Se por um lado Melo preconizava a cidade planejada, com crescimento limitado, por outro incorporava as propostas da *Carta de Atenas* formuladas por Le Corbusier um ano antes. Reitera então a idéia de um *"rural belt"* ou *"muralha verde"*, como meio de impedir a extensão dos limites urbanos, embora não faça qualquer referência ao anel de parques proposto por Parker quase trinta anos antes. Criticando a tendência das cidades crescerem linearmente, ao longo das vias de comunicação, Melo sugere que tal *"cinta verde formada de terrenos rurais"* deveria ter cerca de cinco quilômetros de largura, de modo a impedir aquela expansão defeituosa e, ao mesmo tempo, garantir o abastecimento da cidade com produtos hortigranjeiros. Como pretendia, ficariam *"assim integradas as economias rural e urbana, com mútuo proveito" (op.cit., p.30)*, e para isso seria fundamental que a terra fosse mantida como propriedade pública, o que - lembremos - Parker também já havia sugerido.

Anhaia Melo conclui seu artigo com a proposta de construção de duas cidades jardins de cerca de 60 mil habitantes cada uma, visando atender o déficit habitacional que estimava em 30 mil casas. Em sua última frase - quem sabe dirigida a Prestes Maia - afirmava: *"É, pois, tempo de escolher entre fazer 120.000 cidadãos felizes, material e espiritualmente, no ambiente risonho e confortável da cidade jardim ou simplesmente*

aumentar o rol das vítimas do caos metropolitano, a caminho do suicídio nacional por negligência" (id ibid.).

De qualquer modo, do ponto de vista das formulações teóricas dos urbanistas paulistanos, as realizações de Parker tornaram-se referência obrigatória, como reitera Carlos Lodi em texto que escreve para a revista italiana *Urbanistica*, já em1951. Analisando o desenvolvimento e os problemas da Cidade de São Paulo, o representante no Brasil do movimento pela cidade-jardim menciona os bairros-jardins projetados por Parker, constatando entretanto que não eram uma *"organização nuclear autônoma" (1951, p.43).*

Mas foi com a construção de inúmeros loteamentos inspirados nos bairros-jardins de Parker que a configuração da paisagem urbana paulistana receberá sua maior influência. Do Jardim Europa, projetado pelo Eng. H.J. Pujol, ainda em 1923 (fig.5.4), até os demais loteamentos promovidos pel *City*, como Vila Romana, Jardim Londrina, Butantã e Vila Inah (figs.5.6 e 5.7), temos presente os princípios de traçado que Parker formulara.

Em março de 1925, a revista *A Construcção em São Paulo (anno II, nº 12, março/ 1925, s/p)* publica uma matéria sobre o Jardim Europa com caráter nitidamente propagandístico do empreendimento e da *Companhia Constructora de Santos*, responsável pela obra. O texto do jornalista e publicitário caracteriza bem tais novos bairros paulistanos: *"Nada mais agradável é hoje, por certo, do que um passeio demorado pelos arrabaldes da nossa formosa Capital, lugares esses que outrora foram vastos campos sem a mínima atração e na atualidade se impõem não só pela crescente valorização dos seus terrenos, como pelo encanto que lhes empresta o conjunto de lindas construções residenciais de fino gosto e perfeito acabamento que neles se levantam." (op.cit.).* Vilas ou jardins eram os nomes aplicados aos primeiros bairros-jardins que se difundiam pela Cidade de São Paulo a partir do Jardim América, como o Jardim Paulista e Vila Pompeia. Posteriormente, a incorporação da palavra "jardim" à toponímia dos novos loteamentos passou a abranger qualquer tipo de empreendimento.

O Jardim Europa - *"o qual, pelas perspectivas das belas vivendas que estão se construindo, promete proporcionar mais um pitoresco bairro onde a elite de São Paulo procurará, no recesso do lar, o conforto assaz reparador" (id.ibid.)* - começou a ser construído em 1924, com um projeto que incorporava as principais características do traçado urbanístico e do paisagismo do Jardim América, sendo, ao mesmo tempo, como que sua continuação, em uma hábil articulação com o desenho de Parker. Contando com jardins internos às quadras e três amplos parques, estes - como sucedeu com o Jardim América - também foram loteados, como ilustra a fig.5.5. Fenômeno de incorporação de princípios urbanísticos a partir de interesses imobiliários que promovem conexões formais no traçado urbano e na arquitetura da cidade, encontraremos caso similar em Milão, em 1910/1911, quando foi construído o primeiro subúrbio-jardim italiano, um *"villagio giardino"* na periferia daquela cidade, chamado Milanino, e junto

a ele o *"quartiere Regina Elena"*, um empreendimento, no caso, apenas especulativo.

Dentre os urbanistas paulistanos cuja presença dos princípios que Barry Parker trouxe para o Brasil é mais notável, destaca-se o Eng. Jorge de Macedo Vieira, o qual talvez possamos considerar um discípulo de Parker. Engenheiro civil formado pela Escola Politécnica de São Paulo, em 1917, da mesma turma de Prestes Maia, Góes Sayão, Toledo Moraes, Geraldo Sampaio e outros que contribuíram para a modernização das cidades brasileiras[2] , Vieira, no último ano de curso, já estagiava junto à companhia *City of San Paulo Improvements and Freehold Land Company, Limited*. O provável convívio que o ainda estudante teve com o afamado profissional, sem dúvida influenciou a futura atuação de Vieira como profissional. De qualquer modo, é inegável que as claras filiações dos traçados urbanísticos do Eng. Jorge Macedo Vieira às soluções tipo *"garden-city"*, seja nos planos de cidades novas, ou no desenho urbano de loteamentos residenciais que projetou, e mesmo a qualidade urbanística de seus projetos, revelam influências, se não diretas de Parker, ao menos indiretas.

Tendo trabalhado junto à *City* - de junho de 1917 a janeiro de 1919, portanto, exatamente durante o período em que Parker esteve em São Paulo atuando naquela companhia - Vieira pôde acompanhar a implantação do Jardim América, e possivelmente os projetos do Pacaembú, Alto da Lapa e Bela Aliança, também projetados por Parker, mas abertos apenas nos anos 1920. Em 1922, Vieira desenvolve o projeto da Chácara da Moóca, em conjunto com seu colega de turma da Poli, Eng. Wendel. Mantendo em meados dos anos 1920 um escritório técnico, realizou projetos de arquitetura e planos urbanísticos, mas também estendeu suas atividades construindo casas, abrindo loteamentos e estradas, e até mesmo vendendo materiais de construção. Nessa ocasião executou os seguintes projetos: Jardim Japão, Parque da Moóca, Vila Formosa, Vila Maria (zona alta), Nova Manchester, São Bernardo, Parque Edú Chaves, Vila Mariana, Jardim Itália, e outros loteamentos na Cidade de São Paulo, e ainda na Avenida D. Pedro I e Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, como indicam reclames publicitários de seu escritório, na revista *A Construção em SP*, do período.

Inúmeros outros planos urbanísticos de loteamentos residenciais em São Paulo serão projetados por Vieira, revelando um ativo profissional na construção da cidade, bem como na difusão do tipo residencial bairro-jardim. São os casos de Cidade Mãe do Céu, Nova Manchester, Jardim Japão e Rolinópolis. Este último, de 1949, é feito para o fazendeiro F. Rolim Gonçalves, para o qual também constrói, em 1951/53, o Condomínio Nalyec, próximo à Av. Celso Garcia. Em 1938, Vieira elaboraria o plano urbanístico do loteamento residencial Jardim da Saúde (fig. 5.9), na zona sul da Cidade de São Paulo, para a *Companhia de Terrenos Jardim da Saúde*, construindo um dos mais aprazíveis bairros-jardins populares da cidade. Ao elaborar o plano do loteamento, como o Jardim Vera Cruz, Vieira também projetava residências-tipo (fig.5.8), a serem construídas pelos futuros moradores, reiterando o mesmo procedimento que Parker tivera no Jardim

América. Sua obra urbanística, ainda por ser estudada, prossegue com a realização de grande número de empreendimentos, dos quais destacamos, em 1953, o plano Cidade de Deus, no Município de Osasco, em São Paulo, para a *Fundação Bradesco*.

Mas é em seu plano urbanístico para a cidade balneária Águas de São Pedro (fig.5.10), em São Paulo, de início dos anos 1940, construída para a empresa *Águas Sulphídricas e Thermaes de São Pedro S/A*, que a presença das concepções *"garden city"* se explicita de modo pleno. Estas reaparecerão em 1947, quando Vieira desenvolve o plano urbanístico da Cidade de Maringá (fig. 5.11), no Paraná, para a *Companhia de Terras Norte do Paraná*. Para a mesma empresa de colonização realizará, em 1955, o plano da Cidade de Cianorte (fig.5.12). Em 1951 Vieira faria o plano urbanístico da cidade balneária Pontal do Sul, no Município de Paranaguá, litoral sul do Estado do Paraná, para a *Empresa Balneária Pontal do Sul S/A* (fig.5.13). Aqui, seu traçado, estabelecendo-se sobre uma área plana, difere dos anteriores, afastando-se do modelo cidade-jardim e adquirindo um desenho clássico, mas - ao contrário dos demais - não foi implantado.

Nesses projetos de Vieira para cidades novas no norte paranaense reaparece a presença do capital britânico deixando sua marca no território. Também aqui seus representantes, capitalistas investidores em matas virgens, ou em terrenos vazios de uma cidade em expansão, articularam-se em empreendimentos urbanizadores, empreendendo a realização do que foi um dos maiores planos de colonização promovido por uma empresa privada no Brasil. Dentre as características da rede urbana criada pela *Companhia de Terras Norte do Paraná* destaca-se a construção de cerca de 40 cidades, por meio de um planejamento em âmbito regional que foi pioneiro inclusive para a Europa ou EUA, e que claramente revela forte influência das concepções do *"town and country planning"* formuladas pelos urbanistas ingleses.

Com os planos de Vieira para Maringá e Cianorte, teremos a realização de duas cidades-jardins na floresta atlântica, destoando do padrão urbanístico adotado para as demais cidades e patrimônios que aquela companhia colonizadora implantava. Como no caso de Londrina, com seu plano com um traçado em xadrez tradicional, apesar do nome e do traçado conforme *"Trafalgar Square"* de uma das praças da cidade revelar a influência inglesa presente em outros vários aspectos da ocupação do norte do Paraná. Tal processo de colonização para fins agrícolas - a idéia inicial era a produção de algodão para abastecimento das indústrias inglesas, e a extração de madeiras nativas, mas o café revelou-se mais lucrativo - esteve diretamente associado à expansão de uma ferrovia que se articulava com São Paulo e Santos. Possibilitando o escoamento da produção e, ao mesmo tempo, o fornecimento de gêneros diversos e mão de obra, a ocupação do território teve um caráter linear, ao menos em um primeiro momento, como observa Pierre Mombeig *(1984)*, para depois adquirir uma configuração em rede.

Um dos aspectos mais interessantes das cidades de colonização do norte paranaense é o fato de poder ser considerada uma experiência pioneira de planejamento urbano

em escala regional. Uma das características da rede urbana criada pela Companhia de Terras Norte do Paraná foi a hierarquização das várias cidades, constituindo cidades-polo e cidades satélite, de porte variável, ao longo de uma linha férrea – a Estrada de Ferro São Paulo – Paraná. As concepções do *"town and country planning"* inglês na configuração territorial da rede de cidades da CTNP, por esta ter adquirido uma forma linearizada em função da ferrovia – ao menos em uma primeira etapa da ocupação regional – de um certo modo se fundiram com as propostas de cidades lineares que eram difundidas desde o fim do século XIX por Soria y Mata e que tinham adquirido forte ressonância nas propostas soviéticas de fins dos anos 1920, com Miliutin e outros.

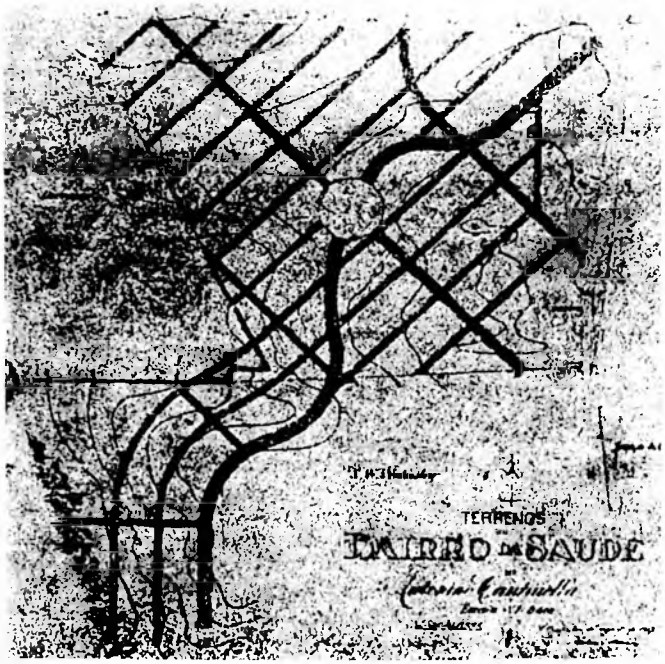
Se, entretanto, como observou Mombeig, *"provinham da uniformidade dos sítios a monotonia da paisagem urbana e a repetição constante do mesmo plano de cidades" (op.cit., p.343)*, a CTNP adotou, ao menos para duas das suas cidades, um traçado conforme o tipo *"garden city"*. Em Maringá e Cianorte, teremos, portanto, um desenho diferenciado em relação às demais cidades da CTNP. Com seus amplos parques - em relação a eles assim se refere o Eng. Jorge de Macedo Vieira: *"eu projetei aqueles parques com o seguinte sentimento: de mostrar às gerações que viessem depois, quando a cidade estivesse construída, o que era Maringá antes da cidade" (em depoimento dado à Secretaria de Cultura de Maringá, em 1972)* - que, além de garantirem a preservação das cabeceiras dos córregos que cruzam a cidade, oferecem à população o fragmento testemunho da exuberante mata que as antecedeu, essas duas cidades apresentarão características ambientais e urbanísticas excepcionais em relação ao padrão médio das cidades brasileiras de mesmo porte.

O depoimento dado pelo Eng. Vieira a respeito de seu plano para a Cidade de Maringá é esclarecedor de suas intenções. *"... eu pretendi, não sei se consegui, projetar uma cidade moderna, uma cidade em que o traçado das ruas não obedecia o xadrez que os portugueses ensinaram aqui (...) consegui um processo melhor, que é o de acompanhar o terreno o mais possível, (...) a cidade já pré-traçada, num zoneamento estudado com seus parques, seus lugares de lazer (...) uma cidade completa, com todos os predicados de uma cidade moderna." (op.cit.)*. Tratava-se, sem dúvida, de criar uma cidade moderna no sentido substantivo do termo, isto é, com uma forma diversa daquela das cidades tradicionais. A não adoção do traçado em xadrez e a adequação à topografia do sítio foram, no plano dessas cidades, associados a um zoneamento funcional rigoroso, que definia com precisão as áreas residenciais e industriais, bem como delimitava o centro cívico e de comércio e serviços, além do aeroporto, que, em Maringá, tem uma localização e área privilegiadas.

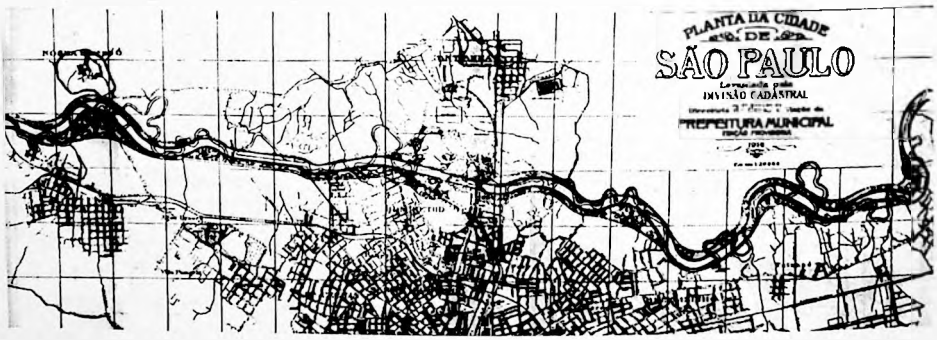
Se observarmos as plantas das Cidades de Maringá e Cianorte nos damos conta que, à maneira de Goiânia, que veremos a seguir, suas áreas centrais são concebidas de modo clássico, sempre articulando, a partir de um eixo principal, a estação ferroviária com o centro cívico propriamente, junto ao qual vão se implantar os edifícios

administrativos. Por outro lado, nesses projetos de Vieira, apesar de se levar em conta a movimentação do relevo, o traçado das ruas é feito conforme um desenho acentuadamente geométrico que faz a concordância entre retas e curvas. No caso da Cidade de Maringá, assim se refere o geógrafo francês, ao descrever sua ocupação inicial: *"Na clareira recentemente aberta, manda o loteador que se tracem depressa algumas ruas, desembaraçando-as dos troncos de árvores que ainda juncam os lotes, cuja venda logo começa. As primeiras casas, feitas de tábuas, são mais ou menos bem esquadriadas, indicando a futura grande rua, geralmente a estrada. Em março de 1946, a aglomeração de Maringá se compunha de uma vintena de casas, irregularmente escalonadas de cada lado da estrada de Apucarana a Paranavaí, e espalhadas em duas ruas perpendiculares. A mata cercava Maringá de todos os lados e à sua beira descobriam-se desbravadores urbanos. Não tinha ainda a Cia. Norte do Paraná oficialmente aberto Maringá e tolerava que operários da ferrovia, cujos trabalhos começavam, desbravassem por conta própria e construíssem cabanas heterogêneas: abrigos cobertos de palmas, casas de madeira ou de taipa, ranchos de tábuas, erguidas ao acaso em veredas tortuosas, com umas poucas e minúsculas plantações de mandioca, milho e feijão."* (*op.cit.*, p.359)

Não pudemos esclarecer, entretanto, no caso das cidades de colonização do norte do Paraná, os motivos que levaram a CTNP restringir a adoção do traçado cidade-jardim apenas às cidades de Maringá e Cianorte, tendo para isso contratado os serviços de um engenheiro formado segundo o urbanismo que Barry Parker desenvolvera para os bairros da Cia. *City*, em São Paulo. Inúmeras foram as ressonâncias das concepções de "cidade-jardim", subúrbio-jardim", ou "bairro-jardim" nas cidades brasileiras a partir dos anos 1930. Reunimos aqui algumas dessas manifestações, sem pretender esgotá-las, mas que nos parecem suficientes para demonstrar que suas influências em propostas para as cidades brasileiras, e portanto, na configuração de suas paisagens, não foi desprezível.

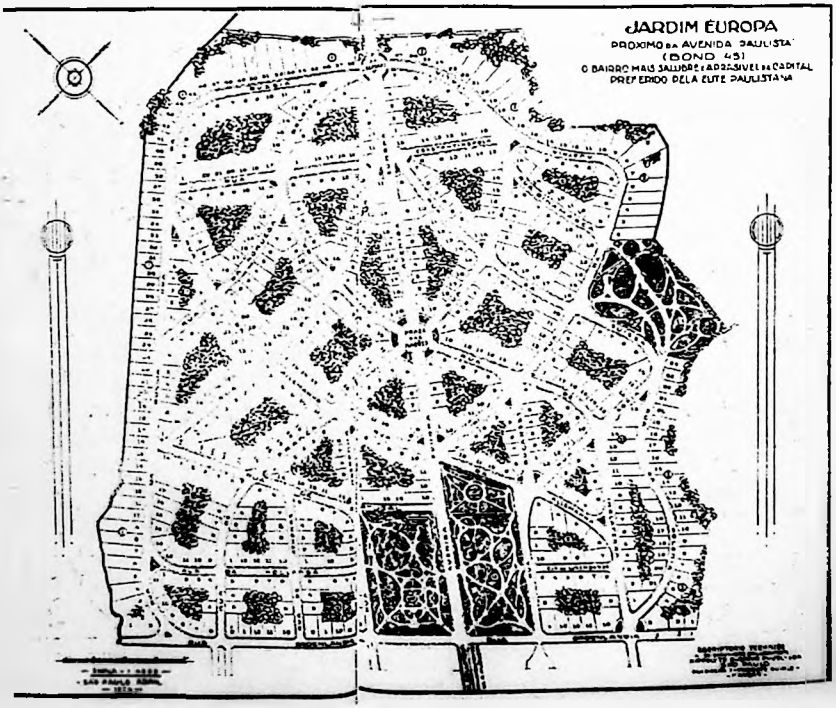


|Fig. 5.01| Loteamento residencial em São Paulo, 1917



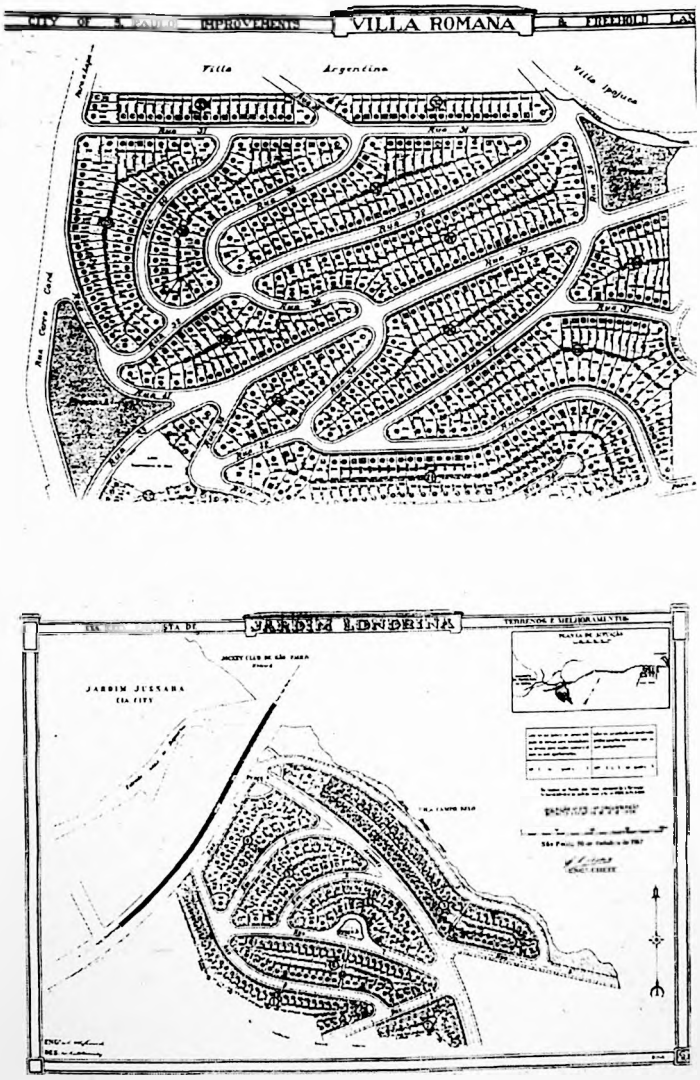
|Fig. 5.02| Eng. Ulhôa Cintra, projeto de melhoramentos do Rio Tietê, 1923

|Fig. 5.03| Eng. Prestes Maia, plano de circuito de avenidas e parques em São Paulo, 1930.

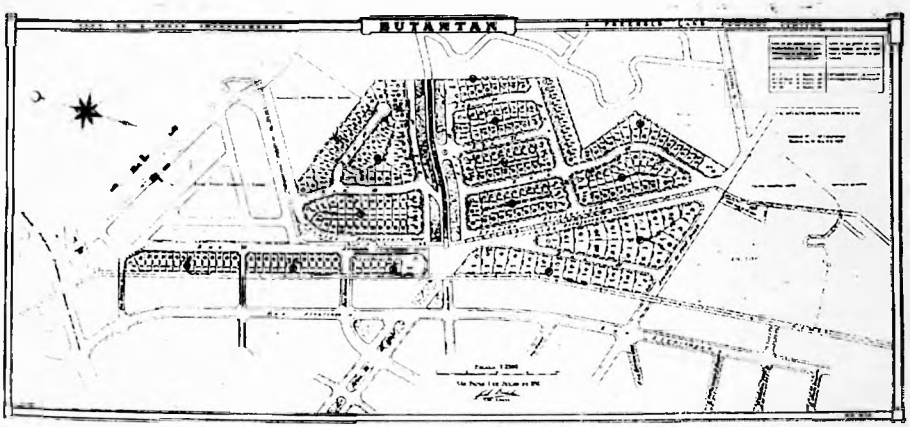


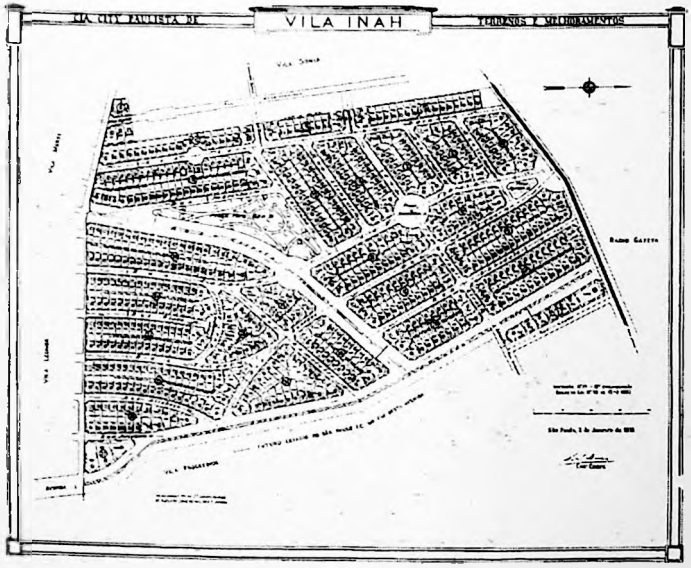
|Fig. 5.04| Eng. H. G. Pujol, plano original do Jardim Europa, em São Paulo, 1924

|Fig. 5.05| Planta do Jardim Europa, em São Paulo, sem os parques e jardins internos

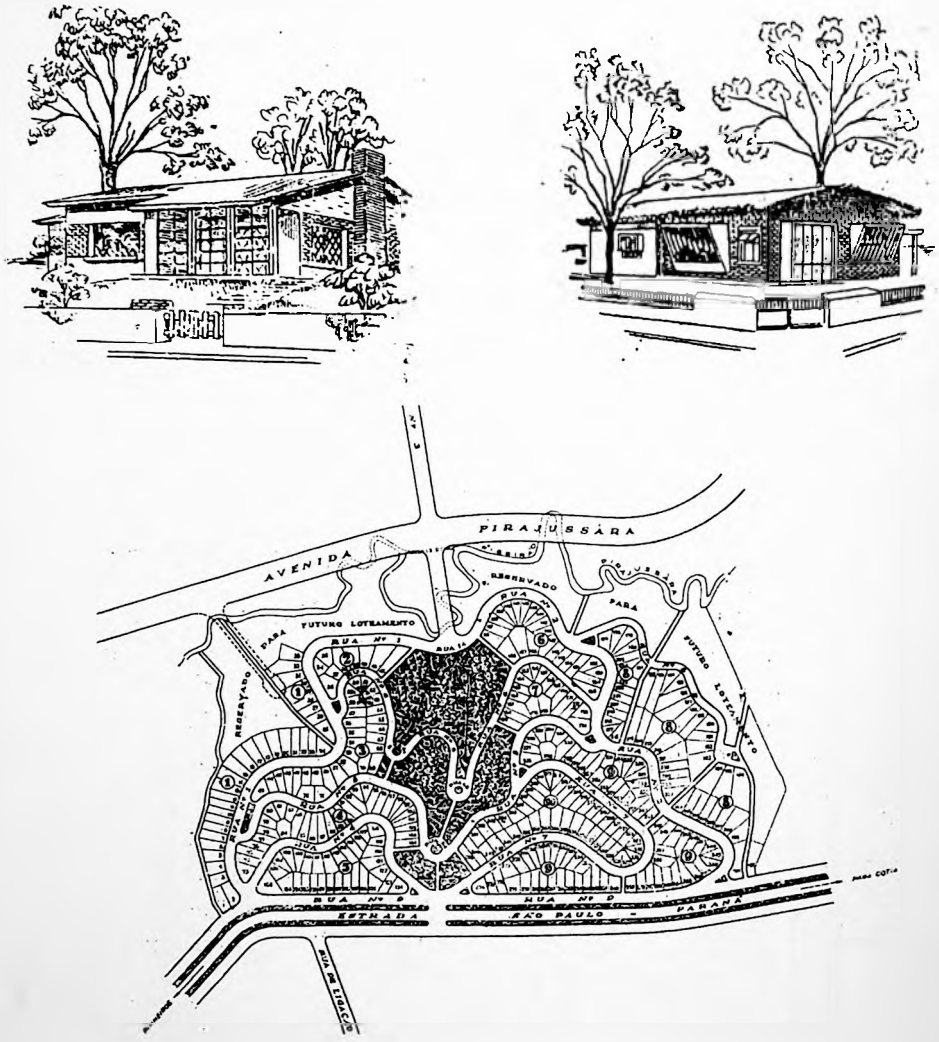


|Fig. 5.06| Planos de loteamentos da Cia. City (Arquivo da Cia. City)



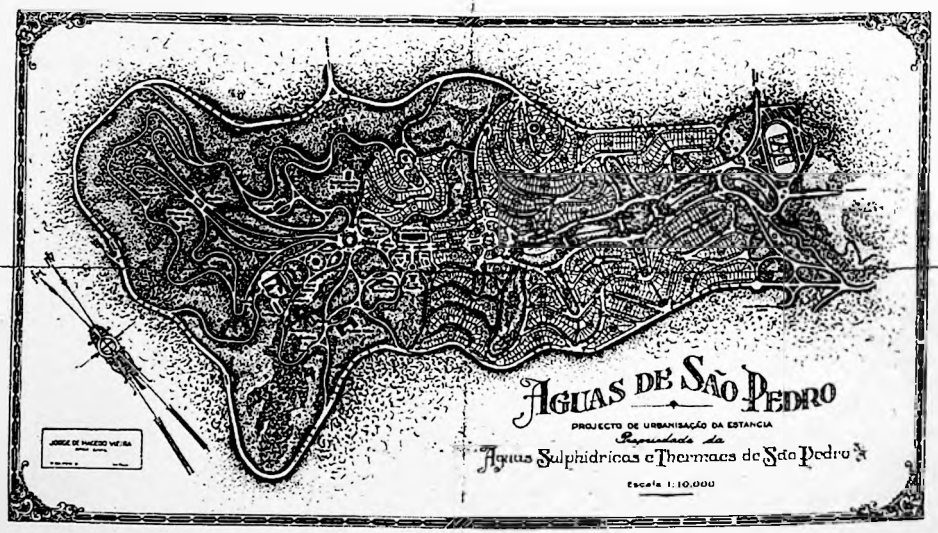


|Fig. 5.07| Planos de loteamentos da Cia. City (Arquivo da Cia. City)



|Fig. 5.08| Eng. Jorge de Macedo Vieira, casas e plano de loteamento residencial em São Paulo, c.1925

Fig. 5.09 | Eng. Jorge de Macedo Vieira, plano de loteamento residencial em São Paulo, 1938



|Fig. 5.10| Eng. Jorge de Macedo Vieira, plano do balneário Águas de São Pedro (SP), c.1940

|Fig. 5.11| Eng. Jorge de Macedo Vieira, plano da Cidade de Maringá (PN), 1947

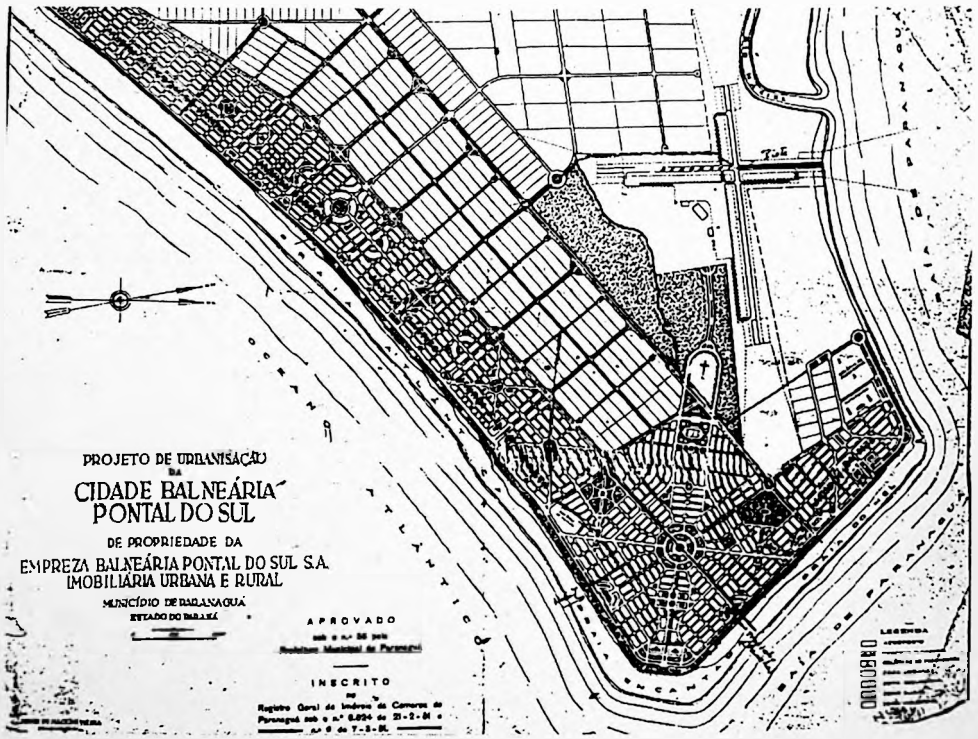


Fig. 5.12 | Eng. Jorge de Macedo Vieira, plano do balneário Pontal do Sul (PN), 1951.

[Fig. 5.13] Eng. Jorge de Macedo Vieira, plano da Cidade de Cianorte (PN), 1955

5.2 a idéia de cidade-jardim no urbanismo moderno no Brasil

De fato, a idéia de cidade-jardim já tinha sido difundida na Capital do País desde pelo menos a conferência que Agache fez sobre o tema em 1927. Assim, antes de analisarmos mais de perto o projeto de cidade jardim de Amaral, vejamos o que disse a respeito o urbanista francês, que trouxe, por vertentes distintas daquelas de Barry Parker em São Paulo, a mesma concepção de Howard, para a Cidade do Rio de Janeiro. Trata-se da terceira conferência de Agache, a convite do então Prefeito, Antonio Prado Junior, filho do Conselheiro Prado, que tem como título " *'Cidades-Jardins' e 'Favelas'* ". Lemos no sumário de seu conteúdo: *"As cidades-jardins são pequenas aglomerações-satélites criadas perto de grandes centros e completamente autônomas, cuja extensão é restrita, sendo limitado o número dos seus habitantes. Possuem, como indica o nome, muitos jardins públicos e particulares, e a sua organização é estudada sob o ponto de vista social, formando uma entidade completa. A 'favela' é também uma espécie de cidade-satélite de formação espontânea, que escolheu, de preferência o alto dos morros, composta, porém, de uma população meio nômade, avessa a toda e qualquer regra de higiene" (1930, p.20).*

O contraponto e a aproximação feita por Agache entre a favela, fenômeno tipicamente carioca na época, e a cidade-jardim, solução que parecia resolver as contradições das metrópoles capitalistas - permitindo, como dizia Agache, *"ao urbanista*

dar plena liberdade às suas faculdades de imaginação, organização e composição" (op.cit., p.22), é bastante curiosa. Mas, por outro lado, nos revela o modo como um urbanista estrangeiro via a Cidade do Rio de Janeiro em fins dos anos 20, reconhecendo a favela como solução das camadas populares e dando-lhe preferência em relação a outros tipos de assentamento. *"Para o urbanista, é preferível que um morro seja ocupado por uma população meio nômade, como a das favelas, a que seja sobrecarregado pelo excesso de residências ricas, como se observa em Santa Thereza. Sobre essa montanha existem, de fato, importantes e opulentas construções, porém disseminadas sem método, umas com as suas vistas interceptadas por outras, a maior parte das quais oferecem difícil acesso. Urbanizar-se-á facilmente a cidade nos pontos onde existe a favela, sendo quase impossível achar uma solução para Santa Thereza" (id.ibid.).*

Em sua conferência, Agache classifica a cidade-jardim do tipo Ebenezer Howard como o melhor exemplo de cidade satélite planejada - ao contrário da favela, que seria uma cidade satélite espontânea - e ambas como uma alternativa às cidades que crescem de modo tentacular, a partir de um núcleo central original. Retoma os mesmos argumentos de Howard sobre as vantagens e desvantagens do campo e da cidade, faz um breve histórico das realizações de Letchworth e Welwyn, valorizando seu caráter cooperativo e a concepção de solidariedade em que se fundavam, lembrando suas influências na França, presentes nos *"banlieues-jardins"* ao redor de Paris e nas 60 cidades construídas pela *"Companhia de Estradas de Ferro do Norte"*, cobrindo toda uma zona do País. De qualquer modo, trata-se de um claro elogio às concepções de Howard, de que resultam um *"urbanismo superior"*.

Não deixemos de mencionar, porém, como um projeto pioneiro no Estado do Rio de Janeiro, conforme o tipo *"garden city"*, ainda em 1921, o projeto de uma vila operária a ser construída em Niterói, para a *Companhia Comércio e Navegação*, elaborado pelo engenheiro-arquiteto Angelo Bruhns (fig. 5.14) O desenho da planta geral do assentamento se aproxima das soluções tipo *"company town"*, com um subúrbio-jardim vinculado a uma fábrica, com habitações em pequenos blocos, praças e outros melhoramentos. Vale lembrar também que, em 1929, no Rio Grande do Norte, o arquiteto italiano Giacomo Palumbo (1891-1966) desenvolve o plano para a Cidade de Natal, em que propõe a criação de um bairro jardim *"na zona hoje conhecida pelo nome de Limpa" (Miranda:1981, p.120)*. Tratava-se do projeto (fig.5.15) de uma *"cidade recreio"*, ao qual se vinculava *"a construção de um bulevar de contorno partindo da cidade baixa, perto do caes do porto, marginando a princípio o rio Potengy, depois contornando a cidade jardim, e por fim, marginando o Oceano até as praias do Meio e de Areia Preta" (id.ibid.)*. Tendo se radicado no Rio de Janeiro, a partir de meados dos anos 1930, Palumbo - que irá colaborar em outros projetos tipo *"garden city"* - fará um plano de urbanização para uma área no Recreio dos Bandeirantes, na Barra da Tijuca, à maneira de um subúrbio-jardim (fig.5.16).

Em outubro de 1931, Armando Augusto de Godoy, engenheiro da Prefeitura do Rio de Janeiro, que tinha sido assistente de Agache na elaboração de seu plano para aquela cidade, redige um pequeno texto com o título *"A cidade-jardim" (1943, pp.133-140)*, no qual tece considerações a respeito da cidade moderna. Godoy havia visitado as cidades-jardins de Suresnes e Robinson (sic), na periferia de Paris, construídas por iniciativa oficial, e tinha ficado admirado com tais empreendimentos que atendiam satisfatoriamente a famílias de trabalhadores. Ele chama a atenção para a *"reação benéfica"* que se operava contra a perda de contato entre o morador da cidade e os elementos naturais, por meio da criação de parques e jardins nas *"grandes urbs"* européias e norte-americanas. Dessas tendências que assinala, Godoy vê surgir a cidade-jardim como *"a mais perfeita e a mais completa criação urbanista da época que atravessamos" (op.cit., p.137)*, que ele *"filia ao surto industrial dos tempos modernos" (id.ibid)*, portanto, à Inglaterra, na qual aquela solução urbanística primeiro surgiu.

Mas, como Agache, Godoy destaca os aspectos sociais da cidade-jardim, vinculando sua concepção ao movimento pela melhoria dos alojamentos de operários. Assim, o principal fim da cidade-jardim seria *"dar abrigo às classes pobres, proporcionando-lhes todo o conforto moderno e permitindo a vida de família nas melhores condições possíveis" (p.138)*. Godoy ainda destaca que Howard era contra habitações coletivas, *"tão prejudiciais à vida e ao recato das famílias"* (*id.ibid*), bem como *"casas de bebidas e diversões que pudessem ser nocivas à educação e à formação moral dos habitantes"*, reiterando a postura e o discurso moralista do publicista inglês autor da concepção de cidade-jardim. O assistente de Agache encerra seu texto fazendo referência a Raymond Unwin - *"que é hoje na Inglaterra a maior autoridade em assuntos de urbanismo" (p.139)* - e a Letchworth, louvada como modelo exemplar, no qual, *"graças às excelentes condições de vida a mortalidade é mínima, os habitantes gozam boa saúde, são assíduos ao serviço, fazendo jus aos seus salários, pelo que produzem e não se metem em greves"* (*id.ibid*).

Ainda que divulgado de maneira mais ampla apenas a partir de 1943, quando Godoy publica seu livro em que reúne pequenos ensaios redigidos ao longo dos anos 30, seu texto não vai muito além da conferência de Agache em 1927. A concepção howardiana de cidade-jardim é reiterada como solução para o problema da habitação operária, onde as exigências higiênicas, de conforto e morais - daí o isolamento e afastamento das casas e a proibição de habitações coletivas e bares - eram fundamentais. Por outro lado, Godoy já apontava as influências que Letchworth exercia em diversas cidades, bem como na expansão de outras, *"determinando o aparecimento de bairros-jardins, já havendo, disso, interessantes exemplos entre nós" (op.cit., p.140)*. Ao concluir seu breve ensaio, o urbanista revela suas preocupações com os usos da idéia de cidade-jardim segundo interesses especulativos, e acusa: *"Dê-se outro nome a tais explorações, menos o de cidade-jardim, criação altruística, cujo principal objetivo foi contribuir para*

se resolver a questão social, proporcionando às famílias proletárias moradas com todo o conforto moderno." (*id.ibid*).

No mesmo ano de 1931, em que Godoy escrevera seu texto, o engenheiro civil Zozimo Barroso do Amaral publica *O projecto de construcção de uma cidade jardim nas margens da Lagoa Rodrigo de Freitas* (figs.5.17 e 5.18), resultado de estudos que ele realizava desde 1921, em que propunha o aterramento de quase 20 % da área da Lagoa Rodrigo de Freitas (c. 400 mil metros quadrados), entre os morros dos Cabritos e Cantagalo, transformando a Praia Funda em um bairro com ligações fáceis com outros da zona sul carioca. Como afirmava em seu pequeno livro: *"O bairro a ser al construído, com todos os requisitos de estética e de conforto, representaria essa criação moderna de urbanismo que se denomina 'Cidade Jardim', criação tão espalhada na Europa e nos Estados Unidos e já esboçada em São Paulo, mas ainda desconhecida no Rio de Janeiro" (1931, p.5).*

É possível mesmo que a proposta de Amaral tivesse recebido influências das idéias divulgadas por Agache e Godoy, de qualquer modo tratava-se de um claro empreendimento imobiliário. Recuperava um local insalubre, já começando a ser ocupado por uma favela, mas muito bem localizado, valorizando-o e a seu entorno, ao mesmo tempo que oferecendo um novo bairro para atender a expansão populacional da cidade, e ainda contribuindo - como argumentava na defesa de sua proposta - *"para o problema social, dando colocação a numerosos operários sem trabalho" (op.cit., p.11).* Em troca da concessão dos terrenos ganhos à lagoa, os autores da proposta - Amaral como engenheiro civil, e o Sr. Francisco Marques, como capitalista - se comprometiam em realizar várias obras de circulação viária, doar metade da área total, com ruas, avenidas, jardins e parques, e um terreno para construção de um grupo escolar, à Prefeitura, além de pavimentar todas as vias e construir um porto para esportes aquáticos.

Pretendendo satisfazer a *"todas as exigências de arquitetura urbanista moderna"*, assim é descrito o projeto: *"A disposição das avenidas, ruas e praças obedece às modernas condições de circulação, higiene e conforto. Apenas transposto o corte que vai ser aberto no morro do Cantagalo entra-se em uma majestosa Avenida com 40 metros de largura e 1000 metros de extensão tendo de cada lado uma fila de Palmeiras imperiais e uma outra linha de árvores de ornamentação e sombra; esta é a principal via de tráfego que dá ao conjunto da cidade um cunho original e altamente artístico. Numa extremidade desta artéria mestra, na margem da Lagoa será construído o porto para esportes aquáticos; na outra extremidade, isto é, logo à saída do corte do Cantagalo, será situado o grande parque e jardim público, projetados de acordo com os princípios modernos da arquitetura de Jardins. A rede das ruas, adaptando-se harmoniosamente à Avenida Epitácio Pessoa, que é a artéria que acompanha todo o perímetro da Cidade Jardim, formando a sua avenida circular externa, dá ao conjunto as características estéticas e práticas das Cidades Jardins." (op.cit., p.30)* A proposta é bem aceita por

Agache que, em parecer escrito a respeito, a elogia e compromete-se, com pequenas alterações, incorporá-la a seu plano de remodelação da Cidade *(op.cit., p:41)*, mas não lhe faltarão críticas também.

Outras ressonâncias da proposta de cidade-jardim surgirão no Rio de Janeiro ao longo dos anos 30. Em 1932, Victor Dubugras projeta dois conjuntos residenciais na Capital Federal. Um com casas isoladas implantadas ao longo de uma encosta, denominado *"Canadá Garden City"* (fig.5.19), e outro na Vila Isabel, chamado de *"Cidade Jardim" (Reis Filho: 1997, pp. 130-132)*, com sobrados conjugados ao redor de um pátio. Em 1939 é construída a *"Cidade Jardim Laranjeiras"* (fig.5.20) no bairro carioca de mesmo nome, e no lugar da fábrica *Fiação e Tecelagem Aliança*. No reclame desse empreendimento considerado um *"bairro residencial aristocrático"*, publicado pela *Revista da Semana (apud Abreu: 1988, p.101)*, destacava-se o traçado acompanhando a forma em anfiteatro do terreno, com o loteamento ocupando um trecho plano do fundo do vale da Carioca e subindo pelas encostas de morros vizinhos - o do Pico de *"Dona Marta"* e o *"Mundo Novo"*. Curiosamente, neste caso, tivemos a substituição de uma antiga fábrica com sua vila para operários, - que marcara desde seu surgimento, em 1886, a paisagem popular do bairro de Laranjeiras - por um bairro-jardim para uma classe mais abastada.

Realizado pela própria companhia têxtil, o empreendimento, cuja valorização nos anos seguintes foi excepcional, previa a abertura de um túnel para comunicação com o bairro de Botafogo, mas que não foi realizada, e incluía uma grande diversidade tipológica dos edifícios, desde prédios de 12 andares, até casas isoladas. Como descreve Simões: *"A planta estabelecia uma zona central atravessada pela rua general Glicério, com seis lotes de cada lado, que correspondem ao bloco de grandes edifícios de apartamentos, de 10 e 12 andares, e em torno dela, com arruamento aproveitando os declives mais suaves e curvas de nível, uma sucessão de lotes, com gabarito permitido entre 3 e 4 andares no máximo. Nessa zona, onde são inúmeros os pequenos edifícios já construídos, notam-se também residências isoladas, em diversos estilos" (p.192)*.

Em 1937, encontramos nas páginas de revistas especializadas dois projetos urbanísticos elaborados pelo Eng. Francisco Baptista de Oliveira, com características claramente influenciadas pelo tipo *"garden city"*. O primeiro deles é o *"Bairro-jardim Dr. José Procopio Teixeira"*, localizado em Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais. O empreendimento, iniciativa de um diretor do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, contava com um zoneamento e inúmeros melhoramentos, como praças, parques e jardins, estes totalizando 14,5 % da área total do empreendimento (ver fig.5.21). Preocupado com os aspectos higiênicos, mas também de circulação, o loteamento tinha ruas com largura de 13m, algumas passagens para pedestres e *"culs-de-sac"*, como podemos observar em sua planta.

Outro projeto de Oliveira é o de um *"Bairro Proletário Modelo"*, da Companhia

Industrial Mineira, também em Juiz de Fora (ver fig.5.22), no qual colaboraram os arquitetos Giacomo Palumbo - que talvez seja um dos vetores de difusão do tipo *"garden city"*, aqui segundo a experiência italiana de que era portador, e Pedro Szidlowski. Mais uma vez um traçado urbanístico conforme tal tipo aparece como solução tanto para a expansão da cidade, quanto para o problema da habitação popular. Neste caso trata-se de um bairro operário ao lado de uma fábrica, contando com um pequeno centro com comércio, igreja, cinema, e praça com coreto e chafariz, além de escola e creche. Como o próprio autor do projeto informa, *"embora não fugindo da característica de bairro-jardim, a área ocupada pelos logradouros públicos, ruas, praças e jardins, está reduzida ao mínimo, o que demonstra o critério econômico com que se projetou este Bairro Popular". (op.cit., p.26).* A distribuição das áreas deste plano é de 21% para ruas e praças, 11% para parques e jardins, e 68% para os lotes. A preocupação com os aspectos higiênicos foi decisiva no traçado das ruas e na implantação das casas nos lotes. Acompanhando a hierarquia da diviisão do trabalho na fábrica, as moradias também são classificadas segundo três tipos - a dos funcionários, a dos mestres e contra-mestres, e a dos operários. As destes, com 56 metros quadrados de área, são casas geminadas duas a duas, com uma arquitetura com características do *"cottage style"* - como um certo regionalismo popular, do qual a pequena varanda é um elemento de composição característico -, mas já apresentando uma simplificação maior da fachada, e uma planta bastante funcional.

O bairro continha 169 casas, das quais 25 isoladas em lotes de 12m X 30m, para os mestres e contramestres, e localizadas na periferia do loteamento. As outras 144 casas seriam geminadas duas a duas, em lotes de 16m X 30m, localizados no interior do assentamento e destinadas aos operários. Os funcionários ficariam em lotes de 13,5m X 27m, fora do bairro projetado. O autor ressalta ter aplicado *"modernos ensinamentos urbanísticos, (seguindo), nas suas linhas gerais, os dispositivos do novo código de obras de Juiz de Fora, recentemente elaborado pelo urbanista Armando de Godoy." (id.ibid., p.26).* Embora com traçados que escapam ao tradicional tabuleiro em xadrez, Oliveira não chega a apresentar um desenho inovador, ou mesmo mais elaborado, como encontramos nas cidades-jardins de Jorge de Macedo Vieira.

Em 1940, Luis Dodsworth Martins publica na revista *Arquitetura e Urbanismo*, *"Um Projeto de Parque de Repouso Semanal nas Montanhas"*, onde propõe uma "vila-jardim" com lotes para casas de veraneio ou repouso, junto à Estação Monte Alegre da Estrada de Ferro Central do Brasil, no município de Vassouras (fig.5.23). Também aqui percebemos no traçado urbano uma clara influência do tipo cidade jardim, como encontraremos em quase todos os planos urbanísticos de estações ou cidades balneárias que se implantarão no País a partir do fim dos anos 30. Em 1942 o Eng. Otacilio Saboia, da Escola Nacional de Belas Artes, projeta o *"Bairro Residencial Autônomo da Chácara do Pires" (1943)* (fig.5.24), que depois veio a ser conhecido como Conjunto do IAPI

"Passo d'Areia", em Porto Alegre, onde também o tipo subúrbio-jardim era assimilado. Neste caso, o campo de futebol é o locus privilegiado do centro cívico, junto a escolas, centro de saúde e puericultura, igreja e cinema, ao redor da praça principal.

Outro loteamento com um paisagismo que se aproximava do tipo bairro-jardim, também situado no Bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, foi o Parque Guinle (fig.5.25), construído no início dos anos 1940. Ao longo de uma rua que os herdeiros do milionário Eduardo Guinle abriram para fins especulativos, nos jardins que cercavam a mansão da família, Lucio Costa projetou seis blocos de apartamentos conforme o tipo *"unité d'habitation"* que Le Corbusier conceberá para Marselha alguns anos depois. Esclarecedora das intenções do projeto é a declaração de seu autor de que *"o Parque Guinle está na origem das superquadras de Brasília"*. Nessa asserção que Costa apõe, no livro de suas memórias, a seu belo croquis do conjunto *(1995, pp.205-213)* talvez esteja uma das chaves para o entendimento do modo como os arquitetos modernos brasileiros incorporaram o tipo *"garden city"* em suas propostas urbanísticas.

Lucio Costa lembra que os Guinle já tinham *"um projeto de prédios de estilo afrancesado para combinar com o palácio" (op.cit., p.205)*. As ponderações de Costa, que é consultado a respeito do projeto, foram no sentido de que tal solução reproduziria, de uma certa maneira, uma relação de dependência do tipo *"casa grande e senzala"*. E sugere *"uma arquitetura contemporânea que se adaptasse mais ao parque do que à mansão" (id.ibid), que resultará no "primeiro conjunto de prédios construídos sobre pilotis e o prenúncio das superquadras de Brasília" (id.ibid)*. Tratava-se portanto do projeto de edifícios dispostos ao longo de uma rua levemente sinuosa que contornava o amplo jardim da *villa* dos Guinle. Costa parece não deixar dúvidas: por serem uma arquitetura moderna poderiam romper com uma relação de dependência tradicional. Por outro lado, a mera inserção de edifícios modernos no *"jardin anglais"* que cercava a mansão senhorial o transformava em parque, para o qual aquela arquitetura era mais adaptada, daí advindo a superquadra. Mas Costa projetou apenas os edifícios, pois o parque e a rua já estavam determinados, com um traçado à maneira *"beaux-arts"* que combinava com o estilo do palácio.

A superquadra parece, pois, surgir como síntese de duas tradições, na qual a arquitetura moderna se impõe, mas ainda de modo incompleto, atingindo apenas em Brasília sua plenitude como solução para as áreas residenciais da cidade contemporânea. De qualquer modo, a rua, agora com os prédios de seis andares alongados e soltos do chão, dissolvendo o lote, tornava-se apenas uma via de acesso para veículos, definindo um outro modo de apropriação do solo pelo passeante. E, embora os proprietários tenham construído apenas dois dos edifícios projetados por Costa, alterando o projeto na área restante, alguns anos depois o parque torna-se público e o palácio passa a ser propriedade do Governo estadual. Assim, a cidade radiante e verde de Le Corbusier, com seu solo socializado, se concretizava - ainda que parcialmente, e não sem

ambiguidades - em um fragmento da Cidade do Rio de Janeiro.

Em 1932, o Arq. Attílio Corrêa Lima, em seu plano para Niterói publicado pelo Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, com prefácio de Henri Prost, já propusera a cidade-jardim de Piratininga, que deveria ser a Copacabana de Niterói. Diz ele: *"Previmos a cidade construída conforme os princípios de Howard, com todas suas peças, podendo viver por seus próprios meios, e com uma população limitada a 20 mil habitantes" (1932, p.74).* Concluindo a apresentação de sua proposta de cidade-jardim, Lima observa que *"trata-se de um tema bastante delicado, que merece longos estudos para a aplicação no Brasil dos princípios da cidade-jardim adaptando-os ao meio. Ele será objeto de um estudo cuidadoso que nos propomos fazer posteriormente" (op.cit., p.75).* A cidade-jardim proposta por Lima não foi construída, mas o estudo mais aprofundado sobre o tema vai se manifestar no plano que ele elabora para Goiânia, no ano seguinte.

Foi tão somente a partir do plano de Corrêa Lima para Goiânia, de 1933, que teremos o início de um conjunto de projetos de cidades novas, com traçados, arquiteturas e concepções de modos de vida social marcados por formulações teóricas e realizações no quadro das propostas urbanísticas modernas, dentre as quais a de cidade-jardim. Após BH, será Goiânia que revelará um novo projeto urbanístico, ponta de lança na ocupação da região centro-oeste do País, e que terá, como aquela primeira nova capital republicana, uma dimensão político-simbólica acentuada, variável que será potencializada ainda mais com Brasília.

Goiânia apresentará uma clara influência da cidade-jardim de Letchworth, na Inglaterra. Tendo se formado como urbanista junto ao primeiro curso dessa disciplina na França, profundamente marcado pelas idéias de Marcel Poète e pelas concepções e realizações dos membros da *Société Française des Urbanistes*, Corrêa Lima assimilará muitas de suas propostas, dentre as quais a de cidade-jardim.

Com o afastamento de Lima e sua substituição por Armando de Godoy, o plano de Goiânia - em seu setor sudeste - receberá forte influência do subúrbio-jardim de Radburn, projetado alguns anos antes por Clarence Stein, nos EUA. Godoy, que trabalhara na equipe de Agache, na elaboração do plano para a Cidade do Rio de Janeiro, absorverá do urbanismo francês diversos procedimentos e propostas, mas, para dar continuidade ao plano de Lima para Goiânia, adotará a concepção norte-americana de subúrbio-jardim, marcada pela noção de "unidade de vizinhança" e por uma posição privilegiada do automóvel na configuração dos espaços abertos, destinando-lhes maiores áreas de estacionamento e circulação. Portanto, em cada uma das propostas para Goiânia (figs. 5.26 a 5.28), manifesta-se a idéia de cidade-jardim em suas versões inglesa e norte-americana, o que talvez tenha contribuído para a conciliação de soluções urbanísticas distintas aplicadas a zonas diversas da cidade, uma vez que têm a mesma fonte de referência.

Tanto em BH, como em Goiânia e também Brasília - cidades administrativas e capitais construídas por deliberação do poder público, diretamente associadas seja a políticas gerais de colonização das fronteiras agrícolas, ou de expansão para fins geopolíticos, e no bojo de políticas desenvolvimentistas alimentadas por ideologias do progresso e civilizatórias - encontraremos características semelhantes no que se refere às determinações simbólicas de seus traçados. O que lhes atribui um significado político específico, distinguindo-as de outras cidades novas, é sobretudo o desenho de seus centros cívicos. A estes é conferida uma forte monumentalidade, seja através da arquitetura dos edifícios públicos que vão se distribuir ao longo ou em torno de praças e grandes eixos, ou por meio da forma de seus espaços públicos e abertos, com um desenho geometrizado, regular e simétrico, quase barroco, com o emprego de vias estruturais ou diagonais, *"pattés-d'oie"* e praças estelares. A arquitetura dos edifícios públicos, marcada pelo isolamento entre eles, reafirmando a concepção neo-clássica de espaço urbano, variará conforme o estilo da época. É assim que encontraremos prédios ecléticos nos palácios governamentais em torno da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, edifícios modernos no cruzamento das avenidas Goiás com Anhanguera, ou junto ao centro cívico propriamente, em Goiânia, e blocos modernistas alinhados ao longo do eixo monumental de Brasília.

Tal preocupação dos urbanistas com o centro cívico, que pode ser encontrada no memorial de Costa para Brasília, já era explicitada por Lima, ao revelar suas idéias a respeito: *"Da topografia tiramos partido também para obter efeitos de perspectiva, com o motivo principal da cidade, que é o centro administrativo. Domina este a região e é visto de todos os pontos da cidade e principalmente por quem nela chega. As três avenidas mais importantes convergem para o centro administrativo* (fig.5.27), *acentuando assim a importância deste em relação à cidade, que na realidade deve-lhe sua existência" (IBGE 1942, p.48).* Vejamos o que nos diz o mesmo urbanista a respeito do traçado de Goiânia, em relatório datado de 10 de janeiro de 1935. Três são os fatores, para ele, que definem a forma da cidade, quais sejam, a topografia do terreno, ou sua configuração, as exigências do tráfego, já privilegiando aqui o transporte rodoviário, mas não em detrimento da ferrovia, cuja estação mantém uma localização privilegiada, e o zoneamento das atividades. Dividirá a cidade nas seguintes zonas: os centros administrativo - onde vão se localizar todos os principais edifícios públicos, mas não devendo ser local de passagem de fluxos maiores - e comercial, *"onde gravita o comércio, onde a construção é mais densa"*, dispondo de áreas públicas no interior das quadras, e de estacionamentos para veículos; as zonas industrial, rural e residencial, esta subdividida em urbana e suburbana. Repete-se em Goiânia um zoneamento simples, próximo do que Aarão Reis havia proposto para a Capital de Minas Gerais ainda em 1894, mas acrescido de algumas zonas novas, como a de diversões, e a subdivisão da zona industrial em leve e pesada.

Em 1934 o Arq. Lucio Costa projeta a vila operária de Monlevade (fig.5.29), em Minas Gerais, onde percebe-se uma certa influência do tipo norte-americano de *"garden city"*, apesar de sua solução incorporar elementos da tradição de morar brasileira. As memórias do arquiteto a respeito desse projeto confirmam sua filiação, ao citar, na abertura do capítulo em que apresenta sua proposta, os arquitetos paisagistas John Nolen e Olmsted, mas também Roy Nash, com uma frase de seu *The Conquest of Brazil* - *"Construiu-se a aldeia para o convívio e o calor humano"*, sugerindo ser este também seu objetivo primordial no projeto de uma vila para trabalhadores.

Este projeto de Costa é sempre referido menos por sua concepção paisagística, e mais pelo emprego pioneiro que faz do pilotis, para ele *"um dos princípios fundamentais da arquitetura moderna" (op.cit., p.92)*. No caso do projeto em tela a solução do edifício suspenso por pilotis se justificava por diversas razões, das quais se destaca a que procurava uma implantação adequada à topografia do sítio, reduzindo os movimentos de terra e, como afirma Costa, prejudicando *"o menos possível a beleza natural do lugar"* (*id.ibid*). O pilotis, que aqui comparece como meio para atender o *genius loci*, embora ainda não libere totalmente o solo, já promove a elevação do plano das moradias distribuídas ao longo das encostas. O plano de Costa não será realizado, no lugar dele encontramos dois anos depois a proposta do eng. Angelo A. Murgel, que também realiza um traçado conforme o tipo cidade-jardim (fig.5.30).

Mencionemos ainda um exemplo de projeto sob influência da idéia de cidade-jardim que reafirma a incorporação de tal concepção urbanística no âmbito da arquitetura modernista produzida ao longo dos anos 1950. Trata-se da *"Cidade Jardim Eldorado"* (fig.5.31) que o Arq. Sergio W. Bernardes projeta em 1954 para uma empresa particular de importação, exportação e vendas, a Compax, localizada no Município de Contagem, próximo a Belo Horizonte. Concebida para ser um loteamento com conjuntos residenciais auto-suficientes, *"a primeira unidade de vizinhança a ser levantada observando-se as regras do urbanismo moderno"*, como afirma o autor da matéria, foi projetada como *"quatro bairros semi-autônomos convergindo à praça cívica, igreja e centro de esportes"*, possuindo cada um deles uma escola, um cinema e um centro de esportes, e contando toda a área com cerca de 300 mil metros quadrados *"para a instalação de parques infantis e áreas de amenização" (1954, p.17)*. Na capa da revista *Arquitetura e Engenharia*, em que é publicado o projeto acima, a referência à cidade-jardim é explícita, ainda que não merecendo qualquer comentário no editorial. São apresentados quatro esquemas relativos à cidade-jardim: o de Howard sobre o crescimento das cidades, o de Unwin para o plano regional de Londres, com suas cidades satélites, o de Soissons para *"Welwyn Garden City"*, e o de Bernardes para a *"Cidade Jardim Eldorado"*, indicando ser este último o representante nacional da concepção inglesa, ainda que seu traçado revele mais a influência de Radburn. Um último projeto no qual a idéia de cidade-jardim também está presente, ainda que de modo muito particular, é o plano

para Brasília de Lúcio Costa, vencedor do concurso realizado em 1957 (fig.5.32). Mas aqui as ressonâncias já são muito distantes e mediadas, e talvez seja mais fácil identificarmos na noção de *"cidade verde"*, de Le Corbusier, sua fonte mais próxima.

Em livro clássico sobre a história do urbanismo contemporâneo, publicado em 1952, o historiador Pierre Lavedan registra a cidade de Goiânia, em seu capítulo sobre a criação de cidades nos séculos XIX e XX, como última realização de uma longa série em que ele inclui Canberra, Nova Delhi e Rabat, esta última projetada por Prost, o professor de urbanismo de Corrêa Lima em Paris. Todas com um traçado tipo *"city beautiful"*, ou *"beaux-arts"*, conforme identifiquemos filiações mais norte-americanas, ou mais francesas, mas sempre com um claro zoneamento funcional do espaço urbano, essas cidades, ao lado de seu caráter cívico-administrativo, também cumprem funções residenciais e econômicas.

Lavedan chama a atenção para uma característica do desenho urbano de Goiânia, já observado por Francis Violich, em seu livro sobre as cidades latinoamericanas, de 1944. Trata-se do fato dos trabalhos de construção da cidade terem começado pelo aeroporto e não pela ferrovia. Lembra Lavedan que, se por trem levava-se de Goiânia ao Rio de Janeiro, quatro dias, de avião apenas algumas poucas horas. A presença do aeroporto já assinalava, portanto, não apenas a inserção da cidade em uma moderna rede de transportes, a aeroviária, mas também a subordinação de sua forma às estruturas arquitetônicas desse meio de transporte. Ao lado das áreas de parques, o aeroporto constitui a maior área não parcelada em quadras e lotes de todo o plano, determinando um limite preciso à expansão da cidade em seu setor noroeste. Sua proximidade da área urbana - mais próximo ao centro do que a estação ferroviária -, por outro lado, revela a não preocupação, pelo urbanista dos anos 30, com impactos ambientais advindos do tráfego aéreo, talvez ainda pequeno e menos poluente naquela época do que passou a se registrar anos mais tarde.

Lavedan conclui suas observações sobre Goiânia fornecendo as principais referências do plano, sua autoria e características. Apontando Atílio Correia Lima como tendo formação francesa, cujo plano seria modificado em parte *"por um urbanista de formação americana"*, Arturo Godoy (*sic*), ele destaca as três partes em que foi dividida a cidade. *"No meio, o centro político e comercial; ao Norte, na parte baixa, a indústria; ao Sul, na parte elevada, as residências" (op.cit., p.231)*. Assim, se para o centro, Lima havia feito uma composição *"qui rappelle Versailles"*, com as três grandes avenidas convergindo para a praça onde se localizam os edifícios oficiais, para a área sul, com função residencial, a solução que Godoy adota é *"um esquema radio-concêntrico tratado conforme o espírito de Radburn" (id.ibid.)*.

Como sugere Lavedan, conciliam-se, aqui também, modelos urbanísticos aparentemente antagônicos. Passa-se da regularidade clássica do centro cívico, marcado por amplas avenidas, "parkways" e grandes espaços promotores de uma intensa

circulação, para a sinuosidade das vias arborizadas de um bairro residencial, onde "ruas radiais e anulares delimitam os setores que são penetrados apenas por vias sem saída; no interior se fica ao abrigo da grande circulação" *(op.cit., p.231).*

Como elemento comum aos planos das três principais capitais construídas *ex-nihilo*, encontraremos também a concepção de cidade-parque. É o caso do parque no centro de BH, elemento estrutural da trama urbana de uma cidade que chegou a ser chamada de vergel, mais pelo seu entorno florestado, do que por sua fartura de áreas verdes. Com uma delimitação geométrica contrapondo-se a seu desenho paisagistico tipo *"jardin anglais"*, o parque de BH como que enfatiza o caráter lúdico e pinturesco do jardim em oposição à forma ordenada e geométrica das ruas, avenidas e praças. Em Goiânia, a idéia de *"park-way"* é incorporada, acentuando-se ainda mais a arborização das ruas, avenidas e praças, e criando-se amplos parques circundando parte da trama viária, visando-se, claramente, a preservação de áreas de mata. Já em Brasília a idéia de parque confunde-se com a totalidade do espaço urbano, reiterando a concepção corbusiana de cidade verde, com o solo se constituindo como um imenso *"tapis vert"*, sem barreiras, mas também sem ruas, sem esquinas e praças tradicionais, portanto, sem pontos de encontro.

Quase contemporâneo à construção de Goiânia, outro conjunto significativo de cidades novas surge a partir dos anos 1930/40, na esteira da "marcha pioneira" que avançou em direção ao norte do Paraná e à região noroeste de São Paulo, tendo como eixos as ferrovias e trazendo consigo os grandes cafezais no lugar da mata atlântica. Cidades de colonização, diretamente associadas a empreendimentos agrícolas e imobiliários, foram estudadas por Pierre Monbeig em seu *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*, de 1949, que analisa o processo de ocupação humana daquelas regiões.

Em relação a tais cidades novas, vale lembrar as considerações feitas por Bruand em seu livro *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. Na terceira parte, em que trata do urbanismo - tema, sem dúvida, secundário na estrutura de seu texto (menos de 50 páginas de um total de quase 400) - Bruand aborda *"a criação de cidades novas"*. Deliberadamente, o historiador deixa de lado as cidades novas do Oeste do Estado de São Paulo e do norte do Estado do Paraná. Ainda que reconheça a importância geográfica dessa densa rede urbana, argumenta que *"o mesmo não acontece quando se limita o problema ao valor e novidade das soluções propriamente urbanísticas" (op.cit., p.345).* Não nos parece, entretanto, possível se dizer que *"essas aglomerações eram fruto de improvisações rápidas e não de uma planificação cuidadosamente preparada" (id.ibid.).* Muito pelo contrário, o que podemos constatar, no caso das cidades novas do norte do Paraná, é um plano concertado em escala regional, constituindo provavelmente o maior empreendimento territorial e urbanístico de capital privado que se implantou no Brasil. Desse modo, se para Bruand seu interesse vai se dirigir exclusivamente às novas capitais criadas *ex nihilo* - BH, Goiânia e Brasília, uma vez que a sustentação dada a

elas pelas autoridades públicas permitia sua consolidação, não nos parece que a experiência urbanística das cidades novas que ele deixa de lado deva ser desprezada, como vimos nos casos de Maringá e Cianorte.

Outra categoria de cidades novas que será implementada a partir dos anos 1940, adotando o tipo cidade-jardim, é o das cidades balneárias, que vão se distribuir por regiões possuidoras de águas termais, sobretudo no sul de Minas Gerais e nordeste do Estado de São Paulo, o chamado *"circuito das águas"*. Dentre elas, Poços de Caldas, foi pioneira, sendo criada com um desenho que partiu da *tabula rasa*, mais de vinte anos antes de Belo Horizonte. Se durante cerca de quatro décadas, pouco se alterou na configuração paisagística da Cidade, a partir de 1912 a Municipalidade passou a envidar esforços no sentido de melhor aproveitar o potencial turístico que ela continha, diretamente associado às propriedades medicinais das fontes hidro-termais locais e à sua paisagem pitoresca. Ao mesmo tempo em que se reservavam áreas para as fontes, a Companhia Melhoramentos, empresa concessionária que fazia o aproveitamento das águas, deu início à construção do Palace Hotel, que se prolongou até 1928. Neste ano, o Arq. Eduardo Vasconcelos Pederneiras, formado no Rio de Janeiro e discípulo do Arq. Adolfo Morales de los Rios, viaja à Europa para recolher exemplos de arquitetura de spas e planos urbanísticos de cidades balneárias. Ao retornar, desenvolve, até 1930, os projetos do parque, com jardins e vários edifícios, tais como hotéis, coreto, biblioteca e termas, que se encontram até hoje no centro da Cidade.

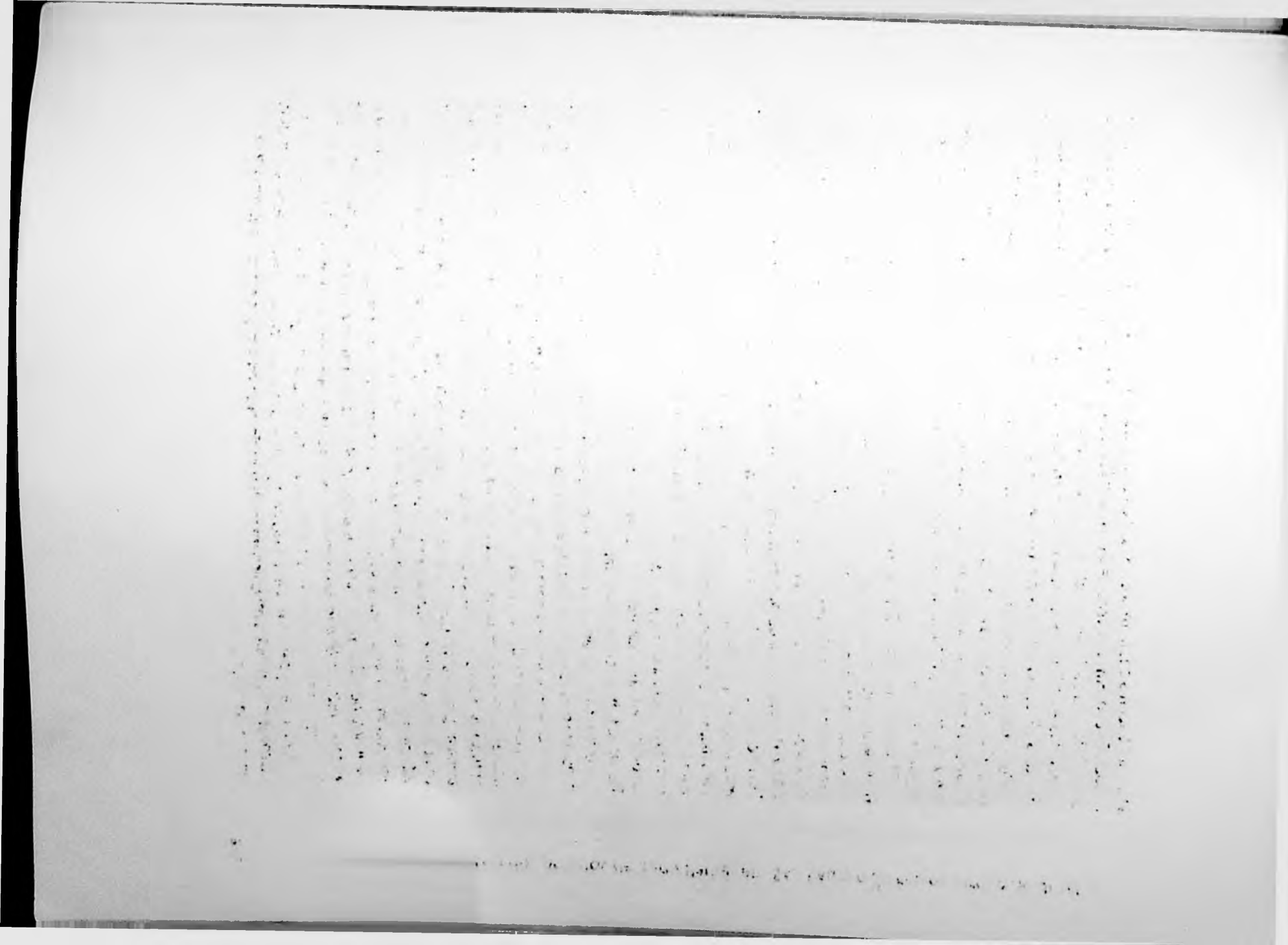
Foi, provavelmente, no bojo de tais iniciativas modernizadoras do balneário, que o arquiteto inglês Barry Parker foi chamado a Poços de Caldas em fins de 1918. Nessa ocasião, o Prefeito de Poços de Caldas era o Eng. Lourenço Baeta Neves, professor de engenharia sanitária na escola de engenharia de BH, amigo de Saturnino de Brito, Victor da Silva Freire e outros engenheiros projetistas de cidades, devendo, portanto, estar a par tanto da reputação profissional de Barry Parker, quanto de sua presença na Cidade de São Paulo. É bem possível, pois, que tenha sido Baeta Neves quem convidou Parker para fazer o traçado urbanístico da área central da Cidade com parques e jardins. De qualquer modo, esta é apenas uma especulação, pois não encontramos qualquer documento que nos comprovasse tal episódio, e sequer algum documento ou registro da passagem de Parker pela Cidade, além de uma correspondência daquele arquiteto inglês fazendo referência a tal fato. Em 1927 o escritório Saturnino de Brito, é contratado para elaboração do projeto de saneamento da Cidade, que ele apresenta em março de 1928, e que será implantado - ainda que parcialmente e com modificações - criando um balneário moderno que terá, até 1946, com a proibição do jogo, pelo Presidente Dutra, seu período áureo de prosperidade.

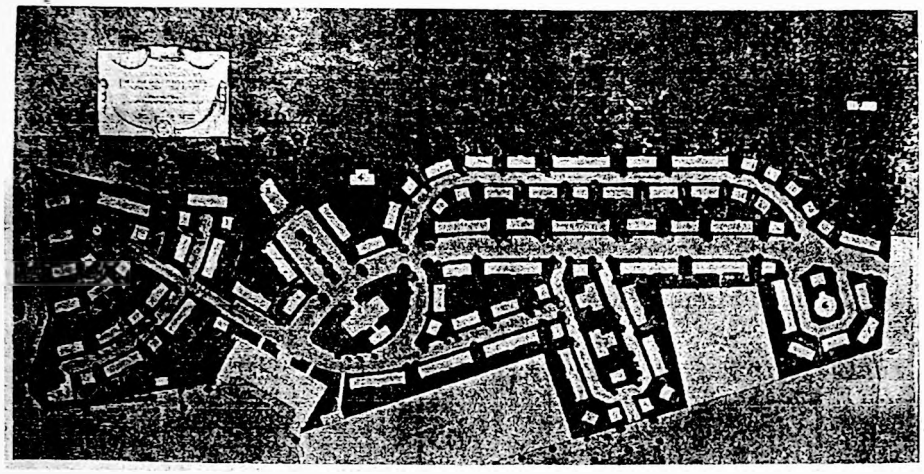
Se com os melhoramentos implantados em Poços de Caldas, em fins dos anos 20, tivemos o início da exploração das cidades balneárias do sul de Minas, que se estenderá para um conjunto de outras cidades junto a fontes termais, foi na Cidade de Araxá que

se implantou uma das primeiras estâncias balneárias que ampliará o circuito das águas daquele Estado. Em entrevista dada ao jornal *A Opinião*, da Cidade de Araxá, publicada em 7 de janeiro de 1933, o então Prefeito Fausto Figueira Soares Alvim, traçava seus planos para a Estância Hidromineral do Barreiro: *"O Estado liquidaria de vez com as questões de terras no Barreiro, corrigindo, no interesse da futura vila balneária, a configuração da área desapropriada. Seria levantada a planta da vila, nas encostas que circundam as fontes. Pela natureza especial desses terrenos, é indispensável proceder-se antes de qualquer construção à abertura das ruas, em seu 'grade definitivo' os lotes seriam vendidos pelo estado por preços especiais, dado os grandes gastos para se rasgarem as ruas."*

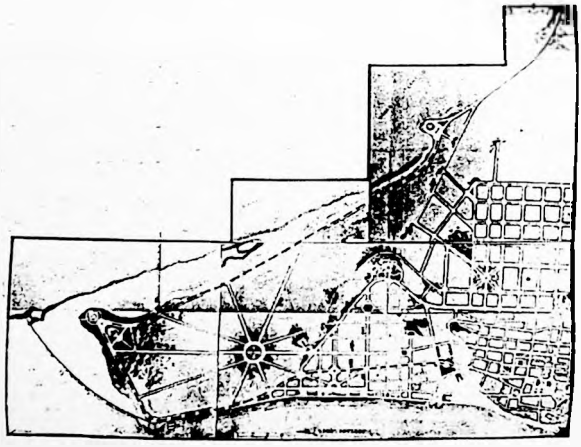
Na perspectiva do político nomeado por Getúlio Vargas em fins de 1930, e que governará a cidade até junho de 1940, quando é então indicado para o cargo de Presidente do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciários - IAPC, tratava-se em primeiro lugar de resolver o problema fundiário, condição para a transformação do balneário em um moderno *"spa"*, à semelhança de Poços de Caldas. Para isso, o Estado deveria intervir desapropriando a área do Barreiro - o que será feito por meio do Decreto nº 11.410, em 1934, e através de um plano, onde para as ruas, como prossegue em sua entrevista o Prefeito Alvim, *"adaptar-se-iam o tipo de 'cidade jardim', só sendo permitidas construções afastadas do alinhamento das ruas em estilo peculiar as (sic) casas de campo"* (grifo nosso). Em abril de 1944 é inaugurado o Complexo Termal contendo o Grande Hotel e Balneário, projetados por Luiz Signorelli, situados em um amplo parque com paisagismo de Burle Marx, em estreita colaboração com o botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto.

Nesse quarto de século, entre os projetos de Goiânia (1933) e Brasília (1957), o Brasil construiu o maior número de cidades novas de sua história. É importante ressaltar que outras cidades também foram construídas *ex-novo* no período abrangido, destacando-se aquelas associadas a projetos de colonização agrícola em áreas de expansão de fronteira, como o oeste de Santa Catarina e do Paraná e a Alta Paulista, além de outras vinculadas a atividades de mineração em outros estados. Bruand menciona ainda as propostas racionalistas feitas, a partir dos anos 1950, para faixas litorâneas, como *"os projetos de Mindlin em Guarujá, de Eduardo Paiva e Carlos Fayet em Porto Alegre, e principalmente o magnífico trabalho do escritório M.M.M. Roberto, que havia imaginado em seus mínimos detalhes um plano piloto regional englobando toda a península de cabo Frio a Búzios" (op.cit., p.345)*. Mas observa que *"na prática, quase todos os estudos ficaram no papel ..."*. Se procuramos com a exposição deste último item, apenas indicar alguns planos onde a idéia de cidade-jardim esteve presente, há ainda um campo enorme para a historiografia do urbanismo no Brasil resgatar e que, acreditamos, poderá contribuir para melhor esclarecer as sendas do urbanismo moderno em terras tropicais.



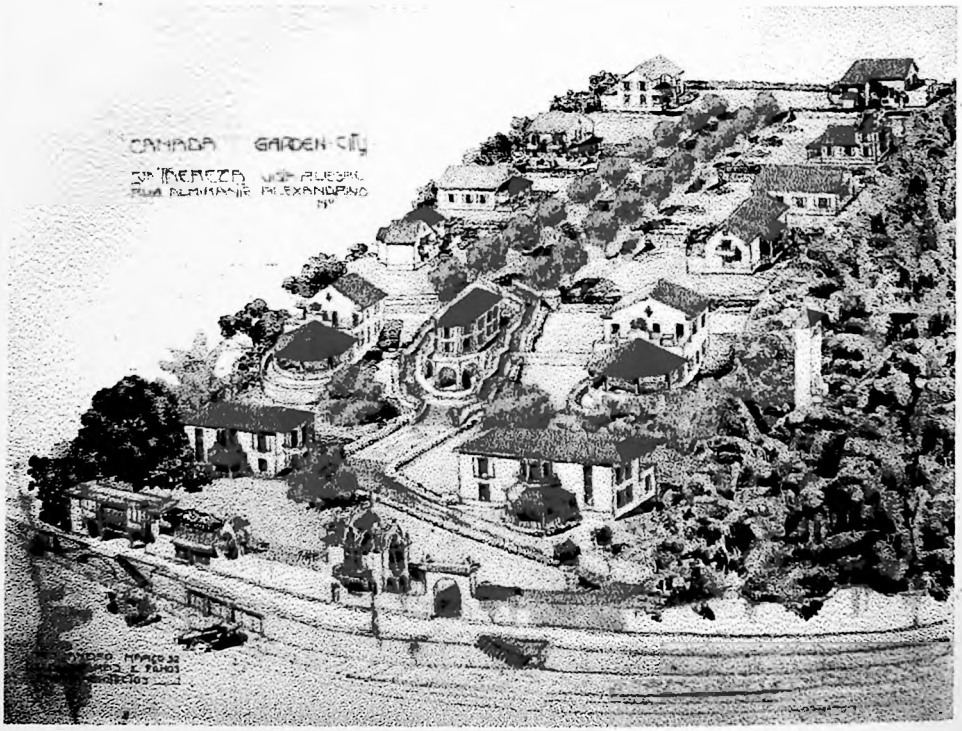


|Fig. 5.14| Eng. Angelo Bruhns, plano de vila operária para a Cidade de Niterói (RJ), 1921



|Fig. 5.15| Arq. Giacomo Palumbo, plano da Cidade de Natal (RN), 1929

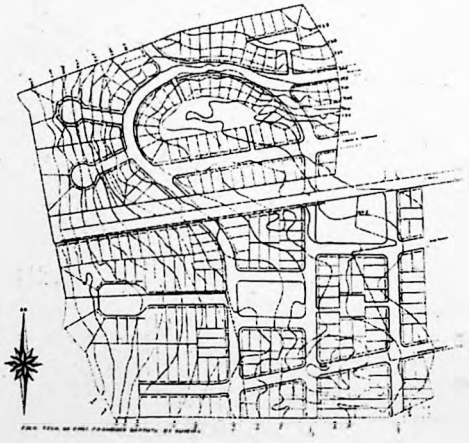
|Fig. 5.16| Arq. Giacomo Palumbo, plano de loteamento residencial para a Barra da Tijuca (RJ), c.1935



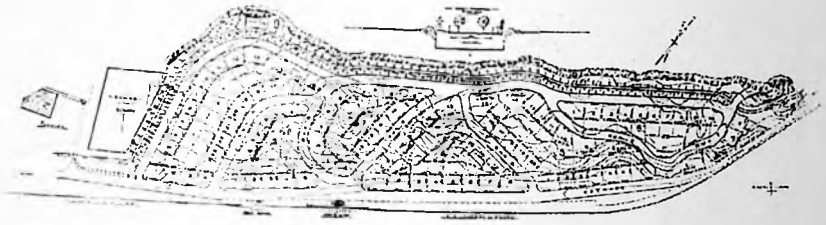
|Fig. 5.19| Arq. Victor Dubugras, desenho de loteamento residencial no Rio de Janeiro, 1932

|Fig. 5.20| Desenho de loteamento residencial no Rio de Janeiro, 1939

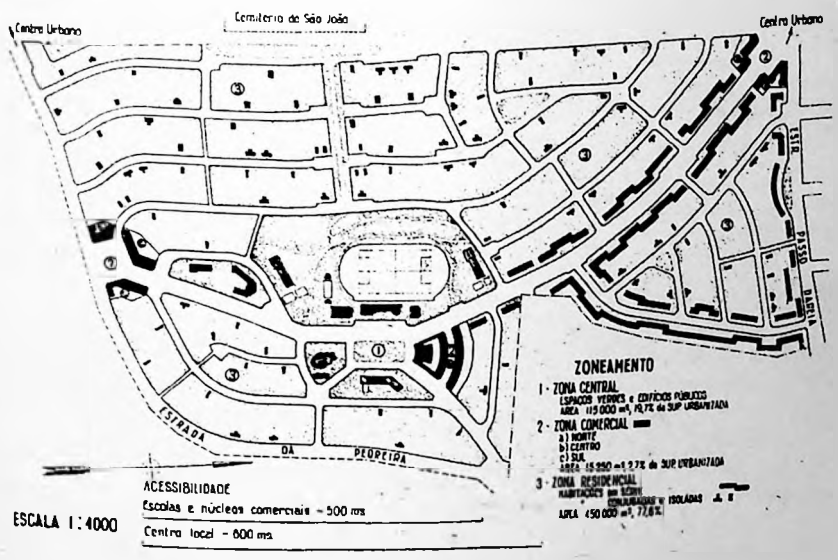
|Fig. 5.21| Eng. Francisco Baptista de Oliveira, Arqs. Giacomo Palumbo e Pedro Szidlowski (colaboradores) plano de loteamento residencial em Juiz de Fora (MG), 1937



|Fig. 5.22| Eng. Francisco Baptista de Oliveira, plano de loteamento residencial em Juiz de Fora (MG), 1937



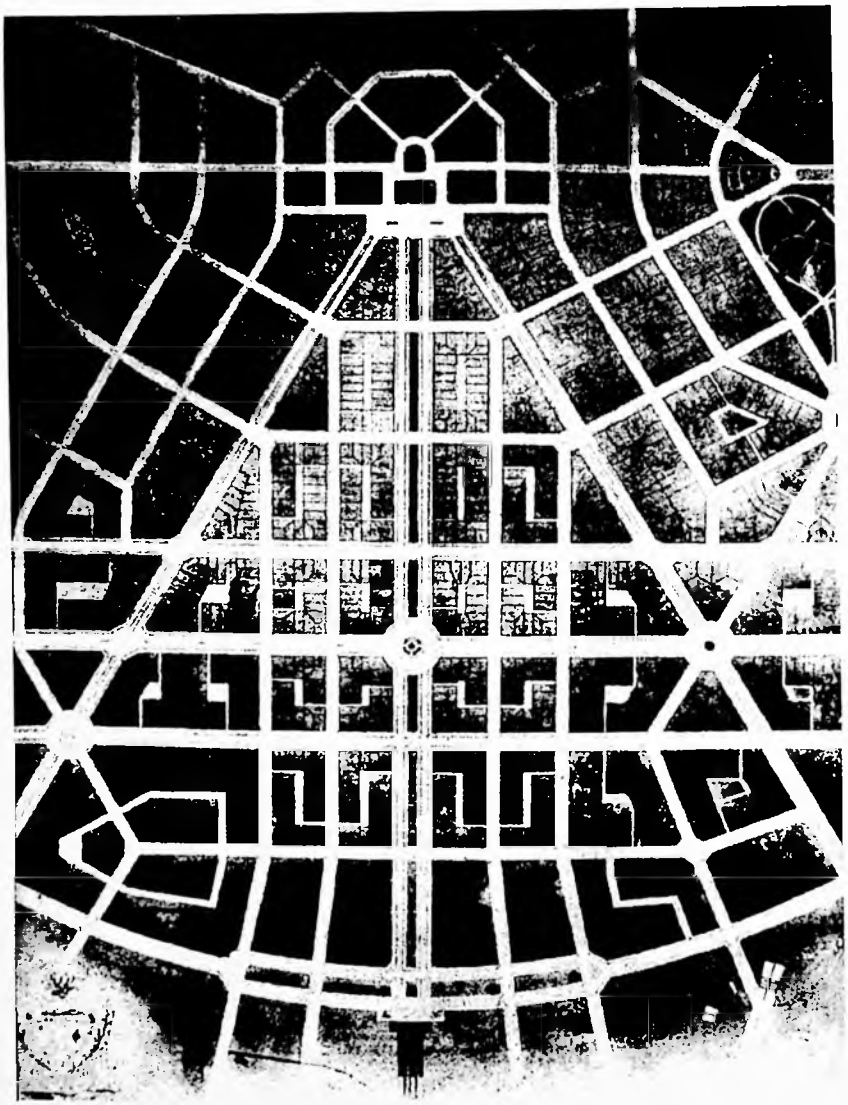
|Fig. 5.23| Eng. Luiz DodsworthMartins, plano de loteamento residencial em Vassouras (RJ), 1940



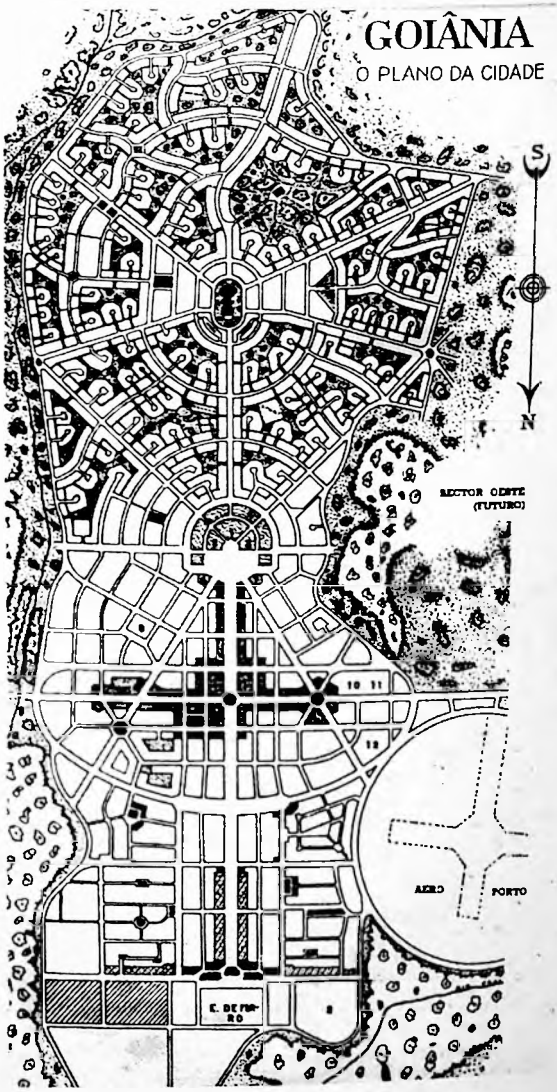
|Fig. 5.24| Eng. Otacilio Saboia, plano de loteamento residencial em Porto Alegre (RS), 1942

|Fig. 5.25| Arq. Lucio Costa, desenhos do Parque Guinle, c.1942

|Fig. 5.26| Arq. Atílio Correia Lima, Plano da Cidade de Goiânia (GO), 1933-35.



|Fig. 5.27| Arq. Atílio Correia Lima, plano do Centro Cívico da Cidade de Goiânia (GO), 1933-35



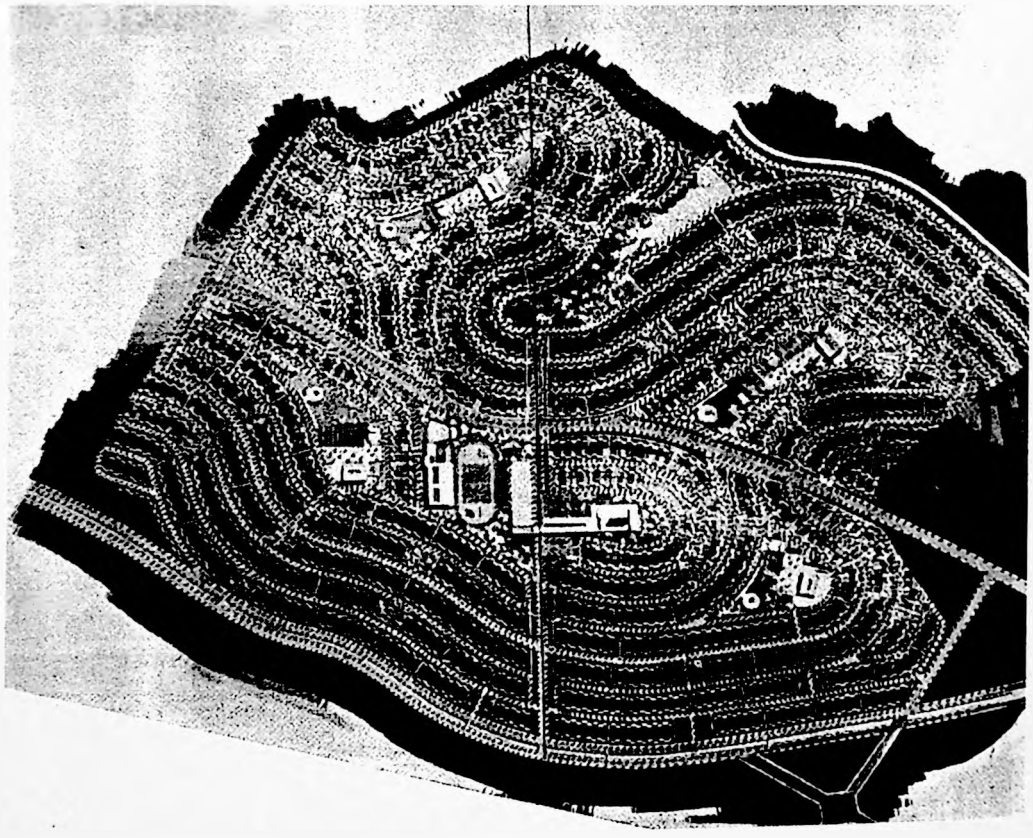
[Fig. 5.28] Eng. Armando de Godói, plano da Cidade de Goiânia, c.1940

|Fig. 5.29| Arq. Lucio Costa, desenho da Cidade de Monlevade, 1934

Fig. 5.30 | Eng. Angelo A. Murgel, desenho e plano da Cidade de Monlevade, 1936.

|Fig. 5.31| Arq. Sergio Bernardes, plano da Cidade Jardim Eldorado, em Contagem (MG), 1954

|Fig. 5.32| Arq. Lucio Costa, plano da Cidade de Brasília, 1957



|Fig. 5.31| Arq. Sergio Bernardes, plano da Cidade Jardim Eldorado, em Contagem (MG), 1954

Fig. 5.32 | Arq. Lucio Costa, plano da Cidade de Brasília, 1957

5.3 De São Paulo a Wythenshawe

No final de seu artigo *"Two years in Brazil"*, Parker menciona ter viajado à Cidade de Poços de Caldas, no sul do Estado de Minas Gerais, para elaborar o traçado de grandes áreas pertencentes à Municipalidade. Registra então que para lá projetou parques e jardins e declara ter ficado contente com o que foi seu último encargo no Brasil, pois lhe possibilitou conhecer o interior do País, registrando, a respeito da paisagem que desfrutou durante a viagem: *"as plantações de café, as florestas tropicais, o cenário de montanhas incultas, fez com que esta viagem jamais pudesse ser apagada da memória" (1919, op.cit., p. 150).* Parker ainda realizou uma excursão ao Rio Verde que também marcou-lhe profundamente, levando-o a concluir seu artigo com o chavão: *"Brazil is a wonderful country and has a great future before it."*

Sua viagem a Poços de Caldas foi provavelmente sua última atividade no Brasil. Em janeiro de 1919, com a guerra já terminada, retorna para a Inglaterra. Como já indicamos, não voltou a estabelecer sociedade com Unwin. A guerra deu a cada um dos sócios um rumo diferente, e de um certo modo contribuiu para a dissolução do escritório. Durante o conflito Unwin engajou-se como projetista de silos de armamentos, ao mesmo tempo que desenvolveu cada vez mais uma atuação profissional voltada à produção pública de habitação social, contribuindo na elaboração da nova legislação a respeito. Parker, por sua vez, tinha deixado a Inglaterra logo após a guerra iniciada. Seguiu, em um

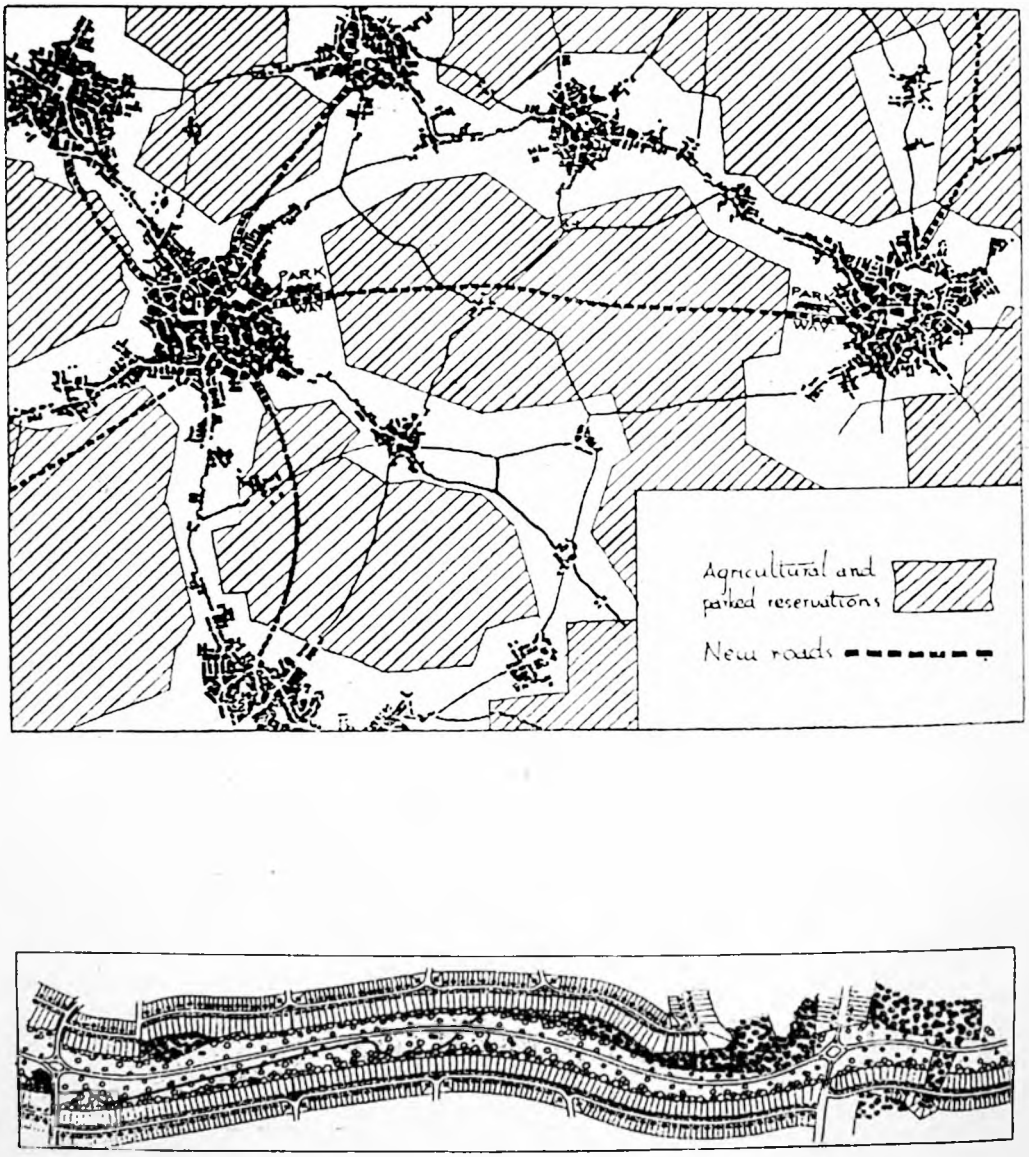
primeiro momento, para Bruxelas, onde realizou alguns projetos de loteamentos, e quando os primeiros combates se estendem aquele país, vai para Portugal elaborar o projeto do centro cívico da Cidade do Porto, visto no capítulo 1. De lá veio para o Brasil, aqui chegando em fevereiro de 1917. Tudo indica que Parker quisesse fugir da guerra, como pacifista que era. Uma vez cessada, retorna a seu País, mas seu engajamento profissional já não seria o mesmo. Claro que a publicação de três artigos seus sobre sua experiência no Brasil, em revistas de arquitetura e urbanismo inglesas, revela a importância que atribuiu a suas atividades nesse País.

Em texto publicado nos *"Papers and discussions of the Town Planning Institute"*, de 1922, intitulado *"Zoneamento para assegurar comodidades"*, Parker menciona a legislação paulistana nas críticas que dirige às propostas de verticalização em Londres. Faz referência, então, às dimensões das janelas paulistanas: *"a apreciação da importância do efeito da luz do Sol, na erradicação de doenças e na promoção da saúde, conduziu as autoridades em São Paulo a prescreverem que a área de janela de todos os cômodos devem ter ao menos um quinto da área do piso, em vez de um décimo, como está prescrito aqui" (1922, p.80).* Menciona no mesmo artigo a simplificação do zoneamento adotado por algumas cidades brasileiras, e que também era seguido na Alemanha, em que a cidade é dividida em apenas em três zonas, a central, a suburbana e a rural. Referia-se, então, à legislação paulistana que estava sendo discutida em 1918.

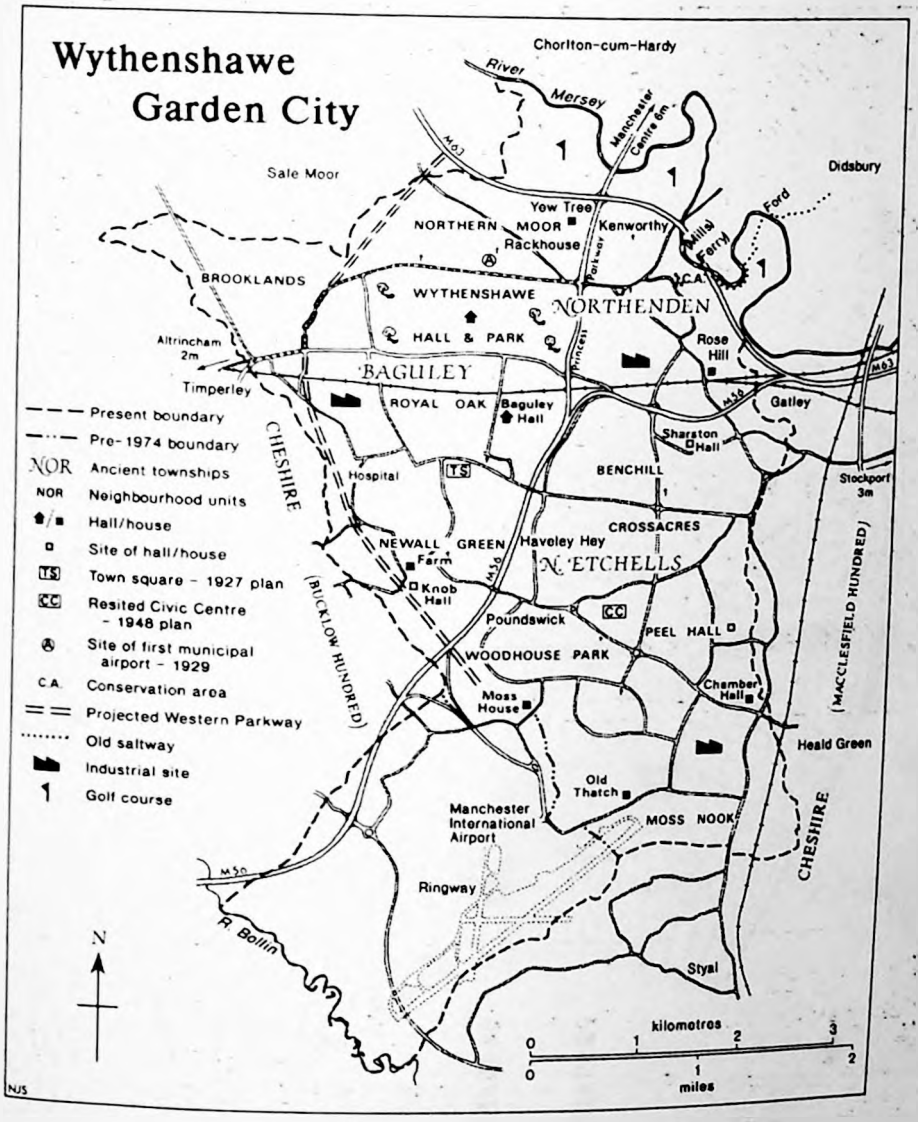
No ensaio *"O melhoramento das cidades pela criação de espaços abertos nelas e pela remoção de indústrias delas. Cidades, espaços abertos e avenidas-parques"*, escrito em 1930, os argumentos de Parker justificam teoricamente sua proposta para São Paulo. Caracterizando os espaços abertos da cidade não como espaços vazios, afirma que não há perda de valor com espaços abertos, pelo contrário, haveria uma transferência de valor desses espaços para os lotes particulares, valorizando-os. *"Criar espaços abertos é reduzir densidades, e a experiência já mostrou, em todos os lugares, que reduzir densidades não diminuirá o valor da terra, mas apenas distribui este valor e cria novos valores fundiários, trazendo mais solo de 'valor agrícola' para 'valor de construção' ('building value')" (1930, p.103).*

Mas talvez possamos perceber também no plano que realizou, ao voltar do Brasil, para Wythenshawe (figs.5.33 a 5.37), ressonâncias de sua passagem e de suas propostas para São Paulo. Em seu trabalho para essa cidade satélite de Manchester, iniciado em 1926, Parker retoma a idéia de unidade de vizinhança, aproximando seu traçado do esquema hexagonal de Cauchon e integrando-o às soluções de Clarence Stein para Radburn. Aqui também a proposta de uma *"park-way"* é formulada, chegando a ser implantada (fig.5.37). Trabalhando até quase o fim de sua vida em Wythenshawe, Parker tinha esse projeto como sua obra-prima. E, de fato, neste empreendimento que foi a primeira iniciativa pública na Inglaterra de construção de uma cidade-jardim,

Parker pôde aplicar de modo pleno todos seus princípios urbanísticos, acompanhando sua implantação por quase vinte anos.

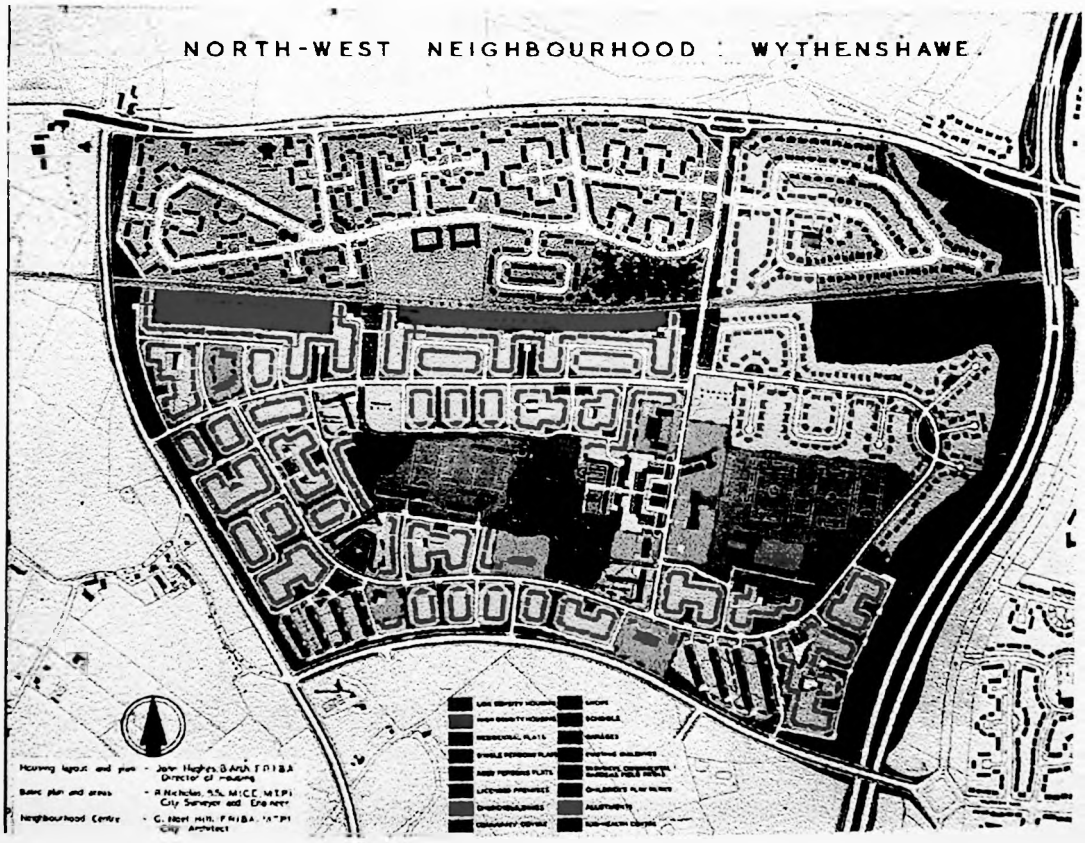


|Fig. 5.33| Arq. Barry Parker, esquema de cidades satélites e park-ways; desenho de park-way para Wythenshawe, Manchester, 1937



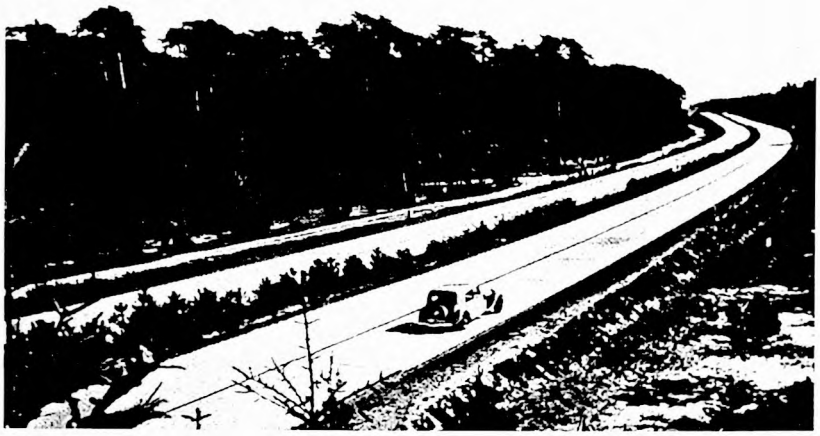
Wythenshawe.

|Fig. 5.34| Arq. Barry Parker, Cidade Jardim de Wythenshawe, Manchester, 1937



|Fig. 5.35| Arq. Barry Parker, plano de área residencial de Wythenshawe, Manchester

|Fig. 5.36| Vista da Cidade de Wythenshawe, Manchester

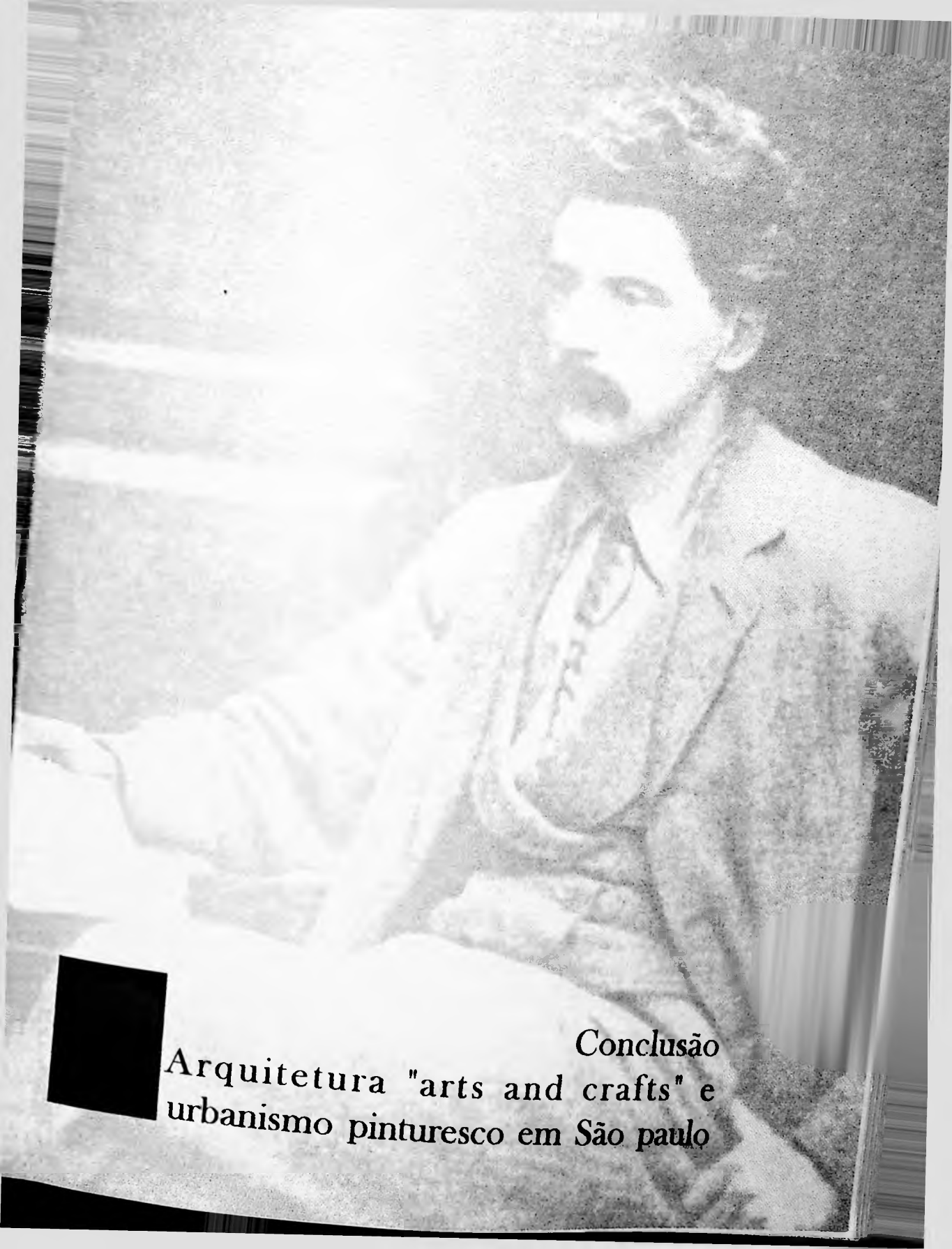


|Fig. 5.37| Vistas da park-way de Wythenshawe, Manchester

5 notas do capítulo

[1] A pesquisadora Regina Meyer, em sua tese de doutorado, aborda as diferentes concepções desses dois urbanistas em relação ao crescimento metropolitano de São Paulo.

[2] O Eng. João de Góes Manso Sayão Filho atuou em grande número de projetos em conjunto com Vieira, realizando trabalhos de abertura de loteamentos, bem como de estradas de ferro e rodagem, tendo tido uma importante atuação no Paraná, junto à *Companhia de Terras Norte do Paraná*. Os Engs. Moraes e Sampaio trabalharam nos escritórios do Eng. Saturnino de Brito em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente. Sampaio publicou o livro *Saneamento de uma Cidade. Apontamentos para projetar de acordo com os ensinamentos de Saturnino de Brito*, em 1952, no Rio de Janeiro, pelas Oficinas Gráficas do S.G.E., no qual sistematiza os princípios desenvolvidos por Brito na forma de um manual de planos e projetos sanitaristas.



Conclusão

Arquitetura "arts and crafts" e urbanismo pinturesco em São paulo

Arquitetura "arts and crafts" e urbanismo pinturesco em São Paulo

"Dar lugares proeminentes para os edifícios públicos que forem construídos, boas vistas a quase todas as casas, proporcionar perspectivas longas e agradáveis combinadas com o encanto de ruas sinuosas, enfim, conseguir um bairro que, quando completo, terá a sua própria característica - tais são os fins procurados neste projeto". Com esta frase, o Arq. Barry Parker concluia seu relatório sobre o plano que elaborou para o Alto da Lapa. As mesmas observações poderiam ser aplicadas aos outros loteamentos cujos traçados desenvolveu ou deixou esboçado, nos quais a criação de vistas foi um objetivo tão importante quanto a arborização das ruas e a formação de praças, jardins e parques.

Na mesma época em que a cidade almejava vir a ser metrópoie, um arquiteto inglês introduz em sua cultura urbanística, em plena formação, um novo tipo de assentamento residencial, que se adequava à implantação tanto em várzeas inundáveis - claro que a um custo elevado dos serviços de drenagem, como o realizado pelo Eng. Samuel Roder no Jardim América *(Segawa:1985)* - como em encostas com declividades acentuadas. Viabilizava, portanto, o aproveitamento de vazios que a cidade sem peias deixara - dos quais, os melhores situados, a *City* havia comprado em uma grande operação imobiliária -, mas também possibilitava a ocupação de baixadas, com ruas menos sinuosas.

Se lembrarmos da afirmação de Cacciari, de que *"a casa perfeitamente metropolitana não tem interior"*, talvez fique mais claro a especulação incansável de Parker em torno da organização do espaço interno da casa. Valorizando a vida doméstica, e adequando

sua arquitetura à situação social da família, Parker projetou de *"cottages"* a grandes casas de campo, ou amplos sobrados no Jardim América. Ao contrário da arquitetura funcionalista com seus espaços internos minimizados e especializados, as residências que Parker projeta antes de vir para o Brasil contêm interiores multi-funcionais e espaços não compartimentados.

De um certo modo, podemos ver suas casas paulistanas como um parêntese em sua obra arquitetônica. Mas nelas Parker não interrompe suas investigações arquitetônicas. Sua deliberada intenção de assimilar o modo de morar local sugere um ponto de vista que talvez pudéssemos classificar como regionalista. Entretanto, preferimos ficar com uma terminologia antiga, trata-se de uma arquitetura *"arts and crafts"* e um urbanismo pinturesco. Até porque, para Parker, não é possível projetar a cidade separada da casa. Sem dúvida, ele insere em alguns de seus projetos residenciais - sobretudo nas casas maiores -, bem como na arquitetura do Parque Paulista, elementos filiados a uma tradição neo-clássica. Reservava para as construções públicas, ou para as residências que buscavam uma maior voltagem simbólica, o estilo georgiano, fazendo uso de colunas dóricas e templos.

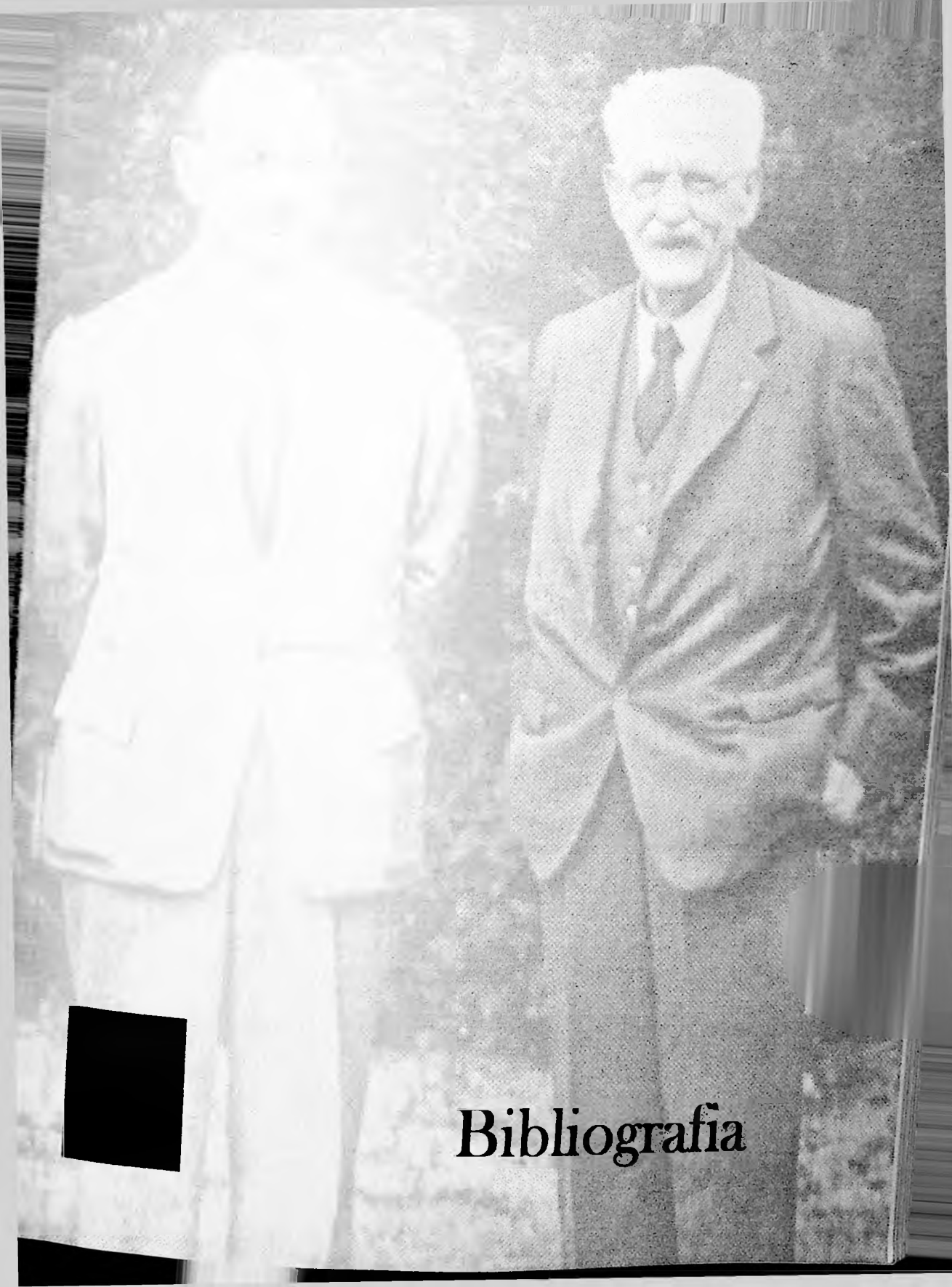
Por outro lado, é para São Paulo que Parker pela primeira vez formula um plano geral para uma cidade em expansão, visando controlar seu crescimento, ao mesmo tempo que oferecendo o bairro-jardim como um refúgio da metrópole. Parker, porém, não propõe o *continuum* urbano-rural, seu *greenbelt* não deixa de ser uma muralha, ainda que verde.

A idéia de subúrbio-jardim, ao ressurgir e se difundir como modelo de enclave urbanístico por territórios que cada vez mais se globalizam, agora potencializada pelas novas tecnologias que permitem a fusão entre locais de trabalho e de moradia, após cerca de dois séculos de sua separação, confere a atualidade de alguns temas que abordamos. A persistência de uma proposta urbanística, internacionalizando-se, por meio de uma adequação a situações históricas bastante diversas daquelas nas quais surgiu, sendo retomada mais de um século após sua formulação, está por demandar explicações. Com nossa investigação sobre a obra paulistana de Parker buscamos contribuir nesse sentido.

Procurando fazer o percurso do jardim na cidade à cidade-jardim, destacamos um movimento urbanístico que assumiu as características de uma "internacional". Sua difusão por uma cidade tropical que gestava sua metrópole, através das propostas do arquiteto inglês Richard Barry Parker, mistura-se a uma trama local, para a qual acreditamos ter fornecido algumas pistas visando desvendá-la. Algumas das ressonâncias daquela idéia foram apontadas, mas sem dúvida, muitas outras ainda estão por ser esclarecidas.

Ao término desta, confessamos que tendo nascido e morado até os 23 anos em um *"cottage"* popular, localizado em um bairro-jardim traçado à maneira de Barry Parker,

nossa familiaridade sobretudo estética com uma paisagem de ruas curvas, pequenas praças, jardins e muitas árvores, como ainda hoje apresenta o bairro Jardim da Saúde, possibilitou-nos um ponto de vista diferenciado no estudo. Se ter vivenciado algumas das ressonâncias da concepção de cidade-jardim não oferece melhores condições teóricas, permitiu se ter em conta a avaliação subjetiva que fazemos de espaços urbanos concebidos segundo aquele ideário.



Bibliografia

A

Obras de teoria do urbanismo

- *AA.VV. 1923.* Où en est l'Urbanisme en France et a l'étranger. *Paris, Société Française des Urbanistes, Librairie de l'Enseignement Technique, Léon Eyrolles Éditeur.*

- *ABERCROMBIE, P. 1933.* Town and Country Planning. *Nova Iorque. editora*

_____. *1945.* The Greater London Plan 1944. *Londres, H.M. Stationery Office.*

- *ADAMS Th. 1905.* Garden City and Agriculture. *Londres. editora*

_____ *1932.* Recent Advances in Town Planning. *Londres, J.&A. Churchill.*

_____ *1935.* Outline of Town and City Planning: a review of past efforts and modern aims. *Nova Iorque. editora*

- *ADAMS, Th. e WHITTEN, R. 1931.* Neighborhood of Small Homes. Economic density of low-cost housing in America and England. *Cambridge, Mass, Harvard University Press.*

- *ADDISON, C. 1922.* The Betrayal of the Slums. *Londres. editora*

- *ADICKES, F. 1993. Ricomposizione fondiaria ed esproprio per zone come mezzi di ampliamento razionale delle città (1893). In:* Storia Urbana, *ano XVII, n° 65, pp.63-90, outubro-dezembro.*

- *ADSHEAD, S. D. 1913.* Rapport Général. Projets de rues et routes nouvelles. *Paris, Société Anonyme des Imprimeries Oberthur.*

_____ *s/d* Town Planning and Town Development. *Londres, Butler & Tanner Ltd.*

- *AGACHE, A. 1917.* Nos Agglomérations Rurales. Comment les Aménager. *Paris, Librairie de la Construction Moderne.*

- *ASHBEE, C. R. 1917.* Where the Great City Stands: a study in the new civics. *Londres editora*

- *BARNES, H. s/d.* The Slum: its story and solution. *Londres, P.S. King & Son Ltd.*.

- *BARON S. (ed.) 1943.* Country Towns in the Future England. *Londres, Faber and Faber Limited.*

- *BAUER, C. 1952.* Social Questions in Housing and Town Planning. *Londres, University of London Press.*

- *BEAUFOY, S.L.G. 1932.* Six Aspects of Town Planning. *Londres, P.S. King & Son Ltd., prefácio de Adshead*

- *BELLAMY, Edward 1951 (1887).* Looking Backwards 2000-1887. *New York, The Modern Library.*

_____ *1891.* D'aqui a cem annos. *2ª ed., Lisboa, Editora Nacional, 291 p.*

- *BENEDETTI, M. De e PRACCHI, A. 1992.* Antologia dell'Architettura Moderna. Testi, manifesti, utopie. *Bolonha, Zanichelli.*

- *BENOIT-LÉVY, G. 1904.* La Cité-Jardin. *Paris, Henri Jouve Éditeur.*

_____ *1911.* Art et Coopération dans les Cités-Jardins. *Paris.*

_____ *1918. "A french garden Hamlet", In:* The Town Planning Review *7, nº 3/4, abril.*

- *BENTON, C. (org.) 1975.* Documents, a Collection of Source Material on the Modern Movement. *Open University, Milton Keynes.*

- *BENTON, T. e BENTON, C. (org.) 1975.* Architecture and Design, 1890-1939: an international anthology of original articles. *Nova Iorque, Whitney.*

- *BLOMSTEDT e VUORELA (ed.) 1957.* Tapiola Garden City. *Helsinky, Simeliusen Perillister Kirjapaino.*

- *BOTTONI, P 1938.* Urbanistica. *Milão, Quaderni della Trienale, Ulrico Hoepli Editore.*

- *BRANLY, Serge 1991 (1988).* Leonardo: discovering the life of Leonardo da Vinci. *Nova Iorque, Harpescollins Publishes.*

- *BRYANT, W.C. 1850.* Letters of a traveller: or notes of things seen in Europe and America. *Nova Iorque, George P. Putnam.*

- *BRUNNER, K.H. 1939/1940.* Manual de Urbanismo. *Bogota, 2 vols., Ediciones del Concejo de Bogota.*

- *CALABI, D. e FOLIN, M. 1972.* Eugène Hénard. Alle origini dell'urbanistica. La costruzione della metropoli. *Pádua, Marsilio.*

_____ *(org.) 1975.* Catalogo delle esposizioni internazionali di Urbanistica, Berlino 1910, Düsseldorf 1911-12. *Milão.*

- *CERDÀ, I 1979 (1863).* La Théorie Générale de l'Urbanisation. *Paris, Éditions du Seuil.*

_____ *1993. "La via (1863)". In:* Storia Urbana, Rivista di studi sulle trasformazioni della città e del territorio in età moderna. *anno XVII, n° 65, outubro-dezembro, pp.25-50.*

- *CONRADS, U. 1970.* Programmes and Manifestoes on 20th-Century Architecture. *Mass, Londres e Cambridge.*

- *CORBIN, Alain 1989 (1988).* O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. *São Paulo, Companhia das Letras.*

- *COUTURAUD, E. s/d.* Guide Pratique Pour la Reconstruction, l'Extension, l'Aménagement et l'Embellissement des Villes et des Comunes Rurales. *Paris, Librairie de la Construction Moderne.*

- *CULPIN, E.G. 1914.* The Garden City Movement Up-To-Date. *Londres.*

- *DAVISON, T.R. 1916.* Port Sunlight. A record of its artistic & pictorial aspect. *Londres, B.T. Batsford.*

- *ELDER-DUNCAN, J.H. 1905.* Country Cottages and Weekend Homes. *Londres.*

- *EMERSON, R.W. 1914-18* Autobiographie: d'après son journal intime, *2 vols., Paris, Colin.*

_____ *1947.* The Basic Writings of America's Sage., *Nova Iorque, Penguin.*

- *FAWCETT, C.B. 1944.* A Residential Unit for Town and Country Planning. *Londres, University of London Press Ltd.*

- *FLETCHER, Sir B. 1945 (1896).* A History of Architecture on the comparative method. *12th edition, Nova Iorque, Londres, Charles Scribner's Sons.*

- *FORD, G.B. 1920.* L'Urbanisme en Pratique. *Paris, Éditions Ernest Leroux.*

- *GALE, S. 1949.* Modern Housing Estates. *Londres, Batsford Ltd.*.

- *GAUDIN, J.-P. (org.) 1991.* Desseins de Villes. "Art Urbain" et Urbanisme. *Paris, L'Harmattan.*

- *GAULTIER, L. et alli. 1917.* Rapport Général. Exposition de la Cité Reconstituée - esthétique et hygiène. *Paris.*

- *GEDDES, P. 1903.* City Development - a study of parks, gardens and culture institutions.

_____ *1915.* Cities in Evolution. An introduction to the town planning movement and to the study of civics. *Londres, William and Norgate. A edição brasileira desse livro foi lançada em 1994 pela Editora Papirus, de Campinas/SP.*

- *GEORGE, H. 1918.* Problemas Sociais. *São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas.*

_____ *1921.* La Cuestión de la Tierra. *Madri, Beltrán.*

_____ *1935.* Progresso e Pobreza. *São Paulo, Editora Nacional.*

- *GIBBERD, F. 1953.* Town Design. *Nova Iorque.*

- *GOODMAN, P. e P. 1947.* Communitas. Means of Livelihood and Ways of Life. *Chicago.*

- *GREGOTTI, V. 1975.* Território da Arquitetura. *São Paulo, Perspectiva / EDUSP.*

- *GRIES, J.M. e Ford, J. 1932.* Planning for Residential Districts. *Washington, The President's Conference on Home Building and Home Ownership.*

_____ *1932*. Slums. Large-Scale Housing and Decentralization. *Washington, The President's Conference on Home Building and Home Ownership.*

- *GROPIUS, W. 1945*. Rebuilding our Communities. *Chicago.*

_____ *1956*. The Scope of Total Architecture. *Londres.*

- *HARRIS, G. 1906*. The Garden City Movement. *Londres.*

- *HARVEY, W.A. 1906*. The Model Village and its Cottages. *Londres.*

- *HAUSSMANN 1979*. Mémoires du Baron Haussmann - 1853/1870. *Paris, Éditions Guy Durier.*

- *HEGEMANN, W. (org.) 1911*. Der Städtebau nach den ergebnissen der allgemeinen. *Berlim, Verlag Ernst Wasmuth. Traduzido para o italiano*

_____ *1964 (1930). "Das Steinerme Berlin". In:* Casabella *nº 288, junho, pp.21-22.*

_____ *1936*. City Planning Housing. *Nova Iorque, Architectural Book Publishing Co., Inc., 2 vols.*

_____ *1975 (1930)*. La Berlino di pietra. Storia della più grande città di caserme di affitto. *Milão, Saggiatore, Mazzotta.*

- *HEGEMANN, W. e PEETS, E. 1989 (1922)*. The American Vitruvius: an architect's handbook of civic art. *Nova Iorque, Princeton Architectural Press.*

- *HILBERSEIMER, L. 1979 (1927)*. La Arquitectura de la Gran Ciudad. *Barcelona, Gustavo Gili.*

_____ *1949*. The New Regional Pattern. Industries and gardens. Workshops and farms. *Chicago, Paul Theobald.*

- *HORSFALL, T.C. 1904*. The Improvement of the Dwellings and Surroundings of the People: the example of Germany. *Manchester.*

- *HOWARD, E. 1898*. To-morrow , a Peaceful Path to Real Reform. *Londres, Sonnenschein. Republicado em 1902 como* Garden Cities of To-morrow.

_____ *1906*. Domestic Industry as it Might Be. *Londres, Pamphlet.*

_____ *1946*. Garden Cities of To-morrow. *Londres, Faber and Faber Ltd..*

_____ *1985.* Garden Cities of To-morrow. *Eastbourne, Attic Books.*

_____ *1970. "Las ciudades-jardin del mañana". In: AYMONINO, C. 1970.* Origenes y desarrollo de la ciudad moderna. *Barcelona, Gustavo Gili, pp. 131-203, Coleccion Ciencia Urbanistica.*

- *HOWKINS, F. 1910.* The Housing Acts, 1890-1909, and Town Planning. *Londres.*

- *HUBBARD e KIMBALL. 1967 (1917).* An Introduction to the Study of Landscape Design. *Boston, Hubbard Educational Trust.*

_____ *1929.* Our Cities To-Day and To-Morrow. A survey of planning and zoning progress in the United States. *Cambridge, Harvard University Press.*

- *HUBBARD, Th.K. e MCNAMARA, K. 1928.* A Manual of Planning Information. *Cambridge, Mass, Harvard University Press,*

- *HUBBARD e NOLEN, J. 1937.* Parkways and Land Values. *Cambridge, Harvard University Press.*

- *HUDSON, R.B. 1934.* Radburn. A plan of living. *Nova Iorque, American Association of Adult Education.*

- *HUGUES, T.H. e LAMBORN, E.A.G. 1923.* Towns and Town-planning. Ancient & modern. *Oxford, Clarendon Press.*

- *HUGUES, W. R. 1919.* New Town: a proposal in agricultural, industrial and social reconstruction. *Londres.*

- *JOYANT, E. 1923.* Traité d'Urbanisme. *Paris.*

- *KAMPFFMEYER, H. 1909.* Die Gartenstadtbewegung. *Leipzig.*

- *KIMBALL, Th. 1923.* Manual on Information on City Planning and Zoning. *Cambridge, Mass, Harvard University Press.*

- *KOESTER, F. 1914.* Modern City Planning and Maintenance. *Nova Iorque, McBride, Nast and Company.*

- *LEBRETON, J. 1945.* La Cité Naturelle. Recherche d'un urbanisme humain. *Paris.*

- *LE CORBUSIER. 1924.* Urbanisme. *Paris G. Grès & Cie.*

_____ *1978 (1929).* Precisiones Respecto a un Estado Actual de la Arquitectura y del Urbanismo. *Barcelona, Poseidon.*

_____ *1933.* The Radiant City. *Londres.*

_____ *1989 (1942).* A Carta de Atenas. *São Paulo, Hucitec/EDUSP.*

_____ *1971.* Planejamento Urbano. *São Paulo, Perspectiva.*

- *LETHABY, W.R. 1911.* Architecture, Mysticism and Myth. *Londres.*

- *LEWIS, H.M.L. 1949(1916).* The Planning of Modern City. *Londres, John Wiley & Sons, Nova Iorque e Chapman & Hall Ltd..*

- *LEWIS, N. 1923.* The Planning of the Modern City. A review of the principles governing city planning. *Nova Iorque, John Wiley & Sons, Inc..*

- *LOHMANN, K.B. 1931.* Principles of City Planning. *Nova Iorque e Londres, McGraw-Hill Book Company, Inc..*

- *MAcARTNEY, M.E. 1908-11.* Recent English Domestic Architecture. *4 vols. Londres.*

- *MAGNE, E. 1908.* L'Esthétique des Villes. *Paris, Société du Mercure de France.*

- *MARSHALL, Alfred 1993. "L'abitazione dei poveri a Londra (1884)". In:* Storia Urbana, *anno XVII, n° 65, outubro-dezembro, pp. 51-62.*

- *MAWSON, Th. 1922.* New Park and Recreation Ground for Blackpool. *County Borough of Blackpool.*

- *MAY, Ernst 1993. "Ampliamento della città mediante nuclei satelliti (1922)". In:* Storia Urbana, *anno XVII, n° 65, outubro-dezembro, pp. 109-120.*

- *McALLISTER, E. (ed.) 1946.* Homes, Towns and Countryside. *Londres, B.T.Batsford Ltd..*

- *McALLISTER, G. e McALLISTER, E. 1941.* Town and Country Planning, A study of physical environment. The prelude to post-war reconstruction. *Londres, Faber and Faber Limited.*

- *McNAMARA, K. 1936.* Bibliography of Planning 1928-1935. A supplement to Manual of Planning Information, 1928, by Theodora Kimball Hubbard and Katherine McNamara. *Cambridge, Mass, Harvard University Press.*

- *MIGGE, L. 1981.* 1881-1935: Gartenkultur des 20. Jahrhunderts. *Kassel, Worpsweder Verlag.*

- *MOSES, Robert 1948.* " *'Practical' or 'long haired' planning ?* ": *In:* The New York Times Sunday Magazine, *nº 5, dezembro.*

- *MUMFORD, L. 1926.* The Golden Day. A study in american literature and culture. *Nova Iorque Boni and Liveright.*

_____ *1931.* The Brown Decades: a study of the arts in America, 1865-1895. *Nova Iorque, Dover.*

_____ *1933.* The Story of Utopias, Ideal Commonwealths and Social Myths. *Londres, Harrap.*

_____ *1938.* The Culture of Cities. *Nova Iorque.*

_____ 1946. "The garden city idea and modern planning". In: Howard (1946), pp.29-40.

_____ *1955.* Sticks and Stones. A study of american architecture and civilization. *Nova Iorque, Dover Publications Inc..*

_____ *1961.* The City in History. Its origins, its transformations, and its prospects. *Nova Iorque, Harcourt Brace Jovanovich.*

_____ *1968.* The Urban Prospect. *Nova Iorque, Brace & World Inc..*

_____ *(editor) 1972.* Roots of Contemporary American Architecture. *Nova Iorque, Dover Publications Inc..*

- *MUTHESIUS, H. 1979 (1904).* The English House. *Londres e Nova Iorque.*

_____ *1918.* Kleinhaus und Kleinsiedlung. *Munique, Verlag von F. Bruckmann A.-G..*

- *NETTLEFOLD, J.S. 1914.* Garden Cities and Canals. *Londres, St. Catherine Press.*

- *NOLEN, J. (ed.) 1924.* City Planning. A series of papers presenting the essential elements of a city plan. *Nova Iorque e Londres, D.Appleton and Company.*

_____ *1927.* New Towns for Old. Achievements in civic improvement in some american small towns and neighborhoods. *Boston, Mass, Marshall Jones Company.*

- *NORBERG-SCHULZ, Christian 1986.* Baroque architecture. *London, Faber and Faber.*

- *OLMSTED, F.L. 1852.* Walks and Talks of an American Farm in England, *2 vols., Nova Iorque, G.P. Putnam and Company.*

_____ *1928.* Forty Years of Landscape Architecture being the professional papers of Frederick Law Olmsted. *Nova Iorque, G.P.Putnam's Sons e Londres, The Knickerbocker Press.*

_____ *1977.* The Papers of Frederick Law Olmsted. *Baltimore e Londres The John Hopkins University Press, vols. I a XIII.*

- *OSBORN, F.J. 1942 (1918).* New Towns after the War. *Londres, J.M. Dent and Sons Ltd.*

_____ *1945. "The Garden City Movement. A Reevaluation". In:* Journal of the Town Planning Institute, *pp. 193-207.*

_____ *1946.* Green-Belt Cities. The british contributions. *Londres, Faber and Faber Limited.*

- *OSBORN, F.J. e WHITTICK, A. 1963.* The New Towns. The answer to megalopolis. *Londres, Leonard Hill, introdução de Lewis Mumford.*

- *Papers and Discussions at the International City and Regional Planning Conference 1925.* Planning Problems of Town, City and Region. *Baltimore, Maryland, Conferência havida em Nova Iorque de 20 a 25 de abril de 1925, The Norman, Remington Co..*

- *PARKER, B. e UNWIN, R. 1901.* The Art of Building a Home. *Londres.*

- *PARKER, B. 1916.* Report to the Municipal Authorities of Oporto, *Porto, s/ed.*

- *PERRY, C.A. 1933.* The rebuilding of Blighted Areas: a study of the neighborhood unit in replanning and plot assemblage. *Nova Iorque, Regional Plan Association, Inc..*

_____ *1939.* Housing for the Machine Age. *Nova Iorque, Russel Sage Foundation.*

- *POÈTE, M. 1929.* Introduction à l'Urbanisme. *Paris, Boivin.*

- *PURDON, C.B. 1913.* The Garden City: a study in the development of a modern town. *Londres.*

_____ *1917.* The Garden City after the War. *Letchworth.*

_____ *1921.* Town Theory and Practice. *Londres, Benn Brothers Limited.*

_____ *1925.* The Building of Satellite Towns. *Londres, J.M. Dent&Sons Ltd..*

_____ *1963.* The Letchworth Achievement. *Londres.*

- *PUTZEYS, F. e SCHOOFS, F. 1927.* Traité de Technique Sanitaire. Extension des Villes. Hygiène dans la Construction. *Tomo II, Paris e Liège, Librairie Polytechnique Ch. Béranger.*

- *QUEEN, S.A. e THOMAS, L.F. 1939.* The City. A study of urbanism in the United States. *Nova Iorque e Londres, Mc Graw-Hill Book Company, Inc..*

- *REICHOW, H.B. 1948.* Organische Stadtbaukunst. *Berlim, Georg Westermann Verlag.*

- *REY, A.A. et alli. 1928.* La Science des Plans des Villes: ses aplications a la construction, a l'extension, a l'hygiène et a la beauté des villes. *Lausanne e Paris, Payot/Dunod.*

- Rivista Le Case Popolari e le Città-Giardino. *1909-1910. Anno I, 12 fascículos, Casa Editrice D'Arte Bestetti & Tumminelli, Milão.*

- *ROBIN, Pierre (sous la direction de),* Encyclopédie Pratique du Batiment et des Travaux Publics

- *ROBINSON, C.M. 1913 (1901).* The Improvement of Towns and Cities on the practical basis of civic aesthetics. *Nova Iorque e Londres, G.P. Putnam's Sons.*

_____ *1903.* Modern Civic Art or the City Made Beautiful. *Nova Iorque e Londres, G.P. Putnam's Sons.*

_____ *1916.* City Planning: with special reference to the planning of streets and lots. *Nova Iorque, G.P. Putnam's Sons.*

- *ROGERS, E.N., TYRWHITT J. e SERT J.L. (ed.). 1952.* The Hearth of the City. *Nova Iorque.*

- *RONCAYOLO, M. e PAQUOT, T. (org.) 1992.* Textes Essentiels. Villes et civilization urbaine XVIII-XIX siècle. *Paris, Larousse.*

- *ROSSI, A. 1982 (1964).* La Arquitectura de la Ciudad. *Barcelona, Gustavo Gili.*

- *ROYER, J. 1932.* L'Urbanisme aux Colonies et dans les Pays Tropicaux. *Paris, Delayance Éditeur.*

- *RUSKIN, J. 1849.* The Seven Lamps of Architecture. *Londres.*

_____ *1992 (1851-3).* As Pedras de Veneza. *São Paulo, Martins Fontes.*

- *RYKWERT, Joseph 1985 (1976).* La idea de ciudad: antropologia de la forma urbana en el mundo antiguo. *Madri, Hermann Blume.*

- *SAARINEN, E. 1948.* La Ciudad: su crecimiento, su decadencia, su porvenir. *Buenos Aires, Poseidon.*

- *SELLIER, H. 1920. "Les banlieues urbaines et la réorganisation administrative du département de la Seine". In:* Les Documents du Socialisme, *Paris.*

_____ *1921.* La Crise du Logement et l'Intervention Publique en Matière d'Habitation Populaires dans l'Agglomération Parisienne. *Paris.*

_____ *1922.* Les Aspects Nouveaux du Problème de l'Habitation dans les Agglomérations Urbaines. *Paris.*

_____ *1934.* Le Socialisme et l'Action Municipale. *Paris, Fédération des Municipalités Socialistes.*

- *SENNETT, A. R. 1905.* Garden Cities in Theory and Practice. *2 vols. Londres.*

- *SERT, J.L. 1942.* Can Our Cities Survive ? An A B C of urban problems. *Cambridge, Mass.*

- *SITTE, C. 1992 (1889).* A Construção das Cidades Segundo Seus Princípios Artísticos. *São Paulo, Ática.*

- *SOISSONS, L. de e KENYON, A.W.M. 1927.* Site Planning in Practice at Welwyn Garden City. *Londres, Ernest Benn Ltd..*

- *SORIA Y MATA, A. 1931.* La Ciudad Lineal. *Madrid.*

- *SOUZA, R. de. 1913.* Nice Capitale d'Hiver. *Paris, Berger-Levrault.*

- *SPREIREGEN, P.D. (ed.) 1968.* On the Art of Designing Cities: selected essays of Elbert Peets. *Cambridge, Massachusets e Londres, The M.I.T. Press.*

- *STEIN, C. 1951.* Toward New Towns for America. *Chicago e Illinois, The University Press of Liverpool, Public Administration Service.*

- *STÜBBEN, J. 1924 (1890).* Der Städtebau. Handbuch der architektur. *Leipzig, J.M. Gebhardt's Verlag.*

- *TAUT, B. 1983 (1927).* Costruire. La nuova edilizia abitativa. *Bolonha, Zanicheli.*

_____ *1986 (1924).* La Nuova Abitazione. *Roma, Gangemi.*

- *TENNESSEE VALLEY AUTHORITY. 1938.* The Scenic Resources of the Tennessee Valley. A descriptive and pictorial inventory. *Knoxville, Tennessee, Dept. of Regional Planning Studies.*

- *TESSENOW, H. 1987 (1916).* Osservazioni elementari sul costruire. *Milão, FrancoAngeli.*

_____ *1989. "Natur und Kultur". In:* Daidalos, *no 32, junho, pp.63-65.*

- Transactions of the 7th International Congress of Architects. *16-21 julho 1906. RIBA, Londres.*

- *TRIGGS, H.I. 1909.* Town Planning, Past, Present and Possible. *Londres.*

- *TYERMANN, D. (ed.) 1944.* Country Towns in a Future England. *Londres, Faber and Faber.*

- *TUNNARD, C. 1950 (1938).* Gardens in the Modern Landscape. *Londres, The Architectural Press.*

- *UNWIN, R. 1984 (1909).* La Practica del Urbanismo. Una introducion al arte de proyectar ciudades y barrios. *Barcelona, Gustavo Gili.*

_____ *1993. "Distibuzione (1920-21)". In:* Storia Urbana, *anno XVII, n°65, outubro-dezembro, pp.91-108.*

_____ *1939. "The rural region: the ensemble of the economic problems of the country". In: Report.* The Fifteenth International Congress of Architects. *vol. I, Washington, 24 a 30 de setembro, pp.48-53.*

- *UNWIN, R. e SCOTT, M.B. 1909.* Town Planning and Modern Architecture at the Hampstead Garden Suburb.

- *VEILLER, L. 1922. "Are our great cities menaced ? The Garden City as a way out". In:* The Architectural Record, *LI, fevereiro, pp.175-184.*

- *VELHO, O.G. (org.) 1976.* O Fenômeno Urbano. *Rio de Janeiro, Zahar.*

- *WALKER, M.L. 1938.* Urban Blight and Slums. Economic and legal factors in their origin, reclamation and prevention. *Cambridge, Mass, Harvard University Press.*

- *WARREN, H. e DAVIDGE, W.R. 1930.* Decentralisation of Population and Industry. *Londres, P.S. King & Son Ltd.*

- *WEAVER, L. 1913.* The Country Life Books of Cottages. *Londres.*

_____ *1926.* Cottages: their planning, design and materials. *Londres.*

- *WHITTEN, R. e ADAMS, T. 1931.* Neighborhoods of Small Homes. Economic density of low-cost housing in America and England. *Cambridge, Harvard University Press.*

- *WOOD, E.E. 1923.* Housing Progress in Western Europe. *Nova Iorque, E.P. Dutton & Co.*

- *WRIGHT, F.L. 1932.* The Disappearing City. *Nova Iorque.*

_____ *1937. "Broadacre City: a new community plan". In:* Architectural Record, *82-4, outubro, pp 58-63.*

_____ *1943.* An Autobiography. *Spring Green, Wisconsin Tailiesin Press.*

_____ *1958.* The Living City. *Nova Iorque.*

- *WRIGHT, H. 1935.* Rehousing Urban America. *Nova Iorque, Columbia University Press.*

B

Obras de história da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo - Europa e E.U.A.

- AA.VV. 1982. *Ausstellung Leberecht Migge 1981.* Kassel, Gesamthochschule Kassel.

- AA.VV. 1987. *Ancient Roman Villa Gardens.* Washington Dumbarton Oaks.

- AA.VV. 1987. *Le Corbusier. Une encyclopédie.* Paris, Éditions du Centre Georges Pompidou.

- AA.VV. e QUIROULE, P. 1991. *Utopias Libertarias Americanas. La Ciudad Anarquista Americana.* Madri, Ediciones Tuero.

- ABOTT, C. 1981. *The New Urban America: growth and politics in sunbelt cities.* Chapel Hill, University of Noth Carolina Press.

- ACKERMAN, J.S. 1992. *La Villa, Forma e Ideologia.* Turim, Einaudi.

- ADAMS, I.H. 1978. *The Making of Urban Scotland.* Montreal, McGill-Queen's University Press.

- ADAMS, J.W.R. 1952. *Modern town and Country Planning. A history of and introduction to the study of the law and practice of modern town and country planning in Great Britain.* Londres, J. & A. Churchill Ltd..

- ADLER, M. 1995. "Ideology and the structure of American and European Cities". In: *Journal of Urban History*, vol. 21, nº 6, september, pp.691-715.

- AHLBERG, H. 1982. *Gunnar Asplund, Arquitecto 1885-1940*. Murcia, Comisión de Cultura del Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos, Galería-Librería Yerba.

- ALBA, A.F. 1983. *Neoclasicismo y Postmodernidad. En torno a la ultima arquitectura*. Madri, Hermann Blume.

_____ 1990. *La Metrópoli Vacía. Aurora y crepúsculo de la arquitectura en la ciudad moderna*. Barcelona, Anthropos.

- ALDRIDGE, M. 1979. *The British New Towns. A programme without a policy*. Londres, Boston e Henley, Routledge & Kegan Paul.

- AMERY, Colin , et alli. 1981. *Lutyens: The work of the English Architect Sir Edwin Lutyens (1869-1944)*, catálogo de exposição, Arts Council of Great Britain.

- ANDERSON, S. (ed.) 1981. *Calles. Problemas de estructura y diseño*. Barcelona, Gustavo Gili.

- ANDRIELLO, D. 1964. *Howard o dell'Utopia*. Nápoles.

- ARANTES, O. 1993. *O Lugar da Arquitetura Depois dos Modernos*. São Paulo, EDUSP / Studio Nobel.

- ARCHER, J. 1983. "Rus in urbe: classical ideas of country and city in british town planning". In: *Studies in Eighteenth-Century Culture*, XII, pp.159-86.

- ARGAN, G.C. 1965. *La pittura dell'Illuminismo in Inghilterra da Reynolds a Constable*. Roma, Buizoni.

_____ 1984. "La città del rinascimento". In: ARGEN, G. C. 1984. *Classico anticlassico: il rinascimento de Brunelleschi a Bruegel*. Milão, Feltrinnelli, pp. 33-55.

- ARMYTAGE, W.H.G. 1961. *Heavens Below: utopian experiments in England 1560-1960*. Londres, Routledge and Kegan Paul.

- ARNOLD, J.L. 1971. *The New Deal in the Suburbs - A history of the greenbelt town program 1935-64*. Ohio, Columbus.

- ARONOVICI, C. 1956. *Community Building.* Garden City, Nova Iorque, Doubleday & Company, Inc..

- ASHWORTH, W. 1972 (1954). *The Genesis of Modern British Town Planning.* Londres, Routledge and Kegan Paul.

- ASLET, C. 1982; *The Last Country Houses.* New Haven e Londres, Yale University Press.

- AYMONINO, C. 1970. *Origenes y Desarrollo de la Ciudad Moderna.* Barcelona, Gustavo Gili.

_____ 1973. *La Vivienda Racional. Ponencias a los Congressos CIAM 1929-1930.* Barcelona, Gustavo Gili.

_____ 1981. *El Significado de las Ciudades.* Madri, Hermann Blume.

- BAAR, K. 1994. "Il movimento contro gli edifici multifamiliari negli Stati Uniti, 1890-1926". In: *Storia Urbana,* n° 66, gen-mar, pp.189-212.

- BACKEMEYER, Sylvia e GRONBERG, Theresa (eds.) 1984. *W.R. Lethaby 1857-1931: Architecture, Design and Education,* Londres, Lund Humphries, catálogo de exposição.

- BACON, E. 1974. *Design of Cities.* Londres, Thames and Hudson.

- BALL, M.; HARLOE, M. e MARTENS, M. 1988. *Housing and Social Change in Europe and the USA.* Londres, Routledge.

- BANHAM, R. 1979. *Teoria e Projeto na Primeira Era da Máquina.* São Paulo, Perspectiva.

- BAIRD, G.1995. *The Space of Appearance.* Cambridge, Mass., Londres, Ingl., The MIT Press.

- BARDET, G. 1977 (1945). *L'Urbanisme.* Vendôme, Presses Universitaires de France.

- BARNETT, H.O. 1928. *The Story of the Growth of Hampstead Garden Suburb 1907-1928.* Londres.

- BARTH, G. 1982. *City People. The rise of modern city culture in 19th century America.* Nova Iorque, Oxford University Press.

- BATCHELOR, P. 1969. "The origin of the garden city concept of urban form". In: *Journal of Society of Architectural Historians,* 28, 3, pp.184-200.

- BAYLEY, S. 1982. *La Ciudad Jardin*. Madri, Adir Editores.

- BECKER, C.L. 1946. *The Heavenly City of the Eighteenth Century Philosophers*. New Haven, Yale University Press.

- BECKINSALE, R.P. e HOUSTON, J.M. (editores) 1968. *Urbanization and Its Problems: essays in honour of E.W. Gilbert*. Oxford.

- BEEVERS, R. 1988. *The Garden City Utopia: a critical biography of Ebenezer Howard*. Londres e Nova Iorque, Macmillan e St. Martin's Press.

- BELL, C. e ROSE 1972. *City Fathers. The early history of town planning in Britain*. Harmondsworth.

- BENDER, T. 1975. *Toward an Urban Vision: ideas and institutions in nineteenth century America*, Baltimore.

- BENEVOLO, Leonardo 1968. *Storia dell'Architettura del Rinascimento*. Bari, Laterza.

- _____ 1987. *As Origens da Urbanística Moderna*. Lisboa, Editorial Presença.

- BENZIO, C. 1985. "Amministrazione locale e gestione urbanistica nel secondo dopoguerra: il caso della città-giardino di Viareggio". In: *Storia Urbana*, 33, outubro-dezembro, pp.145-172.

- BERMINGHAM, A. 1986. *Landscape and Ideology: the english rustic tradition 1740-1860*. Berkeley, University of California Press.

- BERRAL, J.S. 1966. *English Traditions*. Londres, Thames and Hudson; em especial o capítulo 10 - "The garden", pp.227-280.

- BEVERIDGE, C.E. e ROCHELEAU, P. 1995. *Frederick Law Olmsted: designing the American landscape*. Nova Iorque, Rizzoli.

- BILL, R. 1982. *Modern Architecture and Design*. Londres, Herbert Press.

- BLOMFIELD, R. 1941. *Richard Norman Shaw*. Londres, B.T. Batsford.

- BOARDMAN, P. 1944. *Patrick Geddes*. Chapel Hill, Carolina do Norte.

_____ 1978. *The Worlds of Patrick Geddes*. Henley, Londres e Boston.

- BOLLEREY, F. e HARTMANN, K. 1979. "Les Cités Jardins. Lebens reform Heller-Au". In: *Architectures en Allemagne 1900-1933*. Éditions du Centre Georges Pompidou,

Paris.

- BORIANI, M. e BORTOLOTTO, S. 1991. *Origini e sviluppo di una città giardino. L'esperienza del "Milanino"*. Milão, Guerini e Associati.

- BOWMAN, S. et alli. 1962. *Edward Bellamy abroad: an american prophet's influence.* Nova Iorque, Twayne Publishers.

- BRANDON-JONES, John, et alli 1978; *C.F.A. Voysey: architect and designer 1857-1941*, Londres, Lund Humphries, catálogo de exposição.

- BRIGGS, A. 1971. *Victorian Cities.* Londres, Penguin Books.

- BROOKS, H.A. 1982. "Jeanneret and Sitte, Le Corbusier's earliest ideas on urban design". In: *In Search of Modern Architecture: a tribute to Henri-Russel Hitchcock*, Nova Iorque e Cambridge, The MIT Press, pp.278-297.

- BROOKS, V.W. 1936. *The Flowering of New England 1815-1865.* Nova Iorque, E.P. Dutton & Co..

- BROWN, Roderick (ed.) 1985. *The Architectural Outsiders*, Londres, Waterstone.

- BUDER, S. 1967. "The model town of Pullman: town planning and social control in the gilded age". In: *Journal of the Society of Architectural Historians*, jan., vol.XXXIII, nº.1.

_____ 1969. "Ebenezer Howard: the genesis of a town planning movement". In: *Journal of the American Institute of Planners*, nº 6, novembro.

_____ 1990. *Visionaries and Planners: the garden city movement and the modern community.* Oxford e Nova Iorque, Oxford University Press.

- BURKE, P. (org.) 1992. *A Escrita da História. Novas perspectivas.* São Paulo, Editora da UNESP.

- BURLEN, K. (org.) 1987. *La Banlieu Oasis. Henri Sellier et les cités-jardins 1900-1940.* Paris, Presses Universitaires de Vincennes.

_____ 1990. "Henri Sellier, ce fou volant d'une drôle de machine". In: *Lumières de la Ville*, nº 1, janeiro, pp.76-83.

- BURNETT, J. 1986. *A Social History of Housing, 1815-1985.* Londres e Nova Iorque, Methuen.

- BUSBY, R.J. 1976. *The Book of Welwyn*. Londres, Barracuda Books.

- BUTLER, A.S.G. e HUSSEY, C. 1950. *The Architecture of Sir E. Lutyens*. Londres.

- CACCIARI, M. 1970. "Utopia e socialismo". In: *Contropiano*, nº 3, pp.562-686.

_____ 1973. *Metropolis. Saggi sulla grande città di Sombart, Endell, Scheffer e Simmel*. Roma, Officina Edizioni.

- CALABI, D. e FOLIN, M. 1972. *Eugène Hénard. Alle origini dell'urbanistica. La costruzione della metropoli*. Pádua, Marsilio.

- CALABI, D. 1977. *Il "male" città: diagnosi e terapia. Didattica e istituzioni nell'urbanistica inglese del primo Novecento*. Roma, Officina.

_____ (org.) 1982. *Architettura Domestica in Gran Bretagna 1890-1939*. Milão, Electa.

_____ 1993. *Il Mercato e la Città. Piazze, strade, architetture d'Europa in età moderna*. Veneza, Marsilio.

- CALLOW, A.B. (editor). 1969. *American Urban History. An interpretative reader with commentaries*. Nova Iorque, Oxford University Press.

- CAMPBELL, J. 1978. *The German Werkbund: the politics of reform in the applies arts*. Princeton.

- CARO, R.A. 1974. *The Power Broker, Robert Moses and the Fall of New York*. Nova Iorque, Alfred Knopf.

- CARVER, H. 1962. *Cities in the Suburbs*. Canada, University of Toronto Press.

- CASCIATO, Panzini e Polano. s/d. *Olanda 1870-1940. Città, Casa, Architettura*. Milão, Electa.

- CECCARELLI, P. 1972. *La Construcción de la Ciudad Sovietica*. Barcelona, Gustavo Gili.

- CERVERO, R. 1989. *America's Suburban Centers*. Nova Iorque, Routledge.

- CHADWICK, G.F. 1961. *The Works of Sir Joseph Paxton 1803-1865*. Londres, The Architectural Press.

_____ 1966. *The Park and the Town. Public landscape in the 19th and 20th centuries.* Nova Iorque, Frederick A. Praeger.

- CHALINE, C. 1968. *L'Urbanisme en Grande-Bretagne.* Paris, Armand Colin.

- CHAMBERS, Douglas 1993. *The Planters of the English Landscape Garden: botany, trees, and the georgics,* New Haven e Londres, Yale University Press.

- CHASTEL, A. 1954. *Urbanisme et Architecture.* Paris, Henry Laurens.

- CHERRY, G.E. 1974. *The Evolution of British Town Planning.* Londres, Leonard Hill Books.

_____ (ed.) 1981. *Pioneers in British Planning.* Londres.

_____ 1988. *Cities and Plans.* Londres, Edward Arnold.

- CHOAY, F. 1965. *L'Urbanisme. Utopies et réalités.* Paris, Seuil.

_____ 1970. *The Modern City: planning in the 19th century.* Nova Iorque, Braziller.

_____ 1980. *La Règle et le Modèle.* Paris, Seuil.

- CHURCHILL, H.S. 1962. *The City is the People.* Nova Iorque, W.W. Norton.

- CIUCCI, G. *et alli.* 1975. *La Ciudad Americana.* Barcelona, Gustavo Gili.

- CLARK Jr., C.E. 1986. *The American Family Home, 1800-1960.* Chapel Hill e Londres, The University of North Carolina Press.

- CLAUDE, V. 1990. *Les projets d'aménagement, d'embellissement et d'extension (1919-1940): sources et méthodes.* Paris.

- CLIFFORD, D. 1962. *A History of Garden Design.* Londres, Faber and Faber.

- COHEN, Jean-Louis 1996. *La temtació d'Amèrica. Ciutat i arquitectura a Europa 1893-1960.* Barcelona, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, Institut d'Edicions.

- COHEN, J.-L. e LORTIE, A. 1994. *Des Fortifs au Perif. Paris, les seuils de la ville.* Paris, Picard.

- COLLINS, G.R. 1959. "The ciudad lineal of Madrid". In: *Journal of Society of Architectural History.* vol XVIII, nº 2, may, pp. 38-53.

_____ 1959. "Linear planning throughout the world". In: *Journal of Society of Architectural History*. vol XVIII, nº 3, oct., pp. 74-93.

- COLLINS, G.R. e COLLINS, C.C. 1980. *Camillo Sitte y el Nacimiento del Urbanismo Moderno*. Barcelona, Gustavo Gili.

- COLLINS, G.R. e FLORES, C. (org.) 1968. *Arturo Soria y la Ciudad Lineal*. Madri, Revista de Ocidente.

- COLLINS, P. 1967. *Changing Ideals in Modern Architecture 1750-1950*. Londres, Faber & Faber.

- COLQUHOUN, A. 1978. *Arquitectura Moderna y Cambio Historico. Ensayos: 1962-1976*. Barcelona, Gustavo Gili.

- COOKE, C. 1978. "Russian responses to the garden city idea". In: *Architectural Review*, 163, 976, março.

- CORREA, A.B. 1978. *Morfologia y Ciudad. Urbanismo y arquitectura durante el Antiguo Régimen en España*. Barcelona, Gustavo Gili.

- CRANZ, G. 1982. *The Politics of Park Design. A history of urban parks in America*. Cambridge e Londres, The MIT Press.

- CRAWFORD, A. 1985. *C.R. Ashbee: architect, designer and romantic socialist*. New Haven, Yale University Press.

- CREESE, W. 1963. "Parker and Unwin: architects of totality". In: *Journal of Society of Architectural Historians*, nº 22, pp.161-170.

_____ 1966. *The Search for Environment: the garden city before and after*. New Haven, Conn, M.I.T. Press. Reeditado, em 1992, com um novo prefácio e um epílogo do autor, por John Hopkins University Press, em Baltimore, MD.

_____ (ed.) 1967. *The Legacy of Raymond Unwin: a human pattern for planning*. Cambridge, Mass.

- CROWE, N. 1995. *Nature and the Idea of a Man-made World*. Cambridge, Massachusetts; London, England, The MIT Press.

- CUMMING, Elizabeth e KAPLAN, Wendy 1991. *The Arts and Crafts Movementl*, Londres, Thames and Hudson.

- CURTIS, W. 1986. *La Arquitectura Moderna desde 1900*. Rosario, Hermann Blume.

- CUTLER, Phoebe 1985. *The Public Landscape of the New Deal*, New Haven e Londres, Yale University Press.

- DAUNTON, M.J. (ed.) 1990. *Housing the Workers, 1850-1914: a comparative perspective*. Londres, Leicester University Press.

- DAVEY, P. 1980. *Architecture of the Arts and Crafts Movement*, Nova York, Rizzoli.

- DAY, M. e GARSTANG, K. 1975. "Socialist theories and Sir Raymond Unwin". In: *Town and Country Planning*, vol.43, nº 7-8, pp.346-9.

- DETHIER, J. 1984. *Images et Imaginaires d'Architecture*. Paris, Éditions du Centre Georges Pompidou.

- DETHIER, J. e GUIHEUX, A. (org.) 1994. *La Ville, art et architecture en Europe, 1870-1993*. Paris, Éditions du Centre Georges Pompidou.

- DEWITTE, J. 1985. *Forme et Caractère de la Ville Alemande*. Bruxelas, Archives d'Architecture Moderne.

- DEWITTE, J. et alli. 1987. *La Ville Inquiète*. Gallimard, Paris.

- DICKENS, P. 1992. *Society and Nature: towards a green social theory*. Harvester, Hemel Hempstead.

- DOBRINER, W.M. (ed.) 1958. *The Suburban Community*. Nova York, G.P. Putnam's Sons.

- DOGLIO, C. 1953. "L'Equivoco della città giardino". In: *Urbanistica*, ano XXIII, nº 13, pp.56-66.

- DOWNS, A. 1973. *Opening Up the Suburbs. An urban strategy for America*. New Haven e Londres, Yale University Press.

- DREYSSE, DW. 1988. *Les Cités de Ernst May. Guide d'architecture des cités nouvelles de Francfort 1926-1930*. Frankfurt e Estrasburgo,Fricke Verlag / École d'Architecture de Strasbourg.

- DUHL, L.J. (editor) 1963. *The Urban Condition. People and policy in the metropolis*. Nova Iorque, A Clarion Book.

- DUPUY, G. 1979. *Urbanisme et Technique: chronique d'un marriage de raison.* Paris, Centre Centre de Recherche d'Urbanisme.

_____ 1991. *L'Urbanisme des Réseaux. Théories et Méthodes.* Paris, Armand Colin.

- DYOS, H.J. e WOLFF, M. (ed.) 1973. *The Victoria City: images and realities.* Londres.

- DYOS, H.J. 1961. *Victorian Suburb.* Leicester, Leicester University Press.

_____ (ed.) 1968. *Study of Urban History.* Londres.

_____ 1970. *Victorian Cities.* 2 vols., Londres.

_____ 1982. *Exploring the Urban Past. Essays in urban history.* Cambridge, Cambridge University Press.

- EARLY, James 1965. *Romanticism and American Architecture.* Nova Iorque, A.S. Barnes & Co..

- EATON, Leonard K. 1963-64. "The american suburb: dream and nightmare", in: *Landscape*, vol.13, nº 2, winter, pp.12-26.

_____. 1964. *Landscape Artist in America. The Life and Work of Jens Jensen,* Chicago e. Londres, The University of Chicago Press.

- EHRLICH, T.L. 1994. "The villa borghese and the rise of the baroque garden-park". In: *Landscape*, vol.32, nº 2, pp.12-19.

- ELIA, M.M. et alli. 1975. *La Ciudad Americana. De la guerra civil al New Deal.* Barcelona, Gustavo Gili.

- ELIA, M.M. 1976. *William Morris y la Ideologia de la Arquitectura Moderna.* Barcelona, Gustavo Gili.

- ELLIN, N. 1993. *Postmodern Urbanism.* . Oxford e Cambridge, Blackwell Publishers

- ÉMERY, M.-A. 1987. "Premières réflexions: le manuscrit inédit de 'La Construction des villes' ". In: *Le Corbusier. Une encyclopédie.* Paris, Centre Georges Pompidou. pp.432-435.

- EPRON, J.-P.(org.) 1993. *La Culture Architecturale.* Paris, Mardaga.

- EVANS, P. 1976. "Raymond Unwin and the municipalisation of the garden city". In: *Transactions of the Martin Centre for Architecture and Urban Studies,* Cambridge,

vol.1, University of Cambridge, pp.251-274.

- EVANS, R. 1978. "Rookeries and model dwellings. English housing reform and the moralities of private space". In: *Architectural Association Quarterly*, Londres, vol.10, nº 1.

- EVERETT, Nigel 1994. *The Tory View of Landscape*, New Haven e Londres, Yale University Press.

- FABOS, J.G. et alli. 1968. *Frederick Law Olmsted Sr. Founder of Landscape Architecture in America*. Amherst, University of Massachusetts Press.

- FAWCETT, Jane (ed.) 1976. *Seven Victorian Architects*, Londres, Thames and Hudson.

- FEHL, G. e RODRIGUEZ-LORES, J. 1993. "La 'città-giardino' in Germanía tra il 1910 e il 1918". In: *Casabella*, 597-598, janeiro-fevereiro, pp.12-16.

- FEIN, Albert 1968. *Landscape into Cityscape. Frederick Law Olmsted's plan for a greater New York City*. Ithaca, Cornell University Press.

_____ 1972. *Frederick Law Olmsted and the American Environmental Tradition*. Nova Iorque, George Braziller.

- FEISS, C. 1959. "Broadacre City revisited". In: *Progressive Architecture*, XL, 7, julho.

- FELDGES-HENNING, Uta 1972. "The pictorial programme of the sala della pace: a new interpretation". In: *Journal od the Walburg and Courtauld Institutes*. pp. 145-162.

- FELDMAN, D. e STEDMAN, G. (ed.) 1989. *Metropolis. London. Histories and Representations since 1800*. Londres e Nova Iorque, Routledge.

- FISHMANN, R. 1979. *L'Utopie Urbaine au XXe Siècle. Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier*. Bruxelas, Pierre Mardaga.

_____ 1987. *Bourgeois Utopias. The rise and fall of suburbia*. Nova Iorque, Basic Books, Inc., Publishers.

- FOCKEMA, S.J. 1963. "The garden city idea in the Netherlands before 1930". In: *Stedebouw & Volkshnisvesting*, nº 44, pp.95-107.

- FOUET, G. 1969; *La Villa gallo-romaine de Montmaurin, Vingtième Supplément à Gallia*, Paris, Éditions du CNRS, segunda edição em 1984.

- FOURCAUT, A. (org.) 1988. *Un Siècle de Banlieu Parisienne (1859-1964)*. Paris, L'Harmattan.

- FRAMPTON, K. 1983. *Historia Critica de la Arquitectura Moderna*. Barcelona, Gustavo Gili.

- FRATICELLI, V. 1982. *Roma 1914-1929. La città e gli architetti fra la guerra e il fascismo*. Roma, Officina.

- FRIEDMANN, J. e WEAVER, C. 1979. *Territory and Function: the evolution of regional planning*. Londres, Edward Arnold.

- FUBINI, A. 1979. *Urbanistica in Italia*. Milão, Clup.

- FULLER, R. 1986. *A History of Welwyn Garden City*. Phillimore.

- GABETTI, R. e OLMO, C. 1989. *Alle Radici Dell'Architettura Contemporanea*. Turim, Einaudi Editore.

- GARIN, E. 1971. *La Città in Leonardo*. Florença, G. Barbèra Editore.

- GARNER, John S. (ed.) 1992. *The Company Town. Architecture and Society in the Early Industrial Age*, Nova York e Oxford, Oxford University Press.

- GASKELL, S.M. (ed.) 1991. *Slums*. Leicester, Leicester University Press.

- GAUDIN, J.-P. 1989. "La genesi dell'urbanistica di piano e la questione della modernizzazione politica, 1900-1930". In: *Storia Urbana,* 48/49, pp.225-245.

- GAULDIE, E. 1974. *Cruel Habitations. A history of working-class housing 1780-1918*. Londres, George Allen & Unwin Ltd..

- GERETSEGGER, H. e PEINTNER, M. 1983. *Otto Wagner, 1841-1918. La grande ville à croissance illimitée: une origine de l'architecture moderne*. Liège, Bruxelas.

- GIEDION, S. 1959. *Space, Time and Architecture. The growth of a new tradition*. Cambridge, Harvard University Press.

- GIORDANI, P.L. 1972. *L'Idea della Città Giardino*. Bolonha, Calderini.

- GIROUARD, M. 1985. *Cities & People. A social and architectural history*. New Haven e Londres, Yale University Press.

- GLAAB, C.N. e BROWN, A.Th. 1967. *A History of Urban America*. Nova Iorque, The Macmillan Company.

- GODFREY, R. 1986. *W.R. Lethaby. His life and works 1857-1931*. Londres, The Architectural Press.

- GRADIDGE, Roderick 1980. *Dream House: The Edwardian Ideal*, Londres, Constable.

_____. 1981. *Edwin Lutyens. Architect Laureate*, Londres, Allen and Unwin.

- GREEN, B.G. 1977. *Hampstead Garden Suburb 1907-1977: a history*. Londres.

- GRIMAL, Pierre 1969. *Les Jardins Romains*. Paris, Presses Universitaires de France.

_____ 1939. "Les maisons à tour hellénistiques et romaines". In: *Mélanges d'archéologie et d'histoire*. École Française de Rome, pp.28-59.

- GRINBERG, D.I. 1982. *Housing in the Netherlands 1900-1940*. Delft, Delft University Press.

- GUERRAND, R.-H. 1967. *Les Origines du Logement Social en France*. Paris, Les Éditions Ouvrières.

- GUIHEUX, A. e CINQUALBRE, O. 1989. *Tony Garnier: L'oeuvre complète*. Paris, Editions du Centre Georges Pompidou.

- GUILLERME, J. 1970. "Notes pour l'histoire de la régularité". In: *Revue*. Paris, D'Esthétique, tomo XXIII, 3-4.

- GUNN, P. 1991. "The capital-labour relation and the concept of urban reform". São Paulo, FAU-USP, BISS 13.

_____ 1994. "Garden cities & the fabian road to urban reform". São Paulo, FAU-USP, BISS 15.

- HAAR e IATRIDIS. 1974. *Housing the Poor in Suburbia: public policy at the grass roots*. Cambridge, Mass, Bollinger Publishing Company.

- HALL, P. 1974. *Urban and Regional Planning*. Harmondsworth.

_____ 1988. *Cities of Tomorrow. An intellectual history of urban planning and design in the twentieth century*. Oxford e Cambridge, UK e USA, Basil Blackwell.

- HANDLIN, O. e BURCHARD, J. (ed.) 1977. *The Historian and the City*. Cambridge, Mass. e Londres, The MIT Press.

- HAYDEN, D. 1976. *Seven American Utopias. The architecture of communitarian socialism 1790-1975*. Cambridge, Mass, M.I.T. Press.

- HAWKES, Dean 1976. "Garden cities and new methods of construction: Raymond Unwin's influence of english housing practice". In: *Transactions of the Martin Centre for Architecture and Urban Studies,* Cambridge, University of Cambridge, vol.1, pp.275-296.

_____. 1978. "The architectural partnership of Barry Parker and Raymond Unwin". In: *Architectural Review* ,163, 976, março.

_____. 1986. *Modern Country Homes in England. The Arts and Crafts Architecture of Barry Parker 1867-1944*, Cambridge, Cambridge University Press.

- HERBERT, G. 1963. "The neighbourhood unit principle and organic theory". In: *Sociological Review*, julho, pp.165-213.

- HINES, T.S. 1974. *Burnham of Chicago: architect and planner*. Chicago e Londres, The University of Chicago Press.

- HITCHCOCK Jr., Henry-Russel. 1993 (1929). *Modern Architecture. Romanticism and Reintegration*. Nova York, Da Capo Press.

- HOFFMAN, A. von. 1994. *Local Attachments: the making of an american urban neighborhood, 1850 to 1920*. Baltimore, John Hopkins University Press.

- HOMANN, K. e SCARPA, L. 1983. "Martin Wagner, the Trades Union Movement and housing construction in Berlin in the first half of the nineteen twenties". In: *Architectural Design,* vol.53, nº 11/12, pp.58-62.

- HOSKINS, W.G. 1955. *The Making of English Landscape*. Londres, Penguin Books.

- HUBBARD, Edward e SHIPPOBOTTOM, Michael 1988. *A Guide to Port Sunlight Village including two tours of the village*, Liverpool, Liverpool University Press.

- HUGUES, M. (ed.) 1971. *The Letters of Lewis Mumford and Frederic J. Osborn: a transatlantic dialogue*. Londres, Adams e Dart.

- HUSSEY, C. 1953. *The Life of Sir Edwin Lutyens*. Londres.

- JACKSON, F. 1985. *Sir Raymond Unwin: architect, planner and visionary.* Londres, Zwemmer Ltd.

- JACKSON, K. 1985. *Crabgrass Frontier. The suburbanization of the United States.* Nova Iorque e Oxford, Oxford University Press.

- JACKSON e SCHULTZ (ed.). 1972. *Cities in American History.* Nova Iorque, A.A. Knopf.

- JACOBS, J. 1984. *Cities and the Wealth of Nations. Principles of economic life.* Nova Iorque, Penguin Books.

- JOHNSON, P.B. 1968. *Land Fit for Heroes: the planning of british reconstruction 1916-19.* Chicago.

- JOHNSTON, R. Stewart. 1991. *Scholar Gardens of China. A study and analysis of the spatial design of the Chinese private garden,* Cambridge, Cambridge University Press.

- JONES, G.S. 1984. *Outcast London. A study in the relationship between classes in victorian society.* Londres, Penguin Books.

- JULLIAN, R. (ed.) 1989. *Tony Garnier, constructeur et utopiste.* Paris, Philippe Sers.

- KAUFMANN, Jr. E. (editor) 1970. *The Rise of an American Architecture.* Nova Iorque.

- KAUFMANN, E. 1982 (1933). *De Ledoux a Le Corbusier. Origen y desarrollo de la arquitectura autónoma.* Barcelona, Gustavo Gili.

- KERN, S. 1983. *The Culture of Time and Space 1880-1918.* Cambridge, Mass, Harvard University Press.

- KING, A.D. 1976. *Colonial Urban Development: Culture, social power and environment.* Londres.

———— 1984. *The Bungalow: production of a global culture.* Londres.

———— 1990. *Urbanism, Colonialism, and the World-Economy.* Routledge, Londres e Nova Iorque.

- KLABER, J.T. 1914. "The garden city of Hellerau". In: *Architectural Record,* nº 2.

- KOPETZKI, C, MOST, D., SCHLIER, J., SLENCZKA, H. 1983. *Süsterfeldsiedlung 1932-1982. Zur Geschichte einer Stadtrandsiedlung für Erwebslose in Kassel.* Kassel, Gesamthochschule Kassel.

- KORNWOLF, James D. 1972. *M.H. Baillie Scott and the Arts and Crafts Movement.* Baltimore e Londres, John Hopkins University Press.

- KRUECKEBERG, D.A. (ed.) 1985. *Introduction to Planning History in the United States.* Nova Jersey, The Center for Urban Policy Research Rutgers University.

- KUPKA, K. 1993. "Harlemmermeer: i polmoni del leone. Urbanizzazione di un polder nella zona di Amsterdam". In: *Storia Urbana,* ano XVII, nº 62, janeiro-março, pp.105-125.

- LAMES, J.M.R.G. 1993. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.* Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkiam, Junta Nacional de Investigação Cientifica e Tecnológica.

- LANCASTER, C. 1985. *The American Bungalow 1880.* Nova Iorque, Abberville Press.

- LANE, B.M. 1968. *Architecture and Politics in Germany 1918-1945.* Mass, Cambridge.

- LANG, S. 1952. "The ideal city from Plato to Howard". In: *The Architectural Review* nº 112, agosto.

- LASCAULT, G. et alli. 1976. *Jardins contre Nature.* Traverses, nº 5-6.

- LAVEDAN, P. 1959. *Histoire de l'Urbanisme. Renaissance et temps modernes.* Paris, H. Laurens.

- LE BRETON, J. 1989. *Beaux-Arts, rapport à l'Empereur* ...Berlim, Paris.

- LEES, A. e LEES, L. (ed.) 1976. *The Urbanization of European Society in the Nineteenth Century.* Mass, Lexington.

- LEES, A. 1985. *Cities Perceived. Urban society in european and american thought 1820-1940.* Manchester, Manchester University Press.

- LE GOFF, Jaques 1991. "Construcción y destrucción de la ciudad amurallada: una aproximación a la reflexión y a la investigación". In: DE SETA, Cesare e LE GOFF, Jaques (eds.) 1991. *La ciudad y las murallas.* Catedra, Arte Grandes Temas, pp. 11-20.

- LEJEUNE, Jean-François 1994. "La ville et le paysage, influences et projets américains". In: *Jean Claude Nicolas Forestier 1861-1930. Du jardin au paysage urbain.* Paris, Picard, pp. 173-88.

- LETHABY, W.R. 1935. *Philip Webb and His Work.* Londres, Oxford University Press. reimpresso por Raven Oak Press, 1979.

- LIAÑO, I.G. 1990. *Paisajes del placer y de la culpa.* Madri, Editorial Tecnos.

- LISELOTTE e UNGERS, O.M. 1978. *Comunas en el Nuevo Mundo: 1740-1971.* Barcelona, Gustavo Gili.

- LOCKRIDGE, K.A. 1970. *A New England Town. The first hundred years.* Nova Iorque, W.W. Norton & Co.

- LONG, M. 1982. *Moral regime and Model Institutions: precursors of town planning in early victorian England.* Working paper 20. Department of Civic Design, University of Liverpool.

- LONGSTRETH, R. (editor) 1991. *The Mall in Washington, 1791-1991.* Hanover e Londres, University Press of new England.

- LOYER, F. 1983. *Le Siècle de l'Industrie, 1789-1914.* Paris, Skira.

- LOWENSTEIN, L.K. (editor) 1971. *Urban Studies. An introductory reader.* Nova Iorque e Londres, The Free Press e Collier Macmillan Limited.

- LUBOVE, R. 1963. *Community Planning in the 1920's: the contribution of the Regional Planning Association of America.* Pittsburg, Pasadena, The University of Pittsburgh Press.

- LUCAN, J. 1980. "Stratégies sur la ville. Construire en quartiers anciens". In: *Les Cahiers de la Recherche Architecturale,* nº 5, março.

- MACLEOD, Robert 1968. *Style and Society: architectural ideology in Britain 1835-1914,* Feltham, Country Life.

- MACFAYDEN, D. 1933. *Sir Ebenezer Howard and the Garden City Movement.* Manchester, Manchester University Press.

- MAGRI, S. 1984. "Movimento per le riforme sociali e politica dell'abitazione popolare: Parigi, 1880-1914". In: *Storia Urbana,* ano VIII, 26, janeiro-março, pp.53-76.

_____ 1988. *La Rationalisation Urbaine dans les Projets des Reformateurs en France, 1900-1925. La conception organiciste de la ville: implications pratiques et sources d'inspiration.* Paris, Centre de Sociologie Urbaine, IRESCO/CNRS.

- MAGRI, S. e TOPALOV, C. 1987. "De la cité-jardin à la ville rationalisée. Un tournant du projet réformateur, 1905-1925. Étude comparative France, Grande-Bretagne, Italie, États-Unis". In: *Revue Française de Sociologie,* julho-setembro, pp.417-451.

- MAILLARD, C. 1992. "Les années 30. La Butte Rouge. Une cité-jardin à Châtenay-Malabry". In: *Urbanisme*, nº 256, setembro, pp.65-69.

- MAIRET, P. 1957. *Pioneer of Sociology - The life and letters of Patrick Geddes*. Londres.

- MANCUSO, F. 1980. *Las Experiencias del Zoning*. Barcelona, Gustavo Gili.

- MANDELKER, D.R. 1962. *Green Belts and Urban Growth. English town and country planning in action*. Madison, The University of Wisconsin Press.

- MARIANI, R. (ed.) 1990. *Tony Garnier: une cité industrielle*. Nova Iorque, Rizzoli.

- MARTINET, Marie-Madeleine 1980. *Art et Nature en Grand-Bretagne. De l'harmonie classique au pittoresque du premier romantisme 17éme-18éme siècles*. Paris, Aubier.

- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich 1972 (1859). *L'ideologie allemande (première partie): thèses sur feuerbach – préface de la contribution a la critique de l'économie politique*. Paris, Édition Sociales.

- MARX, Leo 1967. *The Machine in the Garden: technology and the pastoral ideal in America*. Nova Iorque, Galaxy Book.

- MASOTTI e HADDEN (ed.) 1973. *The Urbanization of the Suburbs*. Londres, Beverly Hills, Sage Publications.

- MAURIZIO, J. 1952. *Les Colonies d'Habitation en Suisse 1940-1950*. Zurique, Les Éditions d'Architecture.

- MAYER, Albert 1968. *Greenbelt Towns Revisited*. Nova Iorque, National Association of Housing.

- McDERMOTT, J.J. 1976. *The Culture of Experience. Philosophical essays in the american grain*. Nova Iorque, New York University Press.

- MELLER, H. 1990. *Patrick Geddes: social evolutionist and city planner*. Londres e Nova Iorque, Routledge.

- MELOSI, M.V. (editor) 1980. *Population and Reform in American Cities, 1870-1930*. Texas, Austin.

- MIANO, G. 1991. "Città e campagna, città e natura nella cultura dell'Illuminismo in Francia e in Inghilterra". In: *Rassegna di Architettura e Urbanistica*, Roma, ano XXV, nº 73/74/75, janeiro-dezembro, pp.135-145.

- MICHELIS, M. de. 1985. "Naissance de la siedlung". In: *Cahiers de la Recherche Architecturale*, nº 15/17.

_____ 1989. "Modernity and reform, Heinrich Tessenow and the Institut Dalcroze at Hellerau". In: *Perspecta*, Londres e New Haven, nº 26, pp.143-170.

_____ 1990. "Tessenow riformatore. Siedlung e piccola città". In: *Casabella*, nº 565, fevereiro, pp.44-58.

_____ 1991. "In the first german garden city. Tessenow in Hellerau". In: *Lotus*, nº 69, pp.54-71.

_____ s/d. *Heinrich Tessenow 1876-1950*. Milão, Electa.

- MIDDLETON, R. e WATKIN, D. 1987. *Neoclassical and the 19th Century Architecture*. 2 vols., Milão, Faber/Electa.

- MILLER, M. 1979. "Letchworth Garden City: zwischen romantik und moderne". In: *Bauwelt*, pp.196-198.

_____ 1992. *Raymond Unwin: garden cities and town planning*. Leicester, Leicester University Press.

- MITCHELL, W.J.T. (ed.) 1994. *Landscape and Power*. Chicago e Londres, The University of Chicago Press.

- MOORE, C. 1968 (1921). *Daniel H. Burnham, Architect Planner of Cities*. Boston e Nova Iorque.

- MOOS, S. von. 1979. *Le Corbusier. Elements of a Synthesis*. Cambridge, Mass. e Londres, The MIT Press.

- MORANCÉ, A. (ed.) s/d. "Cités-Jardins. Habitations a bon marché. Constructions ouvrières". In: *Encyclopédie de l'Architecture*, Paris, Éditions Albert Morancé.

- MORINI, M. 1963. *Atlante di Storia dell'Urbanistica*. Milão.

- MOSS-ECCARDT, J. 1973. *Ebenezer Howard*. Londres, Shire Books.

- MOUGENOT, C. 1988. "Promoting the single-family house in Belgium: the social construction of model housing". In: *International Journal of Urban and Regional Research*, vol.12, nº 4, dezembro, pp.531-549.

- MULLER, P.O. 1981. *Contemporary Suburban America*. Prentice-Hall, Englewood Cliffs.

- MUNTONI, A. 1987. "Biedermeier e popolare: la casa in Austria e Germania 1814-1922". In: *Metamorfosi,* nº 5, junho, pp.4-15.

- MURARD, L. e ZYLBERMAN, P. 1976. *Le Petit Travailleur Infatigable ou le Proletaire Régénéré. Villes-usines, habitat et intimités au XIXe siècle*. Recherches, Fontenay-sous-Bois.

_____ (org.) 1977. *L'Haleine des Faubourgs. Ville, habitat et santé au XIXe siècle*. Recherches, nº 29, dezembro.

- MUTHESIUS, S. 1982. *The English Terraced House*. New Haven e Londres, Yale University Press.

- NAITO, A. 1978. *Katsura. Un Ermitage Princier*. Fribourg, Office du Livre.

- NERDINGER, W. 1990. *Theodor Fisher. Architetto e urbanista, 1862-1938*. Milão, Electa.

- OLIVEIRA, J. M. Pereira 1973. *O espaço urbano do Porto: condições naturais e desenvolvimento*. Coimbra, Instituto de Alta Cultura.

- OLMSTED, F.L. Jr. and KIMBALL, Th. (eds.) 1970 ( ). *F.L. Olmsted: Landscape Architect, 1822-1903*. Nova Iorque, Benjamin Blon, Inc..

- OLSEN, D. 1964. *Town Planning in London: the eighteenth and nineteenth centuries*, New Haven, Yale University Press.

_____ 1986. *The City as a Work of Art: London, Paris, Vienna*. New Haven e Londres, Yale University Press.

- ORLANS, H. 1952. *Stevenage. A sociological study of a new town*. Londres, Routledge & Kegan Paul Ltd..

- OSTROWSKY, W. s/d. *Contemporary Town Planning - from the origins to the Athens Charter*. International Federation for Housing and Planning.

- PAILLER, Jean-Marie 1987. "Montmaurin: a garden villa". In: AA.VV. 1987. *Ancient roman villa gardens.* Washington D.C., Dumbárton Oaks Ressarch Library and Collection Trustees for Harvard Univ.

- PANERAI, P.R. et alli. 1986. *Formas Urbanas: de la manzana al bloque*. Barcelona, Gustavo Gili.

- PARKER, (R.) B. 1895. "Our homes". In: *Buildings news*. Vol. 10, nº 26, july.

_____ 1907. "Town planning". In: *The garden city*. NS II, nº 18, july, pp. 366-367.

_____ 1916. "Horizontality and verticality in the treatment of town planning schemes". In: *British architect*. NS 85, nº 2, june, pp. 45-48.

_____ 1919. "Two years in Brazil". In: *Garden cities and town planning*. Vol. IX, nº 8, august, pp. 143-151.

_____ 1920. "Town-planning experiences in Brazil". In: *Architects Journal*, LI, pp.48-52

_____ 1920. "Civic design and planning at Sao Paulo". In: *Architects Journal*, LIV, pp.71-75, 80-81.

_____ 1922. "Zoning to secure amenities". In: *Papers and dicussions of the Town Planning Institute*. Vol. III, pp. 77-82.

_____ 1923. A lecture on Earswick delivered before the Town Planning Institute, nº 6, october, offprint from *Journal of the Town Planning Institute*. Letchworth, First Garden City Heritage Museum, Parker Collection.

_____ 1928. "Economy in estate development". In: *Journal of the Town Planning Institute*. vol. 14, nº 8, july, pp. 177-186.

_____ 1929. "Presidental address. Where we stand". In: *Journal of Town Planning Institute*. Vo. 16, nº 2, december, pp. 1-10.

_____ 1933. "Highways, parkways and freeways with special reference to Wythenshawe estate Manchester and to Letchworth Garden City". In: *Town and country planning*. Vol. I, nº 2, february, pp. 38-43.

_____ 1937. "Site planning as exemplified at New Earswick". In: *Town planning review*. Vol. XVII, nº 2, february, pp. 79-102.

_____ 1940a. "The life and work of Sir Raymond Unwin". In: *Journal of the Town Planning Institute*. Vol. XXVI, nº 5, august, pp. 161-162.

_____ 1940b. "Memoir of Sir Raymond Unwin". In: *Journal of the Royal Institute of British Architects*. 3ss. Vol. 47, nº 19, 15 july, pp. 209-210.

PARKER, (R.) B. e UNWIN, R. 1901. "The art of designing small houses and cottages". In: *The art of building a home*. London, Longmans Green, pp. 109-133.

_____ 1903. "Cottages near a town". In: *Catalogue of the Northern Artworkers Guild Exhibition*. Manchester, H. C. D. Chorlton.

_____ 1906. "The cheap cottage. What is really needed". In: *The Garden City*. Vol. I, nº 4, july, pp. 55-57.

- PENNY, B.R. 1976. *Pilkington Bros. Garden Village Ventures: the end of the garden city suburb movement*. Working paper 1, Department of Civic Design, University of Liverpool.

- PESCHKEN, G. e HEINISCH, T. 1983. "Berlin at the beginning of the twentieth century". In: *Architectural Design,* vol.53, nº 11/12, pp.40-48

- PESCHKEN, G. 1983. "The Berlin 'Miethaus' and renovation". In: *Architectural Design,* vol.53, nº 11/12, pp.49-57.

- PEVSNER, N. 1962 (1936). *Os Pioneiros do Desenho Moderno*. Lisboa, Ulisseia.

- PICCINATO, G. 1977. *La Costruzione dell'Urbanistica. Germania 1871-1914*. Roma, Officina.

- POLANO, S. (org.) 1987. *Hendrik Petrus Berlage. Opera completa*. Milão, Electa.

- PORFYRIOU, H. 1993. "Sulla declinazione classicista di Camillo Sitte nella storia urbanistica dei paesi nordici". In: *Storia Urbana,* ano XVII, nº 62, janeiro-março, pp.79-104.

- PORPHYRIOS, D. 1962. *Sources of Modern Eclecticism*. Londres, Academy / St. Martin's Press.

- POSENER, J. 1975. "Muthesius come architetto". In: *Lotus International,* nº 9, pp.104-115.

- PUGH, S. (org.) 1990. *Reading Landscape. Country - City - Capital*. Manchester, Manchester University Press.

- PURCELL, Nicholas 1987. "Town in country and country in town". In: AA.VV. 1987.

Ancient roman villa gardens. Washington D.C., Dumbárton Oaks Ressarch Library and Collection Trustees for Harvard Univ.

- RAMBACH, P. e S. 1973. *Le Livre Secret des Jardins Japonais.* Genebra, Albert Skira Editeur. versão integral de um manuscrito inédito do fim do XII século.

- RANNEY, V.P. 1972. *Olmsted in Chicago.* Chicago, R.R. Donnely & Sons.

- RASMUSSEN, S.E. 1937. *London. The unique city.* Nova Iorque.

_____ 1956. *Towns and Buildings.* Liverpool.

_____ 1984. *Villes et Architecture.* Paris, L'Equerre.

- RICHARDSON, Margaret 1983. *Architects of the Arts and Crafts Movement,* Londres, Trefoil.

- ROBINSON, S.K. 1991. *Inquiry into the Picturesque.* Chicago e Londres, The University of Chicago Press.

- RODWYN, L. 1956. *The British New Towns Policy: problems and implications.* Cambridge, Mass.

- RODGER, R. (editor) 1993. *European Urban History. Prospect and retrospect.* Leicester e Londres, Leicester University Press.

- ROMANO, G. 1978. *Studi sul Paesaggio. Storia e immagini.* Turim, Einaudi Editore.

- ROPER, L.W. 1973. *FLO A Biography of Frederick Law Olmsted.* Baltimore e Londres, The John Hopkins University Press.

- ROSENAU, H. 1958. *The Ideal City in its Architectural Evolution.* Londres, Routledge, Kegan and Paul.

- ROWE, P.G. 1993. *Modernity and Housing.* Cambridge, Mass., Londres, Ingl., The MIT Press.

- RUBENS, Godfrey 1986. *William richard Lethaby: His Life and Work 1857-1931,* Londres, Architectural Press.

- SAINT, Andrew 1976. *Richard Norman Shaw,* New Haven e Londres, Yale University Press.

- SALOTTI, G.D. (org.) 1990. *Bruno Taut la figura e l'opera.* Milão, Franco Angeli.

- SAMBRICIO, C. 1992. "De la ciudad lineal a la ciudad jardin. Sobre la difusion en España de los supuestos urbanisticos a comienzos del siglo". In: *Ciudad y Territorio*, nº 94, pp.147-159.

- SAMONÀ, G. 1959. *L'Urbanistica e l'Avvenire della Città*. Bari.

- SAUNDERS, A. 1969. *Regent's Park*. Newton Abbot.

- SCHAFFER, F. 1970. *The New Town Story*. Londres.

- SCHMIECHEN, J.A. 1985. "The victorians, the historians and the idea of modernism". In: *The American Historical Review*, vol.90, nº 3, junho, pp.287-316.

- SCHMITT, Peter J. 1969. *Back to Nature. The arcadian myth in urban America*. Nova Iorque, Oxford University Press.

- SCHORSKE, C.E. 1979. *Viena Fin-de-Siècle. Política e cultura*. São Paulo, Editora da Unicamp e Companhia das Letras.

- SCHORSKE, C.E. et alli. 1986. *Viena 1880-1938. L'apocalypse joyeuse*. Paris, Éditions du Centre Georges Pompidou.

- SCHUYLER, D. 1986. *The new Urban Landscape. The redefinition of city form in nineteenth-century America*. Baltimore e Londres, The John Hopkins University Press.

- SCHUYLER, David e TURNER, Jane (eds.) 1992. *The Papers of Frederick Law Olmsted*, volume VI - "The years of Olmsted, Vaux & Company 1865-1874". Baltimore e Londres,The John Hopkins University Press.

- SCOTT, Mel 1969. *American City Planning Since 1890*. Berkeley e Los Angeles, University of California Press.

- SCRIVANO, Paolo 1993. "Urbanistica e costruzione della città in un caso storico: Tony Garnier e Lione". In: *Storia Urbana*, anno XVII, nº 65, outubro-dezembro, pp.171-192.

- SCULLY, Vincent 1954. "American villas. Inventiviness in american suburbs from Downing to Wright". In: *The Architectural Review*, CXV, março,.

_____ 1969. *American Architecture and Urbanism*. Londres, Thomas and Hudson.

_____ 1970. "American houses: Thomas Jefferson to Frank Lloyd Wright". In: AA.VV. 1970. *The Rise of American Architecture*. Nova Iorque, Pall Mall Press.

- SENNETT, Richard 1975. *Vida Urbana e identidad personal. Los usos del desorden.* Barcelona, Península.

_____ 1988. *O Declínio do Homem Público. As tiranias da intimidade.* São Paulo, Companhia das Letras.

_____ 1990. *The Conscience of the Eye. The design and social life of cities.* Nova Iorque e Londres, W.W. Norton & Company.

- SENNETT, R. et alli 1969. *Nineteenth-Century Cities: Essays in the New Urban History.* s/ed.

- SERVICE, Alastair (ed.) 1975. *Edwardian Architecture and Its origins,* Londres, Architectural Press.

_____ 1977. *Edwardian Architecture: A Handbook of Building Design in Britain 1890-1914,* Londres, Thames and Hudson.

- SICA, P. 1977. *La Imagen de la Ciudad. De Esparta a Las Vegas.* Barcelona, Gustavo Gili.

_____ 1981. *Historia del Urbanismo. El siglo XIX.* 2 vols., Madri, Instituto de Estudios de Administración Local.

_____ 1984. *Historia del Urbanismo. El siglo XX.* Madri, Instituto de Estudios de Administración Local.

- SIMONDS, J.O. 1994. *Garden Cities 21: creating a livable urban environment.* Nova Iorque, McGraw-Hill.

- SIMPSON, Duncan 1979. *C.F.A. Voysey. An architect of individuality,* Londres, Lund Humphries.

- SMETS, M. 1977. *L'Avènement de la Cité-Jardin en Belgique. Histoire de l'habitat social en Belgique de 1830 à 1930.* Bruxelas, Pierre Mardaga.

_____ 1985. *1914. La Reconstruction en Belgique.* Louvain.

- SOCIÉTÉ NATIONALE DES CHEMINS DE FER. 1952. *Ensembles D'Habitations Individuelles et Collectives réalisés en France.* Paris, Éditions Vincent Fréal et Cie..

- SOISSONS, M. de. 1988. *Welwyn Garden City: a town designed for healthy living.* Publication for Companies.

- SORBA, C. 1984. "Edilizia popolare nella regione parigina: il caso dell' 'Office Public d'Habitations a Bon Marché du Departement de la Seine' (1915-1939)". In: *Storia Urbana*, anno VIII, n° 26, gennaio-marzo, pp.77-114.

- SPAGNOLI, L. 1992. *Berlino nella Rivoluzione Industriale. Saggio sull'urbanistica contemporanea*. Brescia, Grafo.

- SPENS, M. 1992. "The riddle of australian suburbia". In: *Architectural Review*, n° 1145, julho, pp.75-79.

- SPIRN, A.W. 1984. *The Granite Garden. Urban nature and design*. Nova Iorque, Basic Books Inc. Publishers.

- STEWART, C. 1952. *A Prospect of Cities*. Londres, Longmans.

- STRATMANN, M. 1979. "Housing policies in the Weimar Republic". In: *Architectural Association Quarterly*, vol.II, n° I, pp.16-43.

- SUMMERSON, J. 1980. *The Life and Work of John Nash*. Cambridge, Mass.

- SUTCLIFFE, A. (ed.) 1980. *The Rise of Modern Urban Planning, 1800-1914*. Londres, Mansell.

_____ (ed.) 1981. *British Town Planning: the formative years*. Londres, St. Martin Press.

_____ 1981. *The History of Urban and Regional Planning - an annotated bibliography*. Londres, Mansell.

_____ 1981. *Towards the Planned City. Germany, Britain, the United States and France, 1780-1914*. Nova Iorque, St. Martin Press.

_____ (org.) 1984. *Metropolis 1890-1940*. Londres.

- SUTTON, S.B. 1971. *Civilizing American Cities. A selection of Frederick Law Olmsted's writings on city landscapes*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.

- SWENARTON, M. 1981. *Homes fit for Heroes: the politics and architecture of early state housing in Britain*. Londres.

- TAFURI, M. e DAL CO, F. 1980. *Modern Architecture*. 2 vols., Nova Iorque, Electa/ Rizzoli.

- TAFURI, M. 1980. *Vienna Rossa. La politica residenziale nella Vienna socialista.* Milão, Electa.

_____1984. *La Esfera y el Laberinto. Vanguardias y arquitectura de Piranesi a los años setenta.* Barcelona, Gustavo Gili.

_____1985. *Projecto e Utopia. Arquitetura e desenvolvimento do capitalismo.* Lisboa, Editorial Presença.

- TAGLIAVENTI, Gabriele (ed.) 1994. *Città Giardino / Garden City. Cento anni di teorie, modelli, esperienze / A century of theories, models experiences.* Roma, Gangemi Editore. Coletânea de textos de diversos autores, sendo que a maioria deles pesquisadores da Universidade de Bolonha. O volume foi publicado por ocasião da série de exposições "Cidade clássica - Cidade jardim", organizada em Bolonha em março de 1994.

- TEYSSOT, G. 1974. "Cottages et pittoresque: les origines du logement ouvrier en Angleterre, 1781-1818". In: *Architecture Mouvement Continuité*, nº 34.

_____ 1974. *Città e Utopia nell'Illuminismo Inglese: George Dance il giovane.* Roma; Officina.

_____ 1981. "Grandi maccine pensanti". In: *Lotus International*, nº 30.

- TEYSSOT, G. et alli. 1987. *Arte, Arquitectura y Estética en el Siglo XVIII.* Barcelona, Akal.

- TEYSSOT, G. et alli. 1990. *L'Architettura dei Giardini d'Occidente dal Rinascimento al Novecento.* Milão, Electa.

- THOMPSON, F.M.L. 1982. *The Rise of Suburbia.* Nova Iorque, Leicester University Press / St Martin's Press.

- TREIB, M. (ed.) 1993. *Modern Landscape Architecture: a critical review.* Cambridge, Mass., Londres, Ingl., The MIT Press.

- TUNNARD, C. 1947. "The romantic suburb in America". In: *Magazine of Art*, 40:5, may, pp.184-7.

- TYRWHITT, Jaqueline. 1947. *Patrick Geddes in India.* Londres, Lund Humphries.

- TZONIS, A. 1977. *Hacia un ambiente no opresivo.* Madri, Hermann Blume.

- VEM, C. van de. 1981. *El Espacio en Arquitectura.* Madri, Cátedra.

- VIGNOZZI, Alessandro 1993. "Il controllo urbanistico della qualità estetica in Gran Bretagna: dallo Town Planning Act all'avvento della 'deregulation' ". In: *Storia Urbana*, anno XVII, nº 65, outubro-dezembro, pp.121-170.

- VIOLICH, F.J. 1942. "A planner report on Latin America". In: *The Planner's Journal*, vol.8, nº 2, april-june, pp.19-25.

_____ 1943. "A second report on Latin America planning". In: *The Planner's Journal*, vol.9, nº 1, jan-march, pp.19-30.

_____ 1944. *Cities of Latin America. Housing and planning to the south.* Nova Iorque, Reinhold Publishing Corporation.

- VIRILIO, P. 1984. *L'Espace Critique*. Christian Bourgois Editeur, Paris

_____ 1988. *La Machine de Vision*. Paris, Éditions Galilée.

- WARD, C. 1976. *Housing: an anarchist approach*. Londres, Freedom Press.

- WARD, Stephen V. (ed.) 1992. *The Garden City: past, present and future*. Londres, E &FN Spon.

- WARE, Dora e BEATTY, Betty 1953. *A Short Dicctionary of Architecture*, Londres, George Allen & Unwin Ltd.

- WEAVER, C. 1984. *Regional Development and Local Community: planning, politics and social context*. Londres, Wiley.

- WEAVER, L. 1990 (1913). *Houses and Gardens by E.L. Lutyens*. Londres, Antique Collector's Club.

- WIEBENSON, D. 1969. *Tony Garnier: the cité industrielle*. Londres.

- WIECZOREK, D. 1981. *Camillo Sitte et les Débuts de l'Urbanisme Moderne*. Bruxelas, Pierre Mardaga.

- WILSON, R.G. 1979. "Idealism and the origin of the first american suburb: Llewellyn Park, New Jersey". In: *The American Art Journal*, XI, nº 4, oct., pp.79-90.

- WILSON, W.H. 1964. *The City Beautiful Movement in Kansas City*. Columbia, University of Missouri Press.

- WHITE, L. e M. 1962. *The Intellectual versus the City. From Thomas Jefferson to Frank*

Lloyd Wright. Cambridge, Mass, Harvard University Press e The MIT Press.

- WREDE, S. e ADAMS, W.H. (ed.) 1991. *Denatured Visions. Landscape and Culture in the Twentieth Century*. Nova Iorque, The Museum of Modern Art.

- WURMAN et alli. 1972. *The Nature of Recreation. A handbook in the honour of F.L. Olmsted*. Londres e Cambridge, Mass, The MIT Press.

- ZEVI, B. 1955. *Storia dell'Architettura Moderna*. Turim, Einaudi.

- ZUCCONI, G. 1988. "Neo-medievalismo e città: le origini archeologiche dell'Urbanistica". In: *Urbanistica*, nº 91, junho, pp.37-45.

_____ 1989. *La Città Contesta: dagli ingegneri sanitari agli urbanisti (1885-1942)*. Milão, Jaca Book.

_____ (org.) 1992. *Camillo Sitte e i suoi Interpreti*. Milão, FrancoAngeli.

- ZUCKER, P. 1959. *Town and Square: from the agora to the village green*. Nova Iorque, Columbia University Press.

C

Obras de urbanismo e história urbana no Brasil

- AA.VV. 1942. *Goiânia*. Rio de Janeiro, IBGE.

- ABREU, M. de A. 1988. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPLANRIO, Jorge Zahar.

- ACKERMAN, Adolph J. 1953. *Billings and Water Power in Brazil. A short biography of Asa White Kenney Billings Hydroelectric Engineer*, Madison e Nova York, publicado pelo autor e American Society of Civil Engineers.

- AGACHE, Alfred 1930. *Cidade do Rio de Janeiro: extensão, remodelação, embellezamento*. Paris, Prefeitura do Districto Federal, Foyer Brésilien.

_____ 1943. *Plano de Urbanização de Curitiba*. Curitiba, Boletim da Prefeitura Municipal de Curitiba.

- Álbum *Jardim America*, São Paulo, The City of São Paulo Improvements & Freehold, Land Co. Ltd.. 1923.

- AMARAL, Z.B. do. 1931. *O Projecto de Construcção de uma Cidade Jardim nas Margens da Lagoa Rodrigo de Freitas*. Rio de Janeiro, Empresa Graphica, Paulo Pongetti & C..

- AMERICANO, Jorge s/d. *São Paulo nesse tempo 1915-35*

- *Annaes da Camara Municipal de São Paulo 1913 (3° ano da 7ª legislatura)*, organizados pelo tachygrapho Manuel Alvez da Souza, São Paulo, 1913, p.143.

- ANDRADE, C.R.M. de. 1992. *A Peste e o Plano. O urbanismo sanitarista do Eng. Saturnino de Brito*. São Paulo, Dissertação de mestrado, FAU-USP, 2 vols..

- ANDRADE, C.R.M. de, BONDUKI, N. e ROSSETTO, R. (org.) 1993. *Arquitetura e Habitação Social em São Paulo 1989-1992*. São Paulo, EESC-USP.

- ANDRADE, F. de P. D. de 1966. *Subsídios para o estudo da influência da legislação na ordenação e na arquitetura das cidades brasileiras*. São Paulo, EDUSP.

- BACELLI, R. 1982. *Presença da Companhia City em São Paulo e a implantação do primeiro bairro-jardim, 1915-1940*. São Paulo, Dissertação de mestrado, FFLCH-USP.

- BARBOSA, Maria do Carmo Bicudo 1987. *"Tudo como Dantes no Quartel de Abrantes. As práticas da produção do espaço da Cidade de S. Paulo (1890-1930)"*, São Paulo, Tese de doutoramento, FAU-USP.

- BARRETO, Plínio 1933. *Uma temeraria aventura forense (A questão entre D. Amalia de Moreira Keating e a City of San Paulo Improvements & Freehold Land Co. Ltd.) Allegações finaes do advogado desta ultima*. São Paulo, E. G. "Revista dos Tribunaes", p. 379.

_____ 1958. *Páginas avulsas*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Ed.

- BARROS, Silva 1928. *Encyclopedia de S. Paulo*. São Paulo, Casa Duprat e Casa Majença.

- BENCHIMOL, J.L. 1990. *Pereira Passos: um Haussmann Tropical*. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Esportes e Cultura.

- BERNARDES, S. 1954. "Cidade Jardim Eldorado - Contagem/MG". In: *Arquitetura e Engenharia*, n° 31, ano 4, jul-set, pp.16-25.

- BRENNA, G.R. del (org.) 1985. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos - "Uma cidade em questão II"*. Rio de Janeiro, Solar Grandjean de Montigny, PUC, Index.

- BRITO, S. de. 1943/44. *Obras Completas*. 23 vols., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

- BRUAND, Y. 1981. *A Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo, Perspectiva.

- CAMPOS Jr., C.T. de 1985. *O Novo Arrabalde: aspectos da formação urbana de Vitória.* São Paulo, Dissertação de mestrado, FAU-USP.

- CARONE, Edgard 1979. *Movimento Operário no Brasil (1877-1904).* São Paulo - Rio de Janeiro, DIFEL.

- CHALHOUB, S. 1986. *Trabalho, Lar e Botequim.* São Paulo, Brasiliense.

- CHATÊLET, conforme página 4 de texto da autora, datilografado, sem data nem local, apenas com o título "Joseph Antonie Bouvard 1840-1920".

- CINTRA, J.F. de U. 1924. "Projeto de uma avenida circular constituindo perímetro de irradiação". In: *Boletim do Instituto de Engenharia,* São Paulo, nº 24, janeiro-março, pp.331-336.

- CLEMENCEAU, Georges 1911. *Notes de Voyage daus L'Amérique du Sul, Argentine, Uruguay, Brésil.* Paris, Hachette et lie.

- COMPANHIA CONSTRUTORA DE SANTOS. 1925. "A Companhia Construtora de Santos e o Jardim Europa". In: *A Construção em São Paulo,* São Paulo, nº 8, outubro.

- CONSTRUTORA ALBUQUERQUE TAKAOKA. 1973. "Cidades satélites, a próxima etapa da Albuquerque Takaoka". In: *Projeto e Construção,* São Paulo, nº 32, julho, pp.28-29.

_____ 1975. "Alphaville: uma cidade entre Barueri e São Paulo". In: *A Construção em São Paulo,* São Paulo, nº 1408, 3 de fevereiro, pp.24-27.

- COSTA, L. 1957. "O relatório do Plano Piloto de Brasília". In: *Módulo,* Rio de Janeiro, nº 8.

_____ 1995. *Lúcio Costa: registro de uma vivência.* São Paulo, Empresa das Artes.

- DENIS, Pierre 1928 (1909). *Le Brésil au XXe siècle.* 7ª tiragem, Paris, Librairie Armand Colin.

- ETZEL, Eduardo 1982. "O Verde da Cidade de São Paulo", In: *Revista do Arquivo Municipal.* São Paulo, ano 45, nº 195, janeiro a dezembro, pp.51-76.

- EVENSON, N. 1973. *Two Brazilian Capitals: architecture and urbanism in Rio de Janeiro and Brasília.* New Haven, Yale University Press.

- FABRIS, A. (org.) 1991. *Fotografia. Usos e funções no século XIX.* São Paulo, EDUSP.

- FARAH, F. e SANTOS, M.F. 1993. *Vilas de Mineração e de Barragens no Brasil: retrato de uma época*. São Paulo, Sociedade Anônima Mineração de Amianto, Instituto de Pesquisas Tecnológicas.

- FERNANDES, A. e GOMES, M.A.A. de (org.) 1992. *Cidade & História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador, Universidade Federal da Bahia.

- FERREIRA, Barros 1954. *Meio Século de São Paulo*, São Paulo, Ed. Melhoramentos.

- FINA, W.M. 1961. *História do Desenvolvimento do Urbanismo na Cidade de São Paulo*. São Paulo, Sociedade Amigos da Cidade de São Paulo.

- FINEP/GAP. 1985. *Habitação Popular: inventário da ação governamental*. Rio de Janeiro, Projeto.

- FREIRE, V. da S. 1911. "Melhoramentos de São Paulo". In: *Revista Polytechnica*, (33):91/145, fev.-mar.

_____ 1915. *A Cidade Salubre*. São Paulo, Typographia Brazil de Rothschild.

_____ 1916. *A Planta de Bello Horizonte (a propósito da Cidade Salubre)*. São Paulo, Typographia Brazil de Rothschild.

_____ 1942. "Urbanismo". In: *Engenharia*, São Paulo, nº 3, novembro, pp.76-80.

- GODOY, Armando Augusto de 1943. *A Urbs e seus Problemas*, Rio de Janeiro, Jornal do Commercio. (em particular o ensaio "A cidade-jardim", 1931, pp.133-140).

- GODOY, A. A. de *et alli*. 1942. *Goiânia*, Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Conselho Nacional de Geografia, Serviço Gráfico do IBGE.

- GRAEFF, E.A. 1985. 1983. *Goiânia: 50 anos*. Goiânia, MEC-SESU.

- GRAHAM, R. 1968. *British and the Onset of Modernization in Brazil 1850-1914*. Cambridge, Cambridge University Press.

- GROSTEIN, M.D. 1987. *A Cidade Clandestina: os ritos e os mitos*. São Paulo, Tese de doutorado, FAU-USP.

- GUARALDO, Eliane 1995. *São Paulo, Paisagem e Paisagismo na Primeira República*. São Paulo, Dissertação de mestrado, FAU-USP. (orientador: Murillo Marx)

- HOLSTON, J. 1993. *A Cidade Modernista. Uma crítica de Brasília e sua utopia*. São

Paulo, Companhia das Letras.

- HOMEM, M.C.N. 1992. *O Palacete Paulistano. O processo civilizador e a morada da elite do café (1867 - 1914/18)*, 2 vols., São Paulo, tese de doutorado, FAU/USP.

- INSTITUTO DE ENGENHARIA 1931. *Primeiro Congresso de Habitação*, São Paulo.

- JOFILY, José 1985. *Londres - Londrina*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra.

- JORGE, A.F. 1970. *O Bairro do Jardim da Saúde*. São Paulo, Prefeitura Municipal de São Paulo, Secretaria da Educação e Cultura, Departamento de Cultura.

- LANGENBUCH, J.R. 1971. *A Estruturação da Grande São Paulo*. São Paulo, Biblioteca Geográfica Brasileira.

- LEFÈVRE, H.N. 1951. *Influência da Legislação Urbanística sobre a Estruturação das Cidades. aplicação especial ao caso da Cidade de São Paulo*. São Paulo, Tese de cátedra, Escola de Engenharia Mackenzie.

- LEME, M.C. da S. 1990. *Revisão do Plano de Avenidas: um estudo sobre o planejamento urbano em São Paulo, 1930*. São Paulo, Tese de doutoramento, FAU-USP.

- LEMOS, C.A.C. 1979. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo, EDUSP e Melhoramentos.

_____ 1985. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo, Nobel.

_____ 1993. *Ramos de Azevedo e seu escritório*. São Paulo, Pini.

- LEVI, Darrell E. 1975. "The Prado family, european culture and the rediscovery of Brazil, 1860-1930", In: *Revista de História*, Vol. LII, nº 104, ano XXVI, pp.803-823.

- LEVI-STRAUSS, Claude 1996. *Tristes trópicos*. São Paulo, Cia. Das Letras.

_____ 1996. *Saudades de São Paulo*. São Paulo, Inst. Marcia Salles, Cia. das Letras.

- LIMA, A.C. 1932. *Avant-projet d'Aménagement et d'Extension de la Ville de Niterói*. Paris, René Blamon, Jean Kahane & Cie., 1932.

- LIMA, E.F.W. 1990. *Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia*. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes.

- LUBAMBO, C.W. 1991. *Bairro do Recife. Entre o Corpo Santo e o Marco Zero - a reforma urbana no início do século XX.* Recife, CEPE / Fundação de Cultura Cidade do Recife.

- MACHADO, Antonio de Alcantara 1927. "Estética suburbana", In: *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, ano I, nº 12, pp.39-44.

- MACHADO, Maria Lúcia Pinheiro 1989. *Da Beaux-Arts ao Bungalow: uma amostragem da arquitetura eclética no Rio de Janeiro e em São Paulo.* São Paulo, Dissertação de mestrado, FAU-USP.

- MACHADO, M. H. 1994. *O Plano e o Pânico. Os movimentos sociais na década da abolição.* Rio de Janeiro, UFRJ/EDUSP.

- MAGALHÃES, B. de A. e ANDRADE, R.F. 1989. *Belo Horizonte: um espaço para a República.* Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

- MAIA, F.P. 1930. *Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo.* São Paulo, Melhoramentos.

_____ 1930. *Introdução ao estudo de um plano de avenidas para a Cidade de São Paulo.* São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo.

_____ 1942. *Os Melhoramentos de São Paulo.* São Paulo, Gráfica da Prefeitura Municipal de São Paulo. (Palestra proferida por ocasião da "Semana do Engenheiro")

_____ 1945. *Os Melhoramentos de São Paulo.* São Paulo, Prefeitura Municipal de São Paulo.

_____ 1950. *O Plano Regional de Santos.* São Paulo, s/ed.

- MARTINS, C.A.F. 1988. *Arquitetura e Estado no Brasil. Elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil; a obra de Lúcio Costa 1924/1952.* São Paulo, Dissertação de mestrado. FFLCH-USP.

- MARX, M. 1991. *Cidade no Brasil. Terra de quem ?* São Paulo, Edusp, Nobel.

- MELLO, L.I.R. de A. 1929. "A verdadeira finalidade do urbanismo". In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, nº 51, agosto, pp.106-12.

_____ 1933. "A cidade cellular. Quadras, super-quadras e cellulas residenciaes". In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, São Paulo, nº 94, vol.XVIII, setembro, pp.131-142.

_____ 1933. "Urbanismo e suas normas para organização de planos". In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, nº 89, vol.XVII, abril, pp.209-15.

_____ 1947. "O transporte individual e coletivo na cidade moderna". In: *Digesto Econômico*, São Paulo, nº 29, ano III, abril, pp.38-43.

_____ 1947. "Planejamento e govêrno urbano". In: *Digesto Econômico*, São Paulo, nº 35, ano III, outubro, pp.17-20.

_____ 1947. "A cidade jardim". In: *Digesto Econômico*, São Paulo, nº 36, ano III, novembro, pp.27-30.

_____ 1956. "Urbanismo positivo e urbanismo negativo: as modernas cidades inglesas". In: *Engenharia Municipal*, São Paulo, nº 3, julho, pp.9-14.

_____ 1960. "Cidades tentaculares e cidades orgânicas". In: *Diário de São Paulo*, São Paulo, 21 de abril, p.135.

- MEYER, R. 1991. *Metrópole e Urbanismo: São Paulo anos 50*. São Paulo, Tese de doutoramento, FAU-USP.

- MIRANDA, J.M.F. de. 1981. *380 Anos de História Foto-gráfica da Cidade de Natal 1599-1979*. Natal, Universitária.

- MONBEIG, P. 1984. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo, Ed. Hucitec e Ed. Polis, 1984.

- MONTEIRO, O.S.N. 1938. *Como Nasceu Goiânia*. São Paulo, Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais".

- MORSE, R. 1954. *De comunidade a metrópole: biografia de São Paulo*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

_____1970. *Formação Histórica de São Paulo (de comunidade a metrópole)*. São Paulo, Difel.

- MOTTA, F.L. 1953. "São Paulo e o art nouveau". In: *Habitat*, São Paulo, nº 10, pp.3 18.

_____ 1957. *Contribuição ao estudo do 'art nouveau' no Brasil*. São Paulo, Tese de cátedra, cadeira de História da Arte, FAU/USP.

- NEVES, J.M. da S. 1929. "Uma questão de importância para o urbanismo paulista".

In: *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 109, set..

- NUNES, M.K. et alli. 1991. *Vila do IAPI*. Porto Alegre, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura.

- OLIVEIRA, F.B. 1938. " 'Bairro Proletário Modelo' da Cia. Industrial Mineira - Juiz de Fora". In: *Revista Municipal de Engenharia,* Rio de Janeiro, vol.V, nº 1, janeiro, pp.23-30.

- PIRES, Aurelio 1939. *Homens e Factos de meu Tempo*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, Coleção Brasiliana, vol.146.

- PORCHAT, Milciades 1920. *Do que precisa S. Paulo: um punhado de Ideias sobre a cidade*. São Paulo, Casa Duprat.

- PORTO, Antônio Rodrigues 1992. *História urbanística da cidade de São Paulo (1554 a 1988)*. São Paulo, Carthago & Forte Editoras Associadas Ltda.

- PRADO, Nazareth 1929. *Antonio Prado no Imperio e na Republica*. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia. - Editores.

- RAGO, M. 1985. *Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

- RAMALHO, M.L.P. 1989. *Da Beaux-Arts ao Bungalow. Uma amostragem da arquitetura eclética no Rio de Janeiro e em São Paulo*. São Paulo, Dissertação de mestrado, FAU/ USP.

- REALE, E. 1982. *Brás, Pinheiros, Jardins: três bairros, três mundos*. São Paulo, Pioneira / EDUSP.

- REIS Fo., N.G. 1970. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo, Perspectiva.

_____ 1994. "Algumas experiências urbanísticas do início da República: 1890-1920". In: *Cadernos de Pesquisa do LAP*. São Paulo, FAU-USP, agosto.

_____ s/d. *Campos Elíseos. A casa e o bairro. A tecnologia da construção civil em 1900*. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico.

- REZENDE, V. 1982. *Planejamento Urbano e Ideologia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

- RIBEIRO, Benjamin A. 1993. *Vila Serra do Navio. Comunidade urbana na selva amazônica*. São Paulo, Pini.

- ROCHA, A.M. 1991. *Uma Produção do Espaço em São Paulo: Giancarlo Palanti*. São Paulo, Dissertação de mestrado, FAU-USP.

- s/a 1911. "Notas pessoaes". In: *Revista de Engenharia*. São Paulo, vol. 1, nº 5, 10/ outubro, p. 155.

- s/a 1914. "Cidade de São Paulo", In: *Almanaque Brasileiro Garnier 1914*, publicação sob a direção de João Ribeiro, Rio de Janeiro, pp.345-350.

- s/a 1946. *1º centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado - coletânea de discurssos, artigos, comentários e noticiários publicados na imprensa brasileira na passagem do 1º centenário de nascimento do Conselheiro Antônio da Silva Prado, ocorrido a 25 de fevereiro de 1940*. São Paulo, Revista dos Tribunais.

- s/a 1985. "A Light e os jardins da City". In: *Boletim Histórico Eletropaulo*. São Paulo, nº 4, outubro, p. 15.

- SALMONI, A. e DEBENEDETTI, E. 1981. *Arquitetura Italiana em São Paulo*. São Paulo, Perspectiva.

- SÃO PAULO (cidade) 1900. *Relatório do anno de 1899 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Dr. Antonio da Silva Prado em 31 de maio de 1900*. São Paulo, Typ. A Vapor Espindola, Siqueira & Comp.

- SÃO PAULO (cidade) 1901. *Relatório de 1900 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Dr. Antonio da Silva Prado*. São Paulo, Typographia de Vanorden & Co..

- SÃO PAULO (cidade) 1902. *Relatório de 1901 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Dr. Antonio da Silva Prado*. São Paulo, Typographia de Vanorden & Co..

- SÃO PAULO (cidade) 1903. *Relatório de 1902 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Dr. Antonio da Silva Prado*. São Paulo, Typographia de Vanorden & Co..

- SÃO PAULO (cidade) 1904. *Relatório de 1903 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Dr. Antonio da Silva Prado*. São Paulo, Typographia de Vanorden & Co..

- SÃO PAULO (cidade) 1905. *Relatório de 1904 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Dr. Antonio da Silva Prado*. São Paulo, Typographia de Vanorden & Co..

- SÃO PAULO (cidade) 1906. *Relatório de 1905 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Dr. Antonio da Silva Prado*. São Paulo, Typographia de Vanorden & Co..

- SÃO PAULO (cidade) 1907. *Relatório de 1906 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Dr. Antonio da Silva Prado*. São Paulo, Vanorden.

- SÃO PAULO (cidade) 1908. *Relatório de 1907 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Dr. Antonio da Silva Prado*. São Paulo, Typographia de Vanorden & Co..

- SÃO PAULO (cidade) 1909. *Relatório de 1908 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Dr. Antonio da Silva Prado*. São Paulo, Typographia da Casa Vanorden.

- SÃO PAULO (cidade) 1910. *Relatório de 1909 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Dr. Antonio da Silva Prado*. São Paulo, Casa Vanorden.

- SÃO PAULO (cidade) 1911. *Relatório de 1910 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat*. São Paulo, Casa Vanorden.

- SÃO PAULO (cidade) 1912. *Relatório de 1911 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat*. São Paulo, Casa Vanorden.

- SÃO PAULO (cidade) 1914. *Relatório de 1912-1913 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat*. São Paulo, Casa Vanorden.

- SÃO PAULO (cidade) 1915. *Relatório de 1914 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Washington Luís Pereira de Souza*. São Paulo, Casa Vanorden.

- SÃO PAULO (cidade) 1916. *Relatório de 1915 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Washington Luís Pereira de Souza*. São Paulo, Casa Vanorden.

- SÃO PAULO (cidade) 1918. *Relatório de 1916 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Washington Luís Pereira de Souza*. São Paulo, Casa Vanorden, 2 v.

- SÃO PAULO (cidade) 1918. *Relatório de 1917 apresentado à Câmara Municipal de*

São Paulo pelo prefeito Washington Luís Pereira de Souza. São Paulo, Casa Vanorden, 2 v.

- SÃO PAULO (cidade) 1919. *Relatório de 1918 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Washington Luís Pereira de Souza.* São Paulo, Casa Vanorden, 2 v.

- SÃO PAULO (cidade) 1920. *Relatório de 1919 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Alvaro G. da Rocha Azevedo.* São Paulo, Casa Vanorden, 2 v.

- SÃO PAULO (cidade) 1921. *Relatório de 1920 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Firmiano de Moraes Pinto.* São Paulo, Casa Vanorden.

- SÃO PAULO (cidade) 1922. *Relatório de 1921 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Firmiano de Moraes Pinto.* São Paulo, Casa Vanorden. ANNEXOS.

- SÃO PAULO (cidade) 1923. *Relatório de 1922 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Firmiano de Moraes Pinto.* São Paulo, Casa Vanorden. ANNEXOS.

- SÃO PAULO (cidade) 1924. *Relatório de 1923 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Firmiano de Moraes Pinto.* São Paulo, Casa Vanorden. ANNEXOS.

- SÃO PAULO (cidade) 1925. *Relatório de 1924 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Firmiano de Moraes Pinto.* São Paulo, Casa Vanorden. ANNEXOS.

- SÃO PAULO (cidade) 1926. *Relatório de 1925 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Firmiano de Moraes Pinto.* São Paulo, Casa Vanorden. ANNEXOS.

- SEABRA, O.C. de L. 1987. *Os Meandros dos Rios nos Meandros do Poder: Tietê e Pinheiros, valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo.* São Paulo, Tese de doutoramento, Departamento de Geografia da FFLCH-USP.

- SEGAWA, H. 1985. "Samuel Roder, o auxiliar de Barry Parker em São Paulo". *In: Projeto,* 12, 45, fevereiro.

_____ 1988. *Construção de Ordens - um aspecto da arquitetura no Brasil 1808-1930.* São Paulo, Dissertação de mestrado, FAU-USP.

_____ 1996. *Ao amor do público: jardins no Brasil.* São Paulo, Fapesp e Studio Nobel.

- SERRA, G. 1987. *O Espaço Natural e a Forma Urbana.* São Paulo, Nobel.

- SESSO Jr., Geraldo 1986.. *Retalhos da Velha São Paulo,* São Paulo, OESP, Maltese.

- SEVCENKO, N. 1983. *Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense.

_____ 1992. *Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras.

- SILVA, J.T. da. 1984. *São Paulo 1554-1880. Discurso ideológico e organização espacial*. São Paulo, Moderna.

- SILVA, L. da. 1943 *Um Plano de Urbanização*. Porto Alegre, Livraria O Globo.

- SILVA, O. Pacheco 1913. *Projecto preliminar de melhoramento do Valle do Rio Tieté entre a Penha e a Lapa*. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas.

- SILVA, P. e. 1913. *Projeto Preliminar de Melhoramentos do Vale do Rio Tieté entre Penha e Lapa*. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas.

- SIMÕES Jr., José Geraldo 1990. *O Setor de Obras Públicas e as Origens do Urbanismo na Cidade de São Paulo*. São Paulo, Dissertação de mestrado, FAU-USP.

_____1995. *Anhangabaú - História e Urbanismo*, São Paulo, tese de doutoramento, FAU-USP.

- SOUZA, A. de. 1978. *Arquitetura no Brasil: depoimentos*. São Paulo, EDUSP / Diadorin.

- SOUZA, M.C.P. de. 1988. *O Capital Imobiliário e a Produção do Espaço Urbano - o caso da Companhia City*. São Paulo, Dissertação de mestrado, FGV.

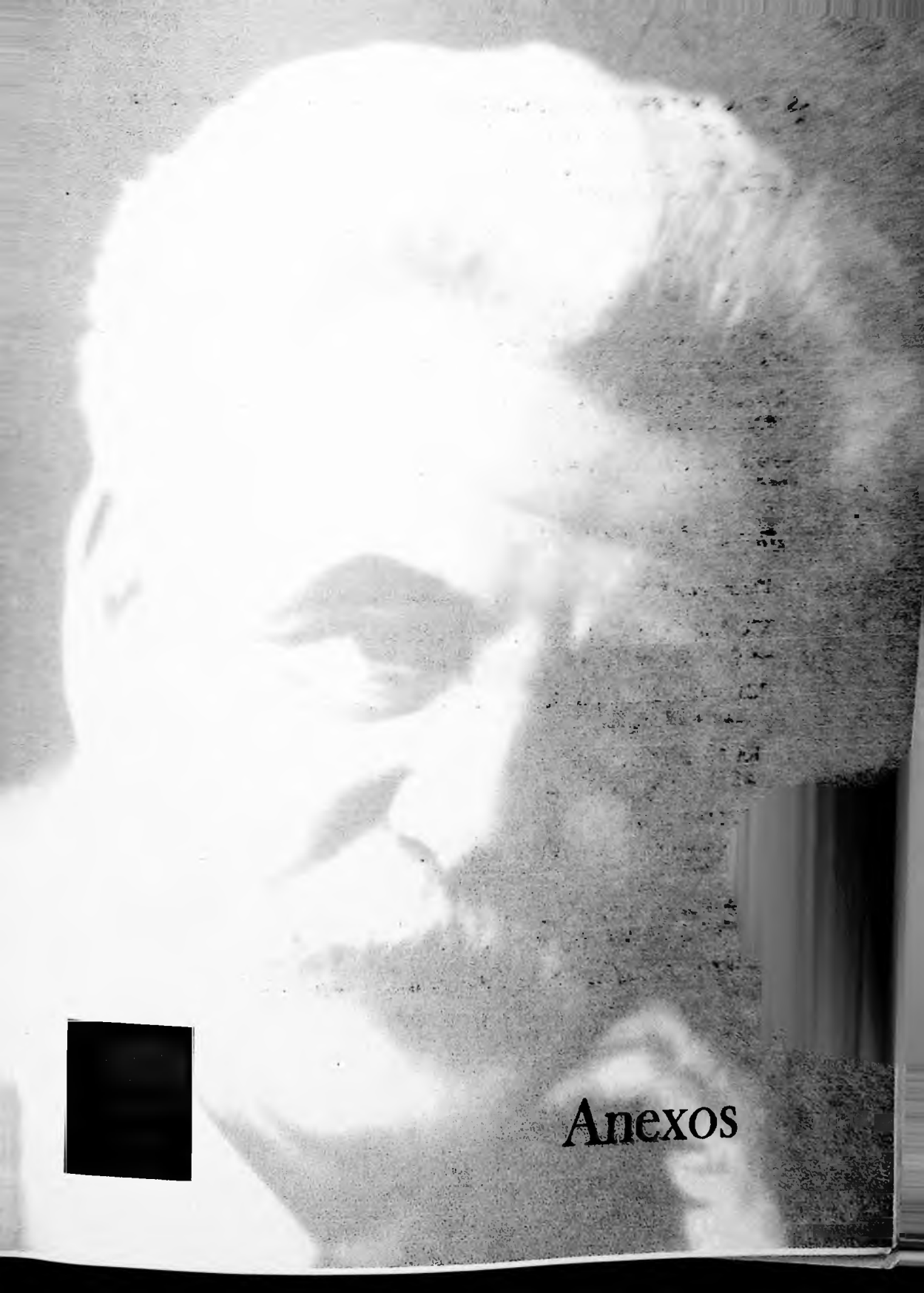
- TELLES, Augusto C. da Silva 1907. *Melhoramentos de São Paulo*. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas.

- TOLEDO, Benedito Lima de 1996. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo, Empresa das Artes.

- UNDERWOOD, D.K. 1991. "Alfred Agache, french sociology, and modern urbanism in France and Brazil". In: *Journal of Society of Architectural Historians*, L, nº 2, junho, pp.130-166.

- XAVIER, A. (org.) 1987. *Arquitetura Moderna Brasileira. Depoimento de uma geração*. São Paulo, ABEA/FVA/PINI, Projeto Hunter Douglas.

- ZUCCONI, G. (org.) 1992. *Daniele Calabi. Architetture e progetti 1932-1964*. Pádua, Marsilio.



Anexos

Nota sobre a documentação:
um manuscrito de Parker sobre São Paulo

Na pesquisa no arquivo da *Companhia City*, a descoberta de textos do Arq. Barry Parker, com comentários seus sobre a Cidade de São Paulo, sobre suas atividades junto à *City*, bem como discutindo projetos para São Paulo, assim como a localização das peças gráficas dos seus nove projetos de residências para o Jardim América, foi o que tornou possível o conhecimento de seu urbanismo e sua arquitetura paulistana.

Atualmente a *Cia. City* é uma empresa do grupo Deltec. Seu arquivo, onde se encontra a quase totalidade de seu acervo, localiza-se na Av. Dr. Filipe Pinel, 465, em Pirituba, no extremo noroeste da Cidade de São Paulo. Embora razoavelmente organizado, ainda que sem estar informatizado, está disposto em um galpão não climatizado e em condições precárias de segurança. Outra parte mais reduzida, sobretudo a de fotografias e cópias de material publicitário da empresa, encontra-se organizada, e aberta a consulta por pesquisadores, graças ao esforço da Sra. Nancy Assad e seus assistentes, localizando-se na sede da empresa, no Brooklin Novo. A riqueza da documentação desse arquivo para a história da Cidade de São Paulo é enorme, apesar de até hoje apenas ter sido trabalhado, de modo sistemático, por pequeno número de pesquisadores. Temos notícia que, em fins dos anos 1970, o arquivo foi consultado por pesquisadores coordenados pelo Prof. Gabriel Bollaffi, em um levantamento sobre renda fundiária, patrocinada pela então Cogep, responsável pelo planejamento urbano da

Cidade. A Arq. Irene Iyda foi uma dessas pesquisadoras e a ela agradecemos pelas dicas e material fornecido. O historiador Roney Bacelli, por ocasião de sua pesquisa pioneira sobre o Jardim América, publicada na forma de dissertação de mestrado em 1982, também o consultou, abrindo as pistas para futuras pesquisas. Da mesma maneira, Maria Claudia Pereira de Souza, em sua dissertação sobre a Companhia *City*, publicada em 1988. Recentemente, a pesquisadora Arq. Silvia Wolff também trabalhou junto ao arquivo da companhia para elaboração de sua tese de doutorado sobre o Jardim América. Sua colaboração conosco no levantamento das peças gráficas dos projetos residenciais de Parker foi de grande valia, e deixo aqui registrado meu agradecimento.

O arquivo da *City* tem como característica sua organização segundo as necessidades de uma companhia imobiliária. Assim, para cada lote que é vendido, é aberta uma pasta que passa a armazenar todos os documentos relativos a aquele lote, as quais são distribuídas por ordem cronológica de venda em caixas-arquivo de papelão (tanto as pastas, quanto as caixas são numeradas por ordem crescente). Nelas, encontramos desde a escritura de compra e venda até as exigências da companhia em relação à ocupação dos lotes, bem como os projetos de residências que neles foram construídas, ou mesmo as ações judiciais que porventura a empresa impetrou junto a proprietários que descumpriram as suas normas.

As caixas de nº 248 a 281 contêm os primeiros lotes vendidos pela *City*, aí incluídos os projetos elaborados por Barry Parker e outros arquitetos ingleses que também trabalharam para a companhia desde 1916. Mas no *Livro de Registro dos Empregados*, relativo ao ano de 1933 - o mais antigo do acervo - encontramos apenas as seguintes referências: do engenheiro-chefe George Saville Dodd, do engenheiro-ajudante Luiz Maiorama e do engenheiro-arquiteto Charles Ponchon, informando que este nascera na França, tendo se naturalizado brasileiro e trabalhado na Companhia de 1926 a 1944.

Há outros documentos que são organizados segundo assuntos específicos, tais como as pastas de correspondência entre a *City* e a *Light*, ou então sobre a questão dos jardins internos no Jardim América, contendo diversos pareceres de advogados a respeito do tema. Para que se faça uma idéia do material, arrolamos uma pequena lista de algumas das pastas que levantamos junto ao arquivo da Companhia *City*, com respectivos conteúdos, onde a indicação *"GG"* quer dizer Gerência Geral.

- GG 022 e GG 023 - London Board - Reuniões Anuais, e reuniões da Diretoria - 1916/35 e 1936/42; Vale registrar que em uma dessas pastas aparecem como *"Members of Advisory Committee in San Paulo"*, os seguintes personagens: J.C. Belfrage, C.A., *"Chairman"*, Dr. Cincinato Braga, Dr. Plinio Barreto, Dr. Victor da Silva Freire e Nelson Gama de Oliveira *(general manager)*.
- GG 066 e GG 068 - contem referências a jardins internos no Jardim América;
- GG 093 - contem referências feitas à *City* por terceiros;

- GG 096 - contem o voto do Eng. Prestes Maia sobre o empréstimo da *City Paulista* à *City of São Paulo*;

- GG 097 - contem resumo estatístico de obras e serviços públicos feitos pela *City*;

- GG 145 - contem o regulamento de construções do Jardim América; documentos sobre a transformação da Avenida Brasil em eixo comercial;

- GG 153 - contem projeto de lei municipal regulamentando construções;

- GG 186 - contem estudos sobre a canalização do Rio Pinheiros e dados sobre as relações entre a *Light* e a *City*;

De todas elas, a pasta GG 092, na qual encontramos os documentos que arrolamos a seguir, dentre eles, quatro textos manuscritos do arquiteto Barry Parker, foi a mais fecunda para nossa investigação. Um desses manuscritos publicamos aqui integralmente, como anexo dessa tese, a título de ilustração da documentação.

Documento 1 - 11 folhas datilografadas, com o título *"Mr. Barry Parker's Report on Pacaembú, dated March 1st 1917"*, na folha de rosto do documento e na capa da pasta. Trata-se do relatório sobre o Pacaembú enviado pelo Arq. Barry Parker ao Senhor Gurd, então Diretor da Cia. City no Brasil, datado de 1/3/1917.

Documento 2 - 7 folhas datilografadas, com o título *"Mr. Parker's Notes on the Drawings for Pacaembú"*, com a data de 1/3/1917. Com a mesma data do documento anterior, essas notas acompanhavam oito desenhos e dois *"sketches"* de Parker sobre o Pacaembu, os quais não foram localizados.

Documento 3 - 3 folhas datilografadas, com o título *"Petition sent to the Prefecture of São Paulo regarding Pacaembú on April 11th 1917"*, com data de 9/4/1917. Redigida provavelmente por um diretor da Companhia *"City"*, embora sem constar qualquer nome ou assinatura, esta petição também refere-se ao Pacaembú, indicando estar acompanhada do relatório e de desenhos do Arq. Barry Parker a respeito.

Documento 4 - 3 folhas datilografadas, com o título *"Letter from Mr. Parker to Dr. Freire of The Public Works Department regarding the former's Report on Pacaembú"*; com data de 10/4/1917.

Documento 5 - 11 folhas manuscritas, em inglês, contendo assinatura de Barry Parker, sem título e sem data. Contem regulamentos para aprovação de planos, alinhamentos e nivelações, constando o artigo 1° e os artigos 6 a 21, a serem emendados à Lei n° 1038 de 16/2/1918 relativa a construções.

Documento 6 - 18 folhas manuscritas, em inglês, assinado por Barry Parker, datado de 2/3/1918, sem título. Trata-se de uma carta a Mr. Gurd fazendo referência à abertura da Av. 9 de Julho e ao loteamento Anhangabaú. Ver no final deste item cópia fac-símile desse documento.

Documento 7 - 4 folhas datilografadas em português, assinado por Barry Parker, datado de 15/1/1919, sem título, embora a folha de rosto do documento e a capa da pasta registrem o título *"Mr. Barry Parker's Report on Lapa, dated January, 15th 1919"*.

Carta de Parker a Mr. Gurd em que expõe seu plano para a Lapa. A pasta GG 092 contem o manuscrito original em inglês, bem como sua tradução para o português.

Documento 8 - 25 folhas manuscritas em inglês, assinado por Barry Parker e datado de 25/1/1919. Infelizmente, a página 20 do documento não consta da pasta. Nesta carta de Parker aos Diretores da Cia. City, apresentando seu último relatório para a empresa que o contratara, ele faz um balanço de suas atividades em São Paulo. Dela, Parker aproveitará inúmeras passagens, e mesmo trechos inteiros, nos artigos que publicará, logo após voltar a Inglaterra, sobre suas atividades em São Paulo durante a guerra.

Tais artigos de Parker, publicados nas revistas *"The Garden Cities and Town Planning Magazine"* (número de agosto de 1919) e *"Architect's Journal"* (números de janeiro e julho de 1920), são outra fonte documental importante. Através deles temos o arquiteto falando sobre seus planos, projetos e concepções, bem como relatando sua trajetória e sua leitura da Cidade de São Paulo. Outro documento de grande valia para o estudo das primeiras realizações da *City* no Jardim América é o álbum ilustrado de capa dura, com quase uma centena de fotografias de residências construídas naquele bairro, com a indicação dos respectivos arquitetos, publicado pela Companhia, mas que não consta em seu arquivo. Não tendo sido localizado no Arquivo da *City*, temos notícia da existência desse álbum no acervo do IPHAN / São Paulo - onde pudemos consultá-lo e fotografá-lo graças à gentileza dos arquitetos Cecília Rodrigues dos Santos e Mauro Bondi -, e também na Biblioteca da Câmara Municipal de São Paulo, doado em 12/6/1974 por Aureliano Leite.

Dedicado às autoridades estaduais e municipais de São Paulo, contem uma apresentação de duas páginas, escrita por autor não mencionado, intitulada *"Jardim América"*. Traz também as *"Cláusulas das servidões para o uso dos terrenos"*, bem como um mapa do loteamento localizando as casas já construídas - cerca de uma centena - e indicando que fora projetado por Barry Parker e Raymond Unwin. Nos quadros abaixo, que elaboramos a partir dos dados do *"Álbum"* da *City*, pode-se ter um panorama dos 33 profissionais e escritórios que projetaram residências para o Jardim América, nos seus cinco primeiros anos de existência. Dentre eles destacamos os arquitetos que trabalhavam para a *City*, todos de nacionalidade inglesa.

Endereços de residências com fotos no Álbum
e arquitetos responsáveis pelo projeto

Localização	Arquitetos
Av. Brasil (8)	Walter Brune, W.Fillinger, Espartero Rossi(3), L.Ayrosa, R.Mc.L.Harding, R.Valente & N.Filippi
Estados Unidos (8)	W.Fillinger, A.Bayma, A.de Villalva, Vampré/Bayma&Pegado, R.McL.Harding, Olavo Caiuby(2), Caiuby/Dodd/Harding/J.Mesquita
Guadelupe (15)	W.Fillinger(8), Adhemar de Moraes(4), O. Caiuby, Octavio Pinto, Salles Oliveira & Valle, Ltd.
Alaska (5)	Rossi(5)
Peru (3)	Rossi, A.Pimazzoni, P.Dall'Acqua
Costa Rica (4)	Rossi (4)
Venezuela (9)	J.Cabral, A.Saint Aubin, J.Serrato, Renato Aguiar & Co.(2), Moraes(3), G.S.Dodd
Colômbia (11)	Caiuby, B.Parker(4), Brune, G.S.Dodd(2), J.Chiapori, Machado&Sandresky, J.Michelli
México (12)	B.F.Williamson(3),B.Parker(2),Rossi(6),G.S.Dodd
Pça. América(2)	B.F.Williamson, Julio Michelli
Nicarágua (2)	B.Greenwood, Caetano Réne
Bolívia (1)	A.Marchesini
Panamá (4)	Dall'Acqua, Aguiar, Rossi, G.S.Dodd
Uruguai (3)	Villalva, Fernando Corazza Irmãos, R.Mc.L.Harding
Antilhas (3)	R.Mc.L.Harding, A.Pimazzoni, H.Maroni
Equador (2)	Moraes, Carlos Eckman
Salvador (2)	B.Parker, G.S.Dodd
Guatemala (3)	B.Parker, Moraes, Mario Whately
Argentina (2)	Vampré/Bayma&Pegado, Moraes

Obs.: - os números entre parênteses indicam o número de casas construídas;
- os nomes em negrito são de arquitetos que trabalhavam para a *City;*

São Paulo
March 2. 1918

Dear Mr. Gurd

As requested by you, I have considered how the proposals made by "The Camara Municipal", and shown in the accompanying plan, which has been handed to me by Dr. Freire, affect the Bexiga property of San Paulo Improvements and Freehold Land Co.

From the plan it will be seen that "the Camara Municipal" proposes that a broad Avenida should be formed at the bottom of the valley, & should run partly through, & partly past, the Company's land.

I would point out to you that, for a considerable distance,

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

This avenida passes within two or three metres of the boundaries of the Company's land, depriving the Company of frontage onto the avenida & leaving a narrow strip of land, which is not owned by the Company, interposed between the Company's land and the Avenida, This is probably unintentionally so shown by the Camara Municipal & needs only to be pointed out to them to be put right.

As to the development of the Company's Bexiga property, my advice is, that this be done with absolutely the minimum of road construction practicable.

The only thing that the nature of the land makes all road

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

construction upon it costly, but any projected road will be found to absorb an exceptional amount of land or to render much land difficult or impossible to build upon, or to sell.

I find that the Company has projected the road I have shown by dotted lines, in red ink, upon the accompanying plan.

The Company's proposal is that the "Bluff" or "promontary" over which this road would pass should be so cut away as to allow of the road having an even grade throughout its length, & that the soil resulting from the removal of this promontary be used to fill the little

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

valley, which lies to the west of it, up to the level of the proposed road.

This road seems to me to have been admirably conceived.

I however suggest that it should follow the line of the valley rather more closely than is proposed.

I suggest this for 3 reasons.

(1) The road would come upon made ground & the building fronting onto it, would come, for the most part, upon natural ground.

Artificial ground does not present the same difficulties as a foundation for roads as it does as a foundation for buildings.

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

(2) The sites for buildings could be left a little above the road, which would be to their advantage & would add to their convenience & their attractiveness.

(3) If the road were to follow the course indicated by my dotted red lines, then cross roads connecting it with Rua [redacted] become necessary, to open up the Company's land.

The expenditure entailed in forming these roads would fall far short of being justified by such returns as it could be anticipated would accrue to the Company from the small amount of land to which such roads would provide access.

It should be noted that either the road shown in dotted red lines or Rua Lisboa give access to most of the land to the west of the proposed road, which is owned by the Company, & that roads connecting this proposed road with Rua Lisboa only open up a very little land behind plots which would already have frontage onto either one or other of these roads, in fact they would create but little more frontage than they would themselves occupy on the road indicated by dotted red lines.

If however this road, instead of following the course shown by dotted red lines, were to follow some such course as I have shown in

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

green, then roads connecting it with Rua ~~Piam~~ Paim would no longer be required, all the Company's land to the west would have frontage either onto it, or onto Rua ~~Piam~~. Paim.

Some few plots on this road would be seventy metres deep, but it would pay the Company far better to sell deeper plots at a slightly less price per square metre than it would to go to the expense of forming roads, & to devote land to roads, connecting the proposed road with Rua ~~Piam~~, Paim.

The Camara Municipal proposes a road which should descend from Rua St. Antonio to the

bottom of the valley & there cross the proposed Avenida, & then ascend & finally abut upon Rua Augusta at a point opposite to the termination of Rua Olinda

I feel that the course, across the Company's land, which it is proposed this road should take is one very detrimental to the Company's interests.

The formation of this road would create high banks, would cut the Company land into narrow wedge shaped pieces, & would render much of it unsaleable

This road would occupy half of the frontage onto Rua Augusta which the Company owns, & some of

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

That ondō Rua Frei Caneca,
& it would offer the Company
two compensating advantages.

N. Freire has in mind
the creation of a Traffic
route from the district
which surrounds the upper
parts of Rua, (or Avenida)
Brigadeiro Luiz Antonio
to Estação Sōde Luz,
a route which would not
pass through the centre of
the city.

Examples of difficulties
which have arisen in
cities through the lack of
the provision of routes
from one traffic centre
to another which did not
pass through the hearts of
the cities are easy to
find in all countries.
Those of Berlin are conspicuous.

The tendency in the past has been to make all main traffic routes converge on the cities' centres. It has not been foreseen how this would produce congestion of traffic in the centres of the cities, by taking through traffic there which might have gone past

Dr. Freire is therefore, of course, exercising a wise foresight when bearing this in mind.

Personally I doubt, however, whether the route we are considering will ever be used, because a route to the Estação da Luz, from the districts which the roads now proposed by the Camara Municipal will open up, is amply provided for by the avenida which the Camara Municipal proposes shall

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

be constructed at the bottom of the valley. This route is the one drivers will select in preference to the other — as it does not pass through the centre of the city.

But should I be wrong in this, still, the road across the Company's land which I propose, forms a scarcely less advantageous component part of the route Dr. Freire desires than the road which he proposes would form.

The former would only bring traffic into the Rua Augusta a little higher up than the latter would

At the point at which Rua Martinho Prado passes over the proposed avenida, the Camara Municipal's plan shows

a road ascending from the avenida to Rua Martinho Prado. This road is shown to be built close up to the Avenida & with a retaining wall separating it from the avenida, therefore much of the Company's land here fronts onto this road instead of onto the avenida &, its value is reduced accordingly. Now further it appears to me that the two most valuable sites which the Company possesses at Bexiga, are those which have frontage both onto the proposed avenida & onto Rua Martinho Prado.

If one of these ~~[illegible]~~ sites comes to be deprived of frontage onto the Avenida its value depreciates considerably, if on the other hand a third frontage be given to it by the ascending road from the Avenida being carried behind it, in the way

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

If I have shown in green on the plan, its value is still further augmented.

If it would Then have three frontages on all three different levels.

For many purposes a building which possesses street access to three different floor levels is very desirable

It should also be noted that to carry this rising road behind the lots which front onto the avenida creates frontage to other lots as well as back entrances to lots fronting onto the avenida.

On the plan a piece of land, which has frontage onto no roads, will be found, coloured green.

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

I find that building lots with street frontage can only be created here at a cost not justified by results & at the sacrifice of frontage onto other roads which I could not recommend & by the devotion of areas of land to be used for roads greater than those to which such roads would give access.

I therefore suggest that this piece of land should not be built upon unless it were used for some building which does not require street frontage, such, for instance, as a school, as has already been proposed, or a house with large grounds could be built here with its own driveway onto the avenida or the other proposed road. This piece of land might be used as a children's playground as allotment, or nursery gardens, as public gardens, or as semi-public gardens common

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

to the inhabitants of the surrounding houses.

— so use it to enhance value of lots adjoining it — would be more profitable than would any attempt to bring a road to it.

I propose that the prolongation of Rua Augusta until it arrives at the junction of Rua Consolação with Rua S Luiz & Rua Major Quedinho should follow the line I have indicated in green.

This would create a sharp turn in the street but it offers advantages which more than compensate for any disadvantage there may be in the turn.

~~It~~ This would be an almost level

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

road, formed with far less cutting & filling than would be required did it follow the route suggested by the Camara Municipal & it would also open up the Company's land far more advantageously and not the Company's land only, but also the land lying to the north of that owned by the Company.

A proposal has been made that the Company's land which lies to the East of Rua Martinho Prado should be levelled in such a way that two large terraces and two steep banks were created.

This would be very easy to execute and it appears to me that a careful consideration of this proposal would reveal

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

Nota sobre a documentação: um manuscrito de Parker sobre São Paulo

that — to carry it out would not create better sites for houses but would only provide level gardens to those houses.

Now some level lawns are certainly desirable in garden but does not some irregularity in the ground offer opportunities for creating interest & charm in a garden which do not exist where the ground is level?

I therefore hesitate to advise that this proposal be carried out. I would rather advise that sites for houses be determined upon, on the ground as it exists, & that, when this has been done, then such level plateaus as may seem desirable in the interests of garden making

should be 18 considered

Yours sincerely

Barry Parker

II Nota sobre a historiografia do urbanismo moderno e a idéia de cidade-jardim

Já há algum tempo a historiografia da arquitetura e do urbanismo moderno deixou de considerar modernos apenas aqueles arquitetos que assim se denominassem. Devemos considerar ainda que a arquitetura e o urbanismo do Movimento Moderno (e aqui estamos nos referindo a um movimento organizado em âmbito internacional com, entre outros fins, difundir as idéias modernistas relativas à arquitetura e à cidade) não se caracterizam por um estilo, mas sobretudo pela adoção de alguns princípios morais e certas concepções sobre o modo de vida moderno e o espaço por ele requerido. Arriscaríamos afirmar que a arquitetura e o urbanismo do MM vão se caracterizar menos por uma estética e mais por uma ética. Assim, para aqueles historiadores que têm como modernas mesmo aquelas proposições anti-modernistas, ou contrárias às posições dos membros dos CIAMs (vale lembrar que entre esses membros as diferenças e divergências não eram poucas), todas as manifestações no âmbito da cultutura arquitetônica e urbanística do periodo que vai de fins do século XIX até os anos 1950, são objeto de interesse e devem ser resgatadas no sentido de se avaliar sua importância, sem desprezá-las *a priori*, a partir de um pré-juízo ideológico ou moral.

A bibliografia sobre a história do urbanismo moderno, de Haussmann e Cerdà a Le Corbusier e Abercrombie - portanto, cobrindo o período que vai de 1852 quando começam os grandes canteiros que transformariam Paris, ao Plano para a Grande

Londres, de 1944 - vem ampliando-se significativamente nos últimos 30 anos. Texto pioneiro da linha de estudos de história urbana que se debruça com atenção particular sobre a história das idéias urbanísticas, o ensaio dos Collins, de 1965, *Camillo Sitte y el nacimiento del urbanismo moderno*, sustentará teoricamente propostas de arquitetura na Europa dos anos 60 que se opunham aos princípios do Movimento Moderno. Estes, no âmbito específico do urbanismo, se condensavam preferencialmente na versão de Le Corbusier da *Carta de Atenas,* publicada em 1941. Para os que também criticavam a aplicação de seus resultados, materializados nos grandes conjuntos assépticos que se ergueram pelas periferias das grandes cidades, no pós Segunda Grande Guerra, com seus blocos monolíticos, paralelos e sem qualidades, e expressos nos desertos de sociabilidade denunciados por Jane Jacobs já em 1961, *The Death and Life of Great American Cities*, o trabalho dos Collins foi uma referência decisiva. Propondo uma leitura original da urbanística germânica, o casal de historiadores revalorizará o pensamento de Camillo Sitte, de cuja obra, *Der Städtebau*, o fará a primeira tradução para o inglês diretamente do original alemão, para a qual seu ensaio foi uma introdução.

As correntes ditas *"pós-modernas"* que enfatizam o contexto no processo de projetação não se separam dessa retomada das idéias de Sitte, que já em 1889 fazia críticas ao espaço da cidade moderna. A reinterpretação das concepções sitteanas pelos Collins, propondo uma leitura contrária à rápida adesão acrítica aos princípios do pinturesco urbano, bem como recusando as críticas fáceis, e muitas vezes improcedentes, de Le Corbusier e seguidores (como o G.A.T.E.P.A.C., na Espanha) contribuíram, a partir de meados dos anos 1960, para abrir um campo de propostas urbanísticas alternativas à mera satisfação das cinco funções de uma cidade. Ao mesmo tempo, inaugurou um conjunto de novos estudos sobre história do urbanismo, tanto nos EUA, quanto na Europa.

Outros clássicos do urbanismo moderno que são resgatados por George Collins são Soria y Mata e Miliutin, ao estudar a idéia de cidade linear e suas influências na urbanística moderna. Além dos Collins, os estudos de história do urbanismo dos pesquisadores italianos, em especial o grupo da Escola de Veneza, no bojo de um reinterpretação crítica das vanguardas construtivas da arquitetura e do urbanismo do Movimento Moderno e impregnados de pontos de vista oriundos tanto da Escola de Frankfurt, quanto do marxismo de extração gramsciana, também produzirão diversos trabalhos que são referência fundamental.

Antes deles porém, é preciso destacar, ainda na Itália, entre inúmeros ensaios e artigos notáveis, os livros de: Benevolo *(1963)*, que, como indica seu título, pretende fazer uma genealogia da urbanística moderna; Aymonino *(1970)*, que como introdução a uma antologia de textos da urbanística moderna (Howard, Garnier, Hilberseimer e Miliutin) republicava um pequeno ensaio de 1963 apresentado no convênio *"Os comunistas e as grandes cidades"*, que abre uma polêmica com o livro de Benevolo.

Outros textos italianos que marcaram a historiografia do urbanismo europeu são os livros de Ceccarelli *(1970)* sobre o urbanismo soviético dos anos 1920; Piccinato *(1974)* sobre a urbanística germânica; Sica *(1977 e 1978)* com uma primeira história abrangente do urbanismo dos séculos XIX e XX; Tafuri e Dal Co *(1976)*, com sua história da arquitetura que busca apontar os estreitos vínculos com a história do urbanismo moderno. Sobre a arquitetura e o urbanismo nos EUA, o livro de Ciucci, Dal Co, Manieri Elia e Tafuri, sobre *A Cidade Americana* é a referência principal. Vale lembrar que os italianos foram os que mais reeditaram textos teóricos da urbanística moderna, elaborando excelentes antologias de diversos "clássicos", em um trabalho de resgate teórico decisivo para a historiografia.

Nos últimos anos têm surgido, na Europa e EUA, novos estudos e teses sobre a cidade-jardim, bem como reedições dos textos "clássicos" de Howard e Unwin, indicando o renovado interesse por este capítulo fundamental da história da urbanística do século XX. Veja-se os livros de Creese *(1992)*, Miller *(1992)*, Ward *(1992)*, Buder *(1990)*, Beevers *(1988)*, Burlen *(1987)*, além de inúmeros artigos e ensaios em publicações diversas, os quais estão arrolados em nossa bibliografia.

Um caso curioso em relação à historiografia diz respeito ao destino da obra de Cerdà entre os historiadores do urbanismo. Em 1867 são publicados em Madri, por *"La Imprenta Española"*, os dois primeiros volumes da *"Teoria ..."*. Ver reedição facsimilar desse texto incompleto, publicada em 1968, também em Madri, ou então a edição francesa de 1979, adaptada por Aberasturi. Sobre Cerdà e sua *"Teoria ..."*, consulte-se Correa *(1958)*, Puig *(1958, 1979)*, *Aberasturi (1979)*, *Wynn (1979)* e os trabalhos incluídos em *"Treballs sobre Cerdà i el seu eixample a Barcelona" (1992)* e *"Cerdà Urbs i Territori" (1994)*. Este último livro acompanha a exposição sobre Cerdà, ora em circulação, na qual os espanhóis se enfrentam mais uma vez com o abandono, por quase cem anos, da obra do grande mestre hispânico da urbanística moderna.

Ainda que sua retomada já aconteça no *Primeiro Simpósio de Urbanismo e História Urbana* na Espanha, realizado em Madri, em 1958, sob direção de Antonio Bonet Correa, uma primeira exposição sobre Cerdà só será feita em 1976 e nesse esquecimento reside a quase inexistente divulgação, mesmo na Europa, das teorias e realizações de Cerdà. Apenas mais recentemente os espanhóis têm revisto a obra de Cerdà, tendo encontrado novos documentos que renovam a leitura de seu urbanismo. Por esse motivo a historiografia do urbanismo moderno, anterior aos anos 1970, apenas ocasionalmente fará referência a suas concepções. Mesmo em um trabalho como o de Tafuri e Dal Co (1976), que faz uma história da arquitetura moderna a partir das relações desta com a cidade e, portanto, também com as idéias urbanísticas, Cerdà é mencionado apenas duas vezes, e de passagem. De qualquer modo, ali os autores destacam o fato da proposta de Soria y Mata, expressa na fórmula *"Ruralizar a cidade, urbanizar o campo"*, ter sua origem no pensamento de Cerdà, e também no de Carlos Maria de Castro.

Este, autor do plano de expansão de Madri em 1860, estava, para Dal Co, "perfeitamente alinhado com a tradição do reformismo burguês", embora tal correlação não baste para explicarmos as concepções urbanísticas surgidas após a "Vicalvarada", a qual, como a caracteriza Karl Marx, "era sobretudo uma revolução das cidades". A referência à rica tradição urbanística hispânica não deixa de ser, entretanto, passageira.

Outro caso notável na historiografia do urbanismo diz respeito ao destino de alguns livros. É o caso do livro de Patrick Geddes, cuja reedição inglesa de 1949 (Londres, Williams & Norgate Ltd.), suprime cinco capítulos da edição original de 1915, por se referirem à viagem de Geddes à Alemanha e aos avanços urbanísticos desse país. A censura imposta ao autor de *Cidades em Evolução*, perpetrada pela editora Jacqueline Tyrwhitt, da *Association for Planning and Regional Reconstruction*, parece-nos totalmente descabida e reprovável, apesar de ter sido feita com a concordância de seu filho, Arthur Geddes, então presidente da *Outlook Tower Association*. O argumento de que os capítulos eliminados teriam *"apenas um interesse histórico" (1949: p.vi)* é risível. De qualquer modo, o fato nos mostra não apenas a importância de se atentar para as traduções, também no âmbito da literatura urbanística, mas principalmente, como a história do urbanismo não escapa das armadilhas de leituras comprometidas ideológicamente. Os capítulos suprimidos de *Cidades em Evolução* parecem-nos fundamentais para compreendermos o intercâmbio de idéias arquitetônicas e urbanísticas entre Inglaterra e Alemanha desde fins do XIX até os anos 20. Felizmente, as edições italiana e francesa mantiveram o texto no original, o que, não sucedeu com a edição brasileira.

QUADRO CRONOLÓGICO DAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS
DO ARQ. RICHARD BARRY PARKER

ANO	ATIVIDADES REALIZADAS	PROJETOS DE ARQUITETURA E PLANOS URBANÍSTICOS	TRABALHOS ESCRITOS
	Nascimento em Chesterfield		
886	Estudos na *South Kensington Art School*, em Londres		
1887/ 89	Estuda projeto de interior com T.C. Simmonds, em Derby		
1890/ 93	Trabalha com o Arq. G. Faulkner Armitage		
1893/ 94	Fiscal de obras dos condados de Hertfordshire e Monmouthshire		
1895	Início de exercício profissional em Buxton	Plano de Moorland, subúrbio em Buxton; primeiros projetos de arquitetura	*"Our Homes"*
1896	Início da sociedade com Unwin	Projetos residenciais	
1901		Projetos residenciais	*The Art of Building a Home*, em conjunto com Unwin:
1902		Plano de New Earswick; Projetos residenciais	Unwin: *"Cottage plans and common sense"*
1904	Abertura de Escritório em Letchworth	Plano de Letchworth; Projetos residenciais	
1905	Arquiteto Conselheiro da *First Garden City, Ltd.*	Projetos residenciais	

1907	Abertura de Escritório em Hampstead	Plano de Hampstead; Projetos residenciais	*"Town Planning"*
1909	Juiz de Paz do Condado de Hertfordshire	Projetos residenciais	Unwin: *Town Planning in Practice*
1910		Projetos residenciais	inicia, em abril, a publicação de artigos na revista *The Craftsman*
1911		Projetos residenciais	continua com a publicação de artigos na revista *The Craftsman*
1912		Projetos residenciais	publica, em outubro, seu último artigo na revista *The Craftsman*
1913	Nomeado "Fellow" do RIBA	Projetos residenciais	
1914	Dissolução da sociedade com Unwin		
1915	Estadia na Bélgica	Projetos residenciais nos arredores de Bruxelas	
1916	Estadia em Portugal	Plano do Centro Cívico do Porto	*"Horizontality and verticality in the treatment of town planning schemes"*
1917	2/fev: chegada a São Paulo	Plano para o Pacaembú; Plano para o Jardim América	1/mar: Relat. sobre o Pacaembú; 9/abr: Petição à PMSP sobre o Pacaembú; 10/abril: carta a V.S.Freire sobre o Pacaembú

1918		Plano para o Anhangabaú; Plano para o Alto da Lapa e Bela Aliança	2/março: carta a Mr. Gurd sobre a abertura da Av. 9 de julho
1919	viagem a Poços de Caldas (MG) 18/jan: retorna à Inglaterra	Consultoria para o plano de *"New Earswick"*	15/janeiro: Relatório sobre a Lapa; 25/janeiro: carta à Diretoria da *City*, agosto: *"Two years in Brazil"*
1920			14/jan: *"Town-Planning Experiences in Brazil"*
1921			20/julho: *"Civic Design and Planning at Sao Paulo"*
1922			22/março: *"Zoning to Secure Amenities"*
1923			*"A lecture on Earswick"*
1925	Participa de Congresso em N.York		
1926		Elabora e implanta o plano da Cidade de Wythenshawe, em Manchester (até 1942); Elabora e implanta o plano de *"Clifton Lodge Estate"*, em York, bem como faz os projetos de todos seus prédios (até 1936);	
1928			julho: *"Economy in Estate Development"*
1929	Presidente do *Town Planning Institute*		

1930			*"The Improvement of towns by the creation of open spaces in them and by moving industries out of them. Towns, open spaces and parkways"*
1933			*"Highways, parkways and freeways"*
1937			*"Site planning as exemplified at New Earswick"*
1940			*"The life and work of Sir Raymond Unwin"*
1942	Encerra suas atividades profissionais	Conclui seu trabalho junto a Wythenshawe	
1944	Renunciou ao cargo de Arquiteto Conselheiro da *First Garden City, Ltd.*		
1947	falece em 21 de fevereiro, na sua residência em Norton Way South, em Letchworth		

Outras atividades de Barry Parker, das quais não obtivemos as datas:

- Presidente do Comitê de Planejamento de Cidades do *Royal Institute of British Architects*;
- Professor de planejamento de cidades na Universidade de Birmingham e na *Architectural Association*;
- Membro do *Council of the Garden Cities and Town Planning Association*;
- Membro do *National Housing and Town Planning Council*;
- Presidente, por mais de 15 anos, da Banca de Magistrados de Letchworth;
- elaborou e planejou projetos de alojamentos populares para as autoridades de Newark, Wakefield, Stirling, Bridport, St. Neots e Loughborough;
- prestou assessoria às Prefeituras de Bolton e Swansea;
- realizou projetos de loteamentos para clientes particulares, no Canadá, nas Ilhas Britânicas e na Irlanda;
- projetou aldeias e centros de previdência para os mineiros do *North of England Colliery Proprietors* (proprietáriosde minas de carvão do norte da Inglaterra);
- realizou estudos intensivos da situação dos bairros pobres nos EUA, em Londres, Liverpool, Edimburgo e Dublin, bem como da questão do alojamento na Suécia, Dinamarca, Holanda, Bélgica, França, Alemanha e Áustria;
- condecorado com a medalha Memorial "Howard", junto com Unwin e Abercrombie.